This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

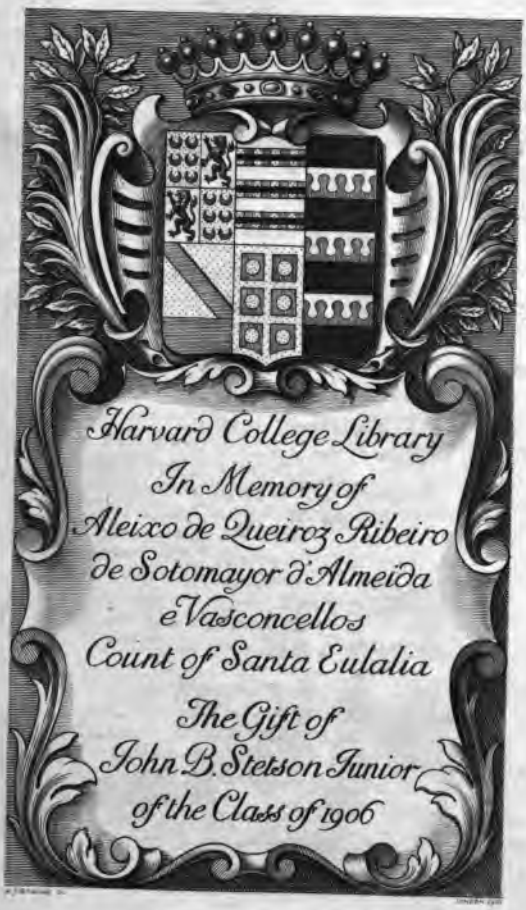
Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Bruno

Notas do Exílio

1891-1893

FORT 6501.24.1100



Livro de
Luís de

D. Luís de Portugal.
Memórias de D. Frei João de Joseph de Queiroz.
Maria da Fonte.
Mosaico e Sylva.
Noites de insónia, 12 vol.
Othello, o Mouro de Veneza.
Poesias e prosas de Serópita.
Questão da Sebenta.
Riquezas do pobre.
Ratos da Inquisição.
Senhora Rattazi.
Serões de S. Miguel de Seide, 6 vol.
Sá de Miranda.
Vinho do Pôrto.
Visconde de Ouguela.
Vaidades irritadas e irritantes.
Voltareis, ó Cristo?
Vulcões de lama.

Obras de fundo, impressas ainda em vida do grande romancista, à venda na mesma Livraria:

Mistérios de Lisboa, 2 vol.
Onde está a felicidade.
Scenas da Foz.
Romance dum homem rico.
Anátema.
Neta do arcediago.
Sereia.
Carlota Angela.
Horas de Paz.
Lágrimas abençoadas.
Duas horas de leitura.
Agostinho de Ceuta, drama.
Poesia ou dinheiro, drama.
Justiça, drama.
Purgatório e Paraíso, drama.
Espinhos e flores, drama.

Com excepção dos volumes já publicados na "Colecção Lusitânia", os restantes, pelo reduzido número de exemplares existentes, teem preço de ocasião

Preços, vêr a tabela em vigor.
Todos estes volumes vendem-se egualmente encadernados.

NOTAS DO EXILIO

DO MESMO AUCTOR:

Analyse da crença christã. 1 volume. Porto, 1874. Typ. de Arthur José de Sousa.

A Geração Nova — Os NOVELLISTAS. 1 volume. Porto, 1886. Magalhães & Moniz, editores.

Manifesto dos emigrados da revolução republicana portugueza de 31 de janeiro de 1891. Opusculo. Paris, 1891. Imprimerie Schiller.

Em preparação

Depoimento d'um vencido.
O Brazil artistico.
Theoria da evolução portugueza.

BRUNO

NOTAS DO EXILIO

1891-1893

. . . . . qual era . . . . . .
Questa selva selvaggia ed aspra e forte.

DANTE.

PORTO

LIVRARIA INTERNACIONAL DE ERNESTO CHARDRON

CASA EDITORA

LUGAN & GENELIOUX, Successores

1893

Todos os direitos reservados

~~Port 6135.37~~

Port 6507.24.1100

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.
Mar. 27, 1923

Porto — Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, Cancella Velha, 70

Advertencia preambular, prefacio, prolegomeno, introito, ou como queiram chamar-lhe, manda a technica que aqui o escrevunhe.

Pergunto-me, porém, para que?

Na humilhada volta, encontro-me, em verdade, com *copains* no cemiterio, com *camaros* de pé na escotilha do Brazil *. Miseramente, com isto para o brochador.

Ha — intíma Quintiliano — que dizer da ra-

* Poisque a amigos alludo, quero fixar, na perpetuidade bibliographica d'esta pagina, alguns, a titulos varios, queridos. Não excluem outros. Mas amo, do errante oblivio, recordal-os.

zão de similhantes folhas, que repôr, que corrigir.

Missivas redigidas na dispersão despresada, seu destinatario, Heliodoro Salgado, correligiona-

Dos portuguezes, os nômes de Abel Botelho, Adolpho Portella, Antonio Claro, Anselmo de Moraes, Augusto Leite, Baptista Coimbra, Bettencourt Cardoso, Carlos Richter, Chrispiniano da Fonseca, Correia de Figueiredo, Evaristo Saraiva, Ferreira Gonçalves, Gaspar da Silva, Gomes de Macedo, Guilherme Gama, João Jacintho, J. Julio Ferreira, José Veiga, Julio Gama, Pires Soares, Marcellino Caldeira, Maximiano de Lemos Junior, Patrocinio da Silva, Ricardo Malheiro, Xavier de Carvalho. E mais e mais, que não enumero, para que uma commovida lembrança não derive no picaresco das homericas resenhas das theses d'uma medicina juvenil. Restava, comtudo, o do dr. Aureliano Cirne, já resgatado, pela morte salvadôra.

rio, confrade, permittindo-me a recolheita para volume, dispensal-as-hia de explicações importunas.

A regra exige, todavia. Mas o meu anarchismo reage contra a regra. Porque, se eu fôsse um

Dos brazileiros, os de Cyrillo Carneiro, dr. J. Bulcão, José do Patrocinio, Luiz de Andrade, Sousa Lima Junior.

Dos hespanhoes, os de don José Lozano, na Coruña; de don Genaro Galvan, da Hinojosa de Duero; de don Ubaldo Quiñones, em Madrid.

De Paris, o do escriptôr-editôr Albert Savine; de Roma, o do escriptôr-senadôr Angelo de Gubernatis.

A outros consegue minha admirativa gratidão saudal-os, occorrentemente, nas laudas que compõem este livro. Mas dos que quedam, se ensejo publico me não levou ainda a fazer-lhes doôr a discreta modestia, elles não ignoram que habitam a perenne recordação da singeleza que registra.

escriptor, apavorando-me, disciplinar-me-hia, na conducta confeccional, a critica inquietadôra.

Mas — feliz, infelizmente — eu não sou um homem de lettras, eu não quiz jámais ser outra coisa de que um homem de propaganda. Não sou um litterato, sou um sectario; sou um jacobino, não sou um esthetico.

Por isso, não me amofino. Não discorro para eguaes; fallo para quem, mentalmente, menos seja. Os de cima que outramente se regalem. Se ha para baixo, que, aprendendo, se orientem. Este, aqui, como no que precedeu, como no que ha de seguir, este,

aqui, meu unico, desdenhoso, indifferente intuito.

Assim, chegando, comecei, tola, imitativamente, por cotejar, no montão esteril da livralhice accumulada, affirmações exaradas a dentro das traições d'uma memoria, desgostosamente infiel.

Foi uma vergonha. É precisamente no cartapacio ácerca de *S. Paulo* que se topa com a dedicatoria sentimental á senhora Scheffer. Chama-se Cornelia; e a pagina referente, relida, pareceu-me sublime. Mas quem se importa com que o seja, *n'estas nossas terras de Hespanha?*

Já agora a dama curiosa dos monumentos da

poesia da raça celtica não é lady Morgan, mas sim lady Carlota Guest (London and Llandovery, 1837-1849).

Proseguiria em tal reconstrucção?

Não parece o catar de errata, tediosa ao estudioso, offensiva ao componedôr?

Allegaria que, espapaçado no volume, certo typo de linguagem (que, aliaz, se me mascarou do mais proprio) logrará quiçá induzir a jubilal riso o zoilo menos advertido?

Exemplo, para com Marx, na sua jactante progenie, a palavra de rabbino, tomada na corres-

pondencia de accepção para o *doctor*, o *magister* da edade-media.

O que condiz em Trèves, por 1818, com a conselheria de minas do israelita baptisado.

Ora, como este, cem reparos. Volvo, comtudo, á esterilidade da pergunta de seu proveito. E desisto.

No intervallo da redacção do volume, no mesmo momento de sua publicidade, correu, corre o auctor o perigo, tocado em comico, de que quaesquer presumpções, suas, as desmintam os factos. Assumptos de occasião, porventura prejudique, episodica ou estructuralmente, os capitulos adeante

a intercurrencia de successo alheio ao systema da ideação elaborada. Um ardil diplomatico póde ser o cometa estranho e perturbadôr da dansa especulativa de minhas conjecturas.

Até hoje, com pittoresco, não occorreu assim. E vão mezes. Gladstone empenhou-se, por exemplo, em corroborar-me. Com a remessa successiva de guarnições novas para o Egypto. D'aqui lhe agradeço.

Mas quem é hoje assaz ousado a contar com o dia de ámanhã? Onde quer estão uns trabalhos armados e, todo, eu tremo, cada almoço, á torrada, do que annuncie a Havas.

Depois, outras considerações socegam-me. Suppondo mesmo tamanha desgraça que tudo me cahisse, sob o sarcasmo d'uma rajada. Alguma lição ficaria, ainda assim.

Não é evasiva antecipada. Poderia appelar para confrades eminentissimos; mas não abusarei do immodesto paralogismo de provar do infinito para o finito. Assim, contento-me com louvar-me n'um exemplo unico. Porque é proposital.

Em livro injustamente ignorado, *Uchronia,* o respeitavel chefe do criticismo francez, com Pillon, o neo-kantista Renouvier traça *a historia*

da civilisação européa como ella teria podido ser e como não foi.

Para Malon, esta utopia d'um sensato e sabio philosopho contemporaneo é uma «forte e justa» critica. Aqui, não occupa todo um desenvolvimento synthetico, nos seus traços fundamentaes. Acanhadamente nos delimitamos. Os erros pouco de funesto nos podem, corollariamente, acarretar.

Reconheço-os, presinto-os, esses enganos. Alguns desagradaveis. Mas terrivel o que emerge da esperança final na restauração de certa zona,

abandonada, em fuga, como terra maldita pelos mesmos labios de Deus.

Este acudimento ao espirito de irritantes previsões mais me enfurece. Contra similhante prologo. Contra analoga ideia de o apontar sequer.

Para que, no fim, ainda?

Para fazer pensar a gente em coisas tristes. Em desgraças, que nem póde remediar nem sabe consolar.

Assim, decido-me. Não o escrevo.

Porto — Abril, 1893.

J. Pereira de Sampaio.

NOTAS DO EXILIO

I

Renan

Escreve-me o meu querido amigo a que reate a interrompida collaboração no, nosso, jornal do partido; e entristece-me, entre tantos, tantos motivos amargos, o confessar-lhe que não m'o sollicita a humilde actividade cerebral, na funda persuasão de que todos os esforços são inuteis perante a comatosa quietude moral d'esse infeliz povo, destinado, pela vingança das grandes correntes historicas, a expiar na geração actual os desvarios, erros e crimes da nossa epocha chamada de glorias.

Não se póde o amigo, apesar do muito em que reputo o seu espirito de justiça, fazer-se uma ideia do effeito de indignação e desdem que a indifferença do nosso publico em face das politicas indignidades recentes, avultando ao longe e ao longe adquirindo o mesmo destaque de evidencia das suas exactas proporções moraes, nos promove, na terra estranha, amortecendo-nos

a iniciativa, gelando-nos na bocca as palavras confusas com que tentamos explicar e attenuar as responsabilidades dos nossos, quando nos perguntam, quando se dirigem á nossa alarmada consciencia para que lhes digamos as rasões, para que lhes interpretemos os successos.

É tam desgarrador similhante estado sentimental, tam envergonhante nos ruborisa a noção da impotencia que uma colera insensata nos torciona e nos revolve desde que voltamos a pensar no emprego de palavras para surdos, no brioso estimulo do coração de moribundos, estendidos na treva e na sanie, gostosos, perdendo, gotta a gotta, os restos de sangue puro, vertido para um charco, d'onde se não erguem, depravados os sentidos, vicioso o animo.

Assim a sua carta me encontrou. Ella me surprehendeu como uma voz de combate que emergisse das profundezas d'um cenotaphio e me deixou inquieto e hesitante, na carencia d'uma resposta adequada, como quando ouvimos divagar a propria imaginação, na penumbra lucida da tortuosa madrugada d'uma noite de febre.

Occorreu-me então conversar comsigo esterilmente, como convém a dois incorrigiveis metaphysicos que a realidade mesquinha prostra e abate, recorrendo caminhos trilhados, evocando reminiscencias fugidas e esquecendo melancholias, sempre presentes.

Se, em vez do voto, fallassemos do ideal? Se, quando ainda se discutem projectos liberticidas, tagarellassemos sobre as realisações do espirito! Não seria excellente que cortassemos a attenção destinada aos candidatos governamentaes e nos occupassemos um instante de quem quer que fôsse, comtanto que não seja um deputado d'uma maioria de granadeiros ou um ministro d'um Estado em bancarrota?

Porque, eternamente, sujar a alma installando-lhe a

constante preoccupação de vulgares sophistas e de intrigantes vulgarissimos?

Eis aqui que ha uma semana succumbia em Paris um trabalhador illustre, um critico eminente, um incomparavel mestre do idioma de que a céga fortuna o habilitou a servir-se como do vehiculo universal de suas ideias. A sua vida, de infatigavel actividade, a sua morte, de lealdade incorruptivel, mergulhavam-me, quando me chegou a sua carta, n'esse dôce, indistincto scismar em que, fixos, redondos e abertos, os olhos buscam, no remoto do ar immenso e virginal, o mysterio da sancção para os esforços desinteressados, para as incoerciveis tentações do entendimento, violentando a esquiva, impenetranda verdade.

Acudia-me á mente a lembrança do ineffavel deliquio moral, quando (como o portuense poeta, joven ainda, elle mesmo) menino e moço, as minhas mãos, tremulas do escrupulo da impiedade, abriram, pela primeira vez, rasgando a casca do fructo prohibido, o volume da *Vida de Jesus* e eu li essa pagina, maravilhosa de contida emoção, da dedicatoria á *alma pura de minha irmã Henriqueta, morta em Byblos.* É bello, não é verdade? Curta, tocante, com subtil artificio na sua epiderme simplista, essa pagina, decerto involuntaria, mas habilmente, no fim, concilia com o auctor os melindres assustados das almas religiosas e timidas, ainda fremendo do tumulto das imprecações conclamadas contra o irreverente, apostata, maldito.

Natureza delicada, nevroticamente feminina, Renan ama amparar-se dos fracos; e, escrevendo de memoria, sem livros, no fundo d'uma aldeia pôbre, é-me vedado recordar-lhe agora esse outro precioso encanto de dedicatoria tambem, não me occorre se de *S. Paulo,* se do *Ante-Christo,* a M.me Scheffer, porventura a filha do pintor romantico, esposa do philosopho. São seis, oito li-

nhas, sonhadas e tristes, d'onde se sente que exhala um vapor meigo de violetas.

Ignoro se em Portugal, d'onde me faltam os periodicos, se frisou, agora que de Renan se haviam de occupar, como do successo de occasião, este caracter, lyrico, enternecidamente musical, do estylo do grande prosador. A sua graça provém-lhe da sua sinceridade; é na maneira o reflexo espontaneo do condicionalismo ethnico do artista, bretão de nascimento, oriundo do departamento das Côtes-du-Nord de França, vindo, pois, á tormenta cosmopolita de Paris com o coração ingenitamente ferido da poesia da sua gente celtica.

Melhor do que a nenhum outro francez lhe era dado tornar conhecida, fazer sentida, o que é bem mais e bem melhor, essa ingenua, severa e pura poesia; e o estudo que lhe consagrou, a proposito da collecção recolhida e publicada por lady Morgan (?), revela-nos a estructura moral dos vates, a condição psychica d'uma raça, que se nos evade da inventorisação analytica, sabiamente critica mas fria e inerte de erudito tal como d'Arbois de Jubainville. A violencia, a voluntariedade, a candura dos temperamentos antolha-se-nos manifesta e prescindimos de nos submetter á fadiga das repetições, traço da primitiva poesia, ainda quando mitigadas, adaptadas nos albuns litterarios d'um Villemarqué.

Com a edade e o desillusionante espectaculo da vida, a poesia de Renan, abrumando-se, toldou-se d'uma caligem pessimista; com o saber, systematisou-se em philosophia, volveu-se n'uma ethica doutrinal; com a permanencia em Paris, perdeu a simplicidade barbara e agreste, degradou-se pela regra, pelo gôsto, pela cultura da proporção, peculiares do genio francez, cuja especialidade esthetica o faz regressar sempre ao hieratismo classico, imitação de imitação, renascença da Renascença.

Os seus dramas de fim de existencia, os seus dialo-

gos, serpeados por uma ironia de decepção, são o effeito funesto d'esse condicionalismo intrinseco, em que se exaggeraram as caracteristicas negativas, dissolvendo ou, pelo menos, embaciando o conjuncto. Mas, quando as qualidades permanecem limitadas na sua relatividade e Renan comprehende que de poeta, de constructor organico não possue mais do que o quanto baste afim de comprehender e desenvolver, para os outros, as situações moraes, sem que lhe seja permittido conceber de proprio, elle é então seguro e perfeito.

Essa poesia habilita-o a quasi popularisar os aridos estudos da exegetica, a preoccupar o grande publico com as argucias da hermeneutica, tranquillisando o leitor pelo debuxo de paineis historicos, em que a curiosidade se refaça de forças, pittorescamente descançando, entretida e satisfeita. Recorda-se, no *Anto-Christo,* d'esse quadro, escorrente de côr, retumbando de selvagens ruidos, da entrada de Nero no amphitheatro, entre os gritos da agonia dos gladiadores e os roucos bramidos das féras que aguardam a sua ceia, monstruosa e consuetudinaria, de crentes e fanaticos?

Vê-a, ainda, a formidavel besta apocalyptica, o leviano gommoso flagellado por Petronio, no seu recanto de apotheose, estonteado e myope, ajustando a esmeralda que lhe approxime os detalhes da carnificina? Não o perturba já o perplexo confronto do pobre Marco Aurelio, de espaldas voltadas á hecatombe, indeciso, inefficaz, attrahido pela vertigem do abysmo interior, alma em que, sem esperança, naufraga um mundo?

Esta pujança evocatriz tornava Renan eminentemente proprio para comprehender as mais divergentes modalidades do espirito nas phases passadas da evolução humana. Ella lhe consentia o intercalar-se nos successos esvahidos, como espectador critico e commentador, em cuja alma vão perpassando ideias e sentimentos que inintelligiveis nos apparecem, visto n'uma larga curva

de desvio se separarem da linha em que, tradicionalmente, continuamos seguindo, mais ou menos inconscientes. Mas tambem o prejudicava para apreciar, com exactidão, certos aspectos, estrictamente racionalistas, da mentalidade critica moderna, talvez seccos e duros, necessarios como elementos integrantes d'um systema de ideação, de que ainda não possuimos, se as possuimos até assim, outras do que as vastas linhas geraes.

Patentear-se-lhe-ha o pensamento das palavras acima quando se lembre do acre exemplo, entre outros, da injustiça com que Renan tratou o mais notavel representante da extrema esquerda hegeliana, esse Feuerbach, cujo criterio humanista da divindade havia de conduzir Max Stirner a uma verdadeira anthropolatria, a qual, por modo algum, se contém no processo subjectivo, que constituiu as grandes ideias religiosas que Feuerbach revelou.

Usando do methodo dialectico do mestre, o discipulo pôz em evidencia a contradicção entre a essencia humana e a essencia theologica do christianismo. Passando da antinomia, manifestada por todo o movimento racionalista, desde Bolingbroke, desde Voltaire, desde Reimarus, entre a fé e a rasão, Feuerbach derivou, do exame da batalha travada pelo dogma contra a sciencia, para o entendimento intrinseco d'esse conflicto. Abandonou o lado concreto da polemica; invadiu o amago psychologico do problema, desvendando a antinomia stractural da fé e do amor, exteriorisada estheticamente nos antagonismos da revelação e da arte. Esta é a grande originalidade de Feuerbach, que escapou inteiramente a Renan, o qual não viu, mal impressionado, senão as rudezas da fórma, irrespeitosa e brutal, do hegeliano.

Todavia, a attenção dever-se-hia despertar, ao illustre francez, em face das tentativas de explicação huma-

na por Feuerbach iniciadas sériamente, se bem que com caracter, decerto, demasiado abstracto. Cumpria vêr a explicação da dogmatica e da liturgia christã, graças á symbolica, engenhosamente transportada do historico pela mythica ao psychologico e ao ontologico pela dialectica [1].

O entendimento do sentido realista dos dogmas, a decifração humana dos sacramentos, entre cujos esboços analyticos destaca a admiravel interpretação do baptismo, haveriam de fazer considerar a *Essencia do christianismo* de Feuerbach com um cuidado cuja falta nos parece duas vezes estranha em volume onde se dedica um capitulo á explanação da symbolica de Creuzer e outro, principalmente, ao sentido da mythica dos de Tubingue, á exposição do methodo applicado á vida de Jesus pelo famoso Strauss.

Circumscreveu-se Renan no perimetro, méramente esthetico, da critica do hegeliano, e digo méramente porque o não considerou como um corollario do estudado conflicto entre a fé e o amor. A victoria que Renan se tomou sobre Feuerbach, eloquentemente resenhando os productos sublimes da arte christã, é indigna do grande francez. Por vezes, este não sahe d'uma facil declamação, que justamente indignou a Joseph Roy, depois de Ewerbeck, condescendente vulgarisador da

[1] Depois da primeira publicação dos dizeres supra, leio em Leixner confirmativas linhas não só do entendimento da personalidade historica do Christo consoante o mytho geral da humanidade soffredôra, como da connexa theoria de Feuerbach, julgando a theologia qual uma doutrina que *fax o natural sobrenatural e cria assim a contradicção entre a fé e o amôr.*

Principalmente, por mim, já se vê, e, immodestamente, tambem um pouco pelo snr. Leixner, não curo de dizer que os bons espiritos se encontram.

Mas o intrinseco peculiarismo de Feuerbach é, no fim, tam manifestamente extrinseco que custa a crêr como o não lobrigasse Renan.

sciencia e da philosophia allemã em França, o segundo traductor de Feuerbach.

Não bastava consignar os productos da arte christã; era urgente deduzir que essas maravilhas procediam, sem illogismo, do processo subjectivo que elaborara a religião; que ellas, essas grandes obras, não desmentiam o supranaturalismo, o antinaturalismo e o antihumanismo da fé. Emquanto isto não se fizesse a critica de Feuerbach não fôra sequer atacada, porque os productos da arte poderiam ser não pelo christianismo mas apesar d'elle, inspirando-se d'uma revindicação, antitheologica e crescente, do humanismo.

O proprio Renan, por uma contradicção implicita, fornecera armas contra si proprio quando, seguidamente, observando-a, censurava a revertencia da arte christã á arte profana, desde que fôra procurar os typos da Madona a Albano ou ao Transtevero. Sem reflectir que essa revertencia não passava d'um accrescimo de humanidade, virtualmente contida, desde o inicio, no mesmo processo esthetico, naturalistamente imitativo, consequentemente, technicamente progressivo.

A onda de ingenita, melancholica poesia, espumosa e refluente, mercê da primeira educação clerical de Renan, poisque, conforme a exacta palavra de Victor Hugo, quem foi, mais ou menos, padre, fica-o sempre sendo, arrastava frequentemente o heterodoxo para a margem escabrosa, d'onde, abandonando-a, entristecido, se embarcara.

A palavra de Hugo foi dita n'um sentido respeitoso, com motivo da epica figura de Cimourdain; no mesmo sentido a reproduzo.

Sêr padre, isto é comprehender que a estricta realidade não abasta; confugir para o chimerico ideal; amorosamente cortejar a utopia da santidade: esta superior condição moral inhabilita o homem para todo o exame que ou choque os melindres veneraveis das tra-

dições na essencia da nossa piedade herdada ou incida, particularistamente, sobre os casos concretos da actividade politica e social.

Sensivel até o absurdo, se, assim, a nossa natureza refina, se quintessencia, se aristocratisa, o alheamento das asperas realidades torna-nos insusceptiveis de distinguir os phenomenos immediatos que cahem directamente sob a nossa inspecção.

É curioso, n'este thema, observar como os grandes historiographos são, por via de regra, detestaveis observadores do presente e como, ao par das mais bellas reconstrucções do passado, nada apercebem do futuro proximo. Habituados á serenidade das bibliothecas, o tumulto mundano perturba-os; a grosseria das individualidades do momento obriga-os a retrogradar as miradas para os extinctos personagens, esfumados e solemnes no mesmo nimbo. Dentro do fragor d'uma peleja em que se não entendem, esquecem-se de que, elles mesmos, são, no seu campo, os portadores da voz do dragão multiplo da Revolução. Este singular contraste moral accentua-se quando a tarefa do sabio é, pela propria difficuldade, menos accessivel, quando menos interessa as grandes massas. Aggrava-se, se o pensador não possue essa malleabilidade de espirito que faz acompanhar, dia a dia, as antagonicas divergencias d'uma mentalidade complexa, sempre em marcha.

Absorvido na erudição especial, onde as modificações de criterio, pela diminuta actividade dos poucos iniciados, são menos sensiveis, Renan não possuia, infelizmente, essa força propulsora que conduzia um Edgar Quinet desde as vagas allegorias de Hegel até ás cautelosas observações de Darwin, e um David Strauss desde as timidas restricções da primeira edição da *Vida de Jesus* até ás temerarias conjecturas da *Antiga e nova fé.*

Isolado, convivendo n'um circulo requintado de grandes damas, litteratos e artistas, mundo reservado,

onde a hypocrisia se desforra na maledicencia, tal como o vêmos n'esse antipathico rosario de mexericos, de que os dois Goncourt fizeram o seu *Diario*, Renan não podia comprehender a democracia, que se lhe antolhava uma irrupção de barbaros modernos, de americanos sem tradição, sem gosto, doutrinarios, duros, pedantes e impertinentes.

Este phenomeno de atavismo politico apresenta-o tambem o amigo e companheiro do exegeta, o grande critico Taine. Mas Renan não chegou aos extremos d'este; pôde resistir ao desvairamento com que os federados da Communa victimaram, decapitando-o, aquelle que veio a considerar a Revolução como o deus egypcio de que conta S. Clemente de Alexandria ser nada menos do que um hediondo crocodilo que, escondido por detraz de toda uma symphonia de sêdas e purpuras, se empregava em devorar os adoradores enthusiastas que eram bastante ousados a, affastando as prégas do sagrado velario, penetrarem no santo dos santos.

Não se deu a reconstruir uma chronica da grande epocha sobre os relatos, cem vezes desmentidos, dos reaccionarios. Não se gastou a repetir a crapulagem de Saint-Just, anecdota baseada no poema anodino, exposto pelo, sem embargo, fanatico robespierrista Ernest Hamel. Não se cançou em sommar as phantasmagoricas delapidações de Danton, reduzidas a zero pelos calculos conspicuos do positivista Robinet.

Affastou-se; affastou-se, quiçá pezaroso dos erroneos prognosticos a que, nos ultimos dias do imperio, se abalançara, redigindo o seu opusculo sobre a *Monarchia constitucional em França*.

Recordado das perseguições que lhe retiraram a cathedra em que professava publico ensino, Renan não renega ahi, como nunca renegou (e essa é a sua grande honra civica) do nobre culto da liberdade. D'ella se revindica; para a liberdade appella. Mas suppõe-a pos-

sivel com a monarchia. As suas cataractas são tam densas que a imagina compativel com o mesmo bonapartismo, pois que diz que não seja rasão que a herança de Napoleão I se mantenha intacta, em mãos do segundo Cesar. Era, por então, a crise tardia, mas reparadora, do crime do 2 de dezembro; e o desgraçado imprudente de Émile Ollivier preparava-se ao que se chamava a coroação do edificio.

Não suppunha Renan racional a guerra; não acreditava na unidade allemã; d'um plebiscito derivava a paz e a liberdade; declarava Paris incapaz de impôr a revolução e affirmava que a republica não passaria jámais em França da aspiração d'um partido, contumaz e revivendo, é certo, das suas derrotas, mas cujo caracter consistia em permanecer sempre uma minoria.

O plebiscito, aos poucos mezes, sophisticou-se, fazendo-se-lhe dizer o que não significava; o rei da Prussia era coroado imperador da Allemanha na galeria dos espelhos em Versalhes; e, pelo suffragio depois da revolução, o escriptor morria em pleno triumpho da republica, que reputara impossivel.

Se, nas suas conjecturas politicas, se enganara Renan, o seu amor da liberdade, esse, não se desmentia, como não o seu independente afan da pura e extreme verdade. Assim, elle nos pertence, elle pertence á Revolução, cuja obra lhe foi confiada em dominios particulares e exclusivos, mas onde a proseguiu com elevação e com honra. Apesar das suas inconscientes contradicções, amigos e inimigos da Revolução d'est'arte o julgam; e, emquanto o Estado republicano lhe tributa em França honras officiaes e a democracia se descobre, respeitosa, perante o seu cadaver, sobre o seu ataúde cahem as amargas palavras dos reaccionarios, ou graves, dos labios de Cornély ou freneticas, dos dentes de Cassagnac.

Mau grado o aristocratismo da cultura e do convi-

vio, salvara-o o seu bonhomico plebeismo de origem. Elle lhe dava esse desleixado aspecto, promotor da sympathia dos populares que o olhavam em cêra, coberto do seu casacão negro, fluctuante e commum, no museu Grévin; ou sorriam, apontando-lhe as unhas, enlutadas, no retrato realista que, apresentado no ultimo salão dos Campos Elysios, fez dizer á *Vie Parisienne* que, por elle, o grande pintor Bonnat demonstrara a utilidade dos manicuros.

O amor da verdade poucos o possuiram em tão extreme grau como Renan; pela verdade combateu e se sacrificou.

Ella o levou a desdenhar a sua amada tranquillidade, a soffrer, resignado, os doestos, as injurias e as calumnias.

Podia ficar-se na gloria quieta das suas missões scientificas e d'esses seus trabalhos linguisticos com que honrou a sciencia moderna, abrindo para a historia e grammatica das linguas semiticas o parallelo monumental da monumental obra correspondente de Bopp para as linguas indogermanicas, theorema de que a conclusão, na grammatica das linguas romanicas, de Diez, nos interessa, pela parte que ahi compete ao nosso idioma. Era-lhe facil mesmo, como a tantos, contemporisar, quedando-se nas meias linhas, nas reticencias saboreadas pelos epicuristas, que gostam de duvidar mas não querem que o pôvo discrepe, porque parta um bridão, necessario ás suas prerogativas. E assim elle podia limitar-se ás esotericas heterodoxias, fataes em estudos como o sobre Averroës, mas que se confinam em livros inaccessiveis.

A probidade do seu espirito não lh'o permittiu; da *Vida de Jesus* chegou a fazer uma reducção popular, então que a imperatriz Eugenia, plagiato de Maria-Antonietta, atascava o bonapartismo, resingueiro e sceptico, como cumpre a uma tarimbeirice combatente, n'um mysticismo hespanhol, intolerante e sensual.

Este alto amor da verdade teve o seu premio em descobertas admiraveis que lhe foi permittido arrancar de consecutivos labores sobre ingrato terreno. Não as que mais o envaideceram. Não as em que não lhe coube senão separar o trigo do joio, como no caso da decifração do fatidico numero 666 que aferrolha o enigma do nôme do Ante-Christo e que lhe foi dado extrahir do contradictorio labyrintho, onde se encontrava, do theologo Malvenda. Mas outras muitas, grandes e valiosas.

Aqui chegados, recapitulando, não passariamos assim melhor o tempo, meu querido amigo, discorrendo, de fugida, ácerca d'este homem, por tantos titulos illustre?

Para si, filho e neto de litteratos, o caso deve agradar-lhe tanto mais que foi a seu pae que o publico portuense deveu a versão da *Vida de Jesus*, d'essa obra aspera que, menino e moço, tanto me commoveu quando, receoso e tremulo da impiedade de que me ia tornar réu, lhe li, pela primeira vez, a inspirada dedicatoria *á alma pura de minha irmã Henriqueta, morta em Byblos.*

II

Zola

Ah Bandido! Desleal! Perfido! Então, francamente, isso faz-se?

Respondendo-lhe, escrevo, divagando, no confiante abandono da intimidade, a proposito d'um homem illustre. E vae o amigo perversamente estampa-me a carta em periodico.

Suppondo-o, porventura, pouco, leva a felonia longe. Sobrepõe á minha pobre missiva um titulo geral; mais, faz-me numeral-a, como se se tratara de iniciar uma pretenciosa série.

Pois olhe. Quero ser mais refalsado do que o collega. Aterre-se pelo publico. Vou, salvo ulterior, melhor juizo, preencher essa série annunciada, conversando comsigo perante todo um mundo. As abominações, que a seu respeito, passarei, em volume, a desvendar *coram populo!* Eis o seu castigo.

E, depois, talvez seja bem. É tam grande a ignorancia do geral das gentes ahi que eu mesmo arrisco-me a dar novidades; póde que até eu ensine, d'est'arte, alguem. Os individuos que sabem mais (e não é preciso, ai de mim!, muito para isso) irão a seus affazeres. Se um commigo se atardar, já é excellente,

já haverei prestado, ao menos, a esse, um serviço. Quasi que me decido a applaudir o seu procedimento. No fim, a massa tem a regra na sua mão; logo que o entenda, que rasgue, que atire para o lado. É, com todos, caso estabelecido, condição assente. Porque da indulgencia do amigo quando me limitasse a tagarellar comsigo estava eu certo. Assim, adeante.

Fallava-lhe, confrade, de Renan na minha carta passada e, ainda a proposito do grande prosador, leio, em gazetas de Madrid, que se reserva a cadeira occupada na Academia franceza pelo auctor da historia das origens do christianismo ao auctor da historia da familia dos Rougon-Macquart. Accrescenta mesmo o correspondente de Paris para a folha da *villa coronada* que, dos immortaes, os bonapartistas e os orleanistas votarão, cerradamente, em Zola.

Por muito que parafuse e cogite, reparafuse e recogite, convenho em que nem atino nem acerto com o mysterioso significado d'esta conjura de reaccionarios, ao que soe deprehender-se do telegramma, conluiados n'uma especie de manifestação politica, sob pretexto litterario, em tôrno do nome de Zola...

Zola, porém, é republicano; e os seus azedumes contra umas tantas personalidades eminentes do partido democratico em França estão hoje para elle tam esquecidos como para o publico culto os asperos artigos em que, nas columnas do *Figaro*, ha uma bôa dezena de annos, o mestre deu largas á sua má vontade aziomada. Zola, de tempos a esta parte, assucarou.

Quem se recorda, assim, d'esses malevolos libellos, corrosivos como qualquer inveja, inconsciente decerto, das posições sociaes conquistadas por antigos companheiros da bohemia litteraria da margem esquerda? Quem pensa ainda no facciosismo, espirituoso mas pezado, com que Zola se atacava a certas individualidades

salientes do revolucionarismo francez, tentando amostrar, segundo uma critica, facil e desleal, dos pontos fracos, que Victor Hugo era um poeta mediocre e que Gambetta não possuia talentos de homem de Estado?

Vagamente devem ter-se presentes, talvez, as lamentações, tam caracteristicas da idyosincrasia de litterato, com que Zola enchia a parda bruma do boulevard, ácerca do prejuizo que se fizera a si proprio Rochefort não se refugiando no exclusivo dos dominios da novella, para que nascera excepcionalmente dotado. Testemunhava o critico com o *Palafreneiro* e não fazia nota d'esse sarcastico volumesinho dos *Depravados*. Na litteratura optimista e hypocrita, onde a virtude se acostumou a triumphar, rasgava uma excepção, typicamente assignalada pelo travo persistente dos conceitos, não desfigurando, comtudo, *à priori*, o caracter da naturalista verosimilhança dos successos.

Recordo, por mim, a furia das reclamações com que Zola exigia que lhe puzessem para alli esse homem forte que os camaradas lhe vinham annunciando na pessoa do snr. Ranc, desde os combates de 1869. E penso na estreiteza de criterio que lhe não permittia vêr a valente personalidade pamphletaria das tres séries da *Lanterna;* no sectarismo que lhe obscurecia as faculdades de dialectica, do jornalismo politico exhibidas pelo senador radical.

Por esse tempo, a guerra encarniçada, de que fôra alvo, obsecava de tal modo o grande luctador que é inconcebivel como se deixara arrastar á chimerica empreza de desthronar Hugo do seu solio lyrico, remettendo contra o velho vate flechas tam frageis, de tam frouxo alcance, que logo se faziam hastilhas.

É curioso e graphico o exemplo seguinte: — Na segunda série da *Lenda dos Seculos*, todos se extasiaram da versificação d'essa maravilhosa lenda allegorica que tem por titulo *A aguia do capacete*.

Um senhor feudal, batalhador e implacavel, persegue, da rijeza diamantina do seu odio, uma familia, rival da sua casa; e persegue-a nas pessoas de ascendentes e descendentes, de directos e affins, de parentes e adherentes. Vae, sem descanço, de provocações em pelejas, de pelejas em sangrentas victorias. Tudo succumbe deante do seu valor frenetico, da sua pujança ardida e incomparavel. Não resta mais do que uma creança que vaga, descuidosa, pelo solariego jardim, á cata das borboletas e dos ninhos. O temivel barão aguarda a adolescencia do odiado menino e é com um jubilo infernal que vê ser-lhe dado, no occaso da sua carreira formidanda, reptar ainda o tenro rebento d'uma arvore fatal. Sahem a campo os dois, o joven, mal ingressando na existencia, o seu inimigo, que d'ella não quer sahir antes d'elle. Apavorado, porém, aos primeiros passos d'armas, sentindo-se perdido, o moço dá volta ao seu cavallo, lança-se na vertigem d'uma fuga de assombros. O seu adversario não lhe perdôa, e abala-se em poz d'elle. Correm, vôam, salvam precipicios, desfilam, ennovelam-se, turbilhonam n'um poeirento redomoinho. Ás portas dos casaes vêm assomando os aldeãos, acudindo ao tropel, e gritam, no revoltante conspecto, piedade para o fraco fugitivo. No rebate das suas entranhas, a supplicam as mães; na indignação da sua fé, a exigem os santos ermitas. Nem rogos nem imprecações commovem a feroz vindicta do velho burgrave, que logra attingir emfim a exhausta victima, abandonada de Deus e dos homens, e, na indifferença hymnica da natureza, cantante de luz, alegremente a trespassa.

Mas então ouve-se um rugido rouco e profundo; a aguia de bronze arranca-se, em furia, do capacete sobre cuja tampa a soldaram, precipita-se para cima do seu senhor, rasga-lhe a face, arranca-lhe a lingua, devora-lhe os olhos. E, quando não resta mais sob a tenaz das suas garras justiceiras do que uma massa informe, em-

pastada de sangue, desdobrando as orgulhosas azas, toma o vôo immenso, despede-se para o sol, paira, perdendo-se, no azul infinito.

Que reparos oppõe Zola a esta bella symbolica da justiça, irremediavelmente immanente e surgindo no agudo das crises moraes? A material impossibilidade de que uma aguia *de bronze* etc.

Concebe-se nada que em ingenuidade exceda a simplicidade do maravilhoso das legendas?

Interprete-se conforme se queira, o certo é que este como outros artigos, sympathicos aos reaccionarios pelo que de aggressivo continham para com os espiritos lealmente postos ao serviço da grande causa da Revolução, estão hoje sepultados n'aquelles dos oitavos Charpentier que ninguem compra.

N'uma palavra, não me occorre o aproposito, em volta de Zola, d'esse juramento dos punhaes dos obscurantistas. Porque a obra novellesca de Zola seja, mau grado a impersonalidade systematica do artista, a condemnação do velho mundo, militarista e burguez, capitalista e supersticioso, não penso como bonapartistas encontrem ensejo de sanccionar o anathema, implicito na *Fortuna dos Rougons*, sobre as violencias inacreditaveis do golpe de estado nos departamentos. Não concluo como orleanistas, hoje fieis servidores do ultramontanismo, se liguem na apotheose d'aquelle que, na *Faute de l'abbé Mouret*, revindicou os direitos da natureza, rebellada contra as exigencias mysticas do celibato.

Ainda ao que toca pelos bonapartistas, o estranho caso poderia entender-se, attendendo á côr sympathica que o romancista calcou para a figura pallida de Napoleão III, na absurda carniceria de Sédan. Mas bastará? E não repararão no caracter animal da piedade entornada sobre o enfermo, desesperado das dôres lancinantes que o pungem, tropego, somnambulo e insomnico,

arrastado, n'um atordoamento de castigo, d'aqui para acolá, com menos do que reappareça n'essa Paris, enlouquecida de vergonha e dôr?

A mesma Nemesis, inspiradôra de Hugo, quasi que chegou a commover-se; mas ella, na compaixão pelo simples homem desorientado e morto, não lhe poude olvidar as tremendas responsabilidades anteriores, de modo que, quando, febril, o Cesar vencido pede o refrigerio da agua, lhe imagina a eructação do sangue do boulevard Montmartre. Consigna, portanto, que justamente é a Prussia quem deveria offerecer o copo que extinguisse essa sêde tragica.

Na *Débâcle* o desfecho da chimera imperialista não reveste o caracter, francamente metaphysico, do ultimo capitulo da *Historia d'um crime*. Mas repare-se na ideia preconcebida do actual escriptor em não interferir, elle, com reflexões ethicas, que fôssem sublinhando a narrativa. Partindo-se d'ahi, pense-se no proprio sentido do titulo do volume. Deduza-se das considerações que necessariamente hão-de brotar no espirito do leitôr, em face do miserando panorama da desordem na administração, da anarchia no commando, do egoismo na suprema direcção politica de todo um paiz levado ao matadoiro. Reflexione-se ácerca d'esses regimentos a que se ordena marchar e contramarchar sem destino; ácerca d'essa gabada artilheria, que não consegue, em horas, rectificar o seu tiro; ácerca d'esse estado-maior, que ignora os caminhos na propria terra da sua patria; ácerca d'esses generaes que estendem, sobre o arção da sella, as cartas ás avessas. Respire-se similhante ar de desanimo; entre-se em fôgo com a consciencia da inevitavel derrota; deixem-se tambem cahir os braços na môrna resignação dos que se reconhecem, de começo, condemnados. E pasme um de que bonapartistas manifestem em lances taes.

A conflagração das ideias moralistas, guardadas no

desastre, flammeja com tam visivel intensidade que á mesma frieza doutrinal de Zola se communicou o incendio. Outro sentido critico não póde ter o symbolismo do final do romance, onde o leitor assiste á transfiguração dos personagens, de carne e osso, em abstractas figuras allegoricas d'um mundo que acaba e d'outro que principia. Por isto foram as censuras do visconde de Voguë, não attentando este em que ahi residia mais um documento, e flagrante, para a sua these, cuja novidade tanto espantou Paris, do intimo parentesco entre o talento de Zola e o genio de Victor Hugo.

Mas agora não é já o simples parallelismo geral. A victoria, em contra da *picuvre* mercantil, do Gilliat urbano. Desce-se ao accidente. E quem no agreste garoto de Bazeilles não apercebe Gavroche em selvatico? De ha quantos annos, de resto, nas conversações com que me honra, o nosso grande poeta Guerra Junqueiro me notou essa homologia mental! Agora, encontrada, a seu turno, em França, provoca a surpreza do publico culto, vexado de não haver reunido temperamentos litterarios que, graças á propria similitude, se repudiavam, segundo aquella lei biologica de que as especies proximas são as que mais se combatem.

Pela representação symbolista, pela critica directa, o desastre de Sédan destaca com um tal relevo ensinante que a simples chronica é insufficiente. Perante elle ou nunca, urge sacar uma d'essas raras comprovações historicas em que a necessidade da justiça, inextirpavel nos nossos corações, se congratula no proprio mal, poisque este seja a reparação do passado, o correctivo do presente e o annuncio, turvo mas fecundo em esperanças, d'um melhor futuro.

Sim. Alli acabara um mundo, esse mundo, tam curiosamente irregular, d'uma democracia falsificada e pervertida, dominada por um dictador e crendo-se soberana na periodicidade dos sophismas plebiscitarios.

Alli findara essa revivescencia do cesarismo romano, mesclado de orthodoxia catholica e de jacobinismo robespierrista, que, sob a etiqueta do que a si proprio se decorou com a chancella theoretica d'um systema de ideias, as ideias napoleonicas, constitue, por certo, um dos phenomenos, de degenerescencia mental e social, mais interessantes na historia do seculo.

Alli se afundara a legenda que organisara um corpo constitucional de instituições desconnexas. Chegara mesmo a crear um typo humano, tam recortado e especial que se formara todo um casulo de habitação para os sentimentos e para o vestuario, para o gosto e para os costumes. Physionomicamente: — Belmontet, por toda litteratura; na arte, a canção *En partant pour la Syrie;* na carcella, o ramo de violetas; as pantalonas largas; a bigodeira encerada e retorcida; o cacete sob o braço; e na cabeça o principio fundamental de que, por Waterloo, urge educar as creanças no odio dos inglezes, dos austriacos, dos allemães, dos hespanhoes, dos italianos, dos russos, dos suissos, dos belgas, dos hollandezes, dos suecos, dos turcos, dos mexicanos, dos chinezes, dos americanos, etc.

A homerica resenha é de Angelo de Sorr (pseudonymo?) no chistoso folheto *Manual do perfeito bonapartista;* mas o insensato odio, caricaturado n'aquella enumeração, fez intervir as Tulherias nos negocios da Hespanha e acabou por intimar mandado de despejo ao indevido inquilino da sumptuosa vivenda.

Terminara alli, em Sédan, essa vasta farça onde o ridiculo se costura com o lugubre; alli e não já no cahos da Communa, como o suppõe Zola, nas apressadas paginas ultimas do seu volume. Alli onde Luiz Bonaparte fôra expiar o perjurio, a traição, as mortandades d'esse medonho dia do 4 de dezembro de 1851, cuja premeditação é, para a sua memoria, bem de temer que, de parceria com o seu irmão adulterino Morny, lhe as-

sentem em attribuir as investigações minuciosas da analyse historica.

A mão dos bonapartistas nos incendios da Communa é certo que é hoje reconhecida por todos os que meditam no prudente aphorismo juridico de quem aproveitava com similhantes actos.

Por este aspecto, pois, se por elle considerasse o caso, teria Zola rasão em olhar o fim d'um mundo á luz vermelha das lavaredas do petroleo consumidor dos documentos escondidos a dentro do palacio imperial, do ministerio das finanças, da casa da camara. D'essa papelada denunciadôra, muito deveria ter, porém, escapado á furia de raspar as pégadas criminaes.

Com os curtos elementos publicos das memorias do gastronomo Véron, das apologias de Mauduit, de Belouino e de Meyer; com o simples accidente da correspondencia, enviada para o *Times* por um official do exercito inglez, William Jesse, que se encontrava em França por occasião do golpe-de-estado, poude já em 1868 Eugéne Ténot, no volume ácerca de *Paris em dezembro de 1851*, vibrar uma machadada tremenda sobre o combalido prestigio moral do imperador.

Relendo essa accusação, terrivel na sua propositada imparcialidade, sentimos que a piedade, que se apodera do nosso animo folheando as paginas que, ao vencido, dedica Zola no seu derradeiro romance, nos doe como um remorso.

O estridôr da artilheria de Moltke, que tanto afflige o ex-generalissimo, pelos miseros soldados espostejados, não vinga sobrepujar a fuzilaria da divisão Canrobert, ao longo dos boulevards, desfechando, sem provocação mas com vinho, á tôa, n'uma epilepsia, sobre a gente, indefeza e desprevenida, abancada ás mezas dos cafés ou dependurando-se, para vêr o que occorria, das janellas dos restaurantes.

Uma parte da mocidade lettrada e remediada, per-

tencendo quer á imprensa quer ao commercio parisiense, confessa o furibundo Granier de Cassagnac que era a que assim foi trucidada, para que o presidente da republica podesse, despedaçando o seu juramento, fazer-se imperador. Classificou, todavia, esta tragedia o pae do Cassagnac actual (Paulo) como um incidente sem importancia, uma lição dada pela tropa ao boulevard elegante, o castigo da palavrosa revolta das *luvas amarellas.*

Os operarios, em 1851, estavam pelo dictador, com effeito, triste é para elles ter que escrever-se.

Era a consequencia, incritica, da lei Baroche, restringindo o suffragio. O que dictava o injurioso ultrage arremessado a Baudin e a replica, tornada sublime, por o seu sacrificio. O parlamentarismo nobilita-se, exclamando, pela bocca d'aquelle, que é possivel morrer-se por causa de vinte e cinco francos.

Quanto ao romance, como romance, que dizer-lhe, querido amigo?

No meu humillimo juizo, e sem embargo do clamoroso enthusiasmo que provocou em França, quando o volume appareceu nas livrarias, cheiroso da tinta ainda humida, fresco no setim do papel, como um recemnascido na alvura do linho, não o considero das obras que surtissem melhor ao engenho do auctor. Poderosa, sim, é prolixa, embaraçada de incidentes; arrasta. Nenhuma grande figura destaca do tumulto dos successos e acontece-lhe como aos demais trabalhos de Zola. Depois d'uma primeira impressão de fadigoso deslumbramento, o effeito dissolve-se; confundem-se as tintas da reminiscencia; os quadros esbatem; o todo esquece.

É certo que parte do desastre provém do criterio geral a que se subordina este genero de novellas, chamadas naturalistas.

Occupadas do commum, ellas são menos a epopêa de individuados heroes do que a chronica do anonyma-

to; amorphas e nevoentas, dispersas e indistinctas como a multidão. Mas deve tambem accrescentar-se que parte procede, egualmente, das forças mesmas do espirito de Zola, que é mais do que um talento mas que não chega a ser um genio.

Sobrado de meritos technicos mas falho do *quid divinum*, Zola estaca n'essa linha intermediaria entre os generos proximamente definidos; e os productos da sua phantasia não nos preenchem e satisfazem, como a um naturalista o não satisfaz um zoophyto.

N'esta obra abusa até dos effeitos, peculiares da moderna arte, pessimista, gulosa das situações, dilacerantes pela crueldade da sua insolubilidade. Assim, reproduz, logo de abertura, n'um episodio complementar, a crise que, n'uma variante, mais sentimentalmente verosimil, desenvolvera no admiravel conto do *Ataque do moinho*, que rompe a série das *Soirées de Médan*.

Emquanto, porém, a loucura da moleira deante dos cadaveres do amante e do pae é um desfecho humano, a fuga da triste esposa do nobre fuzilado de Bazeilles affigura-se-nos, mesmo pelo que segue, como uma interrupção de expediente.

Não fallarei já da barbara sarrabulhada do espião prussiano, estendido sobre uma meza e sangrado como um cerdo. Zola reverte ahi aos processos frivolos, de romance-folhetim das suas obras de mocidade, e comprehendemos, de novo, a infantil sympathia que o mestre mostrou sempre por Ponson du Terrail. Sem invenção quasi, pois que o effeito se extraha da manifesta reminiscencia do hediondo modo do assassinato historico do magistrado Fualdés, em Rodez, em 1817.

O que no ultimo livro de Zola é, sobretudo, admirando é a exacta correspondencia entre o criterio da novella naturalista e este exemplo de realisação.

O heroe é, na verdade, a onda obscura de toda a gente; e as fortes mãos do artista, ainda negras e tis-

nadas, envoltas ainda do sadio vapor dos campos revolvidos, agitam com singular facilidade as grandes massas da plebe armada, torrões que dos hirsutos dedos, quando o quer, se lhe desprendem, resvalam, rolam.

Não é a batalha de Stendhal, episodica e historica; não é a batalha de Hugo, gloriosa e estrategica. É, como em Tolstoi, a batalha rudimentarmente psychologica, onde do condicionalismo das disposições moraes da multidão combatente depende o exito, mais do que dos planos racionalistas dos frios dirigentes. E, se no russo a victoria procede da confiança patriotica dos exercitos, no francez a derrota vê-se emergir, antes de se disparar a primeira espingarda, lugubre e inflexivel, do alarme animal, que não corrige mas exacerba o desconfiado desfallecimento da vontade.

No conjuncto, na expressão superior da sua direcção, afóra as qualidades de officiaes e soldados, vinha o mal da sceptica desmoralisação d'uma turba fardada. Inconscientemente dava-se fé de que nada representava de vivaz. Estertorisava no cachetico arranque d'um modo de ser social incompativel com as urgencias progressivas da civilisação.

Exercito aposto como de pretorianos; destinado, em sua chefia, a abafar a liberdade no interior, as tropas de Napoleão III tinham de ser eliminadas no conflicto historico, a cujo desdobrar era seu commando um estorvo, cesarista e ultramontano, violento e cynico. De modo que o triste espectaculo do terrôr panico que, no livro de Zola, circula por entre as fileiras francezas é o escholio litterario da analyse philosophica de Quinet. Urge descontar, no exame d'este, o que elle esqueceu: o effeito, exterior, da atonia commum, propellida pela disciplina do militarismo prussiano. Todavia, em geral, tem rasão o philosopho, quando se empregou a demonstrar que, em 1870, ainda que usasse d'outra arti-

lheria e a guiassem diversos generaes, a França, governativamente reaccionaria e jesuitica, haveria de succumbir, fatalmente, em face da Allemanha, educada, ainda que só ahi, na religiosa liberdade do exame, unida, então, na fé dos seus provisorios destinos.

Adeus, meu caro. Perdôe a longa, fastidiosa importunidade.

III

Galdós

Por seu intermedio, camarada, eis-nos na terceira aos corinthios, quer dizer aos nossos queridos *tripeiros*.

E, se *non licet omnibus adire Corinthum*, se, entre outros, a mim me não é dado passear-me, pelas tardes, na frente fragrante da *Cascata* e, pelas noites, volver aos livres colloquios, tam gratos, *inter pocula*, com verdadeiros amigos, quando, esvoaçante, a phantasia, á compita, zumbe com as moscas, portas a dentro, e, intellectivo, o *Manhoso*, todo elle, phosphorea, façamos de conta, accendamos o cigarro, philosophicamente divaguemos um pouco, o confrade, ahi, na préssa da prova que o aprendiz foi buscar, correndo, á typographia, aqui, eu, na pausa nostalgica da noite inoccupada e chuvosa, aos seus ouvidos chegando, affastado, o estrepito dos prélos, aos meus acudindo, proxima, a toada que, na quadra castelhana, orchestra o descasque da amendoa.

Mas com regra, pezo e medida, com ordem e methodo, como cabe a doutrinarios da nossa estofa, sisudos e compenetrados no amphitheatro da classe.

Assim, havendo fallado de Zola, seria demais inquirir se, para estas terras de Hespanha, a eschola natu-

ralista de que o auctor do *Assommoir* é o chefe, hoje um tanto abandonado de discipulos, apoz o famoso manifesto dos cinco, atirou sementes? Demais seria indagar se, projectadas, ellas germinaram, ganharam raizes, déram arvore, deitaram fructo?

Pois nada menos de cinco escriptores aqui tem o amigo que, sem argucias de sectarista, póde revindicar para o novo criterio litterario. Do bando, uma senhora, e gallega, D. Emilia Pardo Bazan; um janota madrileno, Armando Palacio Valdés. Os restantes são dois montanhezes, um asturiano: Benito Perez Galdós, José Maria de Pereda e o padre Coloma.

Tam original é esta original Hespanha! O padre Coloma, jesuita, cathedratico nos sagrados canones em um seminario de Oviedo e novellista da eschola de Zola, a cima de cotação, por fóra em preço, de regalo. Quam longe fica o nosso snr. Julio Lourenço Pinto, segundo da capa dos seus aliaz valiosos volumes, romancista naturalista do Conselho de Sua Magestade!

São cinco que permanecem acá da cordilheira pelos cinco que se foram allá. E com ganho para o mestre, que, para aqui que ninguem nos ouve, não perdeu grande coisa com os filhos prodigos que se lhe escapuliram de casa.

É certo que o indomavel orgulho cispyrenaico lhes prohibe confessarem a homologia litteraria. Um d'elles, Pereda, não se contenta com um reprovativo silencio; em altas vozes, se insurge contra a critica, aqui, como em toda a parte, por seu idoneo caracter e feição intima, mais cosmopolita. Irado, protesta contra que o incluam n'uma categoria que rejeita, ainda que, a titulo de elogios, n'ella o pretendam encerrar.

Verdade que não deixam os castelhanos de ter motivos pelo que deva ao chauvinismo nacional essa sua repulsão litteraria.

Nós outros, separados politicamente da Hespanha e

quasi moralmente esquecidos d'ella, de tal sorte nos embebemos de livros parisienses que, frequentemente, pelos navios do Havre e Bordeus, nos caixotes de remessa para as nossas bibliothecas, recebemos, em recambio, ideias cuja iniciativa seriamos menos expeditos em, exclusivamente, attribuir á actividade mental franceza, se nos déssemos ao trabalho de reatar préviamente o conhecimento com o visinho da esquerda, com quem vimos amuados ha perto de tres seculos. Dever-se-hia relêr o hoje atrazado mas sempre elucidativo volume do snr. Simões Dias. A curiosidade começou dos hespanhoes para comnosco. Recolheu as eruditas, conscienciosas conferencias do *Atheneu* o illustre deputado autonomista, D. Rafael Maria de Labra, no volume consagrado ao *Portugal contemporaneo*. Impedem-me de dizer todo o bem que d'elle penso as amaveis referencias que ahi se me fazem.

Porém nós, como estamos, ignoramos de todo a Hespanha.

Apesar da approximação para a Inglaterra, definitivamente determinada pela casa reinante de Bragança, se bem que, um pouco, pela diplomacia, ameaçadoramente envolvente, de Luiz XIV tambem; sem embargo das relações commerciaes consecutivas, o facto é que nunca a Inglaterra nos influenciou no condicionalismo do espirito, excepto certos casos individuaes. Como modernamente com Julio Diniz, em cuja obra perpassa o influxo, mais particularmente, suggestivo de Bulwer-Lytton, no seu memorial dos Caxton, casos são esses tam personalistamente apertados que não logram afinar o diapasão commum a toda uma litteratura.

A França domina-nos sem impedimentos e tanto mais gostosa, facilmente lhe seguimos, no tempo, o glacial academismo, pseudo-classicista, do seculo XVIII que, sendo nós pobrissimos de imaginação inventiva, como nol-o indicam a falta de theatro, a só moderna tentativa do

romance e o caracter repetidamente lyrico, descriptivo ou moralista da nossa poesia, onde se transfere de mão em mão um peculio mesquinho de imagens, monotonas, sempre as mesmas, certa arte franceza, empenhada no apuramento verbal, no polimento burilante da linguagem, convinha ao nosso temperamento pedante de rhetoricos e grammaticos.

Quando rebentou a explosão romantica em Paris, démo-nos a uma ancia de copia e estonteamos da saliencia pictoral dos illustres coloristas de 1830.

Imaginamos que alli reapparecia, fulgurante, o espirito genuino da França, de fórma que os proprios assumptos hespanhoes das composições parisienses não nos attrahiram as miradas para a patria do *Romancero*, para a fecunda terra em que, ao menos, a arte ficara livre, na geral oppressão. Não reparamos, por então, nos thesouros d'esse theatro incomparavel, que não se immobilisara na preoccupação, falsamente aristotelica, das tres unidades, mas pintara a vida, com a sua contradicção e os seus sobresaltos.

Não sabiamos a procedencia germanica do romantismo e ignoravamos que elle era, na sua essencia, o complemento da resistencia politica da Allemanha, a reacção litteraria das nacionalidades contra a influencia exterior, na Prussia encarregada pelo grande Frederico de requintar o gosto do seu grosseiro e duro Potsdam. Quem nos fallaria na influencia fundamental do theatro hespanhol em Allemanha, e nos diria os assombros da critica d'um Schlegel?

Longe de meu proposito o congratular a Allemanha pelo facto. Pelo contrario, o effeito foi funesto, em que peze ao patriotismo de Gervinus. Tendeu a particularisar, a separar. E depravou o espirito por uma idealidade chimerica; litterariamente, corrompeu o gosto, fez perder o senso do comico, como se manifesta nos librettos de Wagner. De resto, em humano, a poesia al-

lemã não se nos destaca por nada de fundamental. O genio allemão reside na sciencia e na philosophia, na hermeneutica ou na symbolica. Vago, na arte, a sua expressão idonea é a arte vaga tambem, a musica. E assim Hugo poude dizer que o unico poeta allemão era Beethoven.

Todavia, os factos são o que são.

E, coisa curiosa, o romantismo em França é que era de importação, e tam fóra da idyosincrasia nacional que, a breve trecho, a litteratura reverte ao seu amado grande seculo, ao seu imprescindivel neo-hellenismo. Escusado me parece, affrontoso á perspicacia do leitor explicar que me refiro ao romantismo historico ou legendario e não ao que alguns chamam subjectivo e outros, impropriamente, segundo o catholico Menendez Pelayo, physiologico. N'esse terreno, equivaleria olvidar o theatro lagrimejante de Diderot, olvidar *Manon Lescaut*, olvidar a *Nova Heloisa*. Mas o bom senso francez reage contra a idealisação d'um passado extincto. A ironia celtica, desenrolada por Lenient, retoma os seus direitos.

Musset apostata; Gautier malabarisa a luxuriante abundancia dos seus jogos de rimas; e o mestre de todos, Hugo, acaba por ser inintelligivel á maioria dos gaulezes cultos, tam pouco ethnico é, de partida, o seu genio, verboso e hyperbolico, fanfarrão e declamatorio, vago e sublime, symbolico e profundo, ingenuo e primitivo.

Destituido de *espirito*, a ironia aguça-se-lhe em satyra e a exposição transforma-se-lhe em óde. Sempre atravessando óra o Bidassoa, óra o Rheno, elle é, emfim, o que ha de mais nativamente anti-francez. Se o perde pelo espirito, a França recupera-o, porém, pelo cosmopolitismo, pelo messianismo do ideal; reganha-o pela ordem da composição. Nunca o vago do sonho se expressou em mais limpida lingua; nunca o indistincto

das chimeras se concretou em melhores, em mais nitidas formulas. Alliando á synthese do pensamento a analyse da exteriorisação, Hugo reentra, com os louros da victoria suprema, no bello paiz de França, como Roldão.

N'elle, passa o que passa nos anonymos poemas das gestas. É a reconstrucção do pensamento, do sentimento germanico pela idealidade celtica, pela exacção romana. É a correcção do verbosismo hespanhol pelo sobrio gosto extrapyrenaico.

Assim, a epopêa franceza é germanica na sua origem e romana no seu desenvolvimento. É, segundo a definição do illustre critico especial, Léon Gautier, «o espirito germanico sob uma fórma romanica».

Ao tempo, comtudo, desorientamos.

Os hespanhoes, esses, apesar de vencidos pelo prestigio das realisações emanadas de Paris, não se illudiram todavia, tanto como nós outros. Reconheciam-se; como se reconhecem agora nos productos da arte naturalista do fim do seculo.

No actual romance de costumes apercebem elles a derivação, progressiva, sim, mas, em todo o caso, a derivação logica da sua historieta sarcastica de ha duzentos annos; e recordam-se da sua novella picaresca quando folheam os estranhos livros recentes. Assim, arrastados na corrente do dia, melhorando a fórma, subtilisando a psychologia dos personagens, simplificando a acção dos successos, dissimulando a intenção ethica, nem por isso deixam de se dar conta de que, para elles, existe uma tradição homologa e de que, portanto, do boulevard não lhes facturam inteiras novidades. O que não quer dizer que a França não tenha de si, analoga tradição. Não fallarei das farças geniaes de Rabelais; dos *fabliaux* realistas; da correspondencia de Furetière, para a insipidez pastoril, com Cervantes para o heroismo cavalheiresco. Mas Scarron é o auctor do *Roman*

comique e a *vis* naturalista da satyra hespanhola só se civilisa, torna acceitavel com Lesage.

Todavia, isto não impede que, como o Corregio bradando que tambem era pintor, pensem os iberos que, das paginas do *Lazarillo,* Hurtado de Mendosa; ou, das de *Obregon,* Espinel; ou, sobretudo, das da espantosa odyssêa do *Guzman de Alfarache,* Matéo Alemán poderiam telegraphar para Médan que tambem eram realistas.

Sentença temerosa d'uma sociedade esfomeada, essa litteratura será, na desprezadôra palavra de Michelet, uma litteratura de mendigos e ladrões; mas, em lidima verdade, os escriptores actuaes da Hespanha justificam-se, com esses documentos humanos sobre a mesa, da presumpção de vaidade, quando assignalem que não precisavam de ir buscar originariamente fóra o que só lhes restava aperfeiçoar do proprio fundo.

Como quer que se entenda, hoje são nada menos de cinco, além de infinidade de imitadores sem alcance ou de principiantes de porvir, os romancistas naturalistas hespanhoes.

Entre elles, um escriptor castiço, vernaculamente classico, litterariamente consummado, Pereda; e uma grande natureza, imaginativa e artistica, Galdós.

Galdós começou por uma vasta celebridade, sympathica ao amor proprio popular.

Reparara n'um singular facto, posto, perante o publico, em evidencia pelo seu editor, que parece que é elle-mesmo, qual o da carencia, actual, do romance historico nas opulencias da litteratura contemporanea da patria.

Esqueçamos os tentamens criticados por Pelayo e convenhamos em que, em globo, a observação era exacta, com effeito, poisque não aproveitemos as grandes machinas de aventuras, degenerescencia da maravilhosa aptidão contadora robustecida por uma enorme erudição, de que Walter Scott fornecêra os modelos eternos.

Como em França se verificava a queda das aventuras dos mosqueteiros illuminados por Alexandre Dumas, aos embroglios dos nocturnos camaradas, encarvoados pelo visconde Terrail, em Hespanha a degradação de tintas e luz descia, agora, melancholicamente o escadorio torcido que rapidamente vae de Fernandez y Gonzalez a Tarrago y Mateus.

Assim, Galdós empregou-se na tarefa de dotar o seu paiz com uma especie bibliographica quasi, em bem, desconhecida, hoje, dos seus compatriotas. Uma fina intuição artistica removeu-o, de resto, da ardua reconstrucção de longinquas phases historicas, inaccessiveis já hoje ao interesse das grandes massas.

Procurou ser educativamente util. Approximando a epocha, escolheu o periodo, sempre vivo nas doridas lembranças, da aleivosa investida da aguia imperial. E, d'est'arte, traçou o largo plano da sequencia, tam ensinativamente pittoresca, dos seus *Episodios nacionaes.*

A accidentada biographia d'um personagem central, David Aracelli, os liga e prende; e um mesmo sopro de enthusiasta patriotismo os anima e vivifica.

Não basta dizer indifferentemente, como, sobre a terrasse do café *François Premier,* ao poeta critico Charles Morice e ao critico lyrico Julien Leclercq, informou, replicando-me, o talentoso auctor da *Noche,* Alexandre Sawa, que Galdós não passa ahi d'um imitador dos hoje desdenhados Erckmann-Chatrian. Assim elle insistia, quando me distinguiu com seu conhecimento a amisade do dr. Alves da Veiga, leal e bondoso, alma eleita pela fé, exemplo de doutrinaria constancia.

Sem embargo, conviria, concomitantemente, advertir se o santanderino consegue, mais do que os de Phalsburgo e Soldathental, libertar-se de preoccupações, divergentes e alheias á missão da arte extreme. Cumpria saber se, como aquelles, doutrinal, forçava os caracte-

teres, substituia a natureza e organisava, de pé atraz, sentimentos e ideias.

Ora, esse não é o caso; e quem relêr attentamente os quadros dos sitios de *Gerona* e *Zaragoza* não póde, nem muito menos, deixar de convir em que se encontra na presença de situações, não só fidedignas, dada a reproducção da verdade historica, como ainda exactas, pela flagrancia psychologica dos personagens gestionados, actuaes e eternos no seu simplismo moral.

Entre nós, existe, para a mesma epocha, um livro forte, de litterato demasiado esquecido, o *Sargento-mór de Villar,* por Arnaldo Gama morosamente conduzido, pesadamente escripto, mas dramatico e poderoso. De sua trama segura, se menos delicadamente entretecida do que as de Galdós, destaca a figura elevada do louco *De Profundis,* tam tragicamente humana que, a seu lado, a do doido Yegoff, dos siameses alsacianos, se retira e eclipsa, em que peze ao antigo enthusiasmo do antigo Dépret.

Os *Episodios nacionaes* inspiram-se, como os *Romances nacionaes,* no odio vingativo d'essa duvidosa figura lugubre do ambicioso corso, chegado á crise do desvario, necessario á sua eliminação, visto como havia completado o seu papel historico, de utilidade geral. Na obra dos francezes, o patriotismo, dominando, a espaços, a categoria transcendente da justiça, ennevôa de viril tristeza as narrações; nos panoramas do hespanhol, esse proprio civico conceito as estimula. Ficam assim como anverso e reverso d'uma mesma medalha.

Quem nas conversações de hespanhoes tenha apercebido como ainda sangra a ferida de 1808, da qual se não ha-de tomar conta senão ao imperante, nunca á lealdade da alma franceza, que, modernamente com Lanfrey, logo com um dos combatentes, o general Foy, indignadamente sempre a exprobrou; quem haja apprehendido, na passagem, os colericos commentarios dos

castelhanos que, á entrada da grande galeria do Prado, se quedam a examinar as telas terriveis onde o pincel, commummente sombrio, de Goya fixou a artistica punição das carnificinas de mamelukos e polacos pelas ruas de Madrid ou a hedionda felonia dos fuzilamentos, perjurantemente ordenados por Murat; quem assistisse uma vez á recolhida gravidade com que, annualmente, se consumma a celebração funebre da lutuosa data do 2 de Maio, esse comprehenderá, sem esforço, o effeito immenso que estas obras de Galdós alcançariam, de lez-a-lez, na rancorosa Hespanha.

A nós mesmos, portuguezes, promptos em esquecer, fracos e degradados, chega a ser communicativel a vehemencia barbara d'este patriotismo, que não é, como o nosso, uma emphatica oratoria, o fogacho, estridente e curto, d'uma méda de incendida palha, que breve se vae a extinguir, esfumando d'um desenlace de triste comedia o pomposo annuncio d'um drama severo. E, todavia, o bello espectaculo do levantamento unanime da peninsula apoz a traição medieval do Cesar dos tractos de Bayonna deveria temperar-se na nossa admiração. O perfido procedimento napoleonico haveriamos de o considerar como o castigo d'essa chimerica nova partilha da Polonia, ajustada, com respeito a Portugal, em Fontainebleau. A 27 de outubro de 1807 ahi a firmaram o general Miguel Duroc, pela França, e o conselheiro honorario Eugenio Izquierdo, pela Hespanha, irritada depois, quando para ella lêram pela mesma cartilha por que não escrupulisara de rezar para os outros.

Começado o convenio a pôr-se em effeito pelas forças combinadas das duas potencias, sob o mando supremo de Junot, não se differençaram, ao menos, por uma conducta correcta, na violencia, parte das tropas hespanholas. Ao contrario, aprenderam e louvaram-se na cruel lição dos militares affins, os quaes, sob a des-

culpa da necessidade e da fome, commetteram toda a casta de excessos contra os miseros aldeãos lusitanos, de largo tempo, desacostumados das calamidades da guerra.

Desgraciadamente los españoles que iban en su compañia imitaron el mal ejemplo de sus aliados: taes são as reduzidas, mas significativas, palavras do patriotico auctor da *Historia del levantamiento, guerra y revolucion de España.* Assim se vê forçado a expressar-se esse vaidoso conde de Toreno, tam eminente historiographo como mediocre estadista, a quem a musa offendida de Espronceda capitulou de

Flor de la historia y de la hacienda espuma.

Deixando a digressão e revertendo a Galdós, direi que o não satisfez a notoriedade dos seus *Episodios nacionaes.* Aspirou o illustre asturiano a mais independentes exitos.

Logo concluida a série dos seus quadros historicos, encetou outra de romances de actualidade, *Novelas españolas contemporaneas,* sua parallela e complementar.

Preceder a exposição de impressões analyticas pelo relato descarnado da trama de uma obra de arte é querer que julguem do sêr vivo pelo esqueleto montado, pregado e etiquetado no interior d'um mostruario. Fazer critica como Michelet fazia historia, presuppondo o preliminar conhecimento dos factos, quer dizer dos livros, é, o mais das vezes, no engano do postulado, pôr-se um a fallar uma lingua morta, como no caso do viajante que nos discutisse os pormenores do desenho d'uma cidade exotica, de que, em região de topographia desconhecida, nos faltasse sequer o plano geral.

E, depois, o que importa ao publico não é precisamente apurar as qualidades de engenho que exornam tal ou tal escriptor, os defeitos que o maculam. Muito

principalmente se esse escriptor o é d'um paiz extranho.

Que lucra, com effeito, a Praça Nova em saber que os livros de Pereda, mercê do caracter localista da zona montanheza a que amorosamente se restringem, perdem, afóra d'ahi, grande parte da sua comprehensibilidade? Que ganha em accordar commigo que o Pereda referido é magistral quando se trata de superar a magna difficuldade da naturalidade no dialogo?

É, porventura, da conta das Congostas que o joven Palacio se distinga ou deixe de se distinguir, crescentemente, nas graças d'um estylo, o qual, dia a dia, recupere na consciencia da propria vitalidade? Que faz á Ribeira que Galdós, d'um talento dramatico que, com frequencia, raia na solemnidade hieratica do grande genero, precipite os desenlaces tragicos, como em *Doña Perfecta* ou na primeira parte de *Gloria?* Consentir-se-ha, em boa razão, que, jocunda porque saiba que, só, o padre Coloma conseguisse, no ruidoso romance de *Pequeñeces*, reproduzir, com verdade, o caracter da vida da alta sociedade hespanhola, se metta de fina a Viella dos Gatos?

Esses são casos que interessam o mundo contencioso dos vates; não passam de detalhes technicos, cujo exame gratifica com o tom fastidioso seu peculiar os volumes de critica.

Comprehende-se, visto o prolifico egoismo litterario, a colera de Flaubert nas suas cartas a George Sand, queixando-se da critica franceza e exigindo da censura artistica da sua terra que se circumscreva a decidir da arte pura, não amplificando, não divagando por fóra do compendio, não tractando, como costuma, a proposito e a desproposito, de historia, de politica, de religião, de philosophia.

Mas o que Flaubert não vira é que são precisamente essas divagações que nutrem a critica e que n'ellas as-

senta o interesse das obras de arte como representações da feição moral dos povos de que emergem.

Não supponho que tanto se deva proclamar similhante conceito que se acabe, como Taine, por não considerar o artista senão segundo tal aspecto. Antes dos reparos do mallogrado Hennequin, a individualidade critica assignalavel na França dos nossos dias, era de presumir a falsidade geral da theoria de Taine, dado que n'um mesmo periodo historico um mesmo meio social produz artistas de caracter diametralmente opposto.

Mas o exame directo da obra de arte ou a indirecta inducção, derivada d'elle, para o condicionalismo mental e sensorial do artista não esgotam a tarefa. A segunda maneira de proceder está frisantemente ás vistas na applicação schematica feita a Victor Hugo pelo proprio Hennequin. E é de considerar como um systema, tam auspiciosamente vasto, natural e humano, se acanha e contradiz no exemplo pratico.

De toda a laboriosa investigação do critico parisiense resulta, se é certa, como parece indubitavel, a localisação do inglez Ferrier, do francez Broca, que Victor Hugo tinha extraordinariamente desenvolvida a terceira circumvolução frontal esquerda. Mais seguramente o apuraria um exame directo á massa encephalica do poeta, fallecido e, portanto, em condições. Não merecia a pena tanto trabalho para se chegar a effeito tam chilro, francamente.

O caso é que o duplo processo analytico, agora desenvolvido e esmiuçado em Madrid, pelo unico espirito, largamente notavel de que a Hespanha se orgulhe nos dominios da critica, F. Balart, não educa superiormente nem conclue, porque não generalisa.

Tomando os livros de Galdós, de Pereda, de Valdés, de Coloma e da Pardo Bazan, reputo muito mais séria, do que a de resenhar-lhes os meritos, a empreza de

destrinçar o que, a inconsciente de seus auctores, elles contêm, considerando-os como depoimentos d'uma raça antes do que como themas de collegiaes. O estrangeiro é até o só que póde entregar-se a isto; e creio que a nenhum bretão seria licito realisar essa maravilhosa interpretação critica de todo um povo e d'uma inteira chronica successiva como a levou a cabo Taine para a Inglaterra, na sua historia da litteratura d'aquelle paiz.

Assim, nada mais suggestivo do que, n'este ponto de vista, o estudo das obras recentes da arte hespanhola. Logo se verificará a persistencia das teimosas qualidades e dos acirrados defeitos d'esta vivaz gente castelhana, tam homogenea, quasi invariavel.

Aqui ha de vêr o amigo, mais uma vez, as irreprimiveis affinidades, sociaes e moraes, que nos ligam ao resto da peninsula, conforme d'essa idealidade vaga que torna suspeitoso o trabalho. O typo do brazileiro dos romances do nosso grande e inolvidavel Camillo Castello Branco reapparece-nos, assim, sob a fórma do indiano, caricaturado, com impiedosa injustiça, por Pereda no seu symbolico *Don Gonzalo Gonzales de la Gonzalera.*

E, na technica, como é ensinativo o tom baço, apagado, confuso, em todos elles, os actuaes novellistas, das descripções da natureza!

Feitas com escrupulo, não são feitas com amôr; sente-se que estão por demais, por irremediavel complacencia á necessidade profissional. Extrema-se n'isto favoravelmente a gallega, isto é a celtica, isto é a slava, Pardo Bazan; mas, na frescura das tintas do *Cisne de Vila-morta,* a aptidão resulta ethnicamente regional. Affastada, quasi offensiva para os restantes hespanhoes, graças á modalidade especial d'uma zona ridicularisada, por structuralmente diversa, essa excepção confirma a regra.

Dramatico, ao genio hespanhol competem o homem

e as suas paixões; a natureza para elle é a moldura em que convem se não demore a attenção. E, assim, os ultimos productos litterarios reavivam a surpreza que nos deixa a grande epocha da pintura em Hespanha, rica de todo o genero de pintores, menos de paisagistas.

Sei que, depois do terrôr e do extasis primitivo, fecundo de religiões, a humanidade só tarde volve a entender, a respeitar, a amar a Natureza. Sei que, depois da Hollanda, á França é que cabe a iniciação. Sei que os italianos, mesmo nas perfeições da sua technica, a ignoram e que não seria pelo ajardinado longe, especado e rude, que a tela de Raphael seria o pasmo do mundo, depois de o ser da Sicilia.

Mas, nos hespanhoes, o desconhecimento, o desdem é excedente.

Para elles, o fundo dos seus quadros de movimento é scenographico sempre; e Viardot deveria estender aos outros a observação que produziu com respeito a Velasquez. Quando notou como a natureza, a que erroneamente chama morta, a natureza que se não compõe senão de terra, de verdura e de ceu, lhe não abastava, necessitando de animal-a, de sorte que não fôsse senão *um theatro para as scenas que ahi dispõe a sua imaginação.*

N'aquelle mesmo dos artistas plasticos que mais determinadamente trabalhou a natureza, n'esse inequitativamente esquecido Collantes, de cujas paisagens, segundo o informe de Ch. Gueulette, era Lebrun particularmente amadôr, a acção sobreleva, quer na *Visão de Ezechiel*, de Madrid, quer na *Sarça ardente*, do Louvre.

Penetrando depois no interior dos personagens d'estes novos romances naturalistas, é então altamente instructivo o encontrar, como o apontamos, atravez do modernismo dos processos litterarios, resaltante, o velho

subsolo refractario da alma hespanhola, intolerante, fanatica, torturada da doença dos escrupulos, desconfiada, hyperhumana, normalmente psychiatrica.

Para corroborar o asserto, bastará que lhe diga que dois dos vivos naturalistas (Pereda e a Pardo Bazan) se servem dos methodos actuaes para a prédica do obscurantismo, tal qual como os mortos idealistas Trueba e a Fernan Caballero.

Em seus bosquejos de costumes, é, mesmo, em 1864, Trueba quem, no prologo de suas *Escenas montañesas,* traz pela mão, apresentando-a ao publico, a receiosa timidez de Pereda.

Mas congratulemo-nos, amigo.

Sem perder um momento na sua tarefa santa, vae a Revolução socavando e delindo os sedimentos seculares do formidavel edificio; de maneira que as obras mais bellas da moderna litteratura hespanhola são as mais symptomaticas, são precisamente aquellas que constatam a existencia do problema, já planteado em termos que, como o da esphinge, ou a nacionalidade o resolverá ou será devorada.

Não o será; salva-a a irreductivel tendencia democratica de suas populações. Na peninsula, o absolutismo foi uma demagogia coroada. Assim se percebe, entre nós, o curioso phenomeno do publicismo miguelista, fundando no suffragio universal, na soberania popular, na vontade collectiva a usurpação. Assim se entende o caracter, fundamentalmente democratico, notado já para a Hespanha por Chateaubriand, manifestado hoje por Morel-Fatio. Talmente se deve julgar a tirada de Alexandre Herculano, dizendo que a democracia a viu de caixas ás costas para o saqueio do Porto.

E, dia a dia, a Hespanha avança.

Que valem os sarcasmos derramados, sobre a innocente cigarreira tribunicia, pela Pardo Bazan, condessa pontifical? Que oppõe a resistencia barbara da allucina-

da Agueda, sacrificando o coração proprio e a alheia vida em aras do ciumento Deus de Pereda?

Presentindo e presagiando o futuro, já nas paginas enternecidas de Galdós é para Gloria, para a dôce creatura, sentenceada no seu temperamento de transição, que corre, darwinistamente, a necessidade de succumbir.

Já ahi o protesto da consciencia se revolta contra Dona Serafina, horrorosa na sua candura pietista.

Vae, alarmando, confundindo, sobresaltando. Sempre com os melhores desejos, poisque das boas intenções esteja o inferno vestido e calçado, como se sabe.

Representa, com effeito, a bôa senhora esse mysticismo tradicional, absorvente e inconscio dos males que dissemina em roda; puro na intenção, corrupto na essencia; votando no amôr ao divino as ardencias concupiscentes da carne; idolatrando o Christo com os fremitos d'uma paixão sensual, sim, sensual; aberrativamente hermaphrodita e spasmodico; perseguindo a santidade com furias nymphomanicas; encapotando sob a passageira' resignação da affronta os pacientes rancôres da eterna vingança posthuma.

E, todavia, Dona Serafina, figura, pela concepção e pela realisação, pelo objectivo anatomico e pelo subjectivo verbal, pelo typo e pelo discurso, maravilhosa em qualquer litteratura, proxeneta do paraiso, *Mephistopheles do ceu,* como a qualifica, n'um impeto consciente de legitima basofia, o auctor, pertence á penna sobria e cautelosa, amando deslisar, preferindo insinuar a dizer, do liberal moderado Galdós. Moderado? Radicalmente moderadissimo.

Antinomica e symetrica da colossal creação de Goethe, sobre este felicissimo achado de Dona Serafina, typo audacioso como poucos modernamente e, como poucos, profundo, deveriam incidir os cuidados d'aquelles que, fazendo-o o nucleo e não o accessorio d'uma obra

d'arte, em Hespanha ou fóra, se seduzissem por um projecto, cuja propria grandiosidade o cumúla de perigos.

Tractar-se-hia, nada menos, do que de levantar, de todas peças, a allegoria viva d'uma especie de tenebroso anjo da guarda, sollicitando demoniacamente a alma, inquieta de maternidade, da Margarida symbolica. Sacudindo-a da tentação da supranaturalista virgindade, seu afan insistiria em fazel-a despenhar-se no virtuoso vortice da egoista indifferença á humana miseria.

Na Hespanha, ella, essa figura, phantasticamente desproporcionada, seria mais do que o complemento, ia a dizer que seria a quasi justificação, na sua bestialidade, ao menos alegre e porventura geradôra, das hilares alcoviteiras classicas.

Não pouco, antes, caracteristicamente, immenso coscovilham estas pelas laudas dos livros, nos grandes periodos castelhanos. Pense-se na turba fabulosa de similhante ralé, com cujas aldrabices entretinham os ocios os soldados regressando das Flandres e os maritimos aportando das Indias occidentaes.

Lembremo-nos do auto da *Celestina*, de Rojas; lembremo-nos do volume da *Lozana andaluza*, de Delgado, agora, em perdido exemplar, reacordada pela erudição, satyriasicamente vasculhadora, de Alcides Bonneau, a expensas da ganancia, pouco escrupulosa, do editor especial, Liseux, e a sabôr de uma vasta fermentação cosmopolita de frascarios, velhos e moços, ricos e sem vintem.

Medite-se curto trecho e diga-se, em seguida, se não chegaria para a arte hespanhola o audacioso momento d'uma desforra, mentalmente nobre, moralmente elevada.

IV

Dostoiewsky

Se pulassemos, caro amigo?

Socegue; coisa pouca. De occidente a oriente; de éste a oeste; como quem dissera de norte a sul, de polo a polo, de nadir a zenith. Mas, em espirito, entende-se. Outramente nol-o não consentem nem a magestade de sua pança nem o meu respeito pela assistencia, que nos contempla, escarninha.

Mas é que, havendo-lhe fallado do novellista hespanhol Galdós, cuido que por um processo natural me acudiu ao espirito o nôme do romancista russo Dostoiewsky.

Eis um exemplo d'essas elaborações psychologicas das fórmas inferiores da actividade, ultimamente esmiuçadas pelas subtis buscas de Janet, Pedro, tam achegado á realidade quanto d'ella, podendo-o, sempre se arredava, desgostoso, o ecclectico, seu celebre homonymo, Paulo. Este, agora, enfeixou um grande numero de observações e experiencias sobre o desenvolvimento automatico das sensações, das emoções, da memoria, das percepções, quer similhantes actos pertençam á consciencia normal do homem, quer se apresentem com a apparencia de phenomenos psychologicos inconscientes. Os re-

sultados de tal analyse permittiram mesmo ao philosopho o propôr interpretações da maior parte dos factos do somnambulismo e d'uma doença, hoje, por vulgar, assás conhecida, a hysteria. Póde, assim, ligar ás observações e ás leis precedentes um grande numero de successos que originaram as crendices do espiritismo. Na verdade, o auctor não os considera nem como mystificações nem como manifestações sobrenaturaes, mas, phenomenos psychologicos positivos, como a consequencia d'um automatismo inconsciente exaggerado.

Sem a intervenção d'este criterio, não só, em seus meandros, a psychologia pessoal se nos torna inintelligivel como não poderemos conquistar uma ideia do processo exacto da evolução historica. Para o caso da vida individual, o problema attinge o seu maximo de difficuldade quando tentemos explicar-nos em que, structuralmente, consista, na sciencia, a invenção, na arte, o sublime.

Uma e outra d'estas hyperexcitações da massa encephalica representam, com respeito á producção, o que, em globo e indistinctamente, se convencionou chamar o genio. Mas o que é o genio?

Até pouco, n'este assumpto, declamava-se. Se algo do concerto rhetorico se apurava, era o considerar-se o genio como o quer que fôsse de essencialmente diverso do commum das faculdades. D'ahi as susceptibilidades dos poetas (*genus irritabile vatum*) contra os criticos, os quaes, não sendo capazes de conceber, elles, se permittiam, todavia, apreciar, censurar as alheias concepções.

Sem embargo de suas rajadas, por vezes eloquentes, tocadas do genio, ellas mesmas, a espontaneidade do publico collocava-se do lado dos criticos. Inconscientemente tambem, elle apercebia-se que a causa d'aquelles era a sua. E não só a sua, senão tambem a dos proprios poetas.

Com effeito, se o genio não fôsse criticavel, a admiração por suas obras espessificar-se-hia no extasis ignaro dos fieis, atordoados pela exhibição de incomprehendidos mysterios. Não poderia satisfazer as exigencias de elevados artistas.

D'estes, os que sentiram como o seu orgulhoso conceito os abstrahia, por completo, dos restantes mortaes, abysmaram-se no melancholico esoterismo de não publicar senão para os seus congeneres, em edições limitadas, inaccessiveis pelo preço, ou até não expostas á venda, particularmente distribuidas, como uma senha na fileira. Todavia, n'isto mesmo, o orgulho os punia pelo castigo d'um facto psychologico parallelo. É que, intelligiveis, todos, ao publico, os artistas são, mais ou menos, inintelligiveis entre si. Fundamentalmente differenciados, pessoaes, um não cabe na idyosincracia divergente, por egual differenciada, do outro. Tal se interpreta o rancôr reciproco das academias, as hostilidades das escholas, que, banal e baixo, hão sido referidas, com parcialista exclusivismo, ás vaidades e ás invejas antinomicas. Emquanto que, virtualmente, o publico contem todas as maneiras diversas que, por exclusão, se apoderam dos cerebros privilegiados. É, possuindo tudo, a massa amorpha, por cujo tecido a vibração se póde prolongar; é o teclado, inerte mas sem corda alguma partida, onde todas as correntes são transmissiveis.

Quer dizer, a idealidade concepcional é mais e menos do que a racionalidade analysavel. Mais, porque inventa. Menos, porque ignora. Mais, pela profundidade. Menos, pela extensividade.

N'uma palavra, occupando, só, determinado departamento do espirito, o genio é, no seu campo de acção, a mesma coisa que, intensa, a simples intelligencia.

Sómente — mas é tudo — a diversidade, que não está na essencia, somma-se da força. Não structural,

mas funccional, a differença não é de qualidade mas de quantidade.

Assim se póde chamar, sem desrespeito, desequilibrado ao homem de talento. Só por ser desequilibrado é que elle tem merito. O talento não é outra coisa do que o desequilibrio das faculdades.

N'esta ordem de ideias, torna-se claro o que parece paradoxal, isto é que não ha nada mais imbecil do que o genio. Mozart era quasi idiota; e a triste chronica da loucura registra um semnumero de notabilidades. Taes factos auctorisaram, ha trinta annos, o dr. Moreau (de Tours) á sua escandalosa these de que o genio não passava d'uma nevrose. Em nossos dias, retomou-a, com a sua audacia peculiar, o italiano Lombroso, que soube (é o seu grande titulo) correlacionar as divergencias, varias, do typo ancestral. Estabeleceu o parentesco entre o alienado, o politico, o criminoso, o genio, a virtude. Determinou que tudo derivava d'uma diathese epileptiforme commum.

De resto, confusa, de todo o tempo, esta ideia foi sensivel. Os antigos reduziram-a a adagio; pronunciavam que *nullum magnum ingenium sine mixtura dementiae fuit*. Esse grão de loucura germina nas hallucinações e nos vicios: é alcoolismo em Edgar Poë; theologismo em Isaac Newton. Demonio familiar, o dr. Lélut escuta-lhe os tôrvos dialogos com Socrates. Feliz a humanidade por haver doidos; ai d'ella se os não houvesse! O exegeta Soury espia nas narrações evangelicas a marcha progressiva da loucura de Jesus Christo. Mas a sã physiologia, a ponderada normalidade chama-se José Prudhomme.

Emquanto puro, contestar-se-ha, porém, que o genio se distingue, como se disse, porque inventa, quando a intelligencia não póde mais do que conhecer. Affigura-se, pois, logica a conclusão de que sejam coisas diversas. Aqui habitava a grande difficuldade em contra da theo-

ria apontada. É este torpeço que a psychologia moderna procura remover.

Todavia, antes mesmo das recentes investigações, convem advertir, que, encaminhando-se aliaz por furtivo atalho, a critica conseguira, ainda assim, abater no desnorteadôr pasmo, provocado, subjugadoramente, pela analysanda energia.

Com effeito, as possibilidades de sua invenção são circumscriptas pelo perimetro da cognotividade da epocha em que o genio se exerce. Os maiores pensadores dos periodos classicos não conseguiram eximir-se das abusões do seu tempo. Não lhes foi dado conceber a diferenciação da marcha evolutiva senão em ambitos curtos.

Esclarecerei quando diga que me refiro á impossibilidade que teve, por exemplo, um Aristoteles em suppôr realisaveis sociedades ás quaes fôsse dado viver sem escravos. É a mesma impossibilidade critica de que, hoje, todos nos damos conta para prevêr o arranjo d'uma humanidade, agora, sem salariato. Se bem que a vastidão da experiencia accumulada nos permitta uma mais larga previsibilidade, é certo que apercebemos já que o salariato tende a eliminar-se, substituindo-se as condições presentes do trabalho. Todavia, não conseguimos entender como o phenomeno passará, quando passará e o que desentranhará em modos futuros.

Mas ha mais. Averiguou-se que a invenção do dia é, logicamente, a unica possivel e não só a unica como aquella que decorre proximamente da invenção anterior. Isto é, que o genio não avança a grandes pernadas; como não a natureza, segundo o aphorismo linneano, assim elle não salta tambem.

Esta admiravel observação reintegra-nos na doutrina evolutiva. Aferrolha o genio no percurso do desenvolvimento collectivo. Por assim dizer, democratisa-o. Proudhon insurgia-se contra a divisa do Pantheon; queria que

os grandes homens fôssem reconhecidos á patria, não esta áquelles. O genio, na verdade, deve-se ao conjuncto das noções laboriosamente encelleiradas e sem ellas não existiria. A gloria nasce da treva; o nôme é a efflorescencia do anonymato.

Isto não é uma aspiração moralista, é um facto realista, uma doutrina concreta.

Largamente exemplificada, penosamente apprehendida na série dos seus élos, verificou-se miudamente na cinematica, considerada não como a mechanica racional, a phoronomia, a sciencia do movimento em abstracto, mas como a theoria geral das machinas. Demonstrou-o um allemão, francez de appellido e d'origem quiçá, aquelle mesmo delegado á exposição de Philadelphia que revelara a inferioridade da industria germanica, Reuleaux.

É certo que d'aqui não póde deduzir-se uma methodologia das descobertas, o que seria uma preciosidade. Abreviaria o tempo; dispensaria as tentativas; perdoaria os enganos. N'um momento, estariamos com uma formula synthetica do universo. E, de posse do saber absoluto, ficava-nos a eternidade para nos aborrecermos. Mas é certo, outrosim, que logramos submetter á disciplina do entendimento o que, incoercivelmente, se nos queria escapar. Condensamos, n'uma construcção scientifica, a nevoa litteraria. Approximamos a solução.

Permanece, comtudo, o nó do enigma.

Logo que a especulação humana attinge um dos provisorios pontos culminantes de sua textura, o corpo das noções estaciona. A cerebração commum circumrodea-a, sem conseguir mais do que acclarar minucias, aperfeiçoar detalhes. Até que o homem de genio surge, a tomar conta da questão. Distingue-lhe uma inopinada face, desdenhada; projecta sobre ella um meditativo filete. Insiste e acaba em resolver o embaraço, propellindo a marcha com destino a paragem subsequente.

Como faz elle isto?

Perguntado Newton pelo segredo das suas descobertas, respondeu, com singeleza, que se resumia em pensar persistentemente sobre o assumpto. Julgo que esta afamada replica não tem valôr critico. Newton confundiu, dizendo-a, os dois momentos, essenciaes, sim, mas diversos e successivos, da elaboração psychica. Um é o da ideia originaria; o outro é o do trabalho comprovativo.

Para mim, o processo de ideação da descoberta passa por tres instantes, bem particularistamente categorisaveis.

O primeiro consome-se na acquisição do problema, no seu conhecimento, na sua relacionação com os elementos connexos, na sua proporcionação com os lemmas da sciencia geral.

O segundo é o da explosão na consciencia, por isso, genial, d'uma ideia que *talvez* resolva a difficuldade.

O terceiro é o da ulterior verificação d'esta presumpção. Ahi vem examinar se os phenomenos conhecidos se comportam dentro da ideia concebida. A esta chama-se hypothese nas sciencias physicas. Nas sciencias sociaes, rehabilitando o vocabulo, Augusto Comte propoz que se lhe chamasse utopia. E a comprovação opera-se pela analyse mathematica, pela observação empirica, pela experimentação, pela collacionação historica, consoante a especie e o genero do phenomeno de que se tracta.

A primeira e a terceira d'estas phases mentaes não exorbitam da mera intellectualidade. A segunda é a região monopolisada pelo genio.

Este póde ensinar-nos como conseguiu provar a verdade da argucia que engendrara. Não póde dizer-nos como imaginou a explicação que imaginou.

É, em grande, o mesmo que é, em pequeno, aquillo que os mathematicos chamam os artificios de calculo. Permitte-se a Bertrand o compendiar para os alumnos

exemplos classicos d'esses artificios. O que lhe não é licito é d'essas synopses extrahir regras, o que, precisamente, é o que interessaria, transformando a dexteridade analytica dos privilegiados em principios accessiveis a toda a gente.

Essas engenhosas modificações, que poupam a paciencia do calculador, exigem, muitas vezes mesmo, confessa Bertrand, um verdadeiro genio de invenção.

Ora eis ahi. É o caso geral do genio em geral.

No fim e no principio, é consciente. A meio, elle é absolutamente inconsciente. Succedeu; rebentou; veio-lhe aquella ideia. É o mais que póde titubear.

Dois exemplos me justificarão.

Suspeitando Newton que a influencia da attracção terrestre, a gravidade, poderia chegar até á lua e ser a força que a obriga a girar em volta da terra, calculou que, pelo seu movimento na sua orbita, era desviada da tangente treze pés por cada minuto. Averiguando, porém, o espaço que percorrem n'um minuto os corpos que cahem sobre a superficie da terra, e suppondo-o diminuido na razão inversa dos quadrados, resultava que a attracção na orbita lunar deveria ser, para um corpo collocado n'ella, de quinze pés por minuto. Por isso, considerou a sua hypothese como insustentavel por aquella occasião. Mas succedeu que Picard, pouco depois, levou a cabo com maior exactidão uma nova medição de um grau. Isto mudou o tamanho calculado da terra e a distancia da lua, que estava medida em semidiametros terrestres. Newton reatou, de nôvo, os seus calculos; e, quando ia chegando ao fim, prevendo que a concordancia era muito possivel, tal foi a sua agitação que se viu obrigado a pedir a um amigo que os concluisse. A hypothese era fundada.

N'este grande caso se verifica a tripla phase mental apontada.

Sem a fixação das tres leis de Kepler, sem as correc-

ções de Picard, não poderia Newton conceber e comprovar a generalisação que o conduziu ao principio universal da attracção. Concebido o plano, a concordancia pela analyse póde ser commettida ao simples talento erudito, como Newton terminou por o conceder á competencia do seu amigo. Conforme, n'um problema subsidiario, o fez tambem Descartes, solicitando d'um collega, em cartas recemconhecidas, que prosiga na investigação concreta, visto lh'a prohibir o haver esquecido como é que se extrahe a raiz quadrada d'um numero.

Nenhum dos contemporaneos de Kepler acreditou na lei das areas nem ella foi acceite até á publicação dos *Principios* de Newton. No conjuncto, a astronomia ia passando pelo processo subjectivo que defini como o das invenções.

Esta presumpção philosophica é corroborada historicamente por Draper. Quando marca para os progressos astronomicos tres pontos de referencia. O periodo da observação dos movimentos apparentes dos corpos celestes; o periodo de descobrimento dos seus movimentos verdadeiros e, em particularidade, das leis das revoluções planetarias, demonstrado designadamente por Copernico e Kepler; o periodo do descobrimento das causas d'essas leis.

Esta foi a epocha de Newton.

A passagem do segundo ao terceiro periodo dependeu do desenvolvimento da dinamica, ramo da mechanica que permanecera estacionario desde os tempos de Archimedes ou da eschola de Alexandria.

Mas como foi que Newton sentiu a suggestão da sua generalisação? Volta (sempre) o mysterio, qualificado pelo genio.

A astronomia, ainda, offerece, modernamente, outra comprovação do processo psychologico, mas mais flagrantemente objectiva, se é preciso.

Depois de diversos trabalhos sobre o systema solar,

notadamente sobre os limites da inclinação das orbitas planetares e sobre a theoria de Mercurio, Leverrier emprehendeu, pelo calculo, a procura d'um planeta, de que as perturbações de Urano faziam suspeitar a existencia.

Em 1840, havia, com effeito, em Koenigsberg, observado Bessel, um dos fundadores da astronomia moderna, certas irregularidades no movimento de varios planetas e inferira d'ahi que as devia causar um corpo celeste não conhecido ainda.

Observadas tambem pelo illustre astronomo francez Leverrier, o Laplace do segundo imperador, como injustamente o designou o justo sarcasmo de Hugo, elle fez mais, completou a conjectura, comprovou a inducção, pois fixou, por intermedio de calculos mathematicos, o caracter e orbita d'esse corpo, ainda não visto por ninguem, até que o indicou n'um ponto um pouco além de Urano.

A 23 de setembro de 1846, fez conhecer o resultado do seu admiravel trabalho. N'esse mesmo dia, o astronomo Galle, de Berlim, procurando, com o seu telescopio, o planeta annunciado, encontrou-o quasi exactamente no logar que se indicara. Chamou-se-lhe Neptuno. Um astronomo inglez, Adams, chegara, ao mesmo tempo, a identico resultado; mas d'estes dois sabios, que ignoravam reciprocamente os trabalhos um do outro, Leverrier foi o primeiro a publicar o seu.

Esta simultaneidade, frequente nos resultados dos progressos criticos, confirma tambem a theoria de Reuleaux. E é de molde a prestar-se a considerações de natureza philosophica, que subordinem a evolução mental a leis geraes, tam amplamente comprehensivas como as que regulam a evolução cosmica ou o desdobrar organico. Mas o que, no caso restricto, nos interessa é que as investigações de Leverrier e Adams se precedem da supposição de Bessel. N'esta, mais uma vez, actúa o

estimulo da dissimulada força, incognita na sua integralidade, cujo caracter cumpre, tarde ou cedo, desenhar.

É do estimulo inconsciente, chamado genio, inspiração, *quid divinum;* é d'esta sobrecarga de epithetos, disfarçando a nossa ignorancia, que se tracta de espreitar a natureza e a emergencia.

N'este escabroso e melindroso terreno, a gloria da iniciativa honra os metaphysicos naturalistas do nosso tempo. Como se sabe, tal exame constitue a base do systema transcendental de Eduardo de Hartmann. Afastando-se do seu mestre, Schopenhauer, elle considerou a natureza como real, não como a burla mystificadôra d'uma decepcionante *maya*. Na progressiva convergencia da energia inconsciente que n'ella lateja, alma do cosmos, tentou surprehender-lhe o mysterio performante.

Filtrada, é a fórma moderna da medievica ideia mystica d'aquelles escholasticos que assemelhavam o mundo a um organismo. E Oscar de Schmidt não attentou em que a doutrina da evolução, propellida ás suas extremas consequencias philosophicas, navega em analogo roteiro. Já o traductor Soury, nas correcções do seu prefacio, o apercebeu. Outro sentido, quer o vejam quer o ignorem elles mesmos, não inclue, por um lado, o idealismo materialista d'um Lange, por outro, o materialismo monista d'um Haeckel. Este desce o bocejo animico até á psychologia cellular; mas d'ahi a vencer a méra physiochimica não falta muito.

O systema Hartmann foi até hoje considerado quasi tam só pelo aspecto insocial das suas consequencias ethicas, pelo funebre corollario do seu pessimismo moral. N'elle ha mais, porém. E a theoria do inconsciente acaba de receber uma ajuda imprevista nos estudos medicos da dupla consciencia, do hypnotismo, da suggestão, da telepathia e outros congeneres.

Não é este o ensejo e menos o sitio de espevitar a curiosidade em tam arido thema. Demasiado n'elle me

tenho esquecido. Basta, pois, que consigne que o processo inconsciente, que no seu paroxysmo é o genio, é o mesmo popular, generico, possuido por todo e qualquer homem, aquelle que suggere o ardil ao demandista, que aconselha a evasiva á creança. Subindo, nobre, é ainda o mesmo que dicta a imagem ao poeta, que tece os periodos ao improvisadôr e que, mesmo a mim, porque fallara de Galdós, me fez fallar de Dostoiewsky.

Qual o motivo d'esta evocação do russo?

Que affinidades ao ibero prendem o slavo?

Pensando n'isto, *après coup*, julgo que foi a vibração actual d'uma releitura a que volvi com intimo sobresalto. Tracta-se dos dois enigmaticos, assombreados volumes, proprios á estante d'um occultista, *Esphinge* e *Realidade*.

Redigidos á maneira d'uma peça de theatro. No rigôr de rubricas de scenario, dialogam as *dramatis personae*. Proscripto o fastidio de retardantes descripções, esta habilidade de composição mostra a garra d'um ensaiador experiente, d'um artista consummado. Todo o interesse vive da narração. Assim, *Realidade* pôde facilmente reescrevel-a agora o auctor para a ribalta. Não sei se teve exito em Madrid. Não deveria ter. É uma crise psychologica, esfumada, contradictoria. A realidade póde mesmo ser até a esphingica. Não se sabe alli onde começa o pesadello, como não se sabe onde elle acaba em Dostoiewsky. É um abuso de talento que pertence ao livro, que excede o poder de attenção, direi de comprehensividade, das turbas agglutinadas em banquetas de espectaculo. Tem de se meditar com pousio, de se digerir com pausa, e até em especiaes disposições.

Composição estranha! Agita-a um bafo môrno de loucura raciocinante. Na realidade, exorbita da realidade. Tanto mais congestionante que é plausivel e o seu phantastico não é sobrenatural, mas realista, visto como seja natureza ainda a natureza morbida. Pende-se no cairel

d'um vortice de iniciação; pés nús, sente-se um andando sobre o fio de navalhas. Não se sabe até como o auctor cataloga esta obra na lista positiva das suas novellas contemporaneas. Cabe alli pelo titulo por que entram no quadro da *Comedia humana* os chamados *Estudos philosophicos*, de Balzac.

Pela coexistencia no espirito do escriptor das duas antagonicas tendencias, a da verdade e a da chimera, a salutar alegria, a enfermiça tristeza. Vago, quando, em companhia do nosso distincto collega, Gualdino de Campos, me encontrei com Galdós no modesto quarto-andar do vistoso palacio da *Castillana*, magoou-me o demacrado das suas feições mysticas, o emaciado dos seus olhos de soffrimento.

Nos livros de que fallo, o mesmo contraste de *Seraphita* para com *Birotteau*. Não bem o contraste. O exaggero, o predominio de caracteristicas, só epidermicas nos demais volumes.

Sem embargo, a realidade, n'este seculo rigoroso, exige. Assim, a bondade superlativa, a bem dizer criminal, de Orozco torna-se suspeita ao proprio auctor. Insinua-nos que elle é zona onde alastra o pavoroso deliquescimento da paralysia geral. Por tal rebordo se solda uma das adherencias d'este grande talento meridional com o genio do moscovita.

Terrivel coisa é o conceito da bondade entendida como uma fórma de psychica degenerescencia. Mas elle é profundo. Conformemente, no agiologio dos ascetas, interpretam a santidade os psychiatristas italianos. Na legenda dos heroes pela abnegação, a bondade é, certo, inorganisante. O seu effeito seria, nas suas consequencias, a revertencia ao amorphismo. Isto é evidente, como na aggravação buddhica, logo que a caridade se estende por toda a natureza viva, comprehende o malfeitor, desdenha a justiça. O bem collabora, pela resignação, no triumpho do mal. Se S. Bernardo bebe azeite por

agua, Çakia-Muni entrega a carne do braço aos famintos colmilhos de leôa.

Por tal via, a intuição do artista acompanha a tarefa dos sabios. Qual na revelação do criminoso, Dostoiewsky precedeu os criminalistas experimentaes. Em termos de que Garofalo pôde encetar a descripção do typo delinquente pela reproducção da cruel physionomia arrancada ao tremendo memorial das *Recordações da casa dos mortos.*

De resto, todas as figuras d'aquelles dois volumes complementares são atrozes pelo martyrio. O auctor vinga-se, mesmo, da objectividade extreme a que haja de, obrigatoriamente, se victimar, representando-a na mascara abominavel de Joaquin Viera. Excepto com este, viajamos, de complicado discernimento, n'um symbolismo convulso.

Como julgar Federico? Elle mais parece o desesperado arranque d'uma nacionalidade esgotada. É o estertôr na crapula d'uma raça, maldita pelo odio ao trabalho, sublime pelo lealismo do coração. Recuperando-se pela morte, generoso e manchado, é o porta-voz d'um povo; o escholio d'este fim de seculo decadente ao epilogo do grande seculo; a resurreição, em infame, de D. Quichotte.

A impressão de conjuncto resolve-se n'um terrôr sincero. Novamente, nos reencontramos com Dostoiewski.

Como com este, arripia-nos um panico indominavel; gela-se-nos o tutano dos ossos. D'onde sopra esta respiração de sepulchros?

Em Dostoiewsky o anathema, que nos esmaga, da sombra é formidando. Os criticos têm-se preoccupado do immenso effeito. O visconde de Voguë, que foi quem viu mais fundo, julga decifrar a incognita, comparando o terrôr de Dostoiewsky com o de Edgar Poë. O do americano é facticio; ingenuo o do slavo. Emquanto se sente que Poë, rindo, se mofa do leitôr, em Dostoiewsky constata-se que, de todos, o mais assombrado é elle.

Isto é indubitavelmente exacto. Mas consignal-o não derime. Porque é que isto é?

Usando e abusando da sua copiosa technica scientifica, ás situações agudas Poë retira-as da confusão da intelligencia. De costume, o seu terror é, mesmo, materialista. É a vida animal que hesita, sossobra; alancêa um medo physico. Em *Hop-frog*, elle flammeja no incendio dos archotes humanos, evidentemente tomado do desastre da dansa dos ardentes, em que Carlos VII esteve a pique de succumbir. Mas nota-se que, da bacoquice do publico, o escriptor ri para dentro. Vê-se que está convencido de que a mystificação, com a condição de persistir litteraria, a avalia como a suprema manifestação do genio. Irrita, pois, a bonhomia malevola com que se narra o horror; e a emoção só volve a despontar ou na movida pressa de Michelet ou até na fria pachorra do indifferente relato de Froissart.

Aquella especie de communicação desdenhosa topa-se, actualmente, com Gustavo Flaubert, na prodigiosa mystificação posthuma de *Bouvard et Pécuchet*. Antes de Flaubert, concebera Villiers-de-l'Isle-Adam a ideia d'esta burla, caricatural da sciencia. Mas o que ignora Racot, que o revindica para este, é que, primeiro que os dois, nos nossos tempos, a iniciara Alphonse Karr. Digo nos nossos tempos, porque o seculo XVII e o seculo XVIII estão cheios d'estes absurdos, buffos, impios tentamens, ahi justificados por um prejuizo moral, pelo fanatico proselytismo jesuitico de reacção catholica.

Em Dostoiewsky, porém, nenhuma d'estas revoltas satanicas, d'estes ludibrios da intelligencia, ridicularisando-se. Este não-catholico não é um virtuose da fé; é um crente. A sua litteratura, de livre-pensador, é christã, no sentido socialista do vocabulo. As miserias humanas cobrem-o do seu opprobrio; os heroes detesta-os, porque vencem, são os felizes, amimados da luz. Insultantemente, indignado do favoritismo do sol, vae-se

á penumbra, a consolar, a glorificar. Faz-se o cantor dos humilhados e dos offendidos; é o titulo d'um dos seus poemas em prosa. Dá-se a dedilhar a epopêa dos simples; menos do que dos simples, dos ridiculos. Não ri dos grotescos; uma ineffavel compaixão sorve as amargas, as lagrimas vergonhosas dos desastres da plebe.

A infinita bondade da alma slava principia a conhecer-se sob este aspecto, no pequeno conto do *Capote*. Mas o lyrismo de Gogol sacrifica ainda á ironia occidental. Em Dostoiewsky descobre-se esta imprevista impressão, o dilaceramento na trivialidade.

Quem gargalhará do amoroso repudiado das *Noites brancas*, que assim se chame a certas tardes, intermittentes de luz, de Petersburgo? Quem rirá da famelica, feia turba dos burocratas subalternos do *tchin*?

N'este lance, cuido que rapidas transcripções melhor frisarão este condicionalismo moral, que não é commum nas nossas perversas litteraturas. Só em Dickens se lobriga um parallelismo.

Formado na eschola de Gogol, como este, Dostoiewsky faz tambem nascer um sorriso que esconde lagrimas. Escolhendo, para alvo de seus estudos, a classe media, a dos pequenos empregados, põe a nú as suas luctas e os seus soffrimentos de cada dia. Os protogonistas da sua *Pobre gente* apresentam-se-nos com fraquezas e por lados frequentemente comicos. Comicos, porém, d'um ridiculo que justamente Courrière capitula de desgarradôr. O que de mais triste, por exemplo, do que vêr Pokrovsky, esse infeliz velhito, que a tyrannia da esposa fez dar em borracho, a seguir o corpo do filho, moço estudante, morto tisico?

«O carro funebre partiu a galope. O velho trotava atraz, e chorava alto; os seus soluços tremiam, porque lhe faltava a respiração. O pobre homem perdeu o chapeu e não parou para o apanhar. A cabeça ia-lhe sendo molhada da chuva, o nordeste glacial fendia-lhe a figura. Parecia que não dava fé do frio; do passo que ia vertendo

as suas lagrimas, corria óra d'um lado da carruagem óra do outro. As abas da sua velha casaca desdobravam-se ao vento, como azas. Em todos os bolsos, dansavam-lhe livros (eram os livros de seu filho); levava, seguro na mão, um enorme cartapacio. Os transeuntes descobriam-se e faziam o signal da cruz. Outros paravam e olhavam com piedade aquelle pobre velho. A todo o instante, os livros cahiam-lhe dos bolsos, na lama. Detinham-o; mostravam-lhe o que havia perdido; elle levantava-o e corria para apanhar o esquife».

Como é cruel a farça d'este quadro! E então a aventura d'esse empregado em tal maneira misero que era obrigado a ir para o ministerio com as botas arrombadas e o casaco rôto nos cotovellos? N'uma das suas copias saltara uma linha inteira; é chamado perante o chefe da repartição para se desculpar. Conta d'est'arte sua ignominia:

«Eu queria abrir a bôcca para dizer alguma coisa e pedir perdão, mas foi-me impossivel. Deitar a fugir, não ousara. Foi então, minha querida amiga, que me aconteceu uma esquisita aventura, e, quando n'ella penso, mal posso segurar a penna, de tal modo me acho ainda todo envergonhado. O meu botão — que os diabos o levem! — o meu botão, que se não tinha mais que por um fio, desprendeu-se de repente, saltou, rolou com ruido e foi no encalço dos pés de Sua Excellencia. — E isto em meio d'um silencio geral. Era essa toda a minha justificação, a minha desculpa, tudo o que eu queria dizer a Sua Excellencia. As consequencias fôram terriveis. Sua Excellencia fixou immediatamente os seus olhares na minha figura e no meu vestuario. Eu quiz apanhar o botão, mas tinha perdido a cabeça. Abaixei-me para o erguer, mas elle rolava, rolava, de modo que me foi impossivel. Posso dizer que fui d'um desastramento exemplar! Senti então que as ultimas forças começavam a abandonar-me, que a minha reputação, que tudo, tudo estava perdido... Emfim apanhei o botão, levantei-me, endireitei-me, e, como um imbecil que estava, deveria ficar quieto e pousar as mãos na costura das calças! Mas não! puz-me a ajustar o botão ao fio arrancado, como se elle se podesse segurar, e o que havia de mais esquisito é que estava a sorrir!»

A par do irrisorio do caso d'este infeliz, não se experimenta uma acre commiseração ao presencear o degradante aviltamento a que a pobreza reduz a dignidade humana?

Mas a piedade transmuda-se em indignado fremito,

logo que nos internamos na espiral. No episodio do *Marido de Akulka,* é com um mixto de repugnancia e pavôr que ulula, em nossos ouvidos, o grito mortal da rapariga que, n'um zeloso assanhamento, o feroz aldeão retalha, despedaça a chicotadas: — *Não me batas mais, não me batas mais, que te lavarei os pés e, depois, beberei a agua!*

Com o *Crime e castigo,* eis-nos no derradeiro circulo infernal, no cyclo do gelo. Para o refinado paladar europeu, esta obra prejudica-se um tanto pelo titulo, que parece antegostar a insipidez d'uma these moralista. Apesar dos seus enormes defeitos, ella é, comtudo, a mais espantosa concreção de horror que existe em qualquer litteratura. M.me Clémence Royer assegura que, só, Shakespeare attinge uma tal penetração do crime.

Mas, no *Macbeth,* a criminosa é de raiz; não nos sentimos congeneres. Intellectual, o interesse é de curiosidade. Mais geralmente humano, o criminoso, esse, assignala uma pusillanime influenciação. Menos nos reconhecemos, ainda que não seja senão por amôr-proprio. Emquanto que, com pasmo, todos se apercebem, mais ou menos, Raskolnikov.

Sob o influxo de circumstancias similares, todos tremem de analoga accidental depravação do espirito. E aqui está o motivo do especialismo do terrôr que promove Dostoiewsky.

Elle não é exterior, nem mesmo critico, mas estrictamente moral. Subjectivo, profundo, não é um medo physico. É, como na tragedia grega, a oppressão do destino sobre a liberdade do homem. É um panico pelos sentimentos mais ancestraes, mais fixos. É uma crise toda de coração, em que, sentindo perder os pontos de appoio analyticos, nos vêmos a afundar-nos n'um naufragio de vergonha irremissivel.

Em Dostoiewsky, mau grado a concessão contemporisante da segunda parte da obra, agonia-nos o inex-

piavel. Comprehendemos que o arrependimento não salva; que o infernal caracter do crime consiste em segregar o homem dos demais homens, em o separar, o destacar, o isolar; em fazer morrer um, de vez, ambulante e extincto. Scissiparo, não proliféra, como o gômo vivo; despega-se, como o cadaver. E Raskolnikov reconhece, com os cabellos hirtos e um frio suór na alma, que já não é mais. Nem mesmo para sua mãe, que idolatra e de que arreda sua lepra, qual de pessoa tam estranha como o mais remoto dos estranhos.

Ultimamente, ha dez ou doze annos a esta parte, alargou-se o conhecimento da litteratura russa, mercê da vulgarisação, pela livraria franceza, de traducções multiplas, das quaes as mais conscienciosas parece sêrem as de Dérely, as mais *arregladas* as de Hépherinski.

De longa data, porém, se poderia possuir abundante noticia, pelas versões primeiras de Viardot, de Marmier, de Mérimée, mais cedo ainda pelas olvidadas de Chopin. Colorido, um painel synoptico o exhibe, no eloquente opusculo *Nova phase da litteratura russa,* a ferrea penna de Herzen (Iskander), um dos mais nobres espiritos que honram o revolucionarismo do seculo.

A romanesca, sublime tragedia do terrorismo nihilista attrahira as miradas da cultura occidental para o myrionymo enigma slavo. Uma estupenda anciedade defronta com elle hoje, em face da conjecturada alliança franco-russa.

Na dura lição da experiencia, a França terminou por readquirir a percuciente sagacidade analytica, que é a feição dominante do seu genio. Percebeu que o sentimento philanthropico d'uma falsa democracia devaneadôra, longe de a guiar por uma pieguice de rosas, a maltractara em senda de abrolhos. Reviu que a preponderancia material era ainda, no estado inferior da humanidade, a condição indispensavel para o exercicio, intenso, da sua necessaria e fecunda orientação superior da civili-

sação. Sentiu que lhe não bastava ser potencia de primeira ordem para as academias mas que cumpria o volte a ser tambem para as chancellarias. E comprehendeu que a essa preponderancia, diminuida pelos desastres de 1870 e continuamente prejudicada pela ameaça, no successivo, oriunda da Allemanha, seria pueril procurar-lhe amparo e ajuda no concurso affim da raça latina.

Das nações d'esta variedade ethnica, as unicas, por sua densidade e recursos, registraveis são, como se sabe, a Hespanha e a Italia.

Ora, a Hespanha não só se encontra n'um abatimento, militar e, sobretudo, monetario, tal que lhe não permitte ensanchas para longas emprezas, como, pelo separatismo dos seus interesses, perdida no canto do mundo; pelo caracter de reaccionarismo e incapacidade dos seus dirigentes, liberaes ou conservadores; pela timidez egoista das suas altas classes e pela atonia moral do seu povo, não conta. Resta a Italia. Mas a Italia é a inimiga natural da França.

Inimiga por certo voltairianismo caserneiro, que se allia, naturalmente, a uma grosseira supersticção fetichista. Emquanto na França o elemento clerical é ainda uma força consideravel, graças, na raça, á resistencia, da piedade celtica que, em especial no mundo feminino, a propaganda jesuitica exacerba e corrompe, a Italia é o paiz mais livre-pensadôr do mundo, ou antes o mais clerophobo.

N'esta corrente de interpretação sociologica, ha uma parcella de verdade nas brutaes injuncções de Crispi, quando accusa a França de clericalismo. Sómente o que Crispi se guarda bem de dizer é que a popularisação das ideias novas em França tem conquistado tal terreno que foi licito a Ferry o seu golpe-de-estado escholar, que se habilitou Freycinet a comminar o repudio da Concordata e que se forçou a si mesmo a

mão o papa Leão XIII, com o recente, extraordinario desvio do catholicismo na direcção da republica.

Mas, se a França é republicana (mais para o typo romano do que para o americano) e, em certa maneira, catholica, a Italia é atheista e monarchica. Anticlerical, pela urgente carencia do civilismo de Roma. Sem esta por capital, a unidade da patria, inconsistente, perde o seu centro de gravidade. Concorrentemente, o catholicismo não póde resignar-se a vêl-a roubada ao patrimonio de S. Pedro. Monarchica, porque, só, o centralismo dynastico é provisoriamente compativel com a ardua aggregação das parcellas d'um todo, desconjunctado por seculos de calamidades historicas e sobre cujo difficil soldamento não transcorreu ainda o tempo preciso para que desappareça o perigo de se fraccionarem em nova dispersão.

Assim, o generoso republicanismo d'um Cavalotti não póde revestir outro caracter do que o d'um symptomatico prenuncio do futuro. Não é uma realista plausibilidade do presente. Impede-o de ser popular, em parte, mesmo, o, d'alguma maneira, ser, sem que o pense, impatriotico. As nações que não se dissociam, como Portugal, inspiram-se do sentido mysterioso dos seus interesses, nunca do theorico abandono altruista, que, tarde ou cedo, bate na cabeça do magnanimo. Esta é a incomparavel gloria da França, mas só d'ella; o que a torna exemplo unico na historia e o que legitima a palavra de Victor Hugo, de que todo o homem tem duas patrias, a sua primeiro e a França depois. Só, em Paris, insurrecionado, o povo se arrisca ás espadeiradas da policia por motivo da Polonia. Esta jacobina nobreza foi que levou á guerra d'Austria Napoleão III, sob os applausos, pouco criticos, do liberalismo. Com a sua brutalidade de uso, um dos previsôres do conflicto superveniente, hoje tocando o hyperagudo, Proudhon, bradava, em 1861,

que tal conducta provara *até que grau de imbecilidade cahira a democracia franceza.*

A crise não se funda na impossibilidade em que a Italia se encontra de completar a incorporação nacional, ainda defeituosa, pela revindicação da porção italiana ao disparatado syncretismo que se chama a Austria. Uma alliança com a França victoriosa poderia permittir-lhe esta aspiração. Não corroe até o virus da acquisição plebiscitaria de Nice e da Saboya. Seria por isto correr um risco excessivo. Não valeria soffrer, como occorre, a temivel represalia, financeira e commercial, emanada dos gabinetes de Paris. O desejo não compensa, antes alarma pelo exito, porque vae debilitando, tornando insusceptivel da acção vindoira.

Portanto, o machiavelismo, proprio do genio italiano, pratico e ingrato, não basta a explicar-nos o phenomeno do rancôr da Italia contra a França. Seria uma perfidia inepta. Esse odio é demasiado intenso para não ser sincero, e ao pé da sua violencia a tudesca é macia. O eminente grammatico pela historia, Brachet, encarregou-se de organisar, n'um folheto ruidoso e fundamental, a demonstração documentada d'esta furia transalpina.

Cuido, porém, que o seu melindre francez, revoltado com justa razão, lhe obscureceu a causa, todavia mais alta e mesmo mais pura, d'este lamentavel successo de psychologia nacionalista. O rancôr não obedece a calculos politicos; emerge da inveja odiosa e, excedente, converge para uma ambição, aliaz transcendental.

A Italia pretende voltar a exercer a hegemonia, perdida, no systema, politico e moral, da raça latina.

D'esse scopo, as suas reorganisações militares; o despendio da sua miseria, em couraças de chavecos e em quintaes de polvora. D'ahi, as suas infelizes aventuras coloniaes; a sua febre fabril e commercial; o seu *surmenage* scientifico. Escancarando as portas das suas universidades ás aptidões cosmopolitas. Seduzindo profes-

sôres da Russia, da Allemanha, um Herzen (filho), um Schiff, um Moleschott; differenciando-se do espirito francez, educando-se nas doutrinas d'além-Rheno, esforço antigo que fluctua com as circumvoluções, os entortilhamentos do pensamento germanico, agora idealista, hegeliano, com Vera, logo positivista, monista com os actuaes.

É a tendencia irreductivel para o primado, que, na sentença reveladôra de Gioberti, *è il dogma dell'italianità,* seja com Pio IX, seja com Cavour.

Na França o obstaculo. Logo, o misogallismo teria de ser, como é, a tradição mais constante da litteratura italiana. Desde Machivelo. Por Alfieri. Até Leopardi, invectivando

... la Francia scelerata e nera.

Esta immensa malevolencia não exclue os individuos de sentimentos avançados, os mesmos radicaes. Põe em holocausto os interesses, personalistas ou sectarios, d'estes, d'aquelles. Em 1866, um homem escrevia: «Eu odeio a supremacia intellectual e moral que a França se arroga na Europa». Quem era este homem odiento? Mazzini.

Systematisou-se a antipathia n'uma propaganda regular, constante, official pelo ensino. A indirecto favôr da excommungada monarchia de Humberto, os proprios clericaes contribuem no proselytismo contra a christianissima França, contra a protectora, passada e chimericamente supposta futura, do poder temporal do papado.

Brachet photographa-nos a feição do ensino da sciencia, alli falsificada, á maneira allemã, para o *training* patriotico. Não só nas escholas officiaes italianas, civis e militares, mas ainda nas aulas papalinas.

Estando as coisas n'este pé, e tornada irreparavel a guerra pelo ominoso tractado de Francfort; no conspe-

cto dos armamentos formidaveis da Allemanha e das allianças, não menos, formidaveis, abroqueladas contra a França, esta estaria perdida e, com ella, a civilisação do mundo velho. Como a vide, a liberdade recusaria fructificar em terreno, de cançado, safaro. Salvo o arrancamento vingadôr de cepas pôdres e o replantio de transplantação americana.

Felizmente, teve a palavra a Russia. Em 1874, pela ida de Alexandre II a Berlim, o attentado, então incolume, deixou de perpetrar-se. A Allemanha verificou que, apesar da sua fabulosa victoria, não era bastante para o intento colossal. Em 1892, pela ida de Alexandre III a Cronstadt, as mesmas allianças, penosamente ligadas, frustraram-se de subito.

Importa pouco que o tractado de coalisão entre o Oriente e o Occidente esteja lavrado, subscripto. Ou que não passe d'um accordo de palavra. Podia mesmo que nem se fallasse. Elle é implicito; está na natureza das coisas; no sentido dos interesses; na logica da historia; nas necessidades geraes da humanidade. A França é a alliada natural da Russia, como a Russia é a alliada natural da França.

As vantagens da Russia resumem-se n'um grande projecto, relacionado com o fatal advento á cultura das raças superiores, suas componentes. Convem desbarbarisar a gente slava; agrupar, na civilisada solidariedade, o nomadismo; cravar sedentariamente a caravana; transformar em cidade o acampamento. Os momentos, consummados, d'este processo historico operaram-se em tôrno e a favôr do principado moscovita. Incontestanda e incontestavelmente, hoje a Russia é o nucleo d'este immenso torvelinho, é o centro do systema em cuja orbita gravitam, para cujo interior se projectam os factores parcellares. Significativo phenomeno, em que, com claro juizo, martella Tikhomirov.

Aponto esse traço caracteristico de que o accrescimo

do territorio da Russia não depende, senão por muito pouco, do genio dos seus governantes. É uma acção espontanea, iniciada e ultimada anonymamente. Espaços consideraveis, a norte, a éste e ao meio-dia, fôram muitas vezes occupados ou conquistados pelos povos, antes de que os governos, aos quaes logo os retrocediam, pensassem em fazel-os seus. Aconteceu até que aquelles se recusassem a tomar sob sua protecção zonas adquiridas pelos cossacos.

Por isso, Tikhomirov está, com effeito, auctorisado a grifar a lição typica de que o engrandecimento do *Estado* russo foi frequentemente precedido pelo engrandecimento do *territorio nacional.*

N'este homogeneo processus de integração, até ha bem pouco, um unico ponto negro manchava. Mas minaz. Era o da Polonia russa. Depois, porém, da vasta insurreição desordenada de 1863, o perigo esbateu. Ao cabo do já longo periodo do desenvolvimento organico, póde hoje assegurar-se que a rebellião da Polonia, no méro intuito de se destacar da Russia, é infinitamente improvavel.

Para prender ao estado moscovita a grande massa da nação sujeita, uma medida governativa contribuiu poderosamente. Foi a reforma agraria de Miliutine, que da dos aldeãos separou a causa dos nobres polacos. Vibrou-se ahi o golpe de morte n'uma aristocracia turbulenta, incorrigivelmente adscripta ás suas vexantes prerogativas. Ineducavel, ella destruiu o Estado, pelos privilegios insensatos do *liberum veto,* segundo o qual um unico deputado podia annullar, pela rejeição, qualquer decreto da Dieta, e das *confederações,* absurdo corollario, no absurdo, do absurdo *liberum veto.* Este auctorisava os dissidentes das decisões legislativas a oppôrem-se-lhes pelas armas.

Normalisado o direito revolucionario, de nascença anomalo, em pratica consuetudinaria, a republica monar-

chica da Polonia redundou na pura anarchia, como á fórma d'aquelle governo a historia o velho Rulhière.

Na experiencia desgraçadissima, terrivel, quaes os da Restauração, os fidalgos polacos nada aprenderam. E é triste vêr, no exilio, um Ostrowsky resingar da incontradictavel emancipação moscovita dos lavradores da sua terra. Debalde cita os esboços de occasião, precipitados pela melhoria da nobreza, na hora incerta da insurreição. Debalde se serve do argumento *ad homines*, recriminando que, se volta os olhos para o Occidente, não encontra onde possam estar os nobres que ousem elevar-se contra a antiga legislação polaca a respeito dos campesinos.

Sem querer recordar-lhe a attitude da aristocracia franceza, na noite de 4 de agosto, o que permittiria as suspeições sobre os moveis da sua conducta então, o certo é que essas são justificações moraes e historicas que não têm alcance politico. De resto, o orgulho da casta transparece-lhe, apesar dos esforços para o abafar. A legenda a que o seu opusculo se acolhe define-o. É a maxima, feudalmente encomiastica, de Burdett: «*the Poles, the first gentlemen of Europe*».

A objectividade historica castiga todas as tardias erratas. E a iniciativa de Miliutine, reduzindo á impotencia as veleidades separatistas da nobreza polaca, produziu um effeito salutar. Foi o de que as actividades que não poderam mais consagrar-se á fermentação politica voltaram-se para as artes da paz, para a litteratura, para o commercio, para a industria. Antes que lh'o désse, os polacos tomaram o conselho de trabalho que, como visão de esperança, lhes fornece Courrière no seu opusculo, justo pela hermeneutica historica, mas, pela expressão moral, facciosamente duro. Na tarefa ajudou-os a cubiça allemã que trouxe á exploração capitaes, braços, direcção e ensino.

As coisas chegaram, nos nossos dias, a pontos que

hoje os polacos, que se desforraram, derrotando a industria e o trabalho russo, são os a quem menos convem a separação. Os interesses mesquinhos dos fabricantes moscovitas parece mesmo a pique de cegarem de todo os olhos do governo. Exigem aquelles uma fronteira aduaneira entre a Polonia e a Russia. Na *Gazeta de Moscou*, o furibundo Katkov, musa egeria dos czares, como todos os apostatas, de demagogico aulico volvido em conselheiro palatino, ia mais longe. Propunha simplesmente o ceder á Allemanha toda essa metade da Polonia, onde a industria se desenvolveu, mercê, em parte mas grande parte, dos enormes capitaes allemães, do seu caracter emprehendedôr, da sua habilidade.

No fim, isto não passa de desabafos, qual brilham as miragens nacionalistas da Ukrania. Como se passa com o regionalismo hespanhol, confinam-se ahi na tendencia litteraria da revivescencia dialectal. O illustre poeta Chevtchenko é como o catalão Balaguer; e o critico Dragomanov como o historiadôr gallego Murguia.

O facto concreto, vasto, em globo, é a formação, a já quasi consummação d'um estado novo, completo, integro, povoado de gente outra, virgem na historia. Terminada a sua vida vegetativa, nutrido e crescido, chega-lhe a hora de encetar a vida de relação. Isto é, de partir o casulo, quer dizer a fronteira. De avançar. De conquistar em grande. De irradiar, já não pela descoordenada autogenese dos pequenos grupos componentes, como os cossacos, mas pela propulsão, graduada e critica, do coração central.

Qual póde ser sua direcção? Quaes podem ser os seus obstaculos, isto é os seus inimigos? Onde estão os interesses seus antagonicos?

A experiencia do passado historico responde-nos. O caminho percorrido traça-nos a flecha da marcha.

Sem discrepancias, o testamento, apocrypho ou não, de Pedro I tem sido invariavelmente acatado.

A Rússia ha de ir a Constantinopla, varrer da Europa a vermina turca. Ha de ir á India, sustar na Asia a destruição ingleza.

Mais ao pé da porta, tem de destacar, em geral, da Allemanha as populações slavas. Particularmente, de amputar a monstruosidade critica da Austria, restituindo ao personalismo autonomo as gentes arrebanhadas por aquella potencia cujo artificial orgulho se compendia na serie das vogaes A E I O U (*Austria est imperare orbi universo*).

Esta é a sua missão politica, exoterica. Qual será a sua missão moral, esoterica?

O primeiro acto d'este longo drama bóle particularmente com a raça slava e os seus adversarios. O segundo mexe com toda a civilisação humana.

Que a Russia tem, politicamente, o primado e lhe incumbe a orientação da gente slava não merece duvida. Longe vae o tempo da nobre revolta contra as atrocidades do governo de Petersburgo na russificação forçada da Polonia. Desorbitante, a colera extremou sabios occidentaes que chegaram a contestar aos russos o caracter de slavos. Assim, a dôr patriotica de Quatrefages creou, na face dos allemães, uma raça prussiana.

Então Michelet afivelava contra a Russia um cordão sanitario. A Russia seria o cholera. Ao nosso canto veio o movimento. D'aqui, inouvido, o grande poeta Anthero de Quental concitava os povos á cruzada, estimulava-os á guerra santa:

Contra a Russia, a heresia das nações,
Um grande e forte apostolo de ferro!

Guilherme Braga, cujo talento de combate dá parecenças com a musa moderna de Clovis Hugues, esponja-

va a fronte humedecida dos martyres polacos. E, no arrebatamento d'altas indignações, Guerra Junqueiro cavava no bronze os tercettos dantescos da pujante allegoria do *Urso branco*, que

> *... é descommunal, titanico, felpudo;*
> *Anda sinistramente a farejar na treva*
> *E causa-nos horrôr como um gigante mudo.*

Nada mais natural. Nada mais legitimo. Cutello de Metternich, pela sua monstruosa alliança com a reacção européa, a Russia, mal avultada pelas suas victorias contra Napoleão, logo desceu aos olhos de todos os homens pensantes. Não faltava mais que a lucta atroz da Polonia para, contra ella, levantar decididamente todas as nações. Quando os nobres e desgraçados restos da primeira revolução polaca, errando por toda Europa, por ahi espalharam a noticia das horriveis crueldades dos vencedores, elevou-se, de todos os lados, em todas as linguas européas, um retumbante anathema sobre Moscow. A colera dos povos era justa. E, todavia, não parece equitativo accusar um povo inteiro e tornal-o, a elle, só, responsavel do que obraram seus mandantes.

As almas generosas dos russos desabusados córavam da sua fraqueza e da sua impotencia; comprehendiam o que o seu governo acabava de executar por suas mãos, e os corações gottejavam de dôr e os olhos enchiam-se de lagrimas amargas.

Na brochura estampada pela casa Jeffs, em Londres, Herzen reproduz que: «Cada vez que nós outros defrontavamos com um polaco, não tinhamos a coragem de levantar para elle a vista».

Atravez de tudo, é, todavia, o facto o que é. E os russos ficaram slavos. Abandonaram-se, pois, as moralistas conjecturas de Viquesnel, Duchinski, Henri Martin, que os descollavam d'aquelle grande ramo indo-germa-

nico. Com o tempo, perdeu-se, mesmo, o medo á Russia. Entendeu-se o povo moscovita, que, para o extremar, assim teima que se lhe chame Charlier de Steinbach, suppondo-o, com repulsão, uma raça de turanno-finnicos e de turanno-tartaros. Para a Europa, deixara de ser a espada de Damocles, receada pelo phantasioso ethnographo.

Ora, que impedimenta tomam o passo á acção exterior da Russia? D'onde partem?

Partem da Austria, juxtaposição de allemães, de madgyares da Hungria, de tcheks da Bohemia.

A Austria ministerial prevê que a sua parte allemã, cedo ou tarde, sob qualquer fórma e dentro de qualquer typo, será absorvida no corpo nacionalista da restante Allemanha. A parte hungara é insufficiente á ambição e aos titulos d'um grande Estado, d'uma potencia de primeira ordem. E a parte da Bohemia, isto é a percentagem slava, tenderá a agrupar-se, só ou connexamente, com as demais fracções affins, soltas. Sob o protectorado effectivo, ou, á maneira servia, simplesmente moral da hegemonia do grande representante ethnico, a Russia.

Para travar o desbarate, alimentam-se em Vienna as mais candidas presumpções. D'ellas a menor seja a do transporte da capital para o Bosphoro. Não admira. As proprias fezes slavas, esses falsos hellenos de hoje, a gente mais anarchica do globo, que, pelo nome e pela alterada lingua, illudiram as reminiscencias classicas da Europa, dão-se tambem a sonhos. De Athenas cubiçam Constantinopla e ainda agora Castelar n'esta fabula reputa a solução da questão oriental.

Partem os obstaculos da Inglaterra, empenhada em manter condicionalmente o absurdo ottomano, como um *pis-aller* fatal.

A occupação do Egypto é a consequencia necessaria da habil acquisição das acções do Khediva na proprie-

dade do canal de Suez. Esta mysteriosa negociata de Saint-James, na sua inopinada revelação, foi um raio fulminando a incuria da Europa. Apesar das declamações de Gladstone na opposição, a occupação continúa; e, em qualquer eventualidade, o Egypto quedará subordinado, pela interferencia, acquiescente, mesmo, do Grão-Turco. É o que importa. A politica da Inglaterra não tem aqui nada de abstruso, de abrupto, de intermittente. É logica e successiva e já, ha quanto!, Petit de Baroncourt a frisara, no sentido que tinha a reducção dos pruridos autonomistas de Mehemet-Ali. Não confunde labyrinthico enredamento algum, conforme o que desvariava Biornstierna. É tudo claro como a agua corrente.

Convém, na verdade, garantir a escala da India, segurar os pontos de referencia e appoio. Na nossa dominação, a unica alta capacidade politica que tivemos, Affonso de Albuquerque foi o primeiro a invadir o amago do problema. Não nos dando uma effectividade de posse a exiguidade dos nossos recursos, abalançara-se, para arruinar o paiz, ao commettimento formidavel do desvio da corrente do Nilo. A simples apropriação indicara-a Leibnitz a Luiz XIV, e Bonaparte tentou baldadamente realisar as solidas concepções do philosopho. Para quem, por via maritima, da Europa está na Asia, o Egypto é essencialissimo.

A India acha-se arruinada industrialmente, graças, em parte, ao systema explorador inglez, cujo segredo nos desvendou Carey. Elle nol-o mostra uniformemente apostado, em, destruindo nos demais povos o typo tradicional da manufactura, os reduzir á troca extractiva, extenuante, dos méros productos naturaes, em bruto. Mas, tal como está, a India assegura o millionario envenenamento opiaceo da China, tarefa criminal onde a sordida cubiça britannica, por linhas tortas, presta, talvez, um serviço á civilisação européa.

Como quer que seja, conforme Constantinopla, a In-

dia, mesma, encontra-se directamente ameaçada pelo colosso russo. Na previsão de hypotheses, á mercê de accidentes, a Inglaterra recupera-se na Africa. Á custa de Portugal, que, dentro em pouco, terá perdida toda a facha oriental e, mais tarde, toda a banda occidental tambem.

Para ir á India, o caminho está traçado á Russia; e os choques com a Inglaterra começaram. Com Albion principiou o conflicto commercial, que um dia ha-de ser militar.

Atravessando o mar Caspio, encontram-se, em sua costa oriental, largos espaços onde o imperio russo trasborda muito para além de suas fronteiras naturaes. São os desertos e os oasis da Asia central, ou Turkestan. Ahi, ainda ha bem poucos annos, havia toda uma série de Estados independentes, com as cidades de Khokand, Samarkand, Tuchkent, Bukhara, Khiva, Merv. Mas, em 1865, tomada de Tuchkent; em 1868, tomada de Samarkand e Bukhara; em 1873, tomada de Khiva; em 1881, tomada de Merv.

Assim, toda a Asia central pertence aos russos, de modo que os *lobos brancos* encontram-se hoje, face a face, com os inglezes ás portas da India. Uns e outros, de olhos fixos em Hérat, disputam-se a preponderancia no Afghanistan.

De resto, no Turkestan a concorrencia da Inglaterra não foi ainda vencida; por vezes mesmo, expulsa as mercadorias russas dos mercados da Asia central. Emfim, a conquista economica não acompanha necessariamente a conquista militar. Na realidade, esta é o resultado d'uma ambição que o governo não tem a força nem o desejo de reprimir. Creou já, em muitos pontos da fronteira, uma situação extremamente tensa e perigosa. Não podendo ser duradoura, accumula os materiaes da conflagração.

Cahiram, pois, pelo solo em fóra, as laboriosas con-

jecturas, enroladas a desconceito da directa possibilidade d'uma ameaça russa á potencia ingleza no Industão. Por trinta e tantos as elaborara o general conde Biornstierna, enviado extraordinario da Suecia na côrte de Londres.

Tres caminhos discutiu para um exercito europeu, encaminhando-se para a India. O que, partindo das provincias de Fars e de Kerman, seguisse ao longo das margens orientaes do golfo persico e fôsse, pelo Beluchistan, a Sind, á embocadura do Indo; o caminho principal conduzindo, por Meched, Jeerbuk, Hérat, Kandahar, Ghuzni, Kabul e Peschawer, a Attock sobre o Indo; o caminho, finalmente, que segue o valle do Oxus, passa por Kandoos e cahe, pelas montanhas do Hindukosch, sobre Kabul. Se bem que désse a preferencia ao de Hérat por Kandahar, como o unico caminho praticavel para um exercito europeu que quizesse ir á India, o certo é que amontoou, em qualquer hypothese, as difficuldades materiaes, de demora de trajecto, de abastecimento, de pessimas condições naturaes do terreno. Agglomerou-lhes os embaraços moraes, religiosos e politicos. E descarta-se por concluir que era chimerica a empreza.

Exemplificando quanto ao que toca ás difficuldades pelo percurso do Oxus, Biornstierna calcula necessarias quatro campanhas preliminares, das quaes, logo de começo, a para submetter Khiva, a para submetter Bukhara, cujos chefes, diz, votam á Russia um odio hereditario. Sabemos que estão submettidas.

A que se prendem as de abastecimentos e congeneres, pelo que toca ás difficuldades materiaes, charnecas, carencia do menor vestigio de subsistencia para peões, de forragens para a cavallaria, escarposas cordilheiras, amortalhadas de stratificações de gelos eternos, dunas cujas areias attingem até dez metros de altura e a cujos monticulos nenhuma artilheria poderia trepar, todas es-

tas reaes contrariedades as dissolveu uma iniciativa, prodigiosa de audacia. Foi a do engenheiro militar Annenkov, de quem os russos se vangloriam como os francezes de Lesseps.

Com uma rapidez vertiginosa, conduziu a construcção do incrivel caminho de ferro que leva a Samarkand. O primeiro troço ultimado pelos russos fez-se em 1881, quando Skobelev tomou Sheok-Tepé. A inauguração da penultima gare em Tchardghni foi uma surpreza; a de Samarkand uma festa. Eis o terrivel golpe, certeiro, visando a potencia ingleza na India. Annenkov plantou-lhe o punhal no pericardio.

Quando d'aquillo a que nobremente se chamou o conflicto de Portugal com a Inglaterra mas que, com a berrata das travessas e a sendeirenta sahida, pelo tractado, das entradas de leão, não extrabordou d'uma regateiral testilha, se houvesse nos conselhos da corôa lusitana homens de iniciativa intelligente e de prudente audacia, poderiamos, nós, os humildes, lançar o nosso tento na balança, mover uma pedra do xadrez internacional.

Quaes lebres n'um vento ladrante, não accederiamos logo, logo, á injuncção do *ultimatum*. Como porcamente se fez, com um terror symbolico do assarapantamento nacional. Em certo modo, o acto governativo é perdoavel aos estadistas mediocres, que se contentam com serem os representantes fidedignos da média das vontades e da normalidade da energia dos sentimentos. Mas, se elles amassem pousar para a historia, comprehenderiam que a ameaça britannica era uma *chantage*. O desastre da diplomacia de Saint-James residia exactamente nos assomos de resistencia do adversario, que deveria possuir na ponta da lingua o seu direito internacional e de guerra, o seu praxismo diplomatico. Não ignoraria, conseguintemente, que uma retirada de embaixador não implica o immediato rompimento de hosti-

lidades. Para recuar, havia todo o ensejo. O essencial, na occasião, era ganhar tempo, isto é ganhar o appoio moral da Europa, ganhar alliados.

Dado que a Inglaterra forçasse a opposição moral da Europa e, o que é nada crivel, progredisse na violencia, poderia transigir-se, ás ultimas intimações, quando da entrada d'uma esquadra hostil no Tejo. Mais: só se deveria ceder depois de certo tempo de fogo, no exemplo do procedimento seguido pelos ministros de D. Miguel, o conde de Bastos e o visconde de Santarem, perante os navios do almirante Roussin.

Tomar-se-hiam racionaes providencias. Afim de que as vidas não soffressem, far-se-hia retirar do campo provavel de tiro as populações, em geito que os estragos fossem só materiaes. Arderia meia duzia de casinholas; mas Lisboa por isso não ficava arruinada.

Rehabilitando-nos, a intervenção, positiva, das chancellarias, estimuladas pelo sentimento europeu, distribuir-nos-hia, em galardão, condições honrosas de negociamento. Ao peor, cahia-se com limpeza, fazendo bôa figura, decentemente. Note-se que não uso dos palavrões de honra nacional, que não fallo nos grandes sacrificios, na desesperada resistencia *in extremis*, na morte gloriosa, á maneira carthagineza, judaica, polaca, sob uma revoada de lava candente. Encerro-me nos tristes limites da mediocridade, da degenerescencia contemporanea. Não estamos a fazer jornalismo, nem a açacalar phrases; estamos a discorrer com sinceridade plena. Sabemos que o amollecimento do paiz não dava para tanto, que não supportaria sequer as morosas horas do bombardeio de Alexandria. Mas minutos bastavam; e podia então parodiar-se, com tal qual plausibilidade de ludibrio da opinião cosmopolita, que se perdera tudo menos a honra. Na falsificação do heroismo estava então a habilidade.

Não seria, porém, necessario, porque, entrementes, a

Inglaterra teria retrocedido. Não perante a nossa parlapatice mas perante os protestos da Europa, indignada emfim, a valer, pelo conspecto do latrocinio franco, á mão armada, do brutal esbulho de inermes.

Acceitando, porém, o *ultimatum*, estes exautoraram-se, para principiar. Os seus protestos ulteriores perderam o caracter de independente patriotismo, perderam a dignidade. Por um lado, pareciam pretextos de opposição interior. Por outro, humilharam-se, tinham o ar de lamurias. De resto, a acquiescencia ao *ultimatum* implicava, mais ou menos, o reconhecimento dos direitos da potencia que, ultrajada por sua violação, o vibrara. Comprehendia assim o outro mal da approvação subsequente d'um tractado que contivesse disposições em conformidade com o espirito e lettra d'esse *ultimatum*.

Se differentemente se houvesse procedido, cumpria, emquanto os factos fôssem seguindo os seus tramites, fortalecer, com uma intervenção directa, o appoio platonico da sympathia da Europa. Como? Conjugando, com os nossos, interesses proximos egualmente antagonicos dos da Inglaterra. Só uma potencia estava nas condições, para nós appeteciveis. Era a Russia.

Para salvarmos a Africa, que nos valeria, para tudo, deveriamos negociar, com descaro e *crânerie*, a India, que nos não serve para nada. Não nos serve para nada, primeiro, pela supplantação, nos mercados europeus, dos productos asiaticos; segundo, pela exiguidade e mediocridade do territorio; terceiro e principalmente, pela deleteria acção dos nefastos convenios, firmados por Andrade Corvo, os quaes nos deixaram alli um minimo de soberania. Pois esse minimo era traspassal-o á Russia; pôr os *lobos brancos* mesmo na India, já dentro, a dar a mão aos que estão á porta. Seria imprevisto; terrivel. Toda a Inglaterra estremeceria; veriamos como Salisbury saltava; como o *Foreign* vinha ás boas, iniciaria accôrdos.

É ocioso dizer, penso, que me colloco no terreno da politica nacionalistamente monarchica, ocioso acclarar que examino, sem juizo moral, o aspecto egoista, pratico, positivo, realista da questão. No criterio republicano, a solução seria bem outra; em tempos de propaganda illusoria, a apontei n'um artigo especial. Mas não me parece que os escrupulos monarchicos se auctorisem a increpar-me de machiavelismo. Mais á nossa diplomacia a podemos, os democratas, taxar de inepta.

Voltando aos obstaculos oppostos á desenvolução russa, elles partem, por ultimo, da Allemanha.

Da Allemanha, cuja completação politica não se performará sem a definitiva apropriação das provincias balticas. Janella para a Europa, rasgão na politica integridade germanica, por ahi se fundamentava, antes da reorganisação recente, o conceito de Herzen de que a Allemanha estava, voluntariamente, em respeito á Russia na mesma relação em que se encontravam forçosamente a Moldavia e a Valachia. Avançando os russos sempre, ora graças á casa de Habsburgo ora á de Hohenzollern, governal-a-hiam os encarregados de negocios de Petersburgo e *esse proconsul do tzar, que usa o titulo de rei da Prussia.* Rompeu depois a humilhante tradição Bismarck, que foi o primeiro estadista germanico que, alto e bom som, declarou que se orgulhava de ser allemão e prussiano.

De resto, esta subalternisação fôra, de todo o tempo, não só passageiramente transitoria como permanentemente exterior. Mais que tudo, demonstra-o a extirpação, pelos allemães, das duas camadas subjacentes da Esthonia, da Livonia e da Curlandia. A préviamente dominante russa, a inferior turanno-finnica, obediente e, ao invez do que imagina Steinbach que seja ingenitamente esta variedade, sympathica pela bondade excedente, ruminada e animica. Quem o duvide póde prescrutar-lhe a alma nas fulgurações incomparaveis da epopêa de *Kalevala,*

de todas as anonymas definições de raça pelo isomerismo poetico a mais inspiradamente bella. D'uma tam intensa incorporação esthetica da natureza ambiente com o padecimento do homem que ella é não só rara, mas unica.

Por este caso particular, pelo instincto collectivo da raça, os allemães sentem que o progresso da Russia, a sua integração na civilisação européa, a sua remodelação no sentido de abandonarem o seu caracter tradicional de khanato asiatico os ameaçam de diminuição no concerto europeu. D'ahi, um natural odio inextinguivel. Interrogado, ha pouco, Bebel sobre a attitude dos socialistas tudescos na proxima guerra do seu paiz com a França, redarguiu que elles se metteriam com ardôr na contenda, só se a Russia cooperasse n'ella, pois que a Russia seja a barbarie contra a qual o dever manda ser inflexivel.

Estabelecida a equação com estes parantos, tudo nos indica que nós vamos assistir, em breve, a um d'estes definitivos embaralhamentos das variedades humanas em tal magnitude e de tal relevo que, envolvendo, em todo o centro da Europa, todos os povos europeus, quer os que pelejem quer os que, moralmente, venham a soffrer, no interior, o recochete do resultado d'uma batalha suprema, não tem por assemelhavel senão o grande motim cahotico da invasão dos barbaros e da queda do imperio romano do occidente. O tumulto das raças vae ferver na caldeira do destino; a evolução humana entra n'uma das suas crises fundamentaes; e a historia recomeça.

O advento dos slavos á civilisação, a sua coparticipação na gerencia dos interesses geraes, até aqui só confiados á latinidade, ao germanismo, á britannica latino-germanidade, é o maior successo historico do seculo; é a inauguração obscura do vindoiro; é uma genese de mundos.

Um instincto invencivel e a força dos factos ensinaram aos allemães que certos condicionalismos da sua idyosincrasia os tolhem de imitar jámais perfeitamente as duas grandes nações do occidente. Sem ir tam longe como o allemão Leixner, quando assegura que a nacionalidade e o patriotismo allemão só existem na apparencia, todos os que amam na Allemanha o seu genio scientifico e philosophico teem de convir que, por bastante, concorre a uma creação facticia a artificial disciplina do militarismo prussiano.

Elle deixa o todo constituido á mercê da aptidão d'um general, dos azares d'um combate, da desmoralisação de soldados em derrota. Por baixo, está o desaccordo, irresistente, das tendencias separatistas da gente germanica, que, na historia, crearam o feudalismo, na religião, o individualismo protestante.

Parallelamente, os espiritos superiores verificaram, por fóra de preconceitos, que a raça slava possuia em alto grau as fortes qualidades de centralisação nacionalista. Acabaram por suspeitar que o futuro poderia pertencer a similhante gente.

Esta ideia lugubre, que a alguns faz suppôr um desmembramento final da agrupação allemã, encontra, de atrazado praso, a sua expressão mais genuina na obra do allemão Bruno Bauer, a qual, com o titulo de *A Russia e o germanismo,* se publicou, com data de 1853, em Charlottemburgo, cêrca de Berlim. Por essa mesma epocha appareceu, attrahindo as attenções do germanismo para as crescentes temeridades do slavismo, um escripto sensacional, com o titulo de *A questão do Oriente, isto é a questão russa.* N'esta obra, o publicista allemão, seu auctor, produziu effeito na Prussia e na Austria; a Dinamarca e a Suecia traduziram-a para as suas linguas. Assignalando a ambição moscovita que não poupa nenhum dos estados allemães, o escriptor compara a acção futura da Russia no seu paiz á passada invasão franceza.

*

«As gestões hostis da Russia, diz elle, não se limitam á Austria; fazem-se sentir até á Allemanha; sim, a Russia está em caminho de representar na Allemanha o mesmo papel que a França aqui representou, para nossa desgraça e nossa vergonha».

Comtudo, apesar das enormes energias condensadas na myriade russa, esta seria insufficiente, ainda assim, sem alheio auxilio, para preencher, cabal, seu destino. Á alavanca faltava um ponto de appoio. Forneceu-o a França, ciosa de rehaver a Alsacia-Lorena. Não tanto pela Alsacia-Lorena, como para lavar seu estandarte da affronta de ter sido vencido.

A Russia tinha, portanto, uma só coisa a fazer: esperar pela França. Agora ou logo, esta curaria os ferimentos recebidos. Mercê da synergia immensa do organismo, a cicatrização foi quasi instantanea.

Apressou-a o leviano erro de Bismarck. Não obrigou este a França em 1870 como Napoleão o fez á Prussia em Tilsitt. Cumpria determinar-lhe que não podesse ultrapassar o seu pé de guerra d'um maximo prefixo. D'est'arte a paz prolongava-se em vantagens continuas para a Allemanha; o perigo de collisões futuras removia-se; e os milhares de milhões, arrecadados em Spandau, não voariam irreproductivamente em armamentos renovaveis periodicamente, não consumiriam no esteril a indemnisação. Applicar-se-hiam, fructificariam; no resgate fiduciario, no meneio mercantil.

É certo que o eminente ministro da guerra, prussiano, Scharnhorst, sob as indicações patrioticas do grande estadista Stein, illudiu a precaução napoleonica, renovando, a curto trecho, nas armas os contingentes. O systema de Scharnhorst póde resumir-se em duas palavras: abreviar a duração do serviço e fazer passar constantemente novas recrutas por quadros permanentes. Este plano prestou grandes serviços em 1813, permittindo reconstituir promptamente o exercito prussiano. Foi

definitivamente organisado pela lei de 3 de setembro de 1814; as modificações successivas incidiram, sobretudo, sobre a duração do serviço activo e do serviço na reserva e sobre a quotidade do contingente chamado.

Mas, se Bismarck não fôsse a aptidão *surfaite*, cujos exitos gratuitamente concedeu a felicidade de haver deparado em sua frente só com debilidades, como a dinamarqueza, com puras mediocridades, como um Beust, ou com nullidades, como um Rouher, á sua argucia corria o inventar a maneira de desfazer tal sophisma.

Assim, a França recompoz-se; e a unanimidade sentimental, na dispersão autonomista do pensamento livre, reuniu-se em volta da ideia da desforra. Terminaram as resistencias das opposições; fundou-se o serviço obrigatorio; e não se repetiu o facciosismo sectarista que levava, no imperio, a agrupação democratica a recusar os subsidios militares, a entorpecer a marcha governativa.

O bonapartista Delafosse recolhe, no seu faccioso opusculo que se dá com o *Processo do 4 de setembro*, as peças justificativas d'esta resistencia. Havendo o *Monitor*, em 12 de dezembro de 1866, annunciado que a commissão encarregada de elaborar um projecto de reforma militar acabara os seus trabalhos, a opposição liberal contraria, e Thiers promulga, no Corpo legislativo, a seguinte extravagante sentença:

« Apresentavam-vos, um d'estes dias, cifras de um milhão, duzentos mil, de um milhão, trezentos mil, de um milhão, quinhentos mil homens como sendo os que as differentes potencias podem pôr em armas... Pois bem, esses algarismos são perfeitamente chimericos. A Prussia, segundo o snr. ministro d'Estado, apresentar-nos-hia um milhão, trezentos mil homens. Mas, pergunto eu, onde se viu essas forças formidaveis? A Prussia quantos homens levou á Bohemia? Trezentos mil, pouco mais ou menos. É que, meus senhores, urge não se fiarem n'essa phantasmagoria de cifras; *são fabulas que não têm nenhuma especie de realidade*».

Em 1867, o livro de Jules Simon, consagrado a defender da exploração capitalista o operario de oito annos rompe, no exame do projecto reorganisador, resultante das victorias da Prussia, pela discussão da questão militar. Jules Simon combate-o acremente; e, tres annos antes de Sédan, exclama: «Na verdade, se o Segundo Imperio vier declarar, elle proprio, que está ameaçado d'um Waterloo, urge recusarmo-nos a acredital-o».

N'esta resistencia da democracia franceza, convém, para se ser justo, destrinçar-lhe o motivo.

Em primeiro lugar, ha-de vêr-se a illusionante experiencia historica que, no passado para a Allemanha, no presente para a Austria, para a Russia, mostrava que a organisação militar costumada abastara, que as forças empregadas fôram sufficientes. Depois, cumpre lembrar a repugnancia pela despersonalisação da fileira, propria d'um povo habituado a ser autonomo e revoltado pela noticia da *schlague* prussiana. Depois ainda, as utopias correntes sobre o advento da cosmopolita fraternidade. Era o tempo tumido dos congressos da paz, ainda não extinctos pelo ridiculo; alegravam as enganantes reminiscencias da irresistibilidade do levantamento em massa, na hora do perigo. Ainda uma critica menos enthusiasta não fizera notar o que para as victorias da Revolução contribuira a coexistencia dos quadros regimentaes, da organisação militar da velha monarchia.

Finalmente, tem de attender-se á *vontade* da historia, ao providencialismo da evolução.

Corre, portanto, reconhecer o serviço inconsciente que, obstruccionando, a democracia franceza, desservindo proximamente a França, prestava realmente á mesma França e á civilisação geral. A victoria da França imperialista de 1870 seria tam funesta á humanidade como o seria agora a derrota da França republicana de hoje.

Com o cesar, occultamente livre-pensador, mas des-

gastado pela cachexia senil, esgotado, feito passivo pelos libertinos requintes, a dynastia firmava-se sob a prevalecente orientação da camarilha jesuitica, envolvendo a estrangeira Eugenia, que transportara para as Tulherias o fanatismo hespanhol. Em symetrica antithese com o humanitarismo vago do socialismo internacionalista, rodava a epocha do paroxysmo reaccionario-catholico. Funccionava o concilio de Roma; suas ecumenicas sessões trituravam a razão humana, decretando a infallibilidade, abstruso desfecho logico do repto inaudito do *Syllabus*.

Aureolada de louros, a condemnação da democracia desvairaria, sob o prestigio das glorias militares. E treme-se só de pensar nas consequencias moraes da derrota da Prussia. Por suas mãos, a França chumbaria as proprias cadeias; por seu pé, desceria ao tumulo, no estonteamento da victoria. Ao repossuir-se seria tarde.

Por isso, não parecem impias as lagrimas de Naquet, pelo que refere o cynismo transcendente de Vallés, quando embandeirou o boulevard o falso boato da victoria de Wissemburgo.

A historia é logica; e tende, como o amor apud Schopenhauer, á conservação progressiva da especie, não á dos individuos nem até á das nações. A bem da humanidade, os factos haveriam de passar-se como passaram. A França deveria ser batida até Sédan. E, para que o desastre fôsse só material, para que lhe fôsse a ella, no presente e no futuro, util, para que se não desprestigiasse aos olhos dos outros, nem perdesse a confiança aos seus proprios, rehabilitar-se, mesmo sem vencer, depois de Sédan. Começada a campanha com as fanfarronadas d'um Lebœuf, termina com os altos appellos d'um Gambetta.

Depois, a França procura-se, aperta-se, systematisa-se. Nas suas divagações de publicista, Dostoiewsky, congratulando-se com o facto, sentimental, erroneamente

se lastima pelo sentido implicito, a cruel noção da desforra.

Escreve:

«Constatei já que a nação genial (a França) quer viver; quel-o com todas as suas forças, a despeito de tudo. Não pretendo examinar, n'este momento, se este passo para a frente que acaba de executar a França é o que fica melhor a uma grande nação. Essa palavra de desforra, que acaba de retumbar d'um extremo da França a outro, é bella em si mesma?

Essa *vida para a desforra* que a nação genial acaba de abraçar com tanta unidade e um tal espirito de sacrificio, no unico fim de se vingar d'um inimigo insolente, essa vida será tambem, ella, uma illusão?

Sem querer responder a estas perguntas, não posso impedir-me de notar quam grande felicidade é que, n'esse paiz, tam profundamente dividido sob o ponto de vista moral, em que o sentimento geral era o da conservação individual e onde a divisa *cada um por si* era a regra, surgisse, de repente, uma ideia que conciliou os elementos mais divergentes e obteve o concurso tacito de todos os partidos, de todas as intelligencias e de todas as classes da sociedade».

Esta unanimidade era indispensavel para a embryogenia do mysterio historico. Como era indispensavel que o que ha de artificioso no edificio construido pela convergencia prussiana se desaggregasse. Eis como se explica o surgimento no throno de Berlim d'um visionario desorganisador, d'um imprudente modificador das engrenagens supremas do systema, d'um reformador, ingrato para os fundadores e indifferente ás tradições proseguidas. Assim quebrado o fio nas altas regiões, começa, pelo exemplo, a partir-se aqui e além. Que quer dizer a symetrica resistencia das opposições, a que, por seu turno, chega a vez em Allemanha? Dias mal passaram sobre as significativas declarações, por Bebel produzidas, de que calcula que o parlamento recusará as novas, gravosas exigencias militares. Quando já o telegrapho nos annuncia que, dependendo o voto da attitude dos ultramontanos, estes põem a clausula prévia da

readmissão dos jesuitas, da abolição perfeita das leis de maio. Isto é, a penitencia de Canossa; a confissão, por banda dos luctadores contra as demasias catholicas, a negra confissão do desbarate dos civilisantes progressos regalistas do *culturkampf*. Mas o mais serio está em que da propria fileira do officialato sáiam clamores de protesto, contra o tempo de serviço, contra estas ou aquellas disposições. Com razão, o imperador o reputa como graves infracções disciplinares, que está disposto, diz, a suster, a impedir que se repitam, custe o que custe. É claro que o governo, como todos os governos, terminará por vencer e que podemos dispensar-nos mesmo de acompanhar, no successivo, as phases ulteriores d'este episodio. O que nos importa é a sua symptomatologia moral; como, no mesmo titulo, nos interessam, desconhecidos no estrangeiro, pela repressão das noticias, os rumores surdos das cidades livres; o impaciente mastigar do freio pela nobreza militar dos reinos federados; a inquietação resignada do Wurtemberg, da Baviera.

Concomitantemente, a fusão dos interesses franco-russos completa-se pela hora que se eclipsa. Salva por de sobre os insuccessos dos accidentes quotidianos. Recentemente a imprensa de Petersburgo adeanta-se a declarar que a alliança se fará, sem embargo da pessima impressão da ultima trapalhada do Panamá, trapalhada avolumada pela intencional calumnia e até pelo desintencionado mexerico. Essa alliança não depende, com effeito, das sympathias dos homens mas da fatalidade das coisas.

O que não quer dizer que á França falte a sympathia russa. Pelo contrario, o caracter d'esta approximação consiste em que é organica, popular.

Os interesses politicos da Russia, como Estado, a sua furia de desforra pela humilhação e pelos prejuizos inflingidos pela Allemanha, quando a conferencia de Ber-

lim lhe fez perder as vantagens, embrulhadas no sangue de Plewna, compellindo-a a engulir o tractado de São Stefano, não serão, porventura, intelligiveis á grande massa do mugick, oppresso e ignaro. Mas nem por isso elle deixa de, incriticamente, sentir a necessidade da França. A natureza facilita o trabalho politico, creando, para com a França, no vasto corpo nacional, um amor immenso, irreflectido, violento na medida da semrazão directa. Esta affeição dos slavos pelos celtas leva o ingenuo Maseroz a explical-a como a voz do sangue. Mas destaca em toda a litteratura, dá a razão do facto de que os escriptores petersburguezes o são tambem parisienses, se o querem, como Turguenev, poisque o francez, entre os moscovitas, seja a lingua official, o idioma da palestra para a gente culta.

Tal gallophilia é simultanea com uma germanophobia symetrica. O publicista russo, que, redigindo em francez, usa o nome parisiense de Michel Delines, compendiou uma sebenta d'este duplo sentimento collectivo nos dois livros parallelos, *A França julgada pela Russia; A Allemanha julgada pela Russia.* Para elles devolvo o leitor.

O amor á França resistiu a tudo. Resistiu á guerra da Crimêa; resistira á invasão napoleonica. E tam singularmente que Napoleão se transformou, para certa seita de napoleonides, n'um Messias vindoiro, sebastico, augusto, salvador e resgatador da miseria popular. Por outra, o odio á Allemanha não se mitiga com o tempo; dia a dia, acrysola. Mas aqui estriba-se na triste realidade historica.

Assim como a emigração para além-mar rouba a melhoria nacional, a mocidade activa, assim a emigração no continente não se desfaz senão do rebotalho. O allemão russo é, geralmente, escoria. A patria lavou as nodoas, aproveitou a farinha, dispensou o cisco. A respeito do visinho, o allemão tem sido detestavel, o

tyranno, o vampiro chupador da pobre ignorancia russa. Despreza-a incondicionalmente, tanto quanto a intelligencia allemã, a philosophia lhe recusa a nacionalidade.

Nas provincias balticas, a exploração tudesca fez escorrer, pingar o copo. Creadas pela dominação cruel d'uma minoria, as instituições d'ahi foram a desgraça exemplar. Graças, sobretudo, á influencia da nobreza d'essas terras, a posição dos allemães na Russia é, por assim dizer, privilegiada. Occupam todos os bons logares, monopolisam os lucrativos rendimentos. Póde-se quasi repetir ainda hoje a sahida do celebre general Miloradovitch a respeito dos allemães. O imperador Alexandre I perguntava-lhe que recompensa desejava pelos seus serviços. O general supplicou o imperador que o fizesse allemão.

Considerando-se como os sobranceiros *culturtragen* (educadores) d'um paiz barbaro, uma intoleravel jactancia levou-os a serem os principaes organisadores do despotismo. A Leibnitz deveu Pedro I a lembrança da asphyxiante hierarchia burocratica. O despotismo era, aliaz, a fórma governativa possivel para populações originarias, primevas. Mas, lucrando, no successivo, com a aspera disciplina, comprehende-se que os russos não beijem o cilicio. Os allemães acabaram por ter sobre si o unisono das patrioticas maldições. Tikhomirov assegura que se recorda a supremacia dos allemães como a dominação dos tartaros.

Á laia do que occorre sempre, a arraia miuda, sem educação critica, sem generosidade sentimental, exaggerou os vicios dos seus compatriotas.

Escolhidos, pela sua instrucção maior, para feitores das nobiliarchicas propriedades no tempo da sujeição á gleba, os allemãos, cupidos e crueis, vexavam até o inenarravel o camponio servo. Eram os esfoladores e os carrascos. No seu rudimentar juizo das responsabilida-

des, a pobre victima não ascendia da tyrannia proxima do mandatario para a do mandante. Como o cão, mordia, só, no pau que lhe batia. O senhor era um santo. A culpa, unica, era o allemão. Se o boyardo o soubesse! Mas estava longe, nas festas, na côrte, em Moscow. Ignorava o que se passava, o *bathuca*, o pae bondoso! E, entretanto, impune, o allemão roubava, estuprava, knoutava.

Assim, o odio ao allemão envenenou a circulação russa. Inflammou de vingança as canções populares. Como um protesto, uma esperança, um remorso, incrustou-se onde se fixa a alma popular, onde se conglomeram as suas observações, onde raciocinam os seus pensamentos, no reportorio da sciencia caseira, nos proverbios.

Occorre egualmente nas varias variedades da gente slava, toda, mais ou menos, victima da rapina e da ferocidade allemã. Do que o espirito superior do germanismo é tam responsavel como os portuguezes das barbaries anathematisadas no *Primôr e honra da vida soldadesca* ou os hespanhoes das atrocidades d'um Pizarro. Todavia, as nações pagam pelos desmandos dos individuos.

Comprovando, nos cantos heroicos dos slavos da Bohemia, a todo o momento se depara com a desconfiança contra os allemães. Em *Ludicha e Lubor*, o rhapsodo justifica os mal-vistos torneos, professando que é prudente na paz preparar-se para a guerra, porque, accrescenta: «Por todos os lados, os allemães são nossos visinhos». A azougada petulancia ignorante do infantilismo slavo desdenha da alta cultura incomprehendida, inaccessivel do allemão. No *Julgamento de Libucha*, Ratibor, das montanhas dos gigantes, levanta-se e falla: «Seria vergonhoso para nós outros o ir procurar o direito a casa dos allemães». Afim de frisar a rapacidade tudesca, o vate de *Iaroslav* aproveita, se-

gundo Luiz Léger, um facto real, o assassinato d'uma princeza russa, que, fugindo, em 1240, deante dos tartaros, foi atacada e morta, na Silesia, pelos allemães, que a despojaram das suas riquezas. Atropella-se, pelos caminhos, a filha de Kublai, *bella como a lua*. Vae «vestida de oiro; com o seio e o collo a descoberto: pedras preciosas, perolas ornam-lhe a cabeça. Os allemães pasmam de tal esplendor; invejam aquelles thesoiros, perseguem a princeza em sua rota, cahem sobre ella, em meio da floresta, matam-a e apoderam-se-lhe das riquezas». Ha uma canção popular typica, que recorda a nossa cega-regra: — *Senhor doutor:* — *Eu que o sou*, etc. Aqui o conselho não o dá um rabula, mas a propria mãe do namorado. Dissuade-o de casar. Depois de deduzir que a noiva é regateira e bebada e ociosa, encerra as suas objecções na replica irrefutavel: «— Minha boa mãe, ella é bella como uma deusa. — Meu querido filho, é uma allemã!»

Postas assim as predisposições historicas e moraes para esta alliança de francezes e russos, uma difficuldade havia ainda a romper, uma barreira a galgar. Custa a crêr, mas estava da parte da França. A França resistiu longamente á tentação. Só o convencimento da irremissibilidade a decidiu.

O que determinava este procedimento de abstenção e reserva por banda dos francezes?

A meu vêr, tres motivos os dirigiam n'este sentido:

O primeiro d'elles, honrosamente legitimo para a logica da tradição revolucionaria gauleza, funda-se na reminiscencia da indignação passada, pelas torturas da Polonia. Toda a França fremeu de santa colera, quando o ministro Sébastiani teve o mau sestro de annunciar á camara o esmagamento polaco pela banalidade da fórmula, estupida e odiosa nas tremendas circumstancias: *A ordem reina em Varsovia*. Aos generosos privilegios da iniciação cosmopolita da democracia mal ficaria, as-

sim, a alliança, hybrida apparentemente, da republica do Sena com o autocratismo do Néva.

Parecia uma contradicção grosseiramente interessada, uma apostasia, uma derogação, uma prevaricação.

Todavia, um psychologo profundo, absolutista elle, sentiu, no romance dos *Chouans,* as secretas affinidades que associam a alma republicana á alma absolutista. Idealistas, uma e outra, o que as contraria e nega é o espirito, transitorio, realista, de compromisso, de prosaismo, de interesse, de charro ganho, do anarchismo individualista, que se contenta e altruistamente hostilisa. Historicamente, o accordo que o despotismo moscovita entretem com a liberdade franceza seria talvez impossivel, em detrimento das duas nacionalidades, se na França coexistisse uma dynastia. Esta, com effeito, por quaesquer interesses pessoaes da casta reinante ou por quaesquer abusões do espirito do monarcha, poderia ser antagonica da Russia.

Foi o que passou com Napoleão III, renegado da tradição de seu tio e cheio d'uma inconcebivel admiração subserviente á Inglaterra. A tradição da guerra da Crimêa, viva nas mesmas designações da rua (o boulevard de Sebastopol), fazia vacillar o Elyseu no córte d'uma politica desconnexa, qual fôra a das Tulherias. Sem embargo, este segundo dos motivos annunciados deveria pospôr-se, como, felizmente, se pospôz a considerações mais largas.

Comtudo, já em 1853 homens previsores propunham em França a alliança russa. Então prematura e inutil, ou mesmo desservindo o progresso geral, o diplomata Léouzon-le-Duc repelle-a indignadamente, no presente e no futuro. Reputa-a eternamente impossivel. «Aquelles, exclama, que procuram empurrar-nos para os braços da Russia são ignorantes ou traidores». N'esta corrente doutrinal, a França adubou os fossos de Mala-

kov com os nobres cadaveres dos seus soldados, *ad majorem Angliae gloriam.*

O terceiro dos motivos de hesitação era mais humano. Tractava-se de tolher o enorme derramamento de vidas. Anciosamente se buscava uma evasiva que libertasse da pavorosa contingencia. Jules Ferry (talvez não o percebendo, mesmo, nitidamente) esteve ameaçado de a encontrar, derivando o guerreiro ardor francez para os episodios coloniaes. Procurando *donner le change* ás preoccupações civicas, forneceria um premio de consolação ao passado desdouro, sempre vertendo.

Mas a finura gauleza não se deixou illudir. A politica colonial foi sempre antipathica ao temperamento francez que, não amando exilar-se, estremecendo o *at home,* parece não possuir o genio da colonisação, como o mostra a sua historia colonial, a India, o Canadá, a mesma Argelia. Agora, essa politica tornou-se negregada. Foi-se supportando por espirito de pundonor nacional.

Á receada noticia prevista do primeiro desastre, ao conhecimento dos successos de Bac-Nim, da morte de Courbet, do fallecimento de Paulo Bert, ao espectaculo do regresso, dizimado pela peste, dos acarinhados *pioupious,* roidos de escorbuto, as cóleras contidas estalaram. Ferry houve de dissimular-se na animadversão publica.

Incriminavam-o de fazer o jogo de Bismarck. A apaixonada injustiça echoou de Paris a Petersburgo. Á propria frivolidade do chronista Théo-Critt fez-se sensivel, em tal lance, o segredo das palavras do conde de Ignatiev, reproduzindo, a este proposito, uma conversa de Herbert de Bismarck. As palavras da espaventosa prole do chanceller, se não atacam o patriotismo de Ferry, forçam-lhe as intenções, mais inconscias dos resultados do que assentes n'um lucido machiavelismo que, a grandes respeitos, seria odiosamente odioso.

Refere Cahu que lhe dissera Ignatiev:

« — Aqui, em minha casa, encontrava-se, em 1883, o conde Herbert de Bismarck. Estava então de passagem em São Peterburgo (*sic*) e dizia-me: — O unico homem, em França, tendo comprehendido que era preciso traçar uma cruz sobre a Alsacia-Lorena é Julio Ferry. Eis quem nos convem á frente do governo francez. Como elle sabe perfeitamente que a França tem a natureza expansiva e que precisa d'um derivativo, não podendo fazer-lhe esquecer a Alsacia-Lorena, lança-a em expedições longinquas e occupa a sua attenção com luctas nas colonias ».

Para impedir a tremenda guerra ao pé da qual a de 1870, segundo a sinistra promessa de Bismarck (Otto), foi um innocente brinquedo de creanças, ha mesmo, em França, quem, como Lesseps, visando a contrarestar o avance do panslavismo, insinue a alliança franco-allemã. Com a rasgada franqueza d'uma audacia intellectiva, defendeu-a desempenadamente o coronel Stoffel.

Addido á embaixada de Berlim, prevenira, no tempo, o imperador ácerca dos formidandos progressos militares da Prussia. Apesar das alludidas sinceras velleidades do marechal Niel, prematuramente morto, os seus conselhos não tiveram, no fim, expediente. Tarde pía contra a opposição democratica o bonapartismo derrotado. Como se o ministerio não tivesse maioria! Como se o governo, *bonhomme de chat,* não podesse arranhar, pela chiada do rato! Como se aos granadeiros os commandara a esquerda! Como se os quadros approvados estivessem completos, elles! Como se os não houvesse cerceado o devorismo!

Se então os conselhos de Stoffel não foram attendidos, menos se nos affigura que o sejam agora estes que offerece a sua magestade o povo, tam rotinario nos seus caprichos como as demais magestades.

« Benevolamente, replica-lhe o camarada Villot, feriu o patriotismo da maioria da nação ». Assim foi.

Proseguindo no delicado exame, Villot attribue, com acerto, dois inimigos irreconciliaveis á França, dois factores da sua gloriosa derrota. A Inglaterra, aristocratica

e feudal, protestante e mercantil, abominando a França, catholica, democratica e guerreira. A Allemanha, que, com erro, suppõe constantemente estipendiada pela Inglaterra, de que haja sido o instrumento cego e nefasto.

Como toda a gente hoje em França, conclue que «a alliança russa, para a qual a nação franceza se sente arrastada por um instincto secreto e o presentimento dos grandes perigos que a ameaçam, é a unica alliança possivel para a França no estado actual da Europa».

Um nobre devaneio se antolhava a muitos como a maneira de suster a grande catastrophe. Todavia, pela Allemanha prussiana, a retrocessão da Alsacia-Lorena á França é uma concepção inteiramente fóra do possivel. Visto que a hypothese republicana não é tambem crivel, restaria a neutralisação d'esta zona, sob o sceptro d'um principe de qualquer casa, não franceza nem allemã. Attribuiu-se, não se sabe com que verdade, tal ideia ao mallogrado, romanesco Frederico III. Engenhosa e generosa, alta e habil, não é de suppôr que, se vivesse, o kaiser ousasse, das occultas utopias do cerebro, transportal-a á exacção controvertivel dos factos da historia.

Portanto, ainda uma vez, o canhão tem de fallar; a guerra ha-de resolver. Os nós gordios decepa-os o gladio; e a humanidade não progride pela candida benemerencia das doutrinas, mas só no sangue, a ferro e a fogo. No seu livro repudiado pela democracia, Proudhon antecede o criterio naturalista do darwinismo social, a lucta bestiaforme pela existencia.

Estabelecido o theorema, vejamos quaes sejam seus corollarios. Na hypothese, bem entendido, da victoria franco-russa. Deus lhe ponha a virtude, a bem de todos os animos civilisantes!

Não quero fallar das consequencias politicas, materiaes. Por grandes que sejam, têm, para a humanidade, um interesse moral limitado.

A deslocação da Inglaterra; a permanencia da Italia, que lucrará, victoriosa, e nada perderá, vencida [1]; a dissolução da Austria; o engrandecimento russo; a reacquisição da Alsacia-Lorena: são tudo, alegrias ou infortunios de portas a dentro.

A desaggregação allemã já nos interessa. Não no aspecto politico, mas nas consequencias sociaes. Porque a derrota da Prussia será a Communa em immenso. João de Leyde thronará; os aldeãos vingar-se-hão; Storck e Münzer serão satisfeitos; o *bundshuch* repregará o seu bronzeo sapato; e os anabaptistas rebaptisal-a-hão, á *Germania-mater*, n'um Jordão de sangue.

Mas o que, sobretudo, tem um alto, um vastissimo sentido é a victoria da Russia. É, com ella, a definitiva entrada dos slavos na Europa moral.

Que é o que elles trazem? Que é o que elles vêm dizer?

Quando, olhando para a Russia, se descortina esse imperio immenso a, com mais ou menos brilho, produzir-se ha dois seculos a esta parte, na scena do mundo;

[1] Victoriosa, revindicará a Saboya, talvez a Corsega. Vencida, que lhe póde tomar a França? Expulsal-a de Roma, reintegrar no poder temporal o papa, é vedado á democracia.

Alliada com a França, victoriosa, a Italia teria o Tyrol. Mas, vencida, a Austria, quiçá, lhe volveria a buscar o Veneto, talvez se lhe alargasse novamente pela Lombardia. Perfida e ingrata, a politica da Italia é arguta, nos calculos humanos. Porventura mesmo vencida, encontre compensações. Cada derrota, como depois de Lissa, de Custozza, lhe redundou em proveito. O ironico Bienvenu (*Touchatout*) definiu a Italia pelo typo da barba de Victor Manoel. A nação nunca arranjou nada senão á custa de allianças, como seu rei não conseguiu ter suissas senão á custa dos bigodes. E Bismarck increpou os italianos pela satyra famosa: — *Se os senhôres não perderam ainda nenhuma batalha mais, como querem mais terreno?*

Póde até que, á ultima hora, a Italia modifique o seu plano de acção, volte as settas em grelhas. E assim, a seu lucro, a Austria solverá a nota.

quando o vêmos acceitar, sobre muitos pontos secundarios, a civilisação europea e rejeital-a, obstinadamente, sobre outros mais importantes, guardando, assim, uma originalidade que, por ser puramente negativa, não permanece menos imponente; — quando se descobre este grande *facto* historico, pergunta-se, como Soloviev, cada um a si proprio: «Qual é, pois, o pensamento que nos esconde ou nos revela? Qual é o principio *ideal* que anima este corpo poderoso? Que nova *palavra* este povo recemvindo dirá, elle, á humanidade? Que quer elle *fazer* na historia do mundo?»

Esta transcendente investigação importa, conforme muito bem o viu Vladimiro Soloviev, a questão sobre *a razão de sêr da Russia* na historia universal.

Havendo planteado, com extremada lucidez, o problema, Soloviev, no seu debate, perde-se.

É o effeito da tenaz influencia do hegelianismo no cerebro russo, de si, ingenitamente, pendendo ao mysticismo. A oppressão governativa fez applicar, na pratica, aos moscovitas o impio aphorismo de Talleyrand, de que a palavra foi dada ao homem para encobrir o pensamento. Cumpre envolver as ideias n'um nimbo que, destransmontanando a incultura dos censôres, que, para não darem parte de fraco, deixam passar o que, aliaz, não entendem, as tornem inacessiveis á censura. Suspeitosos, borrando a esmo, cahirão no ridiculo de proscrever o anodino. Mas este influxo terrivel, se promoveu ao pensamento russo um incomparavel poder de dissimulado matiz subjectivo, corrompeu-o, nas capacidades menos resistentes, pela série das gerações, assim submettidas.

Soloviev, de resto, amalgama duas acções de relação que se não devem confundir: o que a Russia *fará*; o que a Russia *dirá*.

O que a Russia fará percebe-se. Expulsará o turco. Africanisará o inglez. A expensas da Austria e da Alle-

manha, avançará para a Europa. Ou em provincias adherentes; ou em Estados suzeranos. Mas isto é pouco. Mesmo porque para a Europa a Russia não avançará tanto como parece.

Ao dia seguinte da victoria colligada, o inimigo da Russia, não occasional, diplomatico, governativo, mas nacional e real, será a França, encarregada, pela sua reassumida hegemonia, de garantir o Occidente. Os alarmes de Thiers não nos infelicitarão. Vencida, fraccionada, confederada, a Allemanha será sempre um dique, abalado, recuado, mas, em grande, inultrapassavel.

Existe, mesmo, porém, uma nacionalidade esquecida, com que se não conta e que está destinada a tomar então um papel decisivo. É, na dissociação austriaca, o elemento que tem realidade, consistencia, verdadeira força, isto é a Hungria.

Em volta da Hungria, terminalmente independente, fallando de per si, é muito provavel que agrupem os slavos visinhos. Com tendencias de autonomia, ciosos de alijar o germano, irmanados com o irmão russo, não gostarão que o irmão os absorva. D'estes, primeiros, os proximos, os ligados já, os bohemios. Mas, logo, outros. Sem embargo da relativa lealdade do imperio ao compromisso de Abo, a hegemonia turannica dos madgyares terá mesmo, segundo os affins finnicos, a sua repercussão, pelo grão-ducado da Finlandia, no corpo do systema moscovita. O equilibrio europeu, fluctuante, retomará o seu centro de gravidade que, perdido pela partilha, á Europa se fartou inutilmente de propôr o general patriota Mierolawsky, aconselhando, no interesse occidental, a reconstituição da Polonia. Esta funcção de ponderação caberá á Hungria.

Na trincheira resguardadora serviram de piquete Sobieski e o albanez Scander-beg, cujos tropheus, depois de invejados, no escandecente ensino, pelo nosso Dom Sebastião, se nos demoraram, a nós, sempre na reten-

tiva, até que nacionalisassemos em Castrioto lusitano o brazileiro vencedôr dos hollandezes. Antemurando já os mongoes, os hungaros deterão os slavos. Assim se satisfaçam, posthumamente, os prognosticos de Bartholomeu de Szmere, na memoria dirigida a lord Palmerston, em data de 11 de junho de 1859.

Senão no interesse da questão do Oriente, porque á Hungria caiba o destino de transferir a Constantinopla a cultura occidental, como a ambição patriotica o suggeriu a Szmere, no interesse, ao menos, do equilibrio europeu.

Apparecendo a Hungria como o centro, o ponto de hypomochlion, qual lhe chama, do imperio austriaco, e, sendo, depois da nobre revolta de Kossuth, um facto consummado o reconciliamento de todos os habitantes do paiz, conforme a Cobden, com verdade, já na epocha o testemunhava Szmere, á Hungria vem o levantar a grande columna final da marcha russa na flecha da Europa. Essa a mais pura vingança da brutal cumplicidade do czar no estrangulamento da sua revolução.

Liquidado, pois, o problema concreto, resta o problema abstracto. O que, á Europa, vae dizer a Russia?

Sem se explicarem, porque a aspiração é vehemente mas as ideias são confusas, os russos suppõem-se destinados, pelo messianismo de principios reformadores, a regenerar o occidente apodrecido. Quaes sejam elles, esses fecundos principios, não se apura, porém.

Mas as pretenções são tam vastas que tocam frequentemente as raias da demencia. A sua simples existencia indica, todavia, não só confiante estimulo, mas a plausibilidade d'uma acção ulterior.

O polaco Wronski, semi-alienado, genio abortivo, annunciou-se, elle, como o precursôr do messianismo slavo. E, na indignação dos seus companheiros de exilio, sentindo a transferencia da sua nacionalidade para o segundo plano ethnico, commetteu á Russia o immenso labôr.

Por si, propoz-se, nada menos, do que realisar a reforma absoluta do saber humano, como syndroma da acção reconstituinte da raça de que era membro. Um banqueiro de Paris, um tal Arsen, moveu-se de curiosidade. Acceitou lições, mas, ao quarto de Rabelais, espantou-se. Por cem mil francos, achou salgado o absoluto. Litigou. Hoje em dia, na minha mansa rua de Trévise, mesmo achegado ás folias pastorilmente chamadas, do bairro, Bergère, um magico novo, o snr. Papus, revindica o polaco para o occultismo.

Occultista ou não, mas obscuro, *quand même,* elle encontrara a formula synthetica do universo, que disse teleologica. Começava por remodelar todas as mathematicas e o facto é que, no matagal das suas rispidas silvas, surgem clareiras de doutrina ampla, genial, generalisante e philosophica.

Como garantia, offereceu uma resolução algebrica da equação do grau *n*. Isto produziu um grande abalo no mundo scientifico. Infelizmente, este seu terceiro volume é inintelligivel.

As ideias de Wronski espalharam-se, graças á acclaração de capitulos, na encyclopedia tentada pelo seu parente Montferrier. No nosso canto, em parte complementar d'uma obra didactica, as expoz o snr. Couceiro da Costa.

Mas a famosa resolução das equações conservou-se um mysterio.

Como Euler, como Lagrange, como todos os verdadeiros mathematicos, com o caso se preoccupou o norueguez Abel, uma das maiores capacidades scientificas do seculo, desconhecido, farto de, com rapar seus tamancos pelas calçadas de Paris, no desdem universal, requerer, cliente da verdade, as audiencias das summidades, regressando, em desespero, á morte da miseria no selvatismo da patria. Vascolejando o problema em todas as facetas, acabou pelo considerar insoluvel ás

simples forças do calculo. Decidiu-se, pois, demonstrar, pelo contrario, a impossibilidade da solução algebrica da equação geral. É certo que não remexeu o vaso senão para o quinto grau, concluindo d'ahi para os demais, por inducção logica. Prometteu voltar ao estudo; não teve vida para o fazer.

Entre nós, independentemente de Abel, respondia-se, assertando a mesma impossibilidade, deduzida das investigações antecedentes dos analystas. Á memoria proposta pela academia de Lisboa sobre a pretendida descoberta de Wronski, assim contestavam os nossos mathematicos Torriani e Margiochi. Os seus trabalhos encontram-se no volume IX, creio, das *Memorias* d'aquella corporação. É patriotica a revindicação d'esta nossa prioridade ou, pelo menos, independente concomitancia. Porventura mesmo, os raciocinios de Torriani e Margiochi logram uma comprehensibilidade maior do que a de Abel. Apesar de espontado, desenvolvido em explicita vulgarisação didactica por Serret, parece ser quasi tam inintelligivel como o proprio Wronski.

Sem embargo, a teimosia insiste; é vêr, no catalogo de Lorenz, as tentativas de resolução, só de 1848 para cá. N'uma nota da grande obra de Hermitte, perturba o encontro do nôme, que se me varreu, de não sei que analysta allemão que, em nossos dias, topou com o processo algebrico referente á equação do nono grau. E Comte philosopha que a insolubilidade do typo *n* não é intrinseca do caso, mas só escarnece da cerebração humana, ainda impotente para as subtilezas analyticas que elle requer.

De resto, hoje ainda o methodo geral de Wronski não é rejeitado, como phantastico, *in-limine;* antes attrahe os cuidados de lucidos, sãos espiritos, como o do nosso grande morto, José Falcão, procurando devassar-lhe os mysterios, limpal-o das incongruencias. Á parte philosophica do enigma do slavo atacava-a o medico

Vieira de Meirelles (Antonio). No tempo, um exaggero de metaphysica occupava os cerebros valiosos da mocidade universitaria. Amavelmente rindo do abstruso, parodiou o esforço, em raridade bibliographica, o erudito snr. Santos Valente, poeta de mais merito que nomeada. Seria o extracto de perdido systema d'um lusitano, metaphysico, ignorado, supino. De nôme Fausto de Monteval.

Escapulo-me de seara alheia, que, porque viera a talho de foice, houve de atravessar com a cautelosa pressa de felino sobre brazas. Mas cumpria assignalar que, pelo menos, que aqui é pelo mais, manifestadamente, aquella orgulhosa garantia da legitimidade do messianismo slavo falhara. Egualmente, as ideias moraes, religiosas, sociaes que se lhe seguiram não confirmaram as pretenções.

Mesmo, em geral, como absolutamente novo, do desenvolvimento espontaneo russo não apparece nada de constitucional.

Os slavophilos reagem contra a adaptação do occidentalismo. O seu espectro é o imitador Pedro, que, para europeisar o imperio, obrigava, por decreto, os seus subditos a escanhoar.

Amariam um desenrolamento organico; mas ignoram que as civilisações passam, senão pelas mesmas alternativas, pelo menos, pelas mesmas phases fundamentaes.

Para entender a civilisação, para julgar as religiões, para allumiar a prehistoria, os sociologos inglezes, um Sumner-Maine, um Spencer, um Lubbock, um Tylor vão vêr como se comportam os tangados da Guiné, os tatuados da Polynesia. E Achilles não é mais que um Cettiwayo que falla uma lingua de flexão.

Com os ukases de Pedro, adeantou-se caminho; e Deus não esteve á espera da Moscovia.

Só no Sinai os judeus se imaginaram privilegiados;

mas o verbo incarnou na humanidade inteira; o logos explica-se em todos os idiomas; e a graça é chuva de benção que molha todos os homens.

Assim, crystallisadas as ideias em instituições, que offerecem os russos?

O *mir?*

Mas o *mir* não tem nada de peculiar. Que o fôra, a sua applicação, como solução social, é a aspiração de todo o communismo classico, forte das spartanas tradições. É a convergencia de todas as *bagauderies,* de todas as *jacqueries.* É o ideal dos que o não conhecem, os novos Gracchos, os distribuidôres agrarios, Collins na Belgica, Henry George nos Estados-Unidos. É um capitulo intercalar no collectivismo geral de Marx. É um artigo de programma, ou governativo, como o dos congressos operarios, ou personalista, como os projectos viajantes de Cabet, os sedentarios phalansterios ruraes de Fourier, o concreto familisterio de Guise.

Mesmo como indiculo historico, structural, de engendramento anonymo, por isso desartificioso, não tem nada de particular. Bem o viu Wyroubov, em que magôe ao patriotico desejo de Tikhomirov, que o quereria especial, *sui generis,* de especial invenção da raça de ambos.

Não; os mesmos factos registrados nas actas dos *zemstvo,* mostrando como elle vae cedendo, mau grado a tradição, ao progresso da migação da propriedade, deveriam advertir Tikhomirov que, a desprazer, diminuindo-lhes o alcance (fatal desde que começavam a produzir-se) todavia, por lealismo scientifico, os recolhe e cita.

Não; elle é um momento originario da evolução agricola. É o *allmend* allemão; encontra-se em Java; nos quatro pontos cardeaes da terra. A primeira instituição da communa agraria não pertence mesmo, exclusivamente, de direito aos aryas vedicos, como o suppoz

Chodzko. Os povos slavos, ramos do tronco commum, conservaram, é certo, até os nossos dias o nôme sanskrito de *vieç* (aldeia), litteralmente *o que pertence a muitos, commum* (em sanskrito, *viç*, aldeia, e *vaiçya*, aldeão). Mas o modo da producção e distribuição é primario em todas as variedades humanas. É uma fórma das instituições primitivas, cujo quadro desenhou Sumner-Maine. No seu notavel estudo sobre os typos originarios da propriedade, Laveleye ligou o *mir* aos processos congeneres, em regiões as mais desconnexas, de desenvolvimento o mais autonomo, o menos prejudicado por accommodação de alheios planos, impostos por estranhos ou d'elles copiados. Entre nós, o *mir* existe tambem, revelado por Dom Antonio da Costa, no pincaro maninho do Gerez.

Que outras instituições, que outras ideias trazem os russos? O scisma grego, esse empedernimento do catholicismo? A absorpção pelo imperante do poder espiritual? O *tchin*, enfurecimento mongolico do burocratismo? A autocracia para a liberdade politica? O jury na liberdade civil? Mas tudo, o bom e o mau, são coisas nossas conhecidas; cancellos que passamos; residencias onde habitamos.

Não trazendo, portanto, ao parecer, nem novas ideias nem novas instituições, parece que me contradigo, depois de haver affirmado que o advento dos slavos marcava uma nova éra organica na vida da humanidade culta.

Mas é que as grandes remodelações humanas fazem-se como quando do christianismo. Menos pelas ideias do que pelo caracter dos que as possuem; pelo, na alma d'estes, radicado affloramento sentimental. É corrigindo o infecto egoismo das civilisações analyticas que vencem as religiões.

O hollandez Tiele classificou-as segundo o seu caracter de universalismo. Para riba só ficaram tres, o

buddhismo, o islamismo, o christianismo. Pelo seu commum typo propagandistico, todas ellas catholicas, entendem-se, correspondem-se, qualquer que lhes déssem o futuro, as aptidões das raças sobre que pesava seu influxo. No espirito, equivalem-se.

A humana miseria póde no Thibet corromper a genuina lição do divino Çakia. Na Inglaterra amoedar Jesus; Mahomet no Yemen definir pelo alfange. Todavia, theoreticamente, essas religiões conservam-se intactas, superiores. Modificam o caracter dos seus sectarios; fazem-o proselytico, apesar de tudo; dispõem-o para a humanidade inteira; facilitam-lhe o advento da tolerancia, isto é, com a comprehensão, o amôr. São associativas, assembleantes, integralistas. Servem o progresso. E só as nações que têm este caracter, que se desnacionalisam, que acolhem, ganham pelo futuro. O apostolo dizia *Ubi libertas ibi patria*. A patria não é o torrão, que póde ser immundo. A verdadeira patria é pelo espirito. O fundadôr presentia-o, quando pronunciou a amarga palavra sarcastica de que ninguem é propheta na sua terra. O temerario que tentou, depois, uma civilisação espiritualista, Gregorio VII, houve-o de confessar no leito de agonia. *Por amar, por querer a justiça,* exclamou o grande papa, *morro no exilio.* Accusação terrivel cujas argoladas rebôam no céo infinito.

O caracter universalista allia-se á simplicidade moral. Só os que sabem pouco se abalançam a muito. E a sciencia, desconfiada de si mesma, esborôa-se no embate das audacias confiantes.

Por uma ignorancia santa, rejeitando o saber pagão, foi que os christãos conquistaram. Que importa a algebra, se não existe a caridade? Malthus demonstra que poucos possuem talher á mesa da natureza; mas, sem excepção, queremos talher. Se definitivamente o não ha para todos, não o haja para ninguem. Mal da humanidade, se acreditasse na chrematistica! Então, a terra de-

veria estalar. Os dynamitistas não são senão malthusianos logicos. Mas os felizes, rindo criticamente da moral, a nos exigirem, dos desgraçados, uma moralista resignação, é cynico. Dado que fôsse irremissivelmente como se estabeleceu, restava a destruição, em vingança e em moral castigo. Restava a suprema solução, a revolução contra a natureza.

Mas não. As raças novas, virginaes, puras de industrialismo e mercantilismo, sociaveis, não concorrentes, altruistas, são chamadas, de quando a quando, a salvar, em certos desesperados momentos, a civilisação, que se submerge nos crescentes particularismos.

A differenciação é o objectivo visado. N'isto acertam os sociologos darwinistas. Mas a integração ha-de ser concomitante com tal differenciamento, conforme o viu o mesmo reaccionario Spencer. É preciso não confundir a homogeneidade primitiva, de que sahimos, com a concordante diversidade para que vamos. Differentes mas solidarios. Cada um em sua casa, mas aparentados todos.

Para tal effeito, unicamente póde contribuir o caracter d'aquelles povos que são religiosos, que ligam os homens entre si, que os não disseminam no peneiramento de sementes sem entremeante nexo.

Ora, essa é a grande qualidade slava, como, no federalismo, foi a grande qualidade celtica. Em sua barbarie, é aquella raça assignalanda por uma bondade incommensuravel, por uma sociabilidade immensa. É uma gente religiosa, não tanto no sentido dogmatico, como no sentido humano.

Na ignorancia, a sua religiosidade embaraça-se dos multiformes attritos do *raskol*. É a fórma rudimentar do mysticismo persistente que, pela influencia de M.me de Krudener, conduzia a caridade de Alexandre I a buscar no absolutismo a paz. N'ella, se estriba a ethnica repugnancia invencivel pela pena de morte.

Desvairada no horror historico, a perda da esperança intima-lhe um desfecho desesperado, condemnando, com a geração, a vida. Eis o sentido das bestiaes amputações dos *scoptzki*. Toma, em geral, os aspectos proteicos que registrou, em sua intelligencia das seitas russas, Augusto de Haxthausen. Illustrou-as, *d'après* este, Basilio Vareschaguine. Mas, no erro e na chimera, arfa, invencivel, o espirito de liberdade, o espirito de humanidade. Assim pôde Herzen, cuja cultura, segundo Ostrowsky, profundamente os desprezava, procurar um ponto de appoio revolucionarista nos sectarios. Elles detestavam o imperador, que, em Pedro, usurpou as regalias da Egreja, perpetrou o sacrilegio de monopolisar a supremacia espiritual.

A confraternidade humana é, sem embargo de todas as calamidades, refractaria, com effeito, na raça. Fal-a desenvolver typos de cellulas sociaes, autogenesicas, como o *artel*, que é a alteração urbana do *mir*.

O caracter slavo, dizia um dos modernos maiores estylistas, no sentido psychologico do termo, o moscovita Herzen, que apresentava alguma coisa de feminino. No que novamente se approxima do modelo celtico, cujo symbolo impolluto, indemne do regrado morbidismo mulheril, segundo a audaz notificação do casto Michelet, foi já a sublime virgoleira de Orleans.

É que o perpassa o sopro salutar do espirito de liberdade, do espirito de vida, do espirito de caridade, do espirito de justiça, do espirito de verdade. Faltando á Egreja russa, debalde lh'o procura reintegrar o leal panslavista Aksakov. Espalhou-se no povo; alastrou pela raça.

Ora, como sempre, ao choque das nações, ellas se penetrarão reciprocamente das suas qualidades eminentes, se reformarão umas pelas outras.

Á França caberá salvar o povo russo da sua tyrannia governativa. Esta a grande funcção gauleza; o que

justifica a alliança franco-russa; o que responde, em *ultima ratio,* á objecção, oriunda do messianismo democratico da França, incompativel, ao parecer superficial, com o accordo conforme, homologo ao autocratismo. Eis o grande effeito humanitario da sua iniciativa; eis a gloria da sua victoria; aqui a logica da sua tradição. Ao lado d'isto, o reaposse da Alsacia-Lorena é episodico; o recuperamento das mesmas fronteiras de Luiz XIV, de Napoleão I, fumo.

Graças ao tracto dos exercitos, infiltrando, pelo exemplo, na espessura do mugick a consciencia da dignidade do cidadão livre, a França obterá este prodigioso corollario de prolifico ensino, não pela approximação dos officiaes mas pela camaradagem dos soldados.

Na verdade, nas classes cultas, no *tchin,* nos restos da nobreza empobrecida, na litteratura, nas profissões liberaes, a propaganda está feita. Para derribar o colosso, resta atacar as massas profundas da população, já dispostas pelo proselytismo, amorpho e contradictorio, dos *raskolnik.*

Debalde o encetou, com resultados sempre contrariados pela espionagem, pela repressão policial, a generosidade doida da *intelliguentia.* Espalhando as proclamas pelos quarteis. *Descendo ao povo.* Invadindo, sob o disfarce do trabalho, os campos e as fabricas.

A acção era limitada em tam largo percurso geographico, em tal densidade de população. Excedia a tarefa as humanas forças do revolucionarismo. Caracteristica da Russia, a falta de uma solida burguezia, de cujos existentes arremedos o trafico é primevo e o capitalismo, estrangeiro, é cambial, fabril, essa grande falta atrazara o advento do parlamentarismo. E o povo só seria accessivel, em conjuncto, depois de um grande cataclysmo que, rompendo o estagnamento sedentario, confundisse as fileiras; fizesse viajar; entrebatesse; désse iniciativa e audacia; confiasse cada um a si proprio;

libertasse da possivel protecção, acquiescente e pasmada, das instituições patriarchaes. Esta a civilisante funcção da guerra.

Quanto, pois, á critica dos resultados, á Russia pertencem duas funcções, egualmente culminantes; das quaes a segunda é transcendente.

A primeira consiste em europeisar a Asia. Poderia a Inglaterra havel-o feito, se o individualismo protestante, o seu feudal orgulho a não destacassem, estructuralmente, de seus colonos de raça diversa. Como na America, a Inglaterra faz Inglaterra; não respeita; não incita o particularismo das gentes a orientar. Ou extermina, como, no nosso tempo, extirpando a população de Van-Diemen, sem perdoar a velhos e a mulheres. Mas a Asia não é a Tasmania; e os seus progressos materialistas, na adaptação exterior, por armamentos, por organisação, na iniciação formal da Europa culta, alarmam os pensadores; ameaçam d'uma irrupção, d'um desborde. Como o de Gengis, de Tamerlão, d'um entornamento, feroz e retrogradante, do imperio amarello. D'uma victimação da civilisação ao grão-mogol.

Na industria, a China, pelo *coolie,* formigantemente prolifero, sobrio até o absurdo, é o perigo da America. Na guerra, o Japão está hoje uma potencia contavel. E na sua carta de replica a Mazzini, em contra, justificando a Internacional, Bakunine sobresaltava já pela eventualidade da catastrophe, que póde ser mais proxima do que se antolha.

Á Russia, pertence impedil-a, não pelo extirpamento, impossivel, d'uma myriade, umas poucas de vezes superior á da Europa, mas pelo applacamento da Asia, mercê da acção sedentarista, pacificante, assimilante, da cultura occidental, alli transferida e fixada.

Não faz a Russia mais, d'est'arte, do que completar a sua obra resguardante, alargando para o resto, directa ou indirectamente, pela força ou pelo exemplo, pelo

prestigio guerreiro ou pelo interesse economico, as fronteiras asiaticas da sua soberania. A recente visita do czarewitch ao Japão é o prolegomeno, talvez inconsciente, d'um reconhecimento official. O attentado do fanatico que o atacou é a prova da inconsciente reacção.

Finalmente, á Russia, mau grado o nosso orgulho, pertence ainda o regenerar-nos a todos, europeus, pelo seu mysticismo humano, pelo seu evangelismo social.

Serão isto chimeras d'uma noite de febre?

De modo algum. Factos comprovam as conjecturas.

Depois do encontro da Russia com a França em Borodino, a temeraria, magnifica tentativa dos decembristas, a genial audacia concepcionante do infeliz Pestel. Depois do reencontro da Russia com a França em Inkerman, a abolição da servidão da gleba. Ao cabo da libertadora campanha da Bulgaria, o odio spartaquico dos escravos salvadores, á volta, vingando-se, no interior, pela explosão do Palacio de Inverno, pelas bombas da Perowskaya, Corday de mais largo, intenso vôo.

Agora, pelo que falla com a acção parallela da Russia sobre a Europa, o que é que, no fim, significa já o ebionita toldamento do tolstoismo, de cuja nuvem até nós, no bello livro do snr. Jayme Lima, experimentamos a quente sombra?

Aqui surge outra face. É que...

Mas para onde vou eu, santo Deus? Completar aspectos esboçados, desenvolver, concluir? Então as paginas empregadas?

A curiosidade cansa; a attenção do leitor gasta-se. O mesmo espirito ganhou morrão; esfumaça. Se uso da tesoura, arrisco-me a apagal-o de vez.

E a desculpa do periodista sem ideia? O espaço, delimitado pelo formato do volume? A somnolencia do typographo? A sua impaciencia, caro amigo?

Parto, pois, sem me despedir, mesmo, d'esse estranho romancista, cuja evocação me trouxe para tam longe.

Emfim, talvez outro ensejo me appareça de carregar o traço frouxo. Fique-me n'esta infantil esperança. E, por agora, já sem tempo, ponto.

V

Bebel

Affirmei-lhe, caro amigo, que a provavel victoria franco-russa teria como consequencias, na humanidade geral, uma religiosisação adherente, segundo a mysticidade slava; na fracção allemã da especie civilisada, redundaria n'uma assignativa crise social, analoga á exhibida com os successos tragicos da Communa de Paris, mas revestindo aspectos incomparavelmente mais vastos, pela extensão e pela intenção.

Havendo-me, implicitamente, congratulado com as duas previsões, inteiramente com a primeira, parcellarmente, pelo sentido, com a segunda, careço de justificar, explicativamente, uma e outra.

A um homem de progresso parece contradictorio o regosijo por um incremento de religiosidade. O reparo seria de molde a produzir-se, se o mysticismo slavo se caracterisasse como o hespanhol. Por um alheamento desdenhoso das condições terrenas. Pelo contrario, porém, elle é o transporte aos dominios activos d'uma fé altruista; elle é a moralisação, a positivação da caridade. Assim, em vez de abater os estimulos pela inercia resignada, pelo desconsolo que deixa ao mal o campo livre, refugiando-se na esperança extraterrestre, elle

converge no sentido de fraternisar as relações, estabelecer constitucionalistamente a justiça.

É um traço da raça, que se apercebe mesmo nas aberrações d'essa energia psychica. Manifesta-se até onde o tradicionalismo, recuperando-se, faz, degenerativamente, prevaricar os propositos de que, com lealdade ingenua, se procedeu. Afflora nas manifestações cosmopolitas, nas intervenções internacionalistas do Estado russo. Por exemplo na Santa-Alliança, execravel nas suas consequencias. Mesmo então. Até ahi. Tal a força lidima da essencia do movimento.

Com effeito, por fim, foi o producto necessario do desequilibrio mystico de Alexandre I esse facto da *Santa-Alliança,* se bem que, na sua humilhação dos poderes da terra perante a magestade do Verbo redemptor, incialmente germinasse no coração do rei da Prussia, tocado de panico pelas jornadas apocalypticas de Lutzen, de Dresde, de Bautzen. Todavia, amadureceu no cerebro nevoento do moscovita, conforme se deprehende da mesma conversa havida a este respeito com o bispo evangelico prussiano, o dr. Eylert, em 1818.

Gasta a sua generosa alma por todas as emoções; sentindo, no abortamento successivo dos seus vastos planos, o ludibrio do destino ironico dos grandes espiritos que o accidente fez falhar; perseguido pelo grito interior d'uma consciencia exigentissima, que lhe creava um injusto remorso, Alexandre penetrou-se da necessidade de fazer as pazes com Deus, lançando-se no bem com uma furia de arrependimento e dando á sua bella intelligencia enganada, mas sedenta e alta, na esphera sem limites das affeições religiosas uma vasta compensação.

Entendendo a fundo os abusos que excitavam o descontentamento das nações, o imperador esperou que, durante o espaço d'uma longa paz, cuja necessidade se fazia geralmente sentir, os governos europeus, reco-

nhecendo a urgencia de emprehender as reformas reclamadas pelas condições dos tempos, de tal se viessem sériamente a occupar. Para attingir este alvo, carecia-se de uma tranquillidade profunda; e, como o tumultar dos acontecimentos, que se haviam succedido durante perto de trinta annos, a toda a gente parecia haverem em muito enfraquecido as antigas ideias de ordem e subordinação, o russo pensou reavivar o extincto criterio, por um appêllo solemne á religião.

Fôra o caso do atavismo dos primeiros principios revolucionarios, para que, pelo sceptico ensino de Catharina, encontrara na alma do seu principesco alumno o terreno idoneamente afeiçoado o seu preceptor Cesar Laharpe. Era o que levava Napoleão, como o vêmos do *Memorial de Santa Helena,* a inscrever o imperador moscovita sob a sua symptomatica etiqueta favorita de ideologia. Isto produziu aqui resultados em extremo beneficos, visto que a vaga philanthropia de Madame de Krudener soprou ás chammas bruxuleantes mas avivadas por esse sôpro socialista que tonifica a moral christã. De modo que, ainda mesmo que a origem da ideia da Santa Alliança se não fundamentasse na suggestão d'esta mulher notavel, forçoso é convir, com Schnitzler, na parte que ella teve na redacção do acto destinado a pôr similhante ideia em pratica.

A influencia da singular propagandista, inevitavel desde que a crise do incendio de Moscow precipitara o, nobremente enfermo, espirito do imperador nas consolações da fé, balsamo perenne, exerceu-se n'um sentido humanamente util. Acompanhou a causa da civilisação, pois que, não podendo negar-se esse dominio, desde que se teve sob o exame as affirmativas de Empytaz, quaesquer que fôssem as subsequentes fluctuações do espirito do monarcha, no momento inicial se consignaram principios que o obrigaram a consentir em factos de capital transcendencia revolucionaria. Assim o esta-

belecimento d'essa celebre especie de areopago amphyctionico em que a simples pluralidade dos suffragios pronunciaria, na corrente utopica do abbade de Saint-Pierre, sobre as medidas a tomar, em commum, para a manutenção da tranquillidade geral.

Foi uma revindicação da Revolução franceza; a applicação aos negocios internacionaes da *Declaração* dos direitos do homem; o empolgamento, pelas ideias novas, dos soberanos, despedidos para o desconhecido. Uma ideia, que já se suppoz honrosa para Lafayette, brotou, depois de 1814, d'um cerebro russo; d'est'arte se inaugurou na politica geral a era dos principios. Todos o sentiram; e Metternich, o representante da velha diplomacia tortuosa, sem fé nem lei, precipitou-se na batalha, a reconquistar o autocrata infiel.

Com effeito, a obra d'este, como o distinguiu o talento de Proudhon, equivalia a nada menos do que a um juramento á Revolução, prestado na presença da Santissima-Trindade.

Posto isto, toda a reacção ulterior vinha viciada; inquinara-lhe, á nascença, o sangue o virus demagogico. Assim se explica esse longo periodo de revindicações nacionaes, continuamente victoriosas pelas concessões, morosas mas indeclinaveis, do regimen parlamentar e da liberdade civil aos povos em fermentação.

Nos mais adeantados em cultura as exigencias fôram crescendo; e então n'aquelle onde a tradição iconoclasta estava proximamente viva, nem mesmo a contemporisação orleanista bastou.

Uma simples intriga constitucional, em tôrno da magna questão do suffragio, serviu a rehabilitar a doutrina proscripta, espalhando no fumegante terreno das barricadas os destroços do throno burguez.

Tarde ou cedo, o solio, outramente solido, dos Romanov voará pedaços; e não contribuirá, pouco, para esse civilisante effeito, precisamente esse mysticismo em

que elles se estribam, do qual o seu alto representante extrahiu a interferencia da Russia nos negocios, interiores mesmo, do occidente, pela *Santa Alliança* e que, sem embargo, mina surdamente, a todo o instante, a serenidade magestatica, como se vê pelo proselytismo dissidente dos scismaticos autonomistas do *raskol*.

Mas a tendencia do mysticismo russo não fica acanhadamente local, ainda; desborda a fronteira; a religiosidade russa é ao mesmo tempo humanista, pelo genero, universalista, pelo espirito.

Humanista, demonstra-o o materialismo da *intelliguentia* (é o nome que se dá na Russia aos individuos cultos e, por extensão, ao systema das ideias civilisantes, revolucionarias). O criterio de positividade não conduz alli, porém, ao scepticismo indifferentista que o macula, na pratica social, entre os occidentaes. Nunca a palavra nobre de Feuerbach, segundo a qual os materialistas pela ideia sejam os idealistas pelo facto, teve uma comprehensividade tam vasta. Abarca mais do que uma nacionalidade inteira; abarca toda uma raça. O maravilhoso movimento do nihilismo, martyrologio de atheus, é demasiado recente para que seja preciso recorrer a diffusas comprovações. Não bastaria até citar-lhe mais do que o preludio pacifico, n'esse movimento admiravel que se denominou *a descida ao povo*.

Indo, na verdade, em todas as direcções, para evangelisar as massas, chamando todas as almas á grande obra da redempção da patria e do genero humano, os novos apostolos deixavam a ociosidade, o luxo, os prazeres e partiam-se a viver a dura vida do aldeão e do operario, acceitando todas as humilhações, todos os soffrimentos, para trabalhar no santo alvo da regeneração moral e social.

Pareceu que se assistia á eclosão d'uma religião nova, não só a melhor como a mais humana que jámais houvesse existido. Foi o paroxysmo d'uma crise senti-

mental permanente. Elle define o tom, simultaneamente mystico e positivo, da raça. Elle mostra o feitio humanista da sua religiosidade intrinseca. O moscovita que usa do cryptonimo de Stepniak caracterisa-o perfeitamente n'estes termos:

«Ao appello dos iniciadores, as almas levantam-se na vergonha e na dôr da sua vida passada. Abandona-se a casa, as riquezas, as honras, a familia; cada um se lança no movimento com uma alegria e um enthusiasmo, uma confiança como se não experimenta senão uma vez na vida, como se não torna a encontrar quando se perdeu. Já não é um movimento politico; aquillo tem mais o caracter contagioso e absorvente d'uma *revolução religiosa*. Porque o proposito não é sómente o de attingir um fim pratico, tem-se um sentimento profundo e intimo do dever, uma aspiração individual para a perfeição moral».

Assim intensivo, esse mysticismo é egualmente extensivo. Historicamente, arrebata já na sua engrenagem os ramos governativamente independentes da raça. O consideravel movimento servio, bem proximo do triumpho, e que produziu, ao lado dos Marcowitch, tantos apostolos eloquentes, tantos militantes e martyres heroicos, participa da mesma ideia social. Ora, haurida, parte na tradição revolucionaria franceza, Malon constata que parte foi tambem directamente bebida nas fontes russas, em Petersburgo mesmo. Mas não se limita o messianismo á já immensamente vasta proporção slava; pretende absorver até a humanidade inteira. No aspecto restrictamente politico, de imposição nacionalista, com o typo reaccionario, todos lhe sabem da existencia, sob a etiqueta do panslavismo. Na categoria superior do revolucionarismo, além da participação individualista das personalidades eminentes russas no movimento occidental, elle couraça as furias pandestructivas do anarchismo e espalha o terrôr na civilisação europeo-americana. D'ess'arte, concretam-se as predicas fulminantes de Ba-

kunine, dictadôr em Dresde, cantonalista para Carthagena.

A victoria franco-russa importará, na Allemanha, um anabaptismo munsteriano em largo, porque o descredito do imperio, fraccionado, rompendo a malha ferrea da disciplina prussiana, facultará as condições idoneas para a revindicação armada dos ideaes sociaes addiados, pela força maior das presentes circumstancias. Não será accusar o patriotismo da democracia allemã; por meias palavras, ella o diz desde agora. Não aguarda, para sahir, de vez e francamente, a campo, senão o exito da colossal peleja. Porventura, se lhe perfigura um desastre; porque não se acredita que pense que, n'um triumpho, lhe seja licito contrarestar a gloria marcial dos exercitos, as energias da soberania assim avolumada e radicada.

Com effeito, aos olhos do sociologo, o grande acontecimento moderno na Allemanha não está nas victorias militares dos seus governos, as quaes não passam de accidentes sem alcance stractural, sem corollarios proprios nos destinos geraes da humanidade. Reside na creação do partido socialista; isto é, no advento, por elle, da massa nacional á vida publica consciente, de que por seculos nem sequer se deu conta.

Quasi á nossa epocha corresponde esse successo memoravel na historia da civilisação do povo allemão, a saber: a primeira apparição do socialismo na Allemanha debaixo da fórma exigida pelas circumstancias e condições d'esta nação. Não foi nenhum allemão de pura raça quem deu fórma e corpo a esta nova tendencia n'um povo que o hostil, impaciente Leixner, que não tem papas na lingua, taxa de submisso, servil e falto de iniciativa, por ter vivido, havia largos seculos, governado por innumeraveis tyrannetes e logo depois sob a tutella de governos centralisadores, pequenos e grandes, sempre, porém, despoticos.

O primeiro chefe da tendencia socialista na Allemanha foi Fernando Lassalle (1825-1864), filho de paes judeus, homem de grandes dotes e de vasto saber, idolatrado pelas associações operarias das localidades onde esta classe era mais intelligente e que Lassalle soube augmentar com extraordinaria rapidez, graças á sua intelligencia superior e genio industrial e ao seu conhecimento da gente com quem tractava.

O novo movimento dirigia-se, no fundo, se bem que não abertamente, contra o Estado, as religiões, o matrimonio e as classes poderosas. Para agrupar e organisar a classe obreira e dirigil-a a uma acção commum, em sentido avançado, contra o espirito feudal e de castas dominante em toda a nação, era mister atacar o governo d'uma maneira subtil, mas legal e permanente. E para colligar o povo n'este sentido, o mesmo Leixner, cuja dissimulada origem tambem israelita transparece na repugnancia que manifesta, a todo o passo, pela monogamia, julga, elle, que era necessario excitar o seu enthusiasmo, difficil e tardio, com a appetitosa isca das questões e contendas religiosas e da nova guerra contra o matrimonio e as classes ricas.

Varado n'um duello galante, cahiu Lassalle; todavia, o movimento estava iniciado. Outros chefes se collocaram á sua frente; e, ainda que, ao começo, lenta e fleugmaticamente, seguiu o seu curso, estendendo-se sem cessar.

Hoje é um potentado formidavel, manobrando com o rigor disciplinar d'uma hoste. Arrancou a mascara, sob que se encobrira na timidez inicial. Venceu, pelo sacrificio, as monstruosas leis de excepção com que Bismarck tentou destruil-o. Dispõe dos circulos eleitoraes de cidades mercantis como Hamburgo, politicas como a mesma capital do imperio. Os seus votantes registram-se não por centenas de milhares, mas por milhões. Elles dirigem-se com um espantoso espirito de conjuncto, sob

a direcção de cabecilhas, prestigiosos pelo talento e pelo sacrificio. D'estes, os mais notaveis são Liebknecht e Bebel. O primeiro, pela origem e pela cultura, mais idealista e humanitario; o segundo, pratico, contracto, no typo especialista e restricto que o socialismo tomou depois da insurreição de junho. Antigo operario, já do periodo militante de 1848, Bebel começara, como, egualmente, o seu distincto companheiro, se bem que mais anonymamente e em companhia menos illustre. Ambos se referem doutrinalmente de Karl Marx, que é o mestre incontestado de todo o movimento, ainda nas suas divergencias episodicas.

Como Lassalle, Marx é tambem de origem judaica, filho ou neto, não me occorre, d'um rabbino. E é curioso como a investida temerosa que ameaça o capitalismo procede da raça, conspurcada, na opinião, pelo pretendido culto exclusivo do dinheiro.

As perseguições historicas, encerrando-lhe a actividade no, só permittido, modo unico do mutuo, poderam transformar um povo originariamente agricola n'uma gente de trafico e usura, conforme o estabeleceu Michelet. Confrontando Jules Baissac as prescripções atrozes do *Exodo* e do *Deuteronomio*, contra as infracções religiosas e as suas tolerancias a favor de crimes naturaes, insistiu no processo que estatue que, se um homem ferir o seu escravo ou a sua serva de tal sorte que elles possam sobreviver sómente um ou dois dias, esse homem não será punido, *porque os comprou com o seu dinheiro*. E conclue aquelle que, primariamente, vê no processo formativo das divindades a antecedencia do tellurismo sobre o siderismo (o que, á face do *Véda* é mais do que contestavel) conclue, galhofando, que «como se vê, Jehovah era já cheio de condescendencias para com o deus Mammão, destinado a supplantal-o».

Como quer que seja, pelo socialismo o judaismo rehabilita-se do capitalismo.

Talvez pelo effeito da curiosa separação que Leixner faz entre judeus e judeus. Na raça israelita diz elle que ha dois elementos muito distinctos, provavelmente desde a sua origem, graças ao seu isolamento de outras raças; um *nobre, intelligente e elevado,* que produziu em todas as epochas genios admiraveis que honram a humanidade, e o outro *cruel, vingativo, insensivel, rapace, cubiçoso, arteiro, fallaz, execravel e rasteiro,* que explica o singular phenomeno do desprezo e odio que manifestaram a esta raça todos os povos antigos e modernos com os quaes os judeus hão tido e têm contacto.

Salvo melhor juizo, esta classificação tem o defeito de provar de mais. Porque a divisão de perversos e honrados, estupidos e finos parece ser geral entre todos os povos e em todas as gentes. Mitiga o azedume Leixner, asseverando que aquelle maligno caracter desapparece, segundo o prova a experiencia moderna, alli onde as leis dão a essa raça direitos iguaes aos demais habitantes, quando, como succede, no nosso seculo, particularmente em França, os mesmos judeus renunciam ao seu isolamento e se fundem, mais ou menos, com a população. Porém, na Allemanha, addita, não se chegou ainda a esta amalgama ou fusão parcial.

A carencia da fusão, que se não operou, entre os diversos factores ethnicos d'um aggregado politico póde prival-o, como nos succedeu a nós, de elementos de proveito e honra, na verdade. Sem sahir da alludida França, para ella foi, nos tempos passados, a gloria d'um Montaigne, que, por sua mãe, Lopes, poderia muito bem haver ficado nosso, caso não fôssemos tam ciosos da pureza do nosso sangue e tam atreitos á integralidade da nossa fé. Para ella é hoje a notoriedade do talento de Mendès, dos Mendes do consistorio, de prisco refugio, de Bordeus, esse erotico snr. Catullo com o qual, nos meus primeiros dias de Paris, alguns jornaes

d'ahi, mordidos não sei por que amiga tarantula, me attribuiram falsamente as vantagens de relações, se orgulhantes, todavia não existentes, no meu justo anonymato, naturalmente.

Mas, onde a fusão se não operou tambem, precisamente n'essa Allemanha, furiosa de anti-semitismo, como a Russia, é que a acção judaica, por Lassalle e Marx, se exerceu no corpo nacional, subordinando e orientando as camadas profundas da população.

Deixando, por agora, o thema que não veio senão incidentalmente ao caso, cumpre recordar que o nôme de Karl Marx se tornou bruscamente conhecido do grande publico europeu, quando, começando a amortecer-se o terror de que estremeceram, se sobresaltaram as almas, ao chammejar dos incendios da Communa de Paris, se tractou de indagar dos antecedentes historicos que haviam arremessado á peleja as multidões operarias federadas.

Relembrou então a imprensa conservadora que havia sido o refugiado de Londres o fomentador da *Internacional*, utopia formidavel cuja estructura firmara na codificação da lei organica d'um estatuto sabio. E, com o andar dos tempos, crêmos que chegou mesmo á suspeita de que o agitador accumulava as suas funcções de promover a desordem com as qualidades d'um pensamento philosophico, elevado e original.

Mas correram longos annos primeiro que a sciencia official demoradamente se dispuzesse a occupar-se das especulações criticas do allemão estranho. Finalmente, no *Collegio de França* o conspicuo snr. Leroy Beaulieu não se dedignou de perorar sobre o novo socialismo, chamado collectivista, e cuja systematisação pertence ao internacionalista odiado. Esses discursos fôram reunidos n'um volume, pessimo no criterio que o domina, pessimo nos reparos technicos que pretende oppôr á critica marxiana, mas que contem, aqui e alli, em que

peze ao seu contradictor Jules Guesde, Saint-Just barbudo, observações, de detalhe, judiciosas e algumas com um, até, não ponderado alcance.

Entre nós, as doutrinas de Marx são quasi desconhecidas e o livro fundamental do socialista presta-se difficilmente aos nossos entendimentos, pelo caracter aridamente abstracto que possue, aggravado pela germanica falta de ordem na deducção logica das materias.

Com effeito, depois da grande effervescencia politica e social, exacerbada pela revolução de fevereiro de 1848, em largo geito determinada pelo extraordinario desenvolvimento que em França tomara durante os ultimos annos do reinado de Luiz Philippe o socialismo, chamado por Engels utopico, para o differençar do moderno socialismo, ou socialismo scientifico, não mais até nossos dias se produziu doutrina digna de menção no campo das theorias, sem uma razão logica, oriundas do mal estar das sociedades modernas e especialmente das suas classes trabalhadoras. As reclamações operarias circumscreviam-se á área restricta das suas questões de salario e o problema das suas condições parecia teimosamente querer confinar-se no terreno restricto da *gréve* e da associação de resistencia, em que a cooperação predispõe para a lucta aberta. N'esta zona acanhada se limitára o esforço do operariado inglez e o exemplo dos exitos das *trades* britannicas animava os salariados nas suas esperanças, ao mesmo tempo que os afastava de todas as theorias geraes, que em 1848 não os tinham conduzido a resultado algum positivo.

Ninguem se lembrou mais das colonias communistas de Cabet, das officinas nacionaes de Marie, da organisação do trabalho proposta por Louis Blanc; e o credito gratuito de Proudhon, mal ferido da polemica com Bastiat, fôra dormir um somno de esquecimento, de parceria com o phalansterio fourierista e com as praticas cultuaes da renovação religiosa que Augusto Comte, para

a alta especulação philosophica, viria a trazer da sua, em parte, funesta convivencia com Saint-Simon.

Entretanto, a economia politica, sciencia essencialmente franceza e ingleza, atravessava a fronteira do Rheno e installava-se nas universidades allemãs, onde professores inexperientes, mas chocados da falta de generalidade que encontravam nas suas proposições, forcejavam audaciosamente por lhe rasgar horisontes que os seus creadores nem sequer haviam entrevisto. D'este esforço resultou que, progressivamente divergindo dos lemmas classicos, os professores allemães chegaram, de deducção em deducção, a organisar para o ensino um corpo de doutrina, mais ou menos heterodoxa, nos seus cambiantes infinitos, a que se chama o socialismo de cathedra. Por motivos, cuja consideração não póde permittir-se aqui, esta nova heresia economica entrou no conselho dos ministros, orientou a politica de Bismarck, em quem a influencia do grande agitador Lassalle é evidente aos olhos menos attentos, e encontra-se, mais ou menos, disseminada pelas medidas governativas nos diversos estados europeus, qualquer que seja a fórma politica por que se rejam.

Do mesmo par e passo, a nova doutrina corria as fileiras da massa trabalhadora e hoje é o seu lemma de combate em toda a parte, condensando-se e definindo-se com o nôme, já agora consagrado, de collectivismo.

Esta theoria de reorganisação social fôra primitivamente exposta por Karl Marx e Friedrich Engels n'um manifesto, datado de Londres, e que tivera pouco curso. Esse manifesto não encontrara ainda o vocabulo idoneo; cognomina-se como do partido communista. De resto, os marxistas nunca acceitaram de bom grado a designação de *collectivismo*. Preferem chamar-se communistas scientificos.

Quanto á doutrina, enunciada já no livro de polemica, por Marx escripto contra Proudhon, e que este dei-

xou, decerto não por o desconhecer, sem resposta, parece não ter influido soberanamente na conducta da *Internacional* (em cujo programma incidiu a acção, pelos francezes, do desvio mutualista proudhoniano) e que se limitou na pratica ao fomento da *grève*, como indirectamente no Creusot. Nem tambem influiu nos actos da Communa de Paris, que, pelo particularismo das circumstancias historicas em que houve de governar, teve de se circumscrever, quasi exclusivamente, no terreno meramente politico.

Mais tarde, Karl Marx desenvolveu-a no seu celèbre livro *O capital*, de que, em vida de seu auctor, não chegou a apparecer mais que um volume. E um ex-ministro austriaco, Schaeffle, tentou extrahir-lhe os corollarios d'uma pratica applicação. Procurou desenhar-nos as linhas geraes, pelo menos, do arranjo social do Estado collectivista futuro; explicar-nos o seu modo de funccionamento. Marx ficara-se na dialectica da doutrina, na analyse de que emergira o systema.

A critica economica do allemão procede d'um conceito metaphysico geral sobre o universo. Renovando o pensamento de Heraclito e na corrente da interpretação hegeliana, Marx frisa-nos o caracter da instabilidade da phenomenologia.

Este conceito, sobre si, não produz mais do que as declamações moralistas que mergulham, no seu ultimo stadio, a actividade na indifferença transcendente, peculiar da essencia do genio philosophico da grande familia humana a que pertencemos e que typicamente constitue o buddhismo.

Nas mãos de Marx fructifica, porque lhe addita analyticamente a noção de filiação; e o seu esforço critico consiste em descobrir, pois, o processo de desdobramento d'essa phenomenalidade instavel, buscando nas condições do estado anterior, pelas proprias energias d'esse momento, o modo especial do estado subsequen-

te. Assim, precedeu e acompanhou a theoria da evolução nos dominios biologicos, que, theoreticamente, se reduz a isto.

O campo das investigações do philosopho é, porém, particularmente a historia e, mesmo ahi, breve se confina na zona especial da economia. A maneira por que n'estes terrenos exemplifica a certeza da sua concepção geral assombra, pela argucia e pelo singular testemunho que a marcha dos successos na producção parece conferir-lhe.

A ordem critica, com que aponta o desdobramento das fórmas da producção, desde a manufactura domiciliar até ao apparecimento da grande industria, confirma as presumpções; e, sem se inquirir da inopinada revelação do motivo do ganho industrial, por Marx attribuido méramente ao processo que condensou na sua celebre lei do trabalho não-pago, afigura-se a todo o leitor independente que a fórma do desenvolvimento economico se assemelhará, na sua linha geral, ao estabelecido pelo critico, caso não se entre em exame e debate com considerações de diversa natureza.

Estas exactas observações e bellas descobertas attrahiram as attenções de todos os pensadores para a obra de Marx, livro fundamental, d'estes que illustram periodo. É, todavia, d'uma leitura difficil, escripto irregularmente, óra com uma gravidade diffusa, logo com violencias de sectario; aqui circumspecto, como lhe cumpre, além com jovialidades indiscretas. Aliaz incisivas, como esta definição de preço: «o preço é a amorosa piscadella de olho que ao dinheiro lançam as mercadorias». (Pag. 46 da versão franceza de Joseph Roy).

Moroso e arido, o preciso e mobil espirito francez entendeu dever contrahil-o n'um resumo, conscienciosamente feito por Gabriel Deville. Vulgarisou-se logo este habil apanhado; por modicas quatro pesetas o vende em hespanhol o prestante Fernando Fé, á carrera de S. Je-

ronimo. Deville reduziu, acclarou, elagou as notas, onde no texto primitivo se encontra tudo. Desde os acerbos estenderetes inflingidos á falsa claridade do ingenuo sophista Bastiat até aos mais impresumiveis informes sobre assumptos a que, só com verbos latinos intraduziveis, os *fellare*, os *irrumare*, dos poetas da decadencia, é licito alludir. (Pag. 319).

O trabalho de Marx abre por um exame delicado da ideia de valôr; e o seu methodo, inteiramente deductivo, torna-o, por vezes, quasi inintelligivel, tam extraordinariamente subtil é a sagacidade analytica do seu auctor. Espalhado desde logo na primeira traducção franceza, elle desorientou os entendimentos. As replicas não appareceram senão reservadas, a mêdo, e de detalhe. Assim Littré contenta-se com pôr á obra a etiqueta de metaphysica. Maurice Block e Paul Janet preoccupam-se da exactidão de pontos secundarios. Recentemente, um dissidente da economia classica, Laveleye, aventura poucos, mas judiciosos, reparos; e o trabalho mais consciencioso, mais vasto e mais cuidado, de Leroy-Beaulieu, não frisa, a meu parecer, o ponto essencial da contenda.

Todavia, o proprio Karl Marx conheceu o lado vulneravel da sua dialectica e por um d'estes movimentos espontaneos de probidade mental deixou-o, se bem que a correr, assignalado n'uma das suas paginas.

Um dos reparos feitos á obra de Marx por Leroy-Beaulieu parece-nos inteiramente fundado, e é que ella não segue uma ordem regular, logica e constante no seu desenvolvimento. A abundancia de notas, as divagações criticas, historicas e politicas a que o auctor se abandona, embaraçam ainda mais o leitor attento, já abalado pelas passagens, que se não justificam, assumpto para assumpto, de ordem inteiramente differente.

Todavia, o trabalho de Leroy-Beaulieu resente-se do mesmo defeito, que complica a pretensão do critico francez em compendiar no seu exame todas as variedades

do collectivismo moderno. Malon enumera nada menos de nove concepções differentes do collectivismo, que se exhibem na ordem seguinte: *a*) *collectivismo emphyteutico*, proposto em 1826 por Bernardino Rivadavia, presidente da Republica Argentina; *b*) *collectivismo industrial*, theorisado em 1836 por Constantino Pecqueur; *c*) *collectivismo colinsiano*, preconisado, a partir de 1850, por Colins; *d*) *collectivismo internacionalista*, que teve por principal propagadôr Cesar de Paepe; *e*) *collectivismo revolucionario*, formado por simples accentuação do precedente; *f*) *collectivismo marxista*, differindo do anterior, em que é mais objectivo; *g*) *collectivismo anarchista*, puramente destructivo das forças governamentaes e juridicas burguezas; *h*) *collectivismo agrario*, cuja ideia inicial, na sua fórma exclusiva, cabe a James Mill, de que o representante actual mais caracterisado é Henry Georges e que foi acceite integralmente por Alfredo Russel Wallace, parcialmente por Stuart Mill e Herbert Spencer; *i*) *collectivismo reformista*, de que o mais illustre chefe, senão o promotor, é o proprio Malon e que, tendo na devida conta a evolução capitalista, se revindica do conceito, de senso commum, de que não seja urgico esperar que o capitalismo acabe de pauperisar o proletariado e de proletarisar a pequena burguezia industrial, commercial e agricola, para só então depois obrar socialmente.

Quanto a Leroy-Beaulieu, elle perde um tempo infinito na analyse de varios socialistas, muito especialmente de Lassalle, que, todavia, não passa d'um vulgarisador, por vezes incorrecto, de Karl Marx, que é o primeiro a queixar-se das infidelidades do seu propagandista.

Abandonando toda a questão embrulhada e confusa de derimir a ideia de valor, que Karl Marx distingue em valor de troca e valor de uso, temos que o escriptor parte da ideia de que as leis da economia politica não

têm o caracter irreductivel de leis naturaes, as mesmas em quaesquer condições sociaes, mas sim ellas dependem e representam o condicionalismo historico das epochas em que foram registradas. Para Karl Marx, esta comprehensão vae tão longe que elle empenha-se em assegurar que a lei da população de Malthus não tem caracter algum de generalidade, pelo facto de que *cada um dos modos historicos da producção social tem tambem a sua lei de população propria, lei que se não applica senão a elle, que passa com elle e não tem por consequencia senão um valor historico* (pag. 278-279).

A este ponto de vista chega Marx pela influencia do principio de senso commum que, como disse, antes do evolucionismo (que não é mais do que a sua demonstração, como disse tambem) Hegel transformou em conceito philosophico. Tudo o que existe no complexo do universo é uma modalidade fugitiva da substancia eterna. O phenomeno é transitorio; elle precede um diverso e segue outro differente. Se, pois, na sociedade moderna existem as condições da creação e da distribuição da riqueza taes quaes ellas se patenteam, nada nos garante que essas condições sejam eternas, que ellas se não transformem n'outras, como as actuaes são já a derivação evolutiva das que as precederam historicamente. O exame das condições do trabalho nas sociedades anteriores a esta, com a analyse das presentes, conduzir-nos-ha, conseguintemente, á comprehensão do ulterior modo de ser economico das sociedades humanas.

Nada, quanto a nós, mais justo do que esta maneira de raciocinar, e isto torna a obra de Marx, escripta aliaz n'um ponto de vista realmente metaphysico, concorrente e solidaria com todos os trabalhos em que a sciencia do seculo, a sociologia, lentamente se esboça.

Com effeito, nas suas mais vastas generalisações, as leis da economia politica nada apresentam de definitivo, permanente, estavel. O dominio de que se occupa a

sciencia reveste aspectos diversos, de tempo para tempo, de povo para povo; portanto, a lei que regula o phenomeno tem de variar consoante o numero e a disposição dos elementos que conjuga. Seria o mesmo para as leis physicas, se o mundo material estivesse sujeito ás fluctuações a que está afeito o mundo moral. E, mesmo na fixidez cosmica, a lei nada tem de absoluta, condiciona-se. As leis da economia politica são como as leis da astronomia e as leis da physica; ellas presuppõem uma modalidade social, umas condições do meio economico taes ou taes, sem o que ellas não poderão verificar-se, como não se verifica a lei das ondulações sonoras no recipiente da machina pneumatica.

Tanto isto é assim que a economia liberal, vendo no phenomeno da concorrencia, subordinado á sua lei da offerta e procura, as condições do desejado equilibrio social, reagiu sempre contra o regimen do monopolio, que, pela artificial mudança das condições do meio economico, não permittia a essa lei o exercer-se. Depois, e concurrentemente, os phenomenos que a economia estuda são tam complexos que ha infinitas probabilidades de que uma lei, mesmo das verificadas para um momento social, seja incompleta, não comprehenda senão partes integrantes, deixe de fóra parcellas.

N'esta corrente de ideias, Comte não considerou, sobre si, a economia como uma sciencia cabal; incluiu-a no conjuncto organico da sociologia; não a hierarchisou especialmente.

Os factos confirmam as presumpções; e a celebre lei da offerta e procura, que apresenta, ao parecer, certa generalidade e que era o grande cavallo de batalha dos economistas, acabou por ser interpretada como uma tautologia dialectica, como não representando senão uma unica e mesma coisa, dois differentes aspectos d'um mesmo facto. E isto foi visto por um dos mais façanhudos conservantistas do ensino, por Cairnes n'esse mes-

mo livro, em que, segundo Sophia Raffalovich, exprimiu, com muita sensatez, o perigo do socialismo.

Karl Marx, porém, partindo do ponto de vista enunciado, segue logo a examinar a genese industrial, deixando para depois a analyse do facto da simples troca mercantil, que elle, com razão, desdenha na consideração do augmento do capital social. Ora, estudando o desenvolvimento industrial, depois de abandonar a phase primitiva, em que o producto se gasta pelo proprio productor, Marx registra a marcha d'esse producto, desde que elle passa a ser, na sua technologia, aliás exacta, não valor de consumo, mas valor de troca, quer dizer creador de capital.

O desenvolvimento da industria percorre, ao que Marx extrahe do exame historico, os regimens successivos do officio, da manufactura e da fabrica. Na primeira phase, que, de resto, se confunde sensivelmente com a segunda, o trabalhador possue, elle mesmo, os instrumentos do trabalho e adquire a materia prima, que tem de transformar em valor social, exemplo a arte do sapateiro, do funileiro, etc. Na segunda, continuando a possuir os instrumentos do trabalho, a divisão d'este estabeleceu-se já de modo que n'uma mesma officina os operarios têm de cooperar para a final execução do producto. Na terceira phase, que é a em que, atraz da Inglaterra, todos vamos entrando, o operario não usufrue mais senão da sua força de trabalho, dos seus braços, e os elementos outros de producção estão na posse d'uma classe nova de individuos, detentores do capital e que fornecem ao trabalhador as condições de existencia, alugando-lhe, por um salario determinado, o seu labôr n'uma fabrica que lhe não pertence.

Karl Marx procede agora, de resto com todos os socialistas do seculo, a retirar d'este facto as consequencias sociaes que d'elle derivam. A introducção crescente do machinismo na industria, quer fabril quer agrico-

la, terá o effeito, mais ou menos afastado, de dividir a sociedade humana em dois grupos, naturalmente antinomicos. D'um lado ficarão os que não possuem senão o seu trabalho a offerecer ao regimen da fabrica; do outro, os que, pela acquisição do capital, subordinarão a si os que salariam. Como esta situação será e é já hoje intoleravel, cumpre resolver o problema de modo que um regimen de castas, uma degradada, a outra ociosa, não venha a reproduzir-se real e effectivamente, através de todas as illusões da igualdade civil e politica. A maneira pratica que encontra a solução desejada é o que se chama o collectivismo.

O collectivismo não é, diz-se, o communismo classico; elle não tem em vista tornar cada individuo na sociedade humana igualmente proprietario do fundo commum da riqueza; elle não persegue a utopia da legislação de Lycurgo, tal qual ella se imaginou antes dos estudos de Fustel de Coulanges. Simplesmente, o collectivismo retira da mão da classe capitalista a posse abusiva da terra e do sub-solo, das florestas e dos machinismos industriaes. Transforma o regimen da producção n'uma funcção da collectividade social, representada no Estado, e garante o direito de propriedade individual mas méramente pelo que se refere aos productos. Todo o valor creado é um valor de consumo, nunca um valor de troca; o commercio desapparece e a accumulação capitalista não mais se opéra, como origem de futuros desequilibrios taes como aquelle de que as sociedades modernas soffrem.

Todo o collectivismo, como ideia organica de remodelação social, está aqui, nas suas linhas geraes; o que falta são minudencias de analyse ou conjecturas de execução que não têm que vêr essencialmente com a theoria.

Como disse, Schaeffle procurou fazer o que poderiamos chamar o programma politico d'esta doutrina eco-

nomica, estabelecendo a maneira pratica de tornar effectiva tal aspiração, sobre que Marx abundantemente raciocinára.

Comprehende-se sem esforço que todo o trabalho do ministro austriaco é inutil para desfazer, d'uma maneira satisfatoriamente completa, as innumeras difficuldades que espontaneamente nascem da questão mesma.

Em primeiro logar, Schaeffle teve de distinguir com nitidez entre os instrumentos de trabalho que teriam de se reportar á propriedade collectiva e aquelles que não poderiam, sem absurdo, ser comprehendidos em similhante categoria. Com effeito, instrumentos de trabalho existem que, pela sua natureza, se furtam á consideração d'uma applicação social em seu funccionamento, como seja a machina de costura, mais primitivamente a simples agulha de coser. Para estes, Schaeffle abre uma excepção e acceita que elles continuem de posse individual, comtanto, accrescenta, que se não empreguem fóra das necessidades de consumo do seu proprio possuidor.

Dizer isto parece ser cahir no escolho de todas as organisações sociaes que se não entregam ao simples jogo das energias individualistas, sem attritos e sem restricções. Parece uma reintegração dos projectos subjectivistas, pessoaes, do socialismo utopico. Como se jámais houvera uma sociedade organisada como um banco, sobre um estatuto preconcebido; e como se o cerebro d'um só homem, por mais potente, podéra substituir-se á multiforme invenção collectiva, irradiante de myriades de typos anonymos!

Parece equivaler a assignalar na organisação social que se sonha a necessidade d'uma vigilancia policial, tanto mais odiosa quanto ella iria incidir sobre os mais intimos e mais mesquinhos episodios da vida individual.

Leroy-Beaulieu insiste, em longas paginas, nas inextricaveis difficuldades da realisação do projecto de Schaeffle; e, a proposito, encontra, por vezes, situações em que o revoltante e o comico se entrelaçam.

Mas não devemos illudir-nos com esta critica, facil porque se exerce sobre concepções do arranjo futuro que não são adequadas ao criterio, que herdamos, das coisas. Com este mesmo é que, todavia, intervimos para o exame de condições em que, pelo contrario, se presuppõe que elle não tem cabida. Assim, na sociedade collectivista, a categorisação dos instrumentos de trabalho para a apropriação, ou individual ou collectiva, está naturalmente indicada, na especie, pelo typo mesmo d'esses instrumentos, no processo historico, pela seriação do seu apparecimento. Tambem, essa sociedade não careceria de vigiar se o detentor d'um instrumento de destino familial o applicaria abusivamente a uma funcção social. Primeiro, porque esse apparelho, rudimentar ou restricto, se suppõe que a não comporta. Segundo, porque todos os que necessitassem d'um exemplar d'esses o possuiriam de proprio, fabricando o producto, sem ter por que buscal-o fóra. Terceiro, e principalmente (e é onde naufraga toda a tarefa de Leroy-Beaulieu) porque a sociedade collectivista não está, por hypothese, sujeita ao facto da concorrencia, substituida então pela solidariedade. Portanto, raciocinar como o faz o economista é sahir das premissas, exorbitar dos dados do problema, transportar o debate.

Assim, podemos dispensar-nos de acompanhar a morosa tarefa, aliás notavelmente conduzida pelo publicista francez, a este respeito, cuja importancia confessemos, com Leroy-Beaulieu, capital. Mas, bem percebido, no sentido do possivel entendimento do processo de transformação do actual modo historico de producção e repartição. Quanto ao programma de Schaeffle, em si mesmo, elle evidentemente que não póde offerecer-se

mais do que por uma collecção de conjecturas, todas, mais ou menos, phantasiosas. Nem a Schaeffle nem a ninguem é dado conceber a integralidade dos typos vindouros das fórmas sociaes em via de elaboração.

N'este criterio, circumscrevendo o debate no perimetro acanhado d'uma simples carta, afigura-se-me que todo o plano do sabio austriaco se apercebe consideravelmente suspeito, desde que se repare em dois pontos unicos. Um concernente á sua execução; o outro interessando as suas consequencias ulteriores, mesmo só na esphera particular da industria e sem fallar do commercio (onde a expropriação capitalista, pelo grande bazar, começou, todavia, tambem) nem das artes liberaes (onde ella é impossivel, quasi em absoluto). Se o genio autonomista d'um architecto póde ser deslocado pela convergencia salariada d'uma corporação de mestres d'obras, as receitas d'um medico serão sempre de lavra exclusiva e propria.

Ora, dando de barato que o programma de Schaeffle, ou outro com o mesmo objecto, seja o mais justo e racional possivel, pergunta-se qual a maneira de o realisar socialmente.

Aqui, duas soluções se apresentam: ou a transformação das condições actuaes da sociedade economica se realisa por um processo pacifico ou se opera pela via revolucionaria.

O socialismo moderno encontrou-se n'este dilemma, desde que tentou fazer a construcção integral da nova doutrina, e logo se fraccionou em escólas diversas, orientando-se, finalmente, por um ou outro dos criterios expostos.

Os operarios francezes, como em geral os seus collegas de todo o mundo, n'um congresso ha poucos annos levado a effeito em Marselha, opinaram, franca e rasgadamente, pela via revolucionaria; e, como corpo politico, habilmente têm procurado produzir as condições

em que favoravelmente podessem tornar concreta a theoria adoptada. É assim que os seus delegados ao conselho municipal de Paris não se cansam de reclamar, esterilmente, a reconstituição das guardas nacionaes, com um intuito que seria pueril pôr em relevo.

Os socialistas doutrinarios, os professoraes, os mysticos, os *Katheder-socialisten* da Allemanha e os publicistas de analogo typo em França, receando, com fundados motivos, as eventualidades imprevisendas, sempre terriveis, d'uma collisão armada, empenham-se em encontrar um compromisso que esclaréça a situação.

Este compromisso pacifico não póde ser fornecido senão por uma de duas variantes. Ou a remodelação collectivista se decreta pelo Estado e deve a sua existencia á energia dos homens de governo; ou ella segue o caminho inverso, parte debaixo para cima e procede da transformação successiva das condições do salariado na propria fabrica, quer pelo consenso de patrões e operarios, quer pela iniciativa philanthropica dos primeiros, quer pela imposição dos segundos, graças ao meio coercitivo da *gréve* ou pela creação, independente, da associação cooperativa de producção.

Quanto á solução governativa, tem acariciado, mais ou menos, as vaidades d'alguns imperantes, como se deu, em plano similar, com Napoleão III e hoje se observa, depois do chanceller, no autocrata da terra allemã. As condições, porém, da existencia dos governos, que pouca força propria representam, antes não passam dos symbolos dirigentes da média da cultura e da normalidade das condições das sociedades sobre que legislam, mostram á evidencia que seria chimerico esperar-se que governo algum podesse jámais tentar sequer um plano de tão vastas proporções. Limitam-se, pois, a umas timidas medidas de concessão, sem rasgo ahi mesmo, sem amplitude fecunda. São ellas concernentes ao regimen interior das fabricas, ao trabalho dos menores,

á hygiene das habitações do proletariado. Não contentando perfeitamente a ninguem, não têm dado ensejo a que se desdobrassem, como cumpria, em mais audaciosos propositos. Pelo que se refere á iniciativa pacifica de patrões e de operarios, solidarios ou não, o tentamen abortado das combinações de 1848 em França levou Lassalle a cobrir de injurias Schultze-Delitsch que organisára, com mais tino e fructo, na Allemanha um movimento de tal natureza.

Resta-nos, pois, a considerar a solução revolucionaria, que, apesar de tudo, é, nas premissas, a mais sensata e racional.

É curioso que seja Karl Marx quem se encarregue de fornecer aos reaccionarios elementos para a refutar. Se bem que nem sempre fôssem coherentes os principios espalhados nos seus trabalhos doutrinaes. E, aqui, felizmente que são incompletos, especiaes e especiosos, em grande maneira inexactos.

No exame pessimista, mas tão sagaz, verdadeiramente admiravel, por elle feito, das consequencias, sobre a população trabalhadora, do actual regimen de fabrica, Marx, depois de mostrar como a introducção do machinismo na industria destroe no operario o virtuosismo profissional, que era uma das fórmas da cultura esthetica da classe trabalhadora, assignala, detida e longamente, a degradação progressiva do proletariado, confinado dias inteiros e successivos em mesteres automaticos e não determinando, para o seu encephalo, a mudança de impressões, repetidamente as mesmas, senão nos abusos de excitantes e de narcoticos.

Se, pois, o regimen industrial em que as sociedades modernas se engolpham cada vez mais tem como consequencia a inferioridade (moral e intellectual) progressiva e indeclinavel da população fabril, como se poderá comprehender, da parte d'essa população degradada, um esforço de revindicação que, para classes mais fa-

vorecidas, o exame historico não aponta já com facilidade?

Como o frisei acima, a consideração d'onde procede este obstaculo não é, comtudo, felizmente, pelas grandes linhas geraes, exacta. Esta degenerescencia mental, moral e esthetica procederia da degradação das condições de existencia, mercê da indeclinabilidade do processo capitalista que exige que o salario, em quaesquer condições, não exceda o restrictamente necessario para a simples conservação animal do salariado. Esta lei terrivel, a ser rigorosamente exacta, bastaria para condemnar sem remissão o mundo actual. E, se não podesse ser corrigida nos seus effeitos, mitigada no seu exercicio, a economia politica teria lavrado a sentença condemnatoria que o dynamitismo, carrasco logico ás suas ordens, não faria senão a sua obrigação em executar. Esta é a lei chamada, pelo imaginismo litterario de Lassalle, a *lei-de-bronze*. Procede, como se sabe, da economia classica, se bem que o socialismo fôsse quem se apressasse a pôl-a em destaque, como a sua integral justificação. Fórma o nucleo da theoria do fundo dos salarios e foi Ricardo quem a trouxe para a evidencia e lhe deu todo o relevo. Ricardo fixa um momento fundamental na evolução da sciencia. Com elle, ella attinge o seu maximo de desenvolvimento, no crescimento graduado do embryão a gestacionar desde Adão Smith. «Ricardo forneceu a espinha dorsal da sciencia economica», escreve Odysse-Barot. Decerto; mas uma espinha dorsal cuja medulla, purulenta, amollecia. Já elle proprio começou a suspeitar que o sêr nado era teratologico; e o seu discipulo, continuador, vulgarisador, Stuart Mill, esse, acabou em reconhecer que o monstro não era viavel. Assim n'este a economia politica capitula, falle, confessa, emfim, a sua impotencia; e o socialismo principia a obter o dominio na esphera espiritual da sciencia.

Ora, Ricardo reputava como impossivel um melho-

ramento da sorte do maior numero; considerava como o seu ideal um estado de coisas em que os salarios attingissem o *minimum* necessario para impedir o trabalhador e a sua familia de morrerem de fome. Derivou, no exame da distribuição, esta consequencia tragica Ricardo, estudando as condições do trabalho agricola e estabelecendo a sua celebre theoria sobre a renda. A questão da renda paga pela terra e das leis que regulam esse pagamento tinha, havia mais de um seculo, preoccupado os economistas, quando Ricardo, em 1817, resumiu, sob fórma positiva, as ideias já emittidas por Adão Smith, o doutor Anderson e outros, dando ao mundo uma theoria da renda que foi immediatamente acceite como a verdadeira e que depois se qualificou como a grande descoberta da epocha. Frisa esta theoria que a proporção, a quota-parte do proprietario tende constantemente a crescer, á medida que decresce a productividade do trabalho. Do que resulta uma tendencia á absorpção final de toda a producção pelo proprietario da terra e a uma desigualdade, sempre crescente, das condições. Isto por o poder do trabalhador em consumir as utilidades que produz diminuir constantemente e o do proprietario de as reclamar como renda ir sempre crescendo. Addita que similhante tendencia a que diminua a remuneração do trabalho e a que se augmente a proporção do proprietario se encontra em relação com o accrescimo de população e se pronuncia tanto mais fortemente quanto a população cresce mais depressa. Finalmente, constata que cada melhoramento na cultura tende a retardar a elevação da renda, emquanto que, pelo contrario, cada obstaculo ao melhoramento tende a augmental-a. D'onde esta consequencia necessaria, a saber que os interesses do proprietario e do trabalhador estão constantemente em opposição, elevando-se a renda á medida que o trabalho decahe, decahindo o trabalho á medida que a renda se eleva.

Esta theoria repousa, comtudo, sobre a asserção erronea de que a cultura se ataca primeiro aos solos ricos, passando, pelo seu esgotamento, successivamente para os menos ferteis. Ora, o harmonista Carey demonstrou que é precisamente o contrario. Repudiando as theorias da renda e da população, no seu tempo admittidas por quasi todos os economistas, como formando a base de todas as doutrinas da eschola que tem o descaroavel impudor de se chamar liberal, Carey oppoz ao de Ricardo o seguinte systema: — A humanidade não chegou a commandar á natureza, que a dominava de começo, senão crescendo em numero e augmentando o poder dos seus instrumentos. Obrigada a pedir subsistencias á terra, ella, ao principio, apanhou os fructos espontaneos; depois revolveu o solo nos logares mais faceis, nos terrenos magros, situados no flanco das collinas.

É muito mais tarde, quando a população se tornou mais densa, quando os instrumentos fôram aperfeiçoados, que ella desbastou o fundo dos valles, onde estão os terrenos mais ferteis, mas atravancados de arvoredo espesso, cobertos de pantanos e não podendo ser postos em cultura senão com muitos esforços e vias de communicação previas.

A hypothese de Ricardo segundo a qual a cultura começou pelas terras gordas para passar, de camada em camada, a terrenos de segunda, terceira qualidade resulta, pois, manifestamente falsa.

Esta refutação não é só uma das partes mais originaes da obra de Carey. É o que lhe dá a razão de ser; e as reticencias de G. Schelle não se funtamentam na exacção dos elementos criticos. Diz Schelle que á hypothese de Ricardo sobre a formação historica da cultura, Carey substituiu uma outra, só mais consentanea com os factos que se passavam, sob os seus olhos, n'um paiz novo, em que os terrenos ferteis eram em quantidade quasi illimitada. Mas conclue: «não é de fórma ne-

nhuma certo que esta hypothese seja conforme a todos os factos e que os arroteamentos hajam seguido a mesma ordem em todos os tempos e em todos os logares».

Á face d'isto, parece que Schelle cita de citação e que nunca viu o livro fundamental de Carey. Com effeito, todo o capitulo IV do primeiro volume dos *Principios da sciencia social* é consagrado ao exame explicativo da theoria da renda de Ricardo. E a refutação não se faz exclusivamente pela lição da marcha da colonisação nos Estados-Unidos.

Alarga comprehensivamente; e aqui reside a sua garantia. Assim, funda-se tambem na marcha da colonisação no Mexico, nas Antilhas e na America do Sul; na Inglaterra; na França, na Belgica e na Hollanda; na peninsula scandinava, na Russia, na Allemanha, na Italia, nas ilhas do Mediterraneo, na Grecia e no Egypto; emfim na India.

Na verdade, os mesmos socialistas hoje reconhecem a falsidade, nos seus termos absolutos, da minaz *lei-de-bronze*. A simples inspecção da realidade historica, de relance, dispensa-nos de investigações miudas. A possibilidade das associações de classe, fundadas e sustentadas pela quotisação dos salariados, demonstra a sem-razão d'essa lei, tomada como fórmula geral, incontradictavel, regulando, sobranceira, a phenomenalidade economica.

O proprio Ricardo contemporisara já, dizendo que a tendencia á diminuição na remuneração do trabalho é contrabalançada, em um certo grau, pelo accrescimo de riqueza, o qual permitte um aperfeiçoamento na cultura. E, no dominio applicativo do industrialismo fabril, Karl Marx assegura (pag. 270) que o progresso constante da accumulação capitalista deve, tarde ou cedo, trazer uma alta gradual dos salarios. Mill havia tido já vistas mais sãs e mais elevadas do que Ricardo, chegando a conclusões

differentes, sem suspeitar, todavia, do principio do *minimum* pousado com Ricardo, mas accrescentando-lhe um elemento esquecido ou desconhecido por este. O *minimum*, para Mill, não deve ser puramente physico; é modificado pelas mudanças que se operam no caracter moral dos a quem diz respeito, nos seus costumes, nos seus habitos, nas suas necessidades materiaes e immateriaes. Ha para cada classe, portanto, uma certa média de conforto e de bem-estar abaixo da qual ella não póde viver. Boa média essa a do operario. Mill (assim seja!) assegura que ella tende constantemente a elevar-se.

Mas, em qualquer dos dois casos, como é que se imagina levar a effeito essa revolução integral, unica, nova na historia? Nova, porque comprehende a humanidade de fóra-a-fóra, na politica, na religião, no amor, nos costumes: tudo dependente, segundo a hypothese basilar da doutrina, do peculiarismo das leis da economia social e estas (é uma das ideias originaes e proprias de Marx) condicionadas pelas fórmas technicas da producção. Nova, porque é uma revolução synthetica, organisadora, constructiva. Coisa tambem nova na historia, onde as revoluções, como o viu Buckle, são mais para destruir organisações tradicionaes do que para crear outras.

E, entretanto, o povo dos soffredores continuará soffrendo, na espectativa d'um acontecimento que nunca chega!

Este determinismo social, que faz dos homens simples factores d'um desenvolvimento generico, é perfeito na independencia analytica d'um systema philosophico; mas parece sêcco como aspiração d'um corpo politico, a qual cumpria que fôsse, o mais possivel, immediata.

De resto, e dentro d'essa fria, pura analyse, qualquer das soluções indicadas tem (este é o ponto essen-

cial) o inconveniente gravissimo de serem prematuras; ellas significam uma impaciencia que é legitima, porque quem espera desespera, tanto mais se espera no infortunio, mas que, theoricamente, a mesma doutrina não auctorisa.

Sendo, no seu desenvolvimento abstracto, o collectivismo uma doutrina de evolução, como é que Schaeffle se adeanta com um plano mais de homem de partido do que de homem de sciencia; com um projecto de reconstituição social, suggerido pelo desdobrar previsto de condições economicas, funestas a uma grande parte da humanidade mas que não concluiram ainda o seu trabalho de genese da situação fixada, em que a transformação que se deseja apparecerá naturalmente como o ultimo termo d'uma serie, simplesmente seguindo uma marcha historica em via de ulteriormente se completar?

O mesmo Marx, por vezes inconsequente, não desdenhou este ponto que aqui levamos dito, quando, a pag. 211 do seu livro, reconheceu que a unica via real por que um modo de producção e a organisação real que lhe corresponde marcham para a sua dissolução e para a sua metamorphose é o desenvolvimento historico dos seus antagonismos immanentes. «Esse é o segredo, exclama, do movimento historico que os doutrinarios, optimistas ou socialistas, não querem comprehender».

Estabelecer isto equivaleria, a querer-se ser rigorosamente logico, á quietude na espectativa. Não se comprehende a intervenção sem a integral eclosão d'esses antagonismos. Ella dispensa-a mesmo, ou antes será ella que a determine.

Quer dizer, a doutrina marxiana não se coaduna legitimamente com uma acção pratica. É um processus historico que segue a sua marcha.

Que vem fazer, intromettendo-se-lhe a meio a iniciativa sectarista, que procure impedir, demorar, desviar, avançar um desdobramento, especifico, de si?

Ha contradicção entre Marx philosopho e Marx politico. Mas esta contradicção é geral em todos nós, modernos. Procede do enigma do livre arbitrio, da necessidade da coexistencia da lei social com a actividade pessoal.

Se a historia é, toda, fatalidade, a conclusão da conducta é o indifferentismo. Mas isto é absurdo, pela propria lição concreta da historia. Se a historia é, toda, liberdade, a lei reguladora não póde existir, ella não é sciencia então. Mas isto é absurdo tambem, pelo exemplo da unanimidade convergente das grandes massas para objectivos independentes da consciencisação individual.

No prudhommesco, aristotelico meio-termo é que está a solução. O homem nem é fatal, como o grave inerte; nem é livre, conforme o anjo de suas chimeras. Tem uma liberdade condicionada, como a do passaro na gaiola.

Portanto, póde intervir nos accidentes d'uma evolução, cujo conjuncto lhe escapa á influencia. Qual o lavradôr aproveita para o seu moinho a queda de agua cuja corrente compacta, de massa, não póde desviar e o arrastaria.

Quanto á outra consideração que me suggere o plano de Schaeffle, refere-se, como disse, ás consequencias ulteriores da sua effectividade; e ella não comprehende só o programma do ministro austriaco, mas ainda diz respeito a toda a doutrina collectivista em geral.

Desde o momento em que a inversão do regimen presente para o regimen proposto se leve a effeito, é claro que ella comprehende o progresso fabril tal qual o encontrara no momento historico em que essa metamorphose, por qualquer processo, se ultimou. Ora, pelo proprio conceito hegeliano, d'onde partiu Karl Marx, não se póde considerar o desenvolvimento das artes industriaes como havendo attingido em tal momento o seu

termino nem que então tenha proferido a sua ultima palavra a applicação technologica da sciencia á industria. Salvo se se aguarda pela natural passagem d'um modo de ser da producção para outro, o que não se percebe, de resto, como succederá, vistoque, no momento anterior, havia capitalistas e salariados e os primeiros não se dissolveram de per si nem se suppõe que os exterminasse uma revolução não produzida.

Seja como fôr, organisado, todavia, socialmente, o trabalho, não se comprehende tambem facilmente como o progresso dos processos possa continuar a exercer-se, nem como da massa, egualmente trabalhadora, egualmente subordinada a um regimen que crystallisou em um systema institucional de Estado, a iniciativa do genio individual, sem suggestões nem incentivos, haja de produzir-se n'um sentido de melhoria.

Esta difficuldade, gravissima, porque ella representa nada menos do que a presupposição, fundada, do immobilismo na sociedade collectivista, sentiu-a, muito ou pouco, Lassalle, procurando furtar-se ao seu simples annuncio com motivos de ordem sentimental, que, n'estas espheras, são a marca inilludivel da impotencia das doutrinas.

Dir-se-ha que tal progresso é inutil, porque a sociedade se satisfaz com o que tem e como está? Mas isto é a China, em total. Dir-se-ha que tal progresso continúa possivel? Mas como? Desde que *a* conceba *b* differente de *c* existente, quaes os meios de concretisar a sua concepção? D'onde lhe virão os recursos para a effectivar? Do Estado? Mas se o Estado se estabeleceu (antes d'essa concepção) como a perfeita concretisação já da felicidade justa?!

Emfim, não se entende. Pelo menos, eu não entendo. *A' d'autres.* O moderno collectivismo não se preoccupa, porém, demasiado, com a exposição dos seus programmas praticos nem com a maneira de resolver

as duvidas que os tentamens de tal genero levantam nos espiritos. Elle encerra-se, mais especialmente, na accusação da economia classica, que, por assim dizer, torna responsavel dos males sociaes que justamente o indignam.

No seu facciosismo, não deixa de ter rasão. Como quasi todas, ou antes todas as sciencias cognominadas de moraes, a economia tem-se indecentemente posto ao serviço dos privilegiados e dos abusivos. Considerando a miseria como um facto eterno e irremediavel; fazendo-a de instituição divina; justificando-a, com Malthus, porque nem todos tenham naturalmente talher á mesa do banquete cosmico, a economia beatifica os possidentes, fornece-lhes a paz da consciencia. Aos outros reputa-os como carne a explorar; para elles não tem senão os inacreditaveis conselhos da resignação. Que os victimados se aguentem n'um desespero, que é para ella a ordem final, teleologica. Mesmo que esterilmente os lamente, a sua comprehensão especialista das coisas faz os homens para a riqueza, não esta para aquelles. Assim, termina por ser uma resenha graphica.

Ora, o communismo, disse-o, altamente, Augusto Comte, não comporta outra refutação do que a resolução do problema que elle propõe. Tudo o mais é areal. E a economia politica esquece que só se legitima se fôr uma sciencia de applicação. Restrictamente descriptiva, não passa d'uma especulação ociosa. É até tam impia, em face do mal contra que não póde, como o seria a pathologia se se não resolvesse em therapeutica.

Não que o collectivismo appareça como uma altruista, generosa revindicação moral. Pelo contrario, desconfiado das abusões humanitaristas do socialismo primitivo, elle faz gala de estreiteza e ufana-se d'um glacial desdem pelas grandes palavras do direito e da justiça humana. Confina-se no mundo dos interesses materiaes e d'ahi não quer sahir.

Ultimamente, espiritos rasgados do socialismo contemporaneo buscam alargar os horisontes. Com o titulo de integralismo, arejam a doutrina; abrem janellas, que dão para todas as fórmas do desenvolvimento humano.

Póde ter-se uma ideia perfeita d'esta tendencia pela leitura do livro de Bénoit Malon, occupado do socialismo integral. É a explanação objectivista d'aquella latitudinaria definição de Littré, quando ensinou que o socialismo seria o complexo das ideias e aspirações tendentes a avocar á média da cultura economica, mental, moral e esthetica, os individuos ou as classes desprovidas d'essa cultura.

Mas *qui trop embrasse peu étreint*, professa o proverbio. Assim o socialismo seria tudo e todos seriam, mais ou menos, socialistas.

Apesar, todavia, dos seus embargos á sentimentalidade, o collectivismo apercebeu-se da urgencia d'um conceito generalista, de caracter humanitario e philosophico. A verdade moral domina o mundo; e Malon, em cuja dôce physionomia, quando recebi a honra de trocar com elle algumas palavras, eu pude vêr, como toda a gente que o trate, o incoercivel resplendôr d'uma moralisação ingenita e profunda, Malon não é mais do que o representativo d'uma necessidade commum.

Toda a doutrina d'esta natureza precisa, realmente, de se estear, além das simples considerações historicas, economicas e politicas, n'uma base de direito humano, buscando na moral uma sancção.

O genio de Karl Marx foi ferido d'esta indeclinavel exigencia; e, assim, encontrou para a theoria a base, que lhe faltava, na sua interpretação do modo de formação do capital.

Segundo elle, depois da fórma primitiva da troca do producto pelo producto, quando o individuo chegou a crear valores a mais do que aquelles de que carecia,

transformou naturalmente esses valores em materia negociavel. A mercadoria appareceu e, com ella, o seu symbolo, o dinheiro. A troca póde representar-se, portanto, pela seguinte flecha:

$$D - M - D,$$

onde D representa o dinheiro e M a mercadoria.

Este facto simples de troca, em que entre os elementos constitutivos não ha differença, não augmentaria a riqueza, evidentemente; ella cresce, por isso que o symbolo se transforma, pela cubiça do que tem menos necessidade na transacção, em este outro:

$$D - M - D',$$

onde

$$D' = D + AD.$$

Esta é a fórma primitiva da creação do capital, d'onde procede e onde se funda o modo grosseiro da acquisição da riqueza pela thesaurisação, que Marx espia até á sua degenerescencia em mania caracterisada (pag. 64).

Dado o nucleo de capital, para sua constituição Karl Marx não entra em linha de conta nem com a economia, nem com a iniciativa, nem com o trabalho individual, factores, de realidade, inapreciaveis, na sobrecarga do grande processo historico, em geral, connexo e vasto. Eruditamente, parte o philosopho a investigar-lhe as origens do desenvolvimento em rasões d'ordem historica, examinadas na Inglaterra, onde o seu livro foi escripto, como sejam a expropriação da população dos campos, os donativos regios e o regimen colonial. Finalmente, surge a invenção da machina de vapor,

que modifica, rapida e completamente, o processo do trabalho.

Entrando este em regimen de fabrica, resta saber como é que, n'esta ordem de producção, se fórma o coefficiente *A*, que representa a accumulação capitalista.

Karl Marx começa por o encontrar na exploração do trabalho dos menóres e das mulheres pelas officinas e na prolongação desmesurada das horas de trabalho.

Todavia, estes factores desapparecem breve da consideração, por isso que os esforços dos philanthropos conseguem introduzir nas fabricas inspectores que vigiam a execução de leis tendentes a cohibir o abuso do emprego, nos mesteres industriaes, de menóres que não estão no caso de se adaptarem ainda a taes especies de serviço e por isso que a *gréve* dos interessados reduz progressivamente o numero das horas de trabalho. Esta ultima vantagem, porém, para Marx é quasi nulla, visto que a ella responde o aperfeiçoamento technico, que, no trabalho reduzido, o intensifica.

Qual é, pois, a origem do lucro em industria? Aqui vem a grande accusação moral do collectivismo.

A economia classica diz que o contrato entre patrão e salariado é inteiramente bilateral. Por α de trabalho, recebe o salariado x de dinheiro. Isto não passa d'um sophisma, assevera Marx; e assevera-o, fundando-se no que segue:

A riqueza social augmenta dia a dia, e a industria fabril não se exerce em pura perda. Ora, a simples troca não cria riqueza. E, sem considerar, porque se integre na reproducção, o agio imposto ao commercio pelo industrial, Marx, tam só, explica a formação do capital industrial porque o salariado, quando recebe x de dinheiro, não restitue α de trabalho, mas sim $\alpha + \beta$, sendo β o excesso de trabalho que elle executa, sem por isso ser pago. Este excesso é que faz, segundo

Marx, o lucro industrial. A esta descoberta, que fundamenta em longas considerações. é que elle chama a sua lei do trabalho não pago, e onde depara com a genese da accumulação capitalista moderna.

Desejaria, caro amigo, desenvolver este ponto, que é, ao mesmo tempo, o fundamental e o mais interessante. Mas isto levaria extremamente longe; e cuido que a escabrosidade do assumpto haverá já até aqui aborrecido os seus leitores. Limito-me, pois, a este topico, cuja demonstração remetto para a pag. 43, antecedentes e seguintes do livro de Marx: — O operario ganha por um dia de trabalho supponhamos 500 reis. 500 reis correspondem a um producto realisado n'uma hora de trabalho. Ao cabo d'essa hora, o operario nada deve ao capitalista. D'ahi até ao fim do dia de trabalho está (*exploração capitalista*) a transformação da força viva do trabalho em mais-valia. Ou seja, o incremento sobre o capital constante mais o capital variavel, determinando o lucro, divergente da méra reproducção de capital, improductiva. Assim, na fórma capitalista da producção, o trabalho, isto é (abstracção feita da terra) a riqueza, distribue-se segundo o schema:

1.ª PARTE: *Trabalho util para o trabalhadôr:*

{ Tempo de trabalho necessario.
{ Trabalho necessario.

2.ª PARTE: *Tralalho util para o capitalista:*

{ Tempo extra.
{ Hypertrabalho.

Do que tudo, a taxa da mais-valia será representada pela proporção:

$$\frac{\text{Tempo de trabalho extra.}}{\textit{Tempo de trabalho necessario.}}$$

Equivalente á fracção:

$$\frac{\text{Hypertrabalho.}}{\textit{Trabalho necessario.}}$$

A taxa da mais-valia é, pois, a expressão exacta do grau de exploração da força de trabalho pelo capital, ou do trabalhadôr pelo capitalista.

Toda esta parte da obra de Karl Marx é que é a nova, realmente imprevista e conduzida com um maravilhoso poder deductivo.

Para Marx, como para Mill, a critica tem de impôr-lhe os direitos de originalidade, que, ao contrario de outros, elle dissimula o mais que póde, reportando-se sempre á auctoridade de predecessores. Pertence aos que citam com abundancia, parecendo excesso de pedanteria o que é timido escrupulo de probidade mental.

Todavia, a descoberta de Marx não tem senão uma importancia de ordem moral e juridica. Ainda que a lei encontrada não fôsse exacta, desde que se haja assignalado, na fórma dita, a evolução economica das sociedades, o antagonismo de condições sociaes, fundamentalmente differentes, entre os homens formularia o problema no plano em que elle se apresenta. As revindicações em favôr do proletariado antecedem, desde os tres iniciadores (Saint-Simon, Fourier e Owen), pelos epigonos (Leroux, Blanc), similhante descoberta.

Os economistas perturbaram-se todos; ella vinha fundamentada com razões, ainda hoje, ao parecer, in-

atacaveis; e só depois de longo trecho é que os reparos começaram de surgir.

Affigurou-se-lhes, primeiro, que os corollarios que d'ella extrahira Karl Marx não eram exactos. Leroy-Beaulieu propoz-se, com certa felicidade, o demonstrar, pela estatistica, que a consequencia registrada, d'uma sobrepopulação miseravel, era falsa. E Laveleye, reconhecendo que a lei fôra deduzida partindo da definição de valor que certa parte da economia tradicionalista, principalmente por Bastiat, banal pioneiro nas piugadas de Carey, unicamente referira ao trabalho, recomeçou pela emenda de definições imperfeitas.

Pela minha misera banda, não me prendo, por agora, com o lado restrictamente economico da polemica. Farei simplesmente notar que o abusivo excesso de trabalho sobre o salario representa, no mesquinho condicionalismo moral da actual normalidade social, o serviço prestado pelo capital ao trabalho em o tornar effectivo. Assim, a difficuldade desloca-se, e a questão toma um aspecto diverso.

Bem sei que Karl Marx considera o capital como materia inerte, susceptivel de amortisação mas não de lucro. Inerte é, comtudo, tambem, o trabalho sem o capital. Coagulação de trabalho, trabalho-trabalho e trabalho-capital são interdependentes. Simplista, em absoluto, aquella é, porém, uma proposição que se não demonstrou. Inteiramente erronea por isso que ella representaria o não-augmento da riqueza social e, nas suas consequencias mais ou menos remotas, reintegraria em fóros de debate a chimera da gratuitidade do credito.

O mesmo Karl Marx se apercebeu, como já o dissemos, d'esta fragilidade, inquestionavel, da sua theoria; confessou-a de passagem, refugiando-se no conceito juridico de que na collisão de dois direitos, eguaes e contrarios, quem resolve é a força.

«Ha aqui, portanto, escreve (pag. 101), uma anti-

nomia, direito contra direito; ambos trazem o sello da lei que regula a troca das mercadorias. Entre dois direitos eguaes quem decide? A Força».

Posto isto, o terreno, que se procurou, da justiça nas relações dos homens escapa debaixo dos pés; reentrou-se na fatalidade historica e o humanitarismo apaixonado cedeu o logar ás frias previsões sociologicas.

Poderemos abalançar-nos a conjectural-as?

O quadro do desenvolvimento economico traçado por Marx é um elemento a mais para que a duvida nos desponte no espirito.

Com effeito, na evolução dos typos de producção (e, portanto, do arranjo politico-economico connexo) a passagem do regimen cooperativo para o stadio da grande fabrica é determinado por quê? Por uma causa intercorrente; embaraçadora, mas, nas suas origens, estranha ao systema mesmo do processo industrial. Isto é, a curiosidade scientifica, que, n'um motivo todo didactico, procura dar emprego á força do vapôr de agua.

Quer dizer, se, quando a machina de vapôr não era sequer concebivel, um philosopho elaborasse, segundo uma filiação evolutiva, as conjecturas provaveis do modo de ser economico-politico dos momentos subsequentes da historia civilisada, que são o nosso presente, elle não poderia imaginar, em maneira alguma, o typo capitalista-salariado da actualidade.

Então, antes do que a de solidariedade pelo trabalho social, lhe surgiria a ideia da liberdade pelo trabalho individualista. Foi o que aconteceu em França, onde a Revolução pensou bem fazer, espalhando ao vento as compressivas pêas das corporações de officios.

Assim tambem, quem nos diz a nós que, entrementes que se rascunham projectos de organisação da sociedade collectivista futura, presuppondo a permanencia da fórma de producção machinaria, esta não se alte-

re tam constitucionalmente que á socialisação do trabalho venha, novamente, a succeder a individuação d'este?

Com effeito, se, como membro do trabalhador collectivo, o trabalhador parcellar se torna tanto mais perfeito quanto é mais limitado e incompleto, conforme o assegura Marx (pag. 152), o que aliaz succede na fórma de producção individuada, senão para com o mester, pelo menos, para com a cultura geral do obreiro, n'elle confinado, e o que não occorre, na grande producção, para os chefes de serviço; com effeito, se o systema das machinas automaticas, recebendo o movimento por transmissão d'um automato central é, segundo o mesmo Marx (pag. 165), a fórma mais desenvolvida do machinismo primitivo — quem será bastante ousado a pretender que por ahi fiquemos? Quem póde certificar-nos de que a especulação scientifica, esgotada n'esse sentido, não desvie n'outro e n'esse não abra expedientes resgatadores da actual servidão, que faz do homem um méro appendice do apparelho?

Isto não são chimeras. Ainda ignoramos ao que chegaremos quando saibamos multiplicar idoneamente a ligeira força mechanica da corrente electrica. E o cinematico Reuleaux encerra o seu estudo critico sobre a theoria geral das machinas suppondo que os machinismos irão agora n'uma curva descensional, analytica, não synthetica, parcellarisando-se, tornando-se aptos ao officio domiciliar. D'ahi deduz a resolução da questão social.

Mesmo quem nos indica que de outras sciencias, que apparentemente nada têm que vêr com esta ordem de debates, não procedam condições inteiramente novas de sociabilidade? Facilitando a vida? Contribuindo a chimica e a biologia para reduzirem, aproveitarem, embaratecerem a alimentação, etc.?

Seja como seja, quanto ás presumpções sociaes, el-

las devem computar-se n'uma relatividade curta, n'um ambito estreito.

Taes quaes ellas se podem, pois, tentar, n'uma sciencia de assumpto tão complexo e de organisação tão balbuciante ainda, quer-nos parecer que o desenvolvimento do trabalho segue, com effeito, a linha de marcha que lhe registraram Karl Marx e Schaeffle, que as sociedades tendem a revestir o feitio industrial, que Herbert Spencer crê succeder á phase militar, ainda hoje em plena expansão; mas quer-nos parecer tambem que a intervenção dos machinismos, o reaproveitamento das forças physicas, n'uma palavra, a technologia industrial conduzem, progressivamente, a uma eliminação crescente do labor humano, á substituição da consciencia na manufactura pelo automatismo e, portanto, á reducção do proletariado, tal qual elle apparece nas primeiras phases, imperfeitas, do industrialismo.

O mesmo Marx estabelece que a productividade da machina tem por medida a proporção segundo a qual substitue o homem (pag. 169).

Com o pequeno motor, que começou nos nossos, ultimos, dias, essa substituição não se faria a bem do parasitismo capitalista, mas em proveito do tempo necessario (reduzido) ao trabalhador autonomo.

Como consequencia, os perigos assignalados, longe de se desenvolver, dissolver-se-hão; os salarios crescerão na proporção em que, elevado o trabalho humano á dignidade de director e vigilante de machinismos complicados, as funcções subalternas se vão esgotando; e, depois de crises, dolorosas sim, mas passageiras, a população tenderá a equilibrar-se, desde que, na differenciação nervosa das occupações, o poder prolifico diminua, corrigindo d'este modo a famosa lei de Malthus.

Ella já não pretende ser só um facto economico, apesar dos vivos, agudos reparos, infelizmente detalhados

pelo methodo, sempre duvidoso, da estatistica, mas que, ainda que n'esse typo, largamente expendeu, até hoje sem definitiva replica, Tchernischewski, em quem Karl Marx se fundamenta. A sua ambição subiu. Mystificanos como sendo uma verdade mais geral, de ordem biologica, depois do aproveitamento, que encontrou nos grandes trabalhos de Darwin, que acolheu a explicação, erronea, de envolta com o facto, ininterpretado.

Mas, sem que se careça de discutir este ponto, assim, se verão justificadas, a este ultimo lance, as illações pela primeira vez tocadas por Stuart Mill, que Clémence Royer desenvolveu seguidamente e a que Herbert Spencer deu uma fórma final, ampla e magnifica.

Todavia, nem Mill nem Spencer nem o mesmo Darwin, nenhum, viu n'esta consideração a contradicção implicita que põe em cheque, por absoluto, a mesma lei de Malthus, de que procedem.

Na verdade, com a differenciação nervosa, mais geralmente com a ascensão evolutiva, diminuição de poder prolifico. Logo (e com effeito, pela observação directa) com a homogeneidade nervosa, mais geralmente com a descensão evolutiva, augmento de poder prolifico. Mas esta homogeneidade nervosa, esta descensão evolutiva é o que precisamente constitue o que, genericamente, a economia politica chama *as subsistencias*. Portanto, a população abate sempre, ainda que, em absoluto, augmente, na relação das subsistencias, que a excedem. A crise não é, pois, natural, de producção; mas social, de distribuição.

Os animaes inferiores pullulam; os vegetaes, inferiores em organisação aos mesmos sêres vivos rudimentares, assumem a dentro do trabalho humano proporções, mais e mais, consideraveis, pela extensividade e intensividade da cultura, pela prohibição do desperdicio dos adubos, pela constituição, tardia mas crescente (aproveitando a concorrencia de todas as demais) da agri-

cultura como uma sciencia, a ultima a desenvolver-se em fecundas applicações, em desrotinarias audacias.

Isto é, a lei de Malthus, affirmando que os typos humildes da organisação tendem a diminuir e os superiores a augmentar, affirmando que a fórma da materia no mais elevado ultrapassa no numero a fórma no menos elevado, não sómente desmente a botanica, no contraste da alga e da dicotyledonia, a zoologia, no contraste do infusorio e do vertebrado, mas é a contradicção mesma de todo o darwinismo, o pólo opposto da theoria evolutiva, que nos amostra a positiva escolha, diminuida, dos typos successivamente differenciados, isto é superiores. Eis o que Carey frisa pittorescamente, estabelecendo que tal lei equivale a dizer que emquanto o homem cresce pelos algarismos 1. 2. 4. 8. 16. 32, as batatas e as couves, as ervilhas e os nabos, os arenques e as ostras não crescem senão na proporção das cifras 1, 2, 3, 4.

Seja como fôr, resumindo e condensando, o facto é que as vastas especulações de Marx assignalam epocha na sciencia e que mesmo cumpre, proseguindo no seu methodo investigativo, dar-lhes uma generalisação de que o economista se absteve, porventura propositadamente.

Dotou-nos, com effeito, o socialista de sugestões da mais alta importancia e não é levianamente que o criminalista Ferri aventurou a palavra de que a concepção sociologica de Marx destaca afinal com uma pujança que deixa a perder de vista a disposição anarchica de elementos sem ligação intima com que Spencer procurou definir a sciencia social.

N'esse proposito, quem tente tarefa de tal magnitude deverá, quanto a nós, alargar a base do edificio; pois que o engenhosissimo critico, exactamente nos primeiros momentos da sua elaboração systematica, reduziu, com erro, o alcance da sua theoria, por um preconceito advindo do particularismo das suas preferencias

de estudo. Referimo-nos ao que se chama a sua concepção materialista da historia.

Pela necessidade do unitarismo classificante no espirito analytico, esta é desenrolada das iniciaes condições economicas, d'onde derivariam a religião, a politica, os costumes, as leis civis, as maneiras do pensamento. Para Engels, como para todos os apologistas, isto representa uma, quiçá a fundamental, das descobertas de Marx, quando realmente não passa d'um dos pontos fracos da theoria. Aos olhos da critica serena assume a responsabilidade d'essas abusões especiosas com que se mallogra o exame.

A reducção da complexidade do phenomeno social a um typo unico de factores, de que os outros todos são corollarios, contradiz a correlação dos elementos, a seu turno causas e effeitos. Põe na sciencia um criterio simplista que se não coaduna com a mesma complicação da estructura observada. Partir de baixo para cima, da economia para a religião, como Marx, ou em sentido contrario, d'esta para aquella, como Comte, conduz ás mesmas illusões, diminuindo uma aréa immensa e desfibrando um tecido connectivo.

Este erro dialectico torna-se evidente quando capacidades notaveis, se bem que medianas, o estreitam até dimensões minusculas, como no caso de Buckle, com respeito ao modalismo psychico peninsular. Mas, ainda que transparente, o engano é da mesma natureza e, para o desfazer, urge approximar a analyse das suas origens mais remotas.

Marx reduziu tudo, porém, ao jogo dos interesses materiaes postos em alarme. Sem embargo, pôde Malon fazer uma resenha de grandes transformações na vida da humanidade determinadas por moveis em fóra do condicionalismo economico, influindo modificadoramente n'este mas d'elle não procedendo. Essa resenha, aos lusitanos, interessa-os duas vezes, pela parte que n'ella

occupa o exemplo do effeito economico da annexação politica de Portugal a Hespanha, determinando, com a hostilidade da Hollanda, o advento na Europa central da fórma colonial da accumulação mercantil.

Mas o mesmo Malon, apesar de bem encarreirado, deixou-se ainda influir pelo conceito marxiano, crendo irrefragavelmente no seu corollario (que o reintegra por completo) segundo o qual o processo historico se contem exclusivamente na lucta das classes.

E, todavia, essa lucta de classes deriva d'um facto mais geral, sem o qual ella é inintelligivel: a hostilidade das variedades ethnicas da especie. Não se comprehende a constituição de classes dentro d'um agrupamento homogeneo; porque qualquer banda guerreira teria a medir-se, para a usurpação, com equivalentes que lh'o não soffreriam. Assim, as desegualdades profundas, radicaes, extremas presuppõem a preliminar guerra de raças, hierarchisadas pela differenciação evolutiva.

Na India, a quarta casta, aquella cuja mistura com as demais inflinge a irremissivel decadencia, a segregação implacavel, distingue-se das outras pela sua constituição physica; differe egualmente pelo que caracterisa as familias humanas, pela linguagem. Benfey e Burnouf advertem-nos de que não ha nenhuma relação entre os dialectos usados nas classes inferiores da India e o sanscrito. Segundo Lassen, os çudras eram a população primitiva da peninsula; as outras castas vieram de fóra. Nos livros sagrados, só os çudras são qualificados de *casta cuja côr é negra* (*Bhâgavata Purana*, II, 1, 37). E Elphinstone diz que os çudras se extremam ainda hoje por tal fórma das castas superiores que se não póde explicar esta differença senão por uma origem diversa.

O auctor anonymo do livro *The Norman People* divide em tres nações a nação ingleza. O terço preponde-

rante é normando; os outros dois compõem-se de elementos anglo-saxonios, celtas e dinamarquezes. É o conflicto d'estas raças sobrepostas e esmagadas successivamente que, buscando ellas recuperar-se, fórma o fundo dos conflictos historicos.

Na França, Amadeu Thierry considerou a revindicação de 93 como uma desforra inconsciente dos gaulezes, antigos possuidores do solo, contra a raça franka espoliadora.

Assim, a palavra de *guerra social* importa o mesmo caracter e o mesmo sentido que se lhe dá n'um periodo memoravel da historia romana. De facto, não designa (como causal originaria, quaesquer que sejam as modificações trazidas pelo percurso historico, mitigando as condições, equiparando os direitos, integrando os vencidos, enriquecendo alguns dos esbulhados) senão uma lucta de nação para nação e de raça para raça.

Para preencher lacunas como buracos, para rebater arestas de apparente contradicção, este lance precisava de vastos esclarecimentos. Mas é tarde demais para um, somenos, esboço. Limito-me a notar que Marx teve a ideia de que a classe industrial podia bem emergir da prepotente tyrannia de vencedores. A republica de Platão, em tanto, pelo menos, que a divisão do trabalho ahi figura como principio constitutivo do Estado, não é, diz elle, senão uma idealisação atheniense do regimen das *castas* egypcias (pag. 159).

Claro se torna, mas convém dizel-o, para prevenir imputações calumniosas, que a objecção parcellar ou mesmo a refutação total d'uma doutrina socialista não implica, em maneira alguma, o desconhecimento quer da substituição da actual ordem politico-economica por outra futura, mais racional e mais justa, quer da necessidade, para o proletariado, de, desde agora e a todo o instante, procurar tornar effectivas as suas aspirações mais urgentes, de realisação immediata e pratica.

Francamente, peza-me, como a todo o entendimento comesinho e terra-a-terra, que se perca um tempo precioso no exame e na propaganda de doutrinas de caracter tam complexo, de feitio tam completamente integral que, salvo fanatismo, se não podem suppôr aproveitaveis em beneficios proximos. Principalmente, se, como o marxismo, essas theorias são uma previsão historica, indifferente, doutrinalmente, aos males patentes, considerados philosophicamente como as condições indispensaveis de organisações superiores. Assim se apresenta o modo de producção capitalista como uma necessidade historica para transformar o trabalho isolado em trabalho social (pag. 145). Mas, emquanto a socialisação do trabalho não chega, vae-se morrendo de frio e de fome.

Por isso, julgo mais bem aconselhados aquelles que se reduzem ás reclamações possiveis na occasião. Agora, a regulamentação do serviço dos menores; logo, a revindicação da hygiene das fabricas; emfim, o principio salutar chamado dos tres oito; a observancia do descanço dominical. E immenso que ha a lucrar n'esta ordem, pratica, mesquinha, se o querem, mas util, que é o que importa.

Na Allemanha, porém, mais se aguarda d'uma acção de conjuncto, fulminante. Espera-se pela guerra, depois de se haver esperado pelas prophecias da subita paralysação dos negocios, mercê do atravancamento dos mercados pelo excedente de producção. Os calculos repetidos de Marx, a este respeito, fôram falhando, uns atraz dos outros. Pela abertura dos mercados coloniaes, pelos mil accidentes das crises, monetarias, fabris, agricolas, que vêm dando folga a uns, emquanto outros gemem. Mas impedindo a acção internacionalista, indispensavel a uma remodelação integral. Só possivel, ou isolado um povo por uma muralha, inexpugnavel, de inultrapassaveis fronteiras; ou associados todos n'um

typo collectivo commum. Depois de Marx, as conjecturas de Engels, n'este plano, não tiveram melhor exito.

Assim, espera-se o desastre da guerra. Então se apurarão as contas. Não protegerá a desculpa de Marx, o qual, no seu fatalismo evolutivo, estabelece judiciosamente que, tomando as coisas no seu conjuncto, nada depende da boa ou má vontade do capitalista individual. *A livre concorrencia impõe aos capitalistas as leis immanentes da producção capitalista como leis coercitivas externas* (pag. 116).

As massas, opprimidas e exploradas, é que não podem sujeitar-se a este desapaixonado criterio. O choque deve, pois, ser formidavel.

O que resultará?

Lástima que, entre tanto heroismo e tam bellos exemplos de sacrificio, absolutamente previsiveis, na tremenda hypothese, se mescle, como sempre occorre, como occorreu em Paris em 1871, a desvirtuar, pelos excessos a frio, esse excedente malefico das populações que, no seu typo urbano, é, em parte, uma creação tambem da injustiça capitalista.

E, todavia, esses mesmos sabem bater-se, sabem morrer. No livro reaccionario, intitulado *Les 73 journées de la Commune,* exclama-se, a seu respeito: «São alegres, porque são valentes. É isto o que afflige, o que consterna. Esses miseraveis são heroicos».

Tam verdade é que, se a occasião faz o ladrão, ella cria tambem o genio e a santidade.

Mas a sociedade burgueza actual não cura de sacrificar as suas condições. Enriquece. Gosa. Julga-se eternamente segura. Porque, para os proletarios, quando sublimes, tenha o snr. de Gallifet e, quando infames, para elles use do snr. Deibler.

VI

Deibler

Monsieur de Paris é um sujeito atarracado mas espadaúdo, com as maçãs do rosto salientes e sanguinosas, do vermelho livido que lhe condiz com o destino, os olhos sumidos sob a protecção de sobrancelhas arqueadas e fartas, a barba preta e curta, brotando, ao acaso, no intervallo de falhas successivas.

A principio, este personagem póde desperceber-se na vaga humana; nada de particularmente impressionante destaca na sua mascara, que só se notará pela torta complicação do conjuncto, pelo disymetrico e irregular das feições; mas essa fealdade é da banalidade, em França commum.

Quando, porém, se sabe que aquelle antipathico mas trivial cavalheiro é o funccionario que a civilisação incumbe da ordem na sociedade, dispensando do uso da cabeça, poisque esteja regulado o porte de armas prohibidas, a alguns dos seus contemporaneos, não ha menos do que reflexionar, de chofre, no seu inamavel exterior e concluir que elle tem, como nenhum, o typo do officio.

O snr. Deibler não é o verdugo romanesco que a glaciez do fado ou a inexorabilidade da lei obrigou a

uma occupação desagradavel e que, lavadas as mãos, gasta em tinta, para o chorar, a setenta e cinco centimos por pagina de original, o sangue que derramou sobre o cadafalso. Não seria o snr. Deibler quem estampasse as reminiscencias de sua familia nos seis grossos volumes em que Charles Sanson aproveitou as notas, mais ou menos apocryphas, de seu papá, do avôsinho, até o tetraavô, contando-nos, nas *Memorias de um carrasco,* a embaraçada chronica de tres, quatro gerações de executores da justiça chamada alta, para a differençar da outra, que é a mesma.

Não que lhe escasseiem os talentos litterarios, mas porque lhe sobra a consciencia da dignidade da sua missão, incompativel com ideologias e papeladas.

Sente-se e reconhece-se um funccionario; respeita-se; não ha senão por que applaudil-o. Sabe que não deve o lugar ao favoritismo mas a meritos reaes e sérios, escolhido, sem empenhos de qualquer sorte, entre nada menos de quinhentos competidores no difficil concurso.

Assim, de chapeu alto sobre a testa, o sobretudo gentilhommescamente desabotoado, é de vêr a gravidade com que assegura a mão, a premer a mola detentora do cutello, vigiando se o ajudante desvia, como convém, da meia-lua a cabeça do paciente, o qual se lembra ás vezes de querer refugir, indiscreta inconveniencia que se corrige, puxando-o pela gaforina, quando não é calvo, porque então se lhe agarra pelas orelhas.

Não exaggera o tom, todavia; é modesto e distingue-o um bom gosto profissional, primoroso e apuradissimo.

Para se militarisar, não se espartilha, como o seu inventivo antecessôr; e, não sei, mas creio que julga com menospreço o luxo mundano (aliaz innocente) com que, no desempenho do seu cargo, o illustre Hende-

reich abandonava, pendendo d'uma elegante fita de seda escura, o monoculo.

A Hendereich chamei-lhe inventivo e illustre; não suspeite que o fiz, sob o dissimulado aleive de qualquer ironia. Inventivo entre os que o são e illustre na plana dos que, por seus feitos, o merecem, extremou-se, na verdade, o individuo, cujo nôme, injustamente um tanto esquecido, me permitti recordar. A elle, não a outro, deve a humanidade soffredôra, soffredôra da rubra febre do crime, a incontestavel melhoria do instrumento cirurgico, encarregado de a curar de vez e a preceito, cortando o mal pela raiz... dos cabellos.

D'antes era a guilhotina uma machina grosseira, enorme, espectaculosa, nos seus dois postes, tingidos de escarlate e acavalládos sobre uma despropositada plataforma, para subir para a qual havia que vencêr uma duzia de degraus. O machado tambem deixava a desejar. Reluzente e provisoriamente limpo, faiscava para o longe.

Ao descer, com a préssa, o sol nascente soia arrancar-lhe reverberações, bruscas e cruas, que lesavam as miradas dos assistentes, os quaes, no fim da noite passada em claro, eram forçados por isso a cerrar, n'um incommodo automatismo, as palpebras. Assim se estragavam trabalhos e canceiras; assim se malbaratava o custo das janellas e bancos, alugados caro; assim se perdia o melhor da festa. Decerto havia excesso, mas fallava-se até em ophtalmias, ganhas d'est'arte. N'uma palavra, era um desgosto.

Mas agora não. Agora, graças aos meditados esforços do snr. Hendereich, a mór parte dos antigos inconvenientes resolveu-se.

A natural lei das compensações apresentou aqui um effeito inesperado, que motiva dissabôres de outro genero. Com o tempo, porém, tudo se remediará; e quem póde dizer que não seja o actual mecanico quem está

escolhido para completar a tarefa, brilhantemente iniciada pelo seu finado e presado collega?

Não procuremos, comtudo, devassar o futuro e contente-se o publico da Grande Roquette com o que já tem. Roma não se fez n'um dia.

O que ha já é uma machina, solida sem fanfarronices, perfeita. Quasi catita, por tam pequena, que é um brinco. Ao snr. Deibler dão-lhe ganas de a trazer, de breloque, na corrente. Toda de ferro, numerada nas suas peças, installa-se n'um relampago.

O fourgon chega; aparafusam-se os braços nas famosas cinco pedras que ornam a entrada da prisão; uma martellada aqui, uma martellada acolá; o cutello, sarrafuscado de negro, monta-se no tôpo; experimenta-se-lhe o gume n'uma méda de feno; e prompto! — Vamos a isto, que o almoço arrefece! —

O snr. Deibler é bem pago. Com o ordenado e as gratificações de exercicio, separa, na roda do anno, a somma de algumas dezenas de milhares de francos.

Mas não póde dizer-se que o emprego lhe seja uma sinecura. Longe d'isso. Sem fallar já dos departamentos, só na capital o seu trabalho é quasi continuo.

Quando cheguei a Paris, como na bica, havia gente á espera de vez. As cellulas estavam repletas; e dizia-se que seriam os da Villette os que passariam primeiro.

Eram uns rapazolas, deshabituados, de largo espaço, do officio, dois d'esses sinistros vadios, cuja *facies*, caracteristica, é inconfundivel. O seu caso nada possuia de especial; haviam trucidado um pobre infeliz, para lhe extrahirem do bolso umas moedas de cobre. O jornalista Montorgueil provou, por um balancete das ultimas causas celebres, que o assassinato é um modo de vida que rende pouco.

Mas o que existia de atroz n'este facto, corrente nos fócos da actual civilisação humana, era o que derivou do conceito de que os dois bandidos, d'uma boçali-

dade que raiava com a idiotia, se suppuzeram incapazes para, de per si, organisar o plano, relativamente complexo, do attentado.

Averiguou-se; instaram com elles; entallaram-os nas roscas d'esse pôtro moral dos modernos interrogatorios, que duram, frequentemente, dias seguidos; um sossobrou; acabou por convir em revelar o cumplice-mandante. Era sua mãe!

Os dois e a mulher fôram condemnados á morte. Previa-se que esta não seria guilhotinada, porque, de certa epocha para cá, se estabeleceu a praxe de poupar a vida ás mulheres. D'ahi concluira-se que os homens menos expiariam com o sangue sua culpa, visto serem simples executantes, não participes na premeditação do projecto criminal.

Mas não occorreu assim; a pena da mulher foi commutada, com effeito; mantida, porém, a de seu filho e do camarada d'este.

Conhecida similhante decisão, offereceu-se o nauseabundo frenesi que procura saber, a todo o transe, *para quando é.*

Os innumeros jornaes da tarde arrastavam por cima das mezas dos cafés, emporcalhadas de tantas mãos que tentaram quitar-lhes a importante noticia. Amarrotados, rasgados, da furia da curiosidade ludibriada, melancholicos farrapos ao fio da guarda de madeira, como pendões derrotados n'uma refrega ingloria. As duas folhas da noite, as unicas apregoadas, arrancam-se dos dedos rapaces, suspeitosos, dos comminativos vendedores.

No minusculo corredor, que o *Figaro* intitula pomposamente a sua sala de telegrammas, a toda a hora se apinha uma mesclada turba, faminta de lobrigar os retratos dos sentenciados, presos á parede com percevejos de desenho que lhes fixam os rebordos. Os jornalistas conhecidos interpellam-se na passagem: — *É esta madrugada?*

E bôccas de esbeltas raparigas, perfumosas e frescas, como morangos de primavera, amuam de despeito, cantilenam com exasperação: — *Que aborrecimento! Ainda não é esta madrugada!*

Duas, tres noites de espectativa, de noticias falsas, de boatos desencontrados, de desmentidos, quando se soube *com certeza*. E, na sala do *Petit Parisien*, despontou, ás dez, collado, um cartão verdinhento, que, em optima calligraphia, annunciava o tardio desenlace. Finalmente. Respirava-se.

Logo no Todo-Paris se produziu uma ancia de previdentes cautelas. Ao carrasco faria cavalheirosamente as honras da casa Paris, se Paris fôsse, na amarella palavra do satyrico londrino Blanchard Jerrold, da dynastia dos Jerrold, da Magdalena á Bastilha.

Está-lhe no sangue. Vem de familia. Já seu illustre progenitor, Douglas Jerrold, era assim tambem. Não ha por que estranhar. Existe mesmo quem vá mais longe, reduzindo o trajecto (e de um lado do passeio) desde o Gymnasio ás Montanhas russas. O nosso espirituoso patricio Eduardo Garrido, quando attinge Brébant, diz que não segue, que para deante é aldeia.

Mas, n'esse pedaço cosmopolita e incomparavel, que bella agitação!

Oh! a magnifica intensidade de vida, o prologo amavel da morte! Jamais imaginara tão dôce ceremonial, tantas galas de etiqueta para o recebimento da visita lugubre.

Fretavam-se carruagens. Pollegada a pollegada, o preço conquistava-se á argucia dos cocheiros remissos, que, para segurarem a posição, batiam as mil evasivas, idoneas a esquival-os das violencias da tabella. Faziam-se farneis para o tempo de espéra, qual de tabaco nos estanques, qual de queijo nas mercearias. No comprido das ruas impacientava-se. De conversações quentes, de gargalhadas benevolas, de palavras altas fremia uma animação, até mesmo alli desusada.

Nunca o boulevard me pareceu tam risonho, tam feliz. Fascinava o rumôr, contente e ordeiro, bonhommico e alacre, das multidões satisfeitas. Bebia-se um ar de festa.

Ao empallidecer das lampadas electricas, partiu-se, em magotes.

As mulheres ás braçadas, patinhando na lama; as opulentas aconchegando-se no calafetado das equipagens. Embaciando os cristaes com o vapor da arquejante, precipite respiração, no impeto do jubilo proximo, procuram vêr e ser vistas; mas furtam assim, sem que o queiram, o mimo de suas faces aos pedestres pressurosos. Acabava por se lhes não distinguir mais que o inquieto dos olhos, afogando-se e reaccendendo-se, como negros vidrilhos, mareados na agua.

Pelos arredores da praça, a vasta distancia não se póde já romper; e então se vê a propriedade da expressão franceza que chama a uma mole compacta um mundo doido. Parece-o.

Na rua Servan um alfinete que a lua descuidasse do opalino avental não cahiria sobre ladrilho enxuto; e das bandas remotas do Père-Lachaise acódem as baforadas espessas d'uma multidão accuculada.

Canta todo o tempo e, das canções da occasião, escolhe invariavelmente as obscenas; grita, mia, ladra, uiva.

Por entre as filas, garotitos sardentos logram zigzaguear em bicha, á custa de murros dados, de pontapés recebidos. Os belfurinheiros réclamam, nos espaços relativamente livres, ao largo. D'onde a onde, nos instantaneos silencios, que são como paragens subitas da pulsação collectiva, rasga o céu o agudo latido das creanças: — *Ohé! Ohé! Ohé Gouffé! Ohé Gamahut!* As matronas conversam dos amanhos da casa. E os graciosos arremedam, offerecem cadeiras de orchestra, annunciam que o panno está a subir.

Semeados no publico, cinco, dez, vinte mil d'esses estimaveis cidadãos que usufruem da catastrophe feminina e que a giria lusitana, equitativamente, designa com uma alcunha gordurosa. Segundo os calculos d'um recenseador especial, o snr. Lecour, vive em Paris a conta redonda de oitenta mil.

Emquanto aguardam, se o condemnado é dos seus, o que succede quasi sempre, distrahem os ocios da demora, entoando, em côro, uma especie de responsorio cynico, na maneira actual, inaugurada, com mal empregado, mas com verdadeiro, mesmo grande talento, pelo cansonetista Bruant.

A canção é o fructo genuino da leiva, o que traz o travo do torrão. Lettra e musica, desponta tam ingenua e naturalmente na bôcca do francez, como a flôr desabrocha ou a menina enrubece. Os modernos poetas, litterarios todos, pertencem ás academias. Excepto um. Esse é autogenesico, autochtono, ethnico. É Béranger.

Sob a ramada, com o pichel normando ou borgonhez em frente, nas coplas ri-lhe toda a alma, em festa, d'um povo alegre. O seu scepticismo, o seu militarismo, o seu liberalismo, o seu messianismo; a piedade e a laboriosidade; a previdencia e a prudencia; a rectidão e a paixão; a ironia e a bonhomia — todas as ferventes graças do artista borbulham, como o especialismo do vinho de Champagne, do solo; nutrem-se do ar; efflorescem e avivam, nativas. Póde, assim, professar-se que é Béranger o poeta legitimo, symbolico, unico da raça.

Desde Désaugiers até hoje o que o fructo tem, todavia, empallidecido, empêccado! Com as cambiantes sociaes.

Agora ganhou bicho.

É certo que a sã tradição não definhou inteiramente, comtudo. Mas, com Mac-Nab, Xanrof, não surde gloria essencial. Nem mesmo notoriedade, como os alugueis, contractada para mais de seis mezes. A não sêr

a favôr das receitas da equestre cabotinagem de Kam-Hill (simplesmente Camille) ou das gentis elegancias de Yvette Guilbert, elles não trazem nada de novo.

Com Bruant, o mundo representado degenera. Foi-se a candida farça burgueza. É o advento das ultimas camadas. Nunca do povo.

A forte, virtuosa poesia do povo é outra. Para o povo moderno, não agricultoramente idyllico, mas fabrilmente tragico, tal como o creou o capitalismo, está mesmo por fazer. Não ha senão tentativas. Não é occasião. Por emquanto o povo tem ainda que luctar. Os hymnos do trabalho não passam de insignificativos devaneos da ociosidade litteraria. Poisque a actividade se encolerise da oppressão, a si mesma se não possa acclamar, por não haver attingido a dignidade da liberdade.

Assim, a poesia socialista queda-se, dos inicios de Dupont, dos esboços dos vates salariados, nos elogios amigos, impulsivos, de George Sand. É prematura, tem um ar sollicitante, contrafeito e falso. Só readquire naturalidade e impeto, quando range os dentes e ameaça. Ainda mesmo que sob o dissimulo de Thomaz Hood, no *Canto da camisa*. Resignado, em lagrimas, *stitch-stitch-stitch!*

O rancôr não é esthetico; as moralistas ambições não perdem o tempo em psalmos; aguardam a hora cubiçada do triumpho. Na linha geral, pois, como typo, a poesia das classes mais numerosas e mais pobres é construcção do futuro.

Hugo disse que o povo estava em cima, a turba em baixo. Mas é menos mesmo que a turba. É menos que a plebe. Aqui é a canalha, a escória, são as fézes de todas as prostituições. O que se chama, caracteristicamente, a espumalha, porque não deposite, mas revolutêe ao de sobre a absynthada, convulsa diathese das multidões hodiernas. Cynicamente pompeando, como os infusorios cabeçudos que furam, para as vistas, a comi-

chosa toalha da agua pôdre. Arfa a sarna d'essa ultima aspiração albuminoide nos arrôtos d'uma odienta linguagem syncopada, quasi agglutinante.

Tal entrada, por Bruant, da crapula na litteratura é o recente phenomeno de moral social digno de particular estudo. O livro do botequineiro do *Mirliton* assume, assim, um valôr especifico e um alcance todo moderno.

Pessoalmente, as qualidades do artista merecem a pecha de notaveis. O matadôr Lacenaire poetava epithalamios. Nos pseudo-didacticos *Contos para os assassinos*, o occultista Mauricio Beaubourg hoffmanisa, ricana. Mas as canções de Bruant são, a um tempo, reproductivas e proprias.

Sua originalidade reside no effeito obtido pela inesperada e habil associação, ao desenho de um thema ligeiro, de uma ou duas phrases no modulo gregoriano, fazendo desfechar uma musica de opereta na mortuaria solemnidade d'um cantochão de egreja.

Os versos recommendam ao paciente coragem; os que os solfejam confiam em que não dará gosto á canalha honrada fraquejando; promettem-lhe que breve lhe virão fazer companhia ao cemiterio dos guilhotinados, mas só depois de bem cumprirem o seu dever de revolta, depois de bem haverem pandegueado.

Chama-se a isto o *cantar das matinas dos « souteneurs »*.

Entretanto, acordam o miseravel que vae morrer. É no interior da prisão que se representa a parte interessante e educativa d'esta tragedia. O que o publico, o respeitavel publico (dobre a lingua, se faz favor) vê na praça pouco vale, com effeito. A bem dizer, hoje mesmo o publico não vê nada. Eis aqui o defeito dos aperfeiçoamentos introduzidos pelo snr. Hendereich.

Antigamente, com o estrado quasi á altura d'um primeiro andar, com os desmedidos varaes e o cutello claro, vamos que vamos. Mas agora, com a parda enge-

nhoca, mesquinha, a que se reduziu o apparelho, é uma desgraça.

Ao rez do chão, baixita de si, estreita, mal permittindo passar a gôsto o corpo do seu homem, a *viuva* desapparece entre as arvores, na praça acanhada. As paredes da pequena Roquette fazem sombra. É um asylo correccional de infancia desvalida. Ficou o juizo a arder a quem escolheu para tal instituição tal casa em tal sitio. Que, de resto, quem sabe?, talvez se obedecesse a previsôras conjecturas. A grande porção dos que, pela noite, recolhem a esse edificio vêm, com o tempo, a sahir, pela manhãsinha, do predio fronteiro. Assim não se pódem chamar á ignorancia, ficam conhecendo os locaes.

Depois, as ancas pujantes da cavallaria obstruente mais escurecem. De modo que se vae, por Maria vae com as outras, por se cumprir uma obrigação, por se passar um bocado agradavelmente em bôa companhia; mas do que é vêr, vêr, nada feito.

Sim que se ouve. Quando corre o batente do portão e, ao commando sêcco dos officiaes, ordenando o desembainhar os sabres, o paciente assoma, entre o capellão e o verdugo, clamorêa, altisonante, um alarido immenso. Succede-lhe um silencio que, sem phrase, se póde chamar sepulchral. O sacerdote procura esconder o conspecto da guilhotina ao que a busca com avidez, n'um deslumbramento hypnotico. Pela ultima feita, lhe falla da outra existencia, lhe offerece a imagem do crucificado aos beiços empedernidos. O snr. Deibler activa-se, empurra o condemnado, que vacilla. Movida pelo ajudante, gira a tabueta, retumba uma pancada surda, um jacto vermelho esparrinha. E é tudo.

Cabisbaixa, soturna, a turba, mais ou menos, criminal, dá meia-volta, retira. Troca o estrepito do começo por um murmurio ruminado. Suffocante, o odio não declama; prefere mastigar, com pausa obscura.

Dentro, extinguiu-se um trecho consideravel na derradeira *toillete,* assim classificada. As gavetas de catacumba, em que se accommodam, de estação, os moribundos, são tres, as primeiras: n.º 1, n.º 2, n.º 3.

Quando se suspeita de que algum dos inquilinos tenta burlar a justiça geral, executando-se pelas proprias mãos, a sociedade, caridosa, protege-o contra elle mesmo, vestindo-lhe a camisola de força. Mas é raro. Por via de regra, apesar de lavrado pela suggestão intima do suicidio, o assassino não se mata. Antes quer operar nos demais. Não é egoista.

Mas que pavorosa agonia a d'esse infimo!

Desde que escurece, pergunta-se todas as tardes se baixará para elle ainda outra noite ou se aquella será a ultima, se não o acolherá mais do que a treva sem fim. Este paroxysmo prolonga-se dias, semanas, mezes, primeiro que a sua sorte se decida. Em França guarda-se-lhe reserva sobre a data. Os americanos são mais desimpenados. Não occultam ao moribundo o dia e hora de sua execução. Ao assassino do presidente Garfield, a Guiteau, evidentemente alienado, soltaram-lhe, para o esvoaçar da loucura mystica, seis mezes. Nação commercial, o juiz é alli um saccadôr. Leva ao acceite, na prisão, a lettra a tantos de prazo. Cobra-se sempre. O criminoso paga á vista... do carrasco.

Lembraram-se, praticos, ultimamente mesmo, de espremer lucros ao devedôr. Um industrial, lido na biographia de Luiz XI, propoz uns milhares de dollars, para que se lhe facultasse o exhibir, no semestre, o referido Guiteau, dentro d'uma gaiola de ferro, atravez de toda a União. Dava fiadôr de que o restituiria integro.

É n'este lapso — tam amplo e tam breve — que borda a sua teia gottejante a aranha, viscosa e felpuda, da loucura. Aqui o horror infinito da pena de morte; aqui o fracasso dos singulares philanthropos que julgam haver resolvido tudo por abreviarem o soffrimento mate-

rial da execução em si, que nada é, ainda quando, como nas epochas selvaticas, complicada e morosa.

Pensando n'isto, o coração do pensador estremece, o cerebro tolda-se-lhe.

Mas ha que vêr, ha que vêr. Nos livros não se aprende nada.

Hoje creio na sériedade da sahida de Vallés, regougando que, com queimarem-se as bibliothecas, não haveria senão ganho. O incendio equivaleria a uma independencia. Á libertação de tanta asneira auctorisada. Só, a vida aproveita; só, o drama real educa. Contra elle, os sophismas esboroam-se.

Perante um cadafalso, a piedade animal, essa piedade, que se aloja nas mesmas entranhas, rebella-se, exacerba-se, pula.

Insensata de dôr, desorbitada, não attende rasões; ella é, na palavra psychologica de Michelet, a que estaria prompta a sacrificar uma nação inteira para salvar a vida d'uma creança. Menos do que d'uma larva innocente; d'um monstro, como os que succumbem no largo da Roquette.

Em face do cadafalso, esse formidavel Hugo, que hoje é moda desconhecer, escreveu que ninguem podia ficar indifferente. Uns extasiam-se, como José de Maistre; outros indignam-se, como elle proprio, o Hugo dito. Mas indifferente ninguem. Ninguem.

E eu comprehendo o desespero de Dostoiewsky, torcendo-lhe a bôcca na furia das imprecações, entornando a eloquencia, a flux, na palavra tranquilla do seu principe idiota (idiota!).

Comprehendo os remorsos do conde Tolstoi, increpando-se, vinte annos passados, porque, em lance tal, não gritou, em Paris, a todo esse mundo da lei: *Assassinos! Assassinos!*

Mas, dentro da prisão, o director abre a porta da cellula, adianta-se; quasi sempre encontra o condemna-

do já a pé, farejando o ar, apurando o ouvido, á laia de corça, perseguida, mordida da matilha. Como dormirá? Se o virão despertar? A maioria só pelas seis da manhã consegue cerrar os olhos. São vinte e quatro horas salvas.

Não se concebe angustia assim profunda; não se póde crêr que haja nada tam esmagante nem se calcula, que, debaixo da clemencia dos céos, exista coisa mais implacavel do que esse implacavel despertar d'um condemnado á pena capital.

O de Marchandon foi temivel. Ao entrarem-lhe na cellula, soergueu-se no leito, deixou-se recahir, tomado d'um tremor nervoso.

Quando vieram buscar o padre fanatico que assassinara esse arcebispo Sibour, cruelmente fustigado, antes, nos *Castigos,* pelo *Te-Deum* cantado em honra de Luiz Bonaparte, o infeliz pôz-se a gracejar.

Não acreditava. Suppunha uma facecia. Imaginava que o imperador lhe perdoasse. Toda a gente estava consternada. A hora, entretanto, corria e não sabiam o que se devêra fazer. O ar descuidoso de Verger, as suas fanfarronadas paralysavam a todos.

De repente, ou porque comprehendesse, ou porque o cegasse um subito clarão de loucura, desatou em gritos, agarrou-se, aos soluços, nas margens da cama. Os agentes atiraram-se a elle; travou-se uma lucta abominavel.

Campi, esse, fez-se livido; n'um golpe, occupou-lhe a face uma camada de verdete. Circumvagou a desvairada vista sobre as pessoas presentes, sem fixar nenhuma. Parecia fazer esforço para reunir as ideias; ageitou as cobertas. Um estremecimento continuo sacudia-lhe os membros, como se um fluido electrico os atravessasse. A respiração era ruidosa, estertoral; um suor abundante inundava-lhe o rosto. Fincando os dentes, para impedir que batessem uns d'encontro aos outros, passou

a mão pela fronte. E — pormenor medonho! — fez muitas vezes o gesto do agonisante que *apanha a roupa*.

Bem como mal, amparado, ajudado, assistido, o criminoso consegue enfarpelar o fato. Trazem-lhe o proprio, que se entrouxara, retido, na rouparia da prisão. O uniforme do calabouço reserva-se para o seguinte. Lá dizia o outro que a economia é o pae e a mãe de todos os vicios.

Conduzem-o, procissionalmente, ao quarto onde lhe hão de fazer a *toilette*. A guilhotina é formalista, exige. Demanda que lhe appareçam convenientemente. Agora supprimiram a tosquia, porque a essa operação se procede, com vagar, á entrada da cadeia. Não se sabe o que póde acontecer; e, segundo Franklin, o tempo é dinheiro. Assim, para uma préssa, está-se sempre aviado.

N'estas idas e vindas, a galante polidez parisiense não olvida que, desde Luiz XIV, é a mais antiga no mundo. Commove a delicadeza á volta do condemnado:

— Um copo de vinho ou um calice de cognac?

— Nada de cerimonias. Para amigos, mãos rotas. O cavalheiro fuma? Deseja um cigarro?

Entrementes, vão-lhe sujeitando as mãos no dorso. O carrasco torce-lhe mesmo os braços, de modo que o thorax avance, a cabeça se projecte, não possa retirar-se para traz, o pescoço distenda, quasi cresça, dê geito. E começa a passar-lhe um barbante solido desde os pés, pelas pernas acima, até os punhos, já garrotados.

Por similhante maneira, medem-se-lhe, graduam-se-lhe as passadas; contam-se. Assim amarrado, ligado, arredondado, afusado, todo o corpo do paciente offerece o aspecto d'uma especie de cylindro-cone. Perde o ar humano.

A não ser pela marcha, rigida, inteiriça, d'uma peça

só, a unica possivel, não se imaginaria mesmo um sêr vivo. Grotesco e horrivel, é um salpicão ambulante, a que o algoz vae, breve, trinchar uma calotte espherica, estonar a rodela do alto.

Um ultimo crugir de thesoura no collarinho da camisa, um definitivo exame e tudo nas condições:

— Veja se a corda o magôa? Alarga-se um pouco. Não? Obrigado. Então, agora, marche lá para deante. Tenha a bondade.

Quando attingem o passo final da infame via-sacra, póde dizer-se que vão expirantes. Se os não contivessem, se os não alevantassem cahiriam, redondos, no chão.

A Welker houveram de o arrastar, litteralmente. Desde que o estenderam na tabueta, estava já morto de susto. Um dos guardas presentes á execução asseverou que, caso, no limiar do patibulo, lhe concedessem graça, Welker haveria sido incapaz de a aproveitar.

Foi um cadaver que o executor guilhotinou, como Furet, em Saintes, ha pouco tempo.

Dos que logram apparentar energia, uma parte deve o aprumo á crise d'uma loucura, resultante do terror que lhes inflamma as meninjas. Como o indica a acclamação final da republica pelo anarchista Ravachol, nervos de aço, todavia.

A marcha de Gervais assignalou-se por um penoso incidente.

Ao abrirem-lhe, a escancaras, a porta, como a um touro no curro, elle teve um sorriso diabolico. Muitas pessoas julgaram um requinte de cynismo e elevou-se um honrado murmurio. Acreditava-se que era uma ultima provocação, um desafio *in extremis*.

O sorriso, que surge algumas vezes, é, porém, puramente nervoso. Darwin descreveu tal *rictus*, causado pela contracção dos musculos da pelle da face, de que o principe é o chamado *risorius*, de Santini. Elle attra-

he, para traz e em cheio, a orbicular dos labios. D'ahi essa horrivel illusão do sorriso.

Não. Deante da morte só sorriem os santos; só riem os heroes.

Terminada a operação, o barbante desaperta-se, guarda-se e serve para outra vez. Acaba por ser uma serie de atilhos, um rosario de nós.

N'essa noite terrivel, foi-me vedado conciliar o somno. Que inquietação!

Espiava no relogio a marcha do sinistro ponteiro. Espreitava pela janella o alvorecer, cuja candidez carminava, criminal. Pela leitura, conhecia os incidentes d'aquelles morticinios; supputava: — *Estão levantando o apparelho! Lá vão chamar os hominhos!* Que inquietação!

Só com dia claro, quando devia ter concluido, no irremediavel, a anciedade esbateu. — *Que os leve o diabo a todos. Durmamos.*

Se fôra possivel? A estupidez das execuções procede de que, por ellas, a sociedade caminha absolutamente contra o seu fim, que é provavelmente o de mostrar as consequencias d'um delicto, fazendo odiar o faccinoroso. Mas «quando se vê esse homem que se leva para o matadouro, elle torna-se, escreveu Rochefort, ainda que não seja senão por um quarto-de-hora, interessante».

Consequencia detestavel da pena de morte, ella chega a fazer-nos odiosa a victima, causa indirecta e directa do assassinato do assassino. Essa, ao menos, foi apanhada de surpreza; ferida de improviso; fulminada. A sua agonia moral e até physica foi tam curta que a propria lei de talião, de olho por olho e dente por dente, resulta agiotamente defraudada. A virtude é usuraria; e o sangue vertido paga-se, mas com juros.

E, se o legislador suppõe que produziu um terror salutar, illude-se.

Nada mais falso do que a phrase d'esse reaccionario

barão de Platel, que, sob o pseudonymo de *Ignotus*, nas paginas do *Figaro*, fez a côrte á technica de Hugo, manejando um estylo imaginoso, antithetico e fermentado, em que ferve a acida espuma da locução popular. Elle prometteu um escriptor forte, moldado e batido, como uma boa medalha, nos grandes cunhos; mas faltou.

A guilhotina não poupa, tal, mais cabeças do que as que decepa. Os assassinos, se de occasião, ficarão, em qualquer hypothese, á mercê d'essa eventualidade; se criminosos-natos, á graça do seu infernal destino.

O pobre Guy de Maupassant estabeleceu, um dia, que a França era o paiz do mundo que mais se deixava guiar pelo prestigio das phrases. Organisou mesmo uma pittoresca resenha, desde *O Estado sou eu*, fundando o absolutismo, até *Submetter-se ou demittir-se*, radicando a democracia. É, sobre as raças cultas, a soberania das syntheses criticas, exteriorisadas nas formulas incisivas.

Nos dominios da lei penal, dos costumes juridicos, póde dizer-se que nada prejudicou a abolição da pena de morte, de ha tanto tempo requerida por todos os bons espiritos de Paris, como o repente de Alphonse Karr: — *Pois sim. Mas que os senhores assassinos comecem.*

Como se, quando se tractou de supprimir o trafico, se objectasse que, para os plantadores deixarem de comprar escravos, seria preciso aguardar que os sobas principiassem por deixar de os vender, elles.

Não quero refugiar-me do negrume dos factos no azul das utopias; isto é, do desprezivel presente, no futuro, que ha de ser para outrem. Não negarei, por emquanto, ao homem o direito de julgar o seu similhante, se bem que não perceba em que fundamento moral, em que nitidez psychologica se estriba essa faculdade derimente.

Antes de que a livraria franceza vulgarisasse as ideias de Tolstoi n'este ponto, ignorando-as como toda a gente, sustentei ahi, nas folhas d'uma revista philosophica, dirigida pelo nosso distincto amigo Xavier Esteves, o paradoxo, se o julgam, de que a alma de Socrates não tem alçada sobre a alma de Troppmann.

São differentes, eis o que consegue dizer uma da outra. Facil ao mais é conhecer o menos; mas como póde increpal-a porque ess'outra é assim? Foi ella que se fez? Inadequadas, a propria dissimilhança as torna reciprocamente inintelligendas, inaccessiveis.

Concretando, a sociedade deve defender-se, não deve punir. Se excede o limite da defeza legitima, abusa.

Assim, livre um paiz, pela fuga, indemnisadôra, do scelerado, que é que fundamenta a extradicção?

Comprehende-se que, solidarios, os Estados civilisados se previnam, reciprocamente, da permanencia, em seu respectivo territorio, de sêres nocivos e perigosos. Para que tomem as providencias que entendam, até á expulsão. Mas, que, á custa de gastos, se esquadrinhe o mundo afim de lhe ir catar nos confins uma creatura, reconduzindo-a ao cadafalso, é o que desentendo.

Não se repute a doutrina pretenciosa no absurdo. Ella é simplesmente logica, ella não passa do corollario contido na prescripção, sentimental e empirica, que manda, por exemplo, para com Portugal, que se não possa applicar a pena de morte a um criminoso extraditado pelo nosso paiz.

Se a sociedade aprecia e julga, é temeraria e usurpadôra. Que sabe um magistrado, educado, metaphysicamente, em alfarrabios de praticas consuetudinarias, as quaes se disfarçam de *o direito?* Que sabe um jury de arrozeiros?

A garantia material, restrictamente material, da vida e dos interesses dos cidadãos pertence ao Estado. Mas o julgamento dos homens só cabe a Deus.

Quanto ao exemplo que se imagina extrahir do espectaculo do cadafalso, provou-se que não colhia; e é raro guilhotinar-se um homem que não haja assistido, elle, já, a umas poucas de execuções.

Assim, a agonia moral, oriunda d'essas tôrpes chacinas, não acommette os milhares de venenosos zangões que borboloteam pelos arredores da grande Roquette. Com insigne maldade, faz selecção. Escolhe a alma do homem bondoso, da mulher sensivel.

Um argumento escapou a Schopenhauer e aos pessimistas, seus modernos seguidores, hierarchicamente heterodoxos. Emana mesmo das profundezas do nosso tecido moral e desvenda uma perversidade tam profunda no plano cosmico que ignoro como o commum dos partidarios das causas finaes se tirará da difficuldade. Ella basta a parecer pôr em cheque todo o edificio teleologico, tam maravilhosamente construido por Kant, na *Critica da rasão pratica*.

Consiste em que só o homem honesto tem remorsos. A consciencia ethica unicamente falla á alma pura. Uma falta de momento, um erro de educação, um crime de mocidade, um movimento de colera, um delicto passional, o declive d'um arrastamento, a inercia de maus habitos, não fiscalisados, em que, até certo ponto, se não reparou, com attento escrupulo — e, tarde ou cedo, um dobre funereo no coração, o aluir d'um desaterro interior.

De sua parte, porém, o mariola — regaladamente. A sciencia italiana corroborou recentemente estas inducções, constatando que o bandido de nascença, aquelle que não córa com quanto nitrito de amylo lhe façam soffrer, aquelle que é disvulneravel e analgesico, não conheceu, não conhece, não conhecerá o remorso. Se acaba no catre, vae-se com a paz de um justo. Invejavel canalha!

Aqui ou nunca Proudhon, triumphando no seu anti-

theismo, concluiria pela blasphemia celebre: *Deus é o mal.* Como no jardim ha as viboras, na philosophia rastejam os paralogismos, sophismas de boa-fé. O lemma excede as premissas; o raciocinio tem um vicio structural. Mas, como estas linhas são, particularmente, narrativas, e elle é quasi apparente, reverterei.

De volta da praça da Roquette, aquelles dos espectadores que hão-de vir, com o tempo, a alternar em actores na tremenda gambiarra, vão meditar a lição do exemplo nas tabernas e nos lupanares. Em compensação, quanto escriptor que a urgencia do mister ou uma imperiosa exquisitice do espirito mandou presencear a carnificina fica doente, para espaço, conforme passou a Turguénev, apoz a execução de Troppmann! Como, exhaustos longos annos, as paginas, em que rememoram o quadro entrevisto, arripiam ainda do horror!

No meu anonymato, durante dias, ao acostar-me, tomava-me um pesadelo estranho.

Do damasquinado do docel deslisava, não a espada de Damocles, não o pendulo de Poë, mas o cutello sobrepujado pelo bloco de ferro que lhe dá o peso preciso. Esta afflictiva visão cambiava, subito, por uma maneira extravagante, porém. O machado entrava de adelgaçar-se, adelgaçar-se, adelgaçar-se, até que se reduzia á placa de oiro, afinada ao laminador.

Mas logo seguia enrolando-se, devagar primeiro, com furia depois, arfava, silvava e era uma serpente, balouçando-se em feroz indolencia. Enrodilhada a cauda nos cortinados, todo o meu empenho estava na angustia de saber se se seguraria. Via-lhe o medo, hesitava. — Cahirás? Não cahirás, demonio?

Cahia, mas devagar, por secções irradiantes, varetas de nojoso leque. Resubia, despenhava-se, mergulhava entre os lençoes, eu tiritava do gelo da sua pelle mosqueada. Com um grito, acordava.

Durante mezes, procurei decifrar este desconchavo,

submettido a uma insistencia que honraria Alfred Maury, o sabio explicadôr-experimentadôr do somno e dos sonhos.

Encontrei-a, afinal, n'um momento affastado da minha existencia, de que quasi me havia esquecido por completo.

Em qualquer genero, o *eu* enfastia. Mas isto é uma carta e, em missivas, o que occorre senão fallarmos de nós?

Ora, ha-de saber, meu caro collega, que, em tempos, ha bons doze ou quatorze annos, eu corri perigo de ser atacado por um d'esses grandes ophidios sem peçonha que enlaçam, dizem, um buffalo na carreira, o trituram e o devoram com a singeleza com que uma cobra dos campos digere um pardal. Onde isto? É a melhor curiosidade. Ahi, no Porto, freguezia do Bomfim:

Sêr um homem estrangulado por um bôa-constrictor no Poço das Patas convenha em que é fabuloso. Pois aqui tem Você um homem que, sem alheia intervenção, poderia, muito bem, haver sido estrangulado por um bôa-constrictor no Poço das Patas.

O caso mais simples da historia.

Quer que comece como um romance: *Descia o sol...?*

Descia, com effeito, o sol, ou, mais prosaicamente, já havia descido alguma hora larga. Não encontrara amigos essa tarde e passeei á aventura. Ahi não ha longes, como sabe; a poucos passos, está-se nas barreiras. Eu estava na feira de S. Lazaro, embasbacado para a barraca do snr. José Dallot, o *Theatro Popular*. Fronteiriço e minaz, o *Theatro Infantil*, de seu irmão Carlos.

Aos irmãos Dallot, como aos irmãos Chénier, inimisou-os o estimulo da arte.

O amigo, tenho a certeza, pélla-se, como eu, pelos espectaculos de rua, uma das poucas alegrias que con-

solam a terra. Tanto quanto irrita o pedantismo dos *grrandes artistas,* assim é sympathica, romanesca a penuria do tablado.

Proclamava-se a primeira funcção da noite. Os espectadores escasseavam ainda. No exterior a companhia formava. É o melhor.

Dentro, ás vezes, não presta. Innovam. Fóra, é o grande genero, o sempre novo, o eterno, o classico. Sendo a mesma coisa, é sempre interessante, excellente sempre.

Um cornetim soprava; o snr. Dallot tangia a campainha. O *Confeiteiro,* descripto por Julio Cesar Machado, misero e velho, economisava os bofes, para rouquejar, estropiadôr, os prolegomenos conhecidos: — *Vae principiar. Vae principiar! Um pataco por cabeça! Quem não tem cabeça não paga nada!*

Proximo, era uma delicia o frigir da pescada; e as mulheres, dos cestos, pousados n'umas méras andas: — *Oh freguezinho, oh rico, vae o docinho de Paranhos?*

D'entre os fogachos do cebo que se derrete nos lampeões, circulam, passam e repassam, scintillando de europeis, cingidos na malha transparente, os meninos friorentos, como pintainhos sob a aza meiga, tres, quatro, achegando pelas pontas o chale materno. *Oh! nos pauvres saltimbanques!,* exclama Banville.

Mas a curiosidade espertou-se quando, acudindo a banda toda, da varandeta se abeirou, com modestia exemplar, a gentil Serafina e, no afanoso applauso do bombo, que acompanhava, monarchica, das augustas tradições da nossa terra, melodiou:

Na presença do publico illustrado
D'esta nobre e invicta cidade,
Pedro Quarto, esse rei tam chorado,
Lhe doou CARTA *e liberdade!*

Logo, o côro, com brio:

Nós tambem, que sômos portuguezes,
Todos filhos da mesma nação,
Alliados hespanhoes e francezes,
Vimos, todos, pedir protecção.

Afugentados os temores dos artistas lisboetas e estrangeiros, deu-se, com geral gaudio e publico aprazimento, começo ás dansas. Mas eu não entrei e foi o meu castigo, porque, a rapida distancia, descobri um cortiço, a cujos penetraes cachimbavam o director, italiano, e uma especie de creado, ademanes duros de auvernhez, o craneo deprimido, os hombros athleticos, cão de fila para companhia e guarda.

Um grande painel sarapintava as proezas do interior. Na floresta d'uma Africa de phantasia, prognathas, de argolas nas orelhas, retesavam o arco; periquitos, de bico recurvo, espanejavam-se na folhagem. Para que nada se eximisse da côr local, gaúchos, de calça de bôcca de sino, jaleco de passamenaria e chapeu alguidar, galopavam de encontro a bisões, que vingam escapulir-se-lhes á sanha, da lôna para o tabique pegado. O cartaz protestou que alli se haveria de pasmar, afóra o resto, com dois crocodilos authenticos do Niger e que, para mais, o proprietario lhes metteria impunemente os braços pelas guellas abaixo.

Adaptado, pela pratica, á curiosidade dos povos, o homem do cachimbo percebeu-me tentado, mas indeciso. Deliberou-se a determinar-me.

Fez-me passo; cortez, convidou-me:

— *Veuillez bien entrer, Mr. On commencera à l'instant.*

Como resistir? Contribui, entrei. Não havia mais que um cavalheiro, negociante conhecido ahi, muito espalhado no mundo. Esperando, examinava na zebra o des-

cendente autonomista d'esse typo ancestral, commum com o cavallo domestico. Parentesco cuja certidão Darwin foi buscar aos rudimentos de listras que se dão a macular-lhe as joelheiras.

Iniciei-me pela gaiola da macacaria. Ao ingressar, mal notara, em face, no assento d'um mocho, um d'esses frageis caixotes intermedios, nem grandes nem pequenos, que de Cantão nos conduzem o chá. Sobre a capa, quadriculado, um cobertor de lã commum.

Entretinham-me as gaifonas dos simios, furando arcos, dependurando-se de trapezios; e, para melhor os aperceber, affastava-me, costas para a caixa, tanto mais que seu paço residencial não olia precisamente a agua de rosas.

Quando aquelles primos manifestaram um desassocego receoso, um sobresalto extremo. Despregando-se em incivil alarido, os mais idosos que até alli, no soalho, haviam ficado tranquillos, sisudos, desilludidos, indifferentes ás folias da mocidade incauta, trepando agora, por seu turno, com rapidez vertiginosa, refugiando-se, n'uma ensurdecedôra chiadeira, pelos cantos superiores da jaula larga. Era curioso; e, sem vislumbrar sequer o inquirir da rasão do successo, gozava d'elle, attribuindo-o, inconscientemente quiçá, a inopinada, desconhecida evolução do jogo em que cambalhotavam.

Recuei mais, afim de apanhar o cacho longinquo. Inda mal firmando-me de novo, um encontrão brutal me precipitou para as paragens da zebra; e, interdito, o nosso conterraneo cumulava a minha surpreza, ao tomar-me fortemente do braço, ao arrastar-me para elle com violencia:

— Olhe, explicou-me.

Olhei; e vi, emergindo da boceta verde, cuja tampa, tombada, já se envolvia no chão com a manta, tres, quatro metros d'um rolo, grosso como um cabo mariti-

mo. Espantosamente, o terminava uma cabecita agil, da qual, na fixidez repulsiva que dá a ausencia de palpebras, não se apuravam mais que dois globos estalados, uma linda lingueta bifarposa, que, sedenta, momento a momento, fulgia, recolhia, como a tira das fauces de Polichinello.

Liquidava-se o tumulto da sociedade catarrhinia. Ella fôra a primeira a advertir a importuna interferencia. A seus clamos, impetrando-lhes a attenção, o italiano e seu socio voltaram-se. Descortinando o que occorria, arremeçaram-se para quem sobre cujos hombros palpitava a repugnante ameaça. Sem discursos inopportunos, despediram-me para o longe.

Posso dizer que a Simão devi então a vida.

É certo que o animal, duas vezes hibernando, no rigor dos nossos climas e na destruição opiacea a que os submettem, não poderia, decerto, causar-me grande damno. Mas, logo que, consumido do esforço, se deixasse prostrar e bruscamente o sentisse abater-se; imprevistamente, pelo casaco, me surprehendesse com aquella prenda, ainda hoje me enfrio da impressão adoidante, do abalo algido em que, adoentado e nevrotico, todo, me revolveria o singular incidente.

Como o esqueci? Como, mesmo, na occasião, não lhe prestei sentido, não lhe medi o alcance? O cerebro, porém, bizarro thesaurisadôr, que perde facilmente o trigo e aferrolha, com avareza, o joio, conservou, sem dar rumôr de si, a memoria do disparate. Entendeu chegada a occasião de a elaborar, quando, bastos periodos queimados, lhe conjugou a ideia do resvale d'uma fouce de patibulo n'uma praça de Paris.

Outra, agora, das nefastas consequencias das execuções é a invasão, mercê d'ellas, do cynismo da plebe criminal nas classes cultas.

Mais do que a virtude, o vicio é proselytico e couraça-o um convincente poder de propaganda. Com pres-

teza se entende desde que se possua a theoria da descendencia.

Partindo do mal e melhorando-nos, morosamente, na sequencia das gerações, os sentimentos nobres são acquisições recentes. De modo que facilmente se obliteram a um choque que faça sobrenadar o fundo, mais amplo e resistente pela duração. Assim nas mulheres alienadas se observa que o melindre que depressa desapparece é o do pudôr. Como desde que se espanca a epiderme branca da agua immovel, a vasa se espalha e dissolve pelo corpo da massa liquida.

Ha depois que reprincipiar, dando tempo a que as escorias volvam a depositar-se.

Entre a mesma gente limpa que habita uma cidade onde se executa verifica-se um affloramento de pessimas paixões, de atavicos instinctos. A revivescencia da perversidade ingenita póde affirmar-se que é collectiva. Felizmente ephemera, corrige-a, tempera-a, ao dia seguinte, o regresso á civilisação, pela disciplina das occupações quotidianas. Mas quem póde assegurar que este periodico despertamento da humana animalidade cêda sem deixar traço, se esvaha sem riscar vinco?

Na psychologia, como na chimica, se nada se cria, nada se perde tambem; e Herbert Spencer arrumou o especialismo dos factos sociologicos pela particularidade de que uma causa unica produz um semnumero de complexos effeitos. Não entenderá, pois, em parte, a pena de morte com o caracter de lamentavel ferocidade que, ainda hoje, apresentam as luctas civis em França?

Hontem essa hedionda repressão, por Thiers dirigida, com respeito á Communa, na semana de maio, chamada a semana do sangue.

Correlativamente, de parte a parte, na Hespanha, a atrocidade carlista dispara, pretenciosa, na formalidade das execuções. As tigrinas abominações de Cabrera enredam no tigrino fusilamento de sua mãe. E, ao con-

trario, com o mais venal que heroico pacificamento do Norte, na tranquillidade de vinte annos, chata superficie, só episodica e momentaneamente enrugada, os costumes suavisam. É possivel hoje o, ha cinco lustros ainda estranhavel, protesto que, para o solio da moderadôra graça da soberania, erguem, em uso já, as damas, as corporações, homologo, sempre concordante, o clero diocesano. Quando qualquer localidade é ameaçada da affronta do levantamento d'um patibulo.

Os evolucionistas modernos combatem a guerra, menos pelas calamidades materiaes, que são o seu apanagio, do que pela revertencia que, na alma da humanidade, ella promove a stadios, de critica e sentimento, desaggregadores dos progressos superficialmente ultimados.

Não ensinará o espectaculo do parallelismo moral das illustrações honradas com as abjecções ignaras? A necessidade de detalhes barbaros, que a imprensa diaria se vê compellida a fornecer a centenas de milhares de leitores que os exigem, reflectindo uma normalidade anomala, será, porventura, sadia, proveitosa?

Um exemplo basta, penso, a avolumar graphicamente o que apontei:

Quando da execução de Troppmann, a excepcional qualidade do interesse pelo excepcional criminoso abortou n'um desastre excepcionalissimo.

A curiosidade era vehemente, enorme; a assistencia triplicou; houve que reforçar a guarda do cadafalso com regimentos inteiros. Para repellir a turba, succediam-se as cargas de cavallaria.

Os protegidos conseguiram, a duras penas, que os mimoseassem com as targetas que lhes permittiam cortar os renques da policia, acolher-se ao recinto, como no campo das corridas. Mexeu-se todo Paris para alcançar d'estes bilhetes de favor; mexericou-se; intrigou-se. O notavel barytono Capoul, patricio do venerando Cro-

zes, então de serviço na Grande Roquette, escreveu-lhe uma carta, em que lhe dizia que lhe ficaria mil vezes obrigado, se lhe obtivesse, em seu nôme, pelo menos, *duas entradas*. O italico é do proprio Capoul.

O chronista, facil, Alberto Wolff, parisiense de Colonia, e o dramaturgo Victorien Sardou, talentoso dialogadôr de cerzidos plagiatos, encontraram-se, a convite de Pietri, prefeito de policia, e do celebre Claude, chefe do serviço de segurança, deante da estatua do principe Eugenio, hoje deslocada pela de Voltaire.

Haviam trazido algumas provisões: pão, presunto de fiambre, duas garrafas de Bordeus, charutos. Claude observou-lhes que fôra uma precaução inutil, porque, para o que désse e viésse, mandára, para casa do pharmaceutico da prisão, um pato acondicionado de tuberas.

Alli chegados, depararam com umas quinze pessoas; os copos tilintavam; rilhavam os garfos na porcelana; os convivas achavam-se em jovial disposição e Claude entrou de contar anedoctas.

Mas, nas saletas do directôr, de la Roche d'Oizy, a recepção, mais *chic*, rutilava. Velas nos lustres; todos os candelabros accesos sobre o marmore do fogão. Escorrendo luz, um buffete armado, com tudo o que é preciso: sandwichs, gallinha fria, pasteis. Os creados circulavam as bandejas com chá, punch, vinho. Para guarnecer, o carcereiro convidara os officiaes da escolta a subir. No pateo servia-se café aos soldados.

Um periodista, Eduardo B..., afundara-se n'um sophá, bebado a cahir, tam bebado, tam bebado que não pôde acompanhar os seus collegas á cellula de Troppmann e á execução. Ficou a cosel-a na alcôva do director e não acordou senão ás oito.

Logo que a machina esteve erguida, varios galgaram o estrado e o carrasco forneceu-lhes esclarecimentos.

Alberto Wolff refere, elle mesmo, assim o episodio:

« Fazia um luar soberbo. Vendo-nos emergir sobre a plataforma, os amadores dos lados do Pére-Lachaise soltaram rugidos atrozes; pensavam, sem duvida, que se guilhotinava de noite; exasperavam-se por que lhes roubassem, d'essa fórma, o espectaculo que aguardavam; fez-se, ao longe, um movimento assustador. Do cimo do cadafalso, eu via as massas agitarem-se, avançando sempre, e sempre recalcadas pela cavallaria; foi, durante um instante, como que o começo d'uma revolução. Ouvia-se o estrepito dos cavallos na calçada e o ruido das espadas, saltando nas bainhas.

« Depois, sem duvida, mercê de explicações fornecidas pelos chefes de esquadra, a ordem restabeleceu-se.

O snr. Hendereich, com perfeita obsequiosidade, fez-nos as honras da guilhotina; assistia-o o seu primeiro ajudante, que teve a fineza de se collocar diante da prancheta e de oscillar como um condemnado. Um velhito, o cabelleireiro da sucia, que, mais tarde, devia cortar o cabello a Troppmann, appoiou as duas mãos nos rins do condemnado a fingir, estirado na prancheta, e disse, com um tom desprendido, estas palavras cynicas, que me fizeram frio na espinha: — Agarro-lhes assim para que não *saracoteem!*

Sardou, que é todavia, um temperamento forte, estava por demais satisfeito, elle tambem. — Desçamos, me disse ».

Sem duvida que este é um quadro já esplendido. Mas fica sublime, quando se saiba que Wolff desfigurou, conveniente, a verdade completa; alterou, prejudicou a physionomia exacta da scena.

Roubando ao seu espirituoso amigo as glorias espirituaes d'uma pathologica coragem. Pois quem fingiu de condemnado, quem se estendeu na fatal tabueta não foi o obscuro auxiliar do verdugo Hendereich. Foi o illustre Sardou em pessôa.

Informa-nos, mais, d'esta inverosimil, odiosa loucura o abbade Georges Moreau, ex-capellão da Grande Roquette, hoje vigario geral em Langres.

Escreve, textuaes palavras:

« Quando a guilhotina se levantou, muitas pessoas subiram sobre a plataforma e Hendereich deu-lhes explicações. A um momento,

mesmo, Sardou deixou-se deitar sobre a prancheta pelos ajudantes do carrasco e fizeram o simulacro de o guilhotinarem. Á sua cabeça haviam substituido um molho de palha. Restou quite por uma curvatura, que durou, parece, bastantes dias ».

Emfim, foi uma patuscada innominavel; uma prodigiosa orgia funebre; um ominoso escandalo; uma vergonha.

As inqualificaveis jocosidades d'esses senhôres durante a triste noite originaram, de resto, tal barulho que o deputado Steenackers (quasi nosso compatriota, porque, como o celebre diplomata russo Nesselrode, nasceu em Lisboa; sabe o portuguez; traduziu, mesmo, um livro do snr. Ramalho Ortigão; participou, com um folheto anonymo, escripto em nossa linguagem, na polemica Rattazzi-Castello-Branco) o deputado Steenackers interpéllou vivamente o ministro, Chevandier de Valdrôme, no Corpo legislativo. Affirmava, entre outras coisas, que um dos redactores do *Petit-Journal* havia desempenhado as funcções de ajudante do carrasco.

Não ignoro que se tracta de fugir aos repetidos desafôros. Conheço a proposta Bardoux. Bem sei que se pensa em relegar o cadafalso para o interior das prisões, em matar gente á cancella fechada. Já assim é na Inglaterra. Mas então o exemplo? A lição? O effeito do terror?

O que me custa, confesso-o, realmente a comprehender é como tres, quatro personagens decentes, magistrados, funccionarios, se encerrem com um homem n'um quarto e alli tranquillamente o degolem, com a consciencia serena e tam lilial que se quedem admirados de que se admire um. Ao menos, na praça, a cumplicidade do publico como que justifica, a responsabilidade dispersa-se e ao algoz protege-o o anonymo da fatalidade social.

Mas a similhante meia-duzia, na familiaridade d'um aposento, assombra-me que lhes não passe pelo espirito

que estiveram perpetrando uma patifaria. Confunde-me que não deem fé de que, pelo menos, se encarregaram de certificar, de si proprios, que eram crueis e insensiveis. Portanto duvidosos, visto como a piedade moral nasce da sensibilidade physica e a virtude não é mais do que bondade condensada.

Porque conserva a França, essa bella, nobre e grande França, flôr da civilisação, cultura das culturas, este indigno vestigio das antigas barbaries? Porque não sentem os francezes, intrepidos e briosos, dos europeus eternamente os mais intelligentes, hoje os mais illustrados, com frequencia os mais generosos, que este tradicionalismo os enxovalha e conspurca? Porque essa gloriosa democracia gauleza, que engrinaldou o puritanismo severo da doutrina com as graças do cavalheirismo da raça, não apercebe que isto a diminue e desacredita?

É a rotina, a teimosa rotina do movimento adquirido.

Altivo e petulante, como a insciencia, *Ignotus* assertou que as execuções não podiam proscrever-se senão em povos cujo maximo de densidade não ultrapasse, em todo o paiz, quinhentas a seiscentas mil almas. Aqui estamos nós, portuguezes, que continuaremos a ser trez a quatro milhões. De facto, essa atrocidade extirpou-se na Belgica e na Hollanda, que, sommadas, botarão perto de doze.

Pugnar pela abolição da pena de morte não é, de resto, naturalmente, fazer causa commum com Troppman mas com Beccaria.

Como, de si, não merece a pena, nada vale, não é tanto a cabeça do assassino que importa; mas a paz da victima, o credito do julgador, o decoro d'uma sociedade inteira.

Mesmo ahi não estou a discutir truismos, a discursar a convencidos, poisque, ainda, a pena ultima marque d'um estigma o codigo militar. Não se applica? Mas quem nos affiança que, em momento de irreflexiva co-

lera commum, á surpreza de qualquer attentado indignador, se não volva a usar? E que, de consequencia, o antecedente não fructifique, seguidos, em pômos de maldição; não generalise; não rôa o mundo civil; não alastre?

A volubilidade não é o nosso defeito, bem sei; antes peccamos de tardios de entendimento, morosos de acção. Porém, nunca é mau, nunca se inutilisa almasso por confirmar as verdades adquiridas, por garantir as etapas moraes caminhadas, por evitar as retrogradações, por prevenir os accidentes do espirito.

O triste exemplo de liberdades perdidas, d'um dia para o outro, com o exclusivo expediente d'um estadista transitorio, é de molde a arregalar os olhos dos mais somnolentos. Sômos uma cêra amorpha, á mercê dos caprichos dos que a manipulam, caçôam com ella.

Assim se deve considerar, pois, a constante ameaça alludida, para que não persista. Essa permanencia é vexante.

E digo vexante porque, faça-se o que se fizer, peróre-se como se queira, argumente-se como se imagine, o facto é que, ao fim e ao cabo, o castigo desvaria e diverge, a infamia engana-se de porta e a guela, semilunar, do Moloch forense, se sorve o sangue do criminoso, é, só, afim de, gargarejado, o cuspir para a cara dos homens de bem.

VII

Liancourt

No dia seguinte, espreguiçou-se, pelo branco, fôfo acolchoado das nuvens, um sol dorminhoco.

Estremunhado do pesadelo, tardo dos maus sonhos, fulgia a espaços, de furto, envergonhado e arrependido.

Bailando e sorrindo, uma nortal aragem, celeste chorêa cargada da limpeza, varrera os miasmas da putrefacção humana. Fazia bom. Aos reclusos pela intemperie da epocha, appeteceu, a todos, sahir. A colmeia social repousou, n'uma remissão da febre dos quefazeres quotidianos. Um instante livre, como rebanho de formigas crepitando depois da chuvosa invernada, espanejou-se, chuchurreou no confôrto da luz.

Tambem eu, sem deliberado proposito, só me recuperei longe, iterativamente occupado em alternar o dôce entorpecimento da vontade. Por que cambiasse as sensações, sem intercorrencia passando do azeviche dos campanarios da Casa da Camara ao oiro do zimborio do Palacio dos Invalidos. Atravessei as pontes; borbulhando n'uma alegria mansa, deslisa, feliz, o rio, como se carreasse pepitas faiscantes.

Nas *ribas floridas do Sena* consolava a proscripta velhice o bom Filinto. Talvez, como eu, a rebuscar nos

caixotes vinculados ao parapeito dos caes os volumes digeriveis á dispepsia da bolsa de emigrado.

As bôas coisas que se encontram entre a farragem! Quanta historia, quanto drama no amontoamento desordenado!

O desfazer do lar, a miseria da viuva, o desapego dos parentes, a infidelidade dos domesticos, todas as dolentes minucias d'esta estupida e lugubre farça da vida vão passando pelas mãos vasculhadôras. Agora, a bibliotheca do pobre Mario Proth, as honrosas offertas, de Pi y Margall, por exemplo. Ao par da miseria, adiante o crime; por cinco centimos, os primeiros versos d'uma mocidade poetica, respeitosa e submissa, *a sua excellencia o senhôr duque de Aumale.*

Mas, como se os tristes pensamentos da triste noite passada não houvessem de dever abandonar-me de tam prompto; mas, como se cumprisse que os escavasse em seus multiplos modos, mal me acerquei da primeira loja em pleno vento, deparou-se-me, concordante, connexa, uma brochura, rara, que, perdida, ahi, em balde, de longa data, procurava readquirir.

Escreveu-a o marquez de La Rochefoucauld-Liancourt; tem a data de 1859 e o romanesco titulo, improprio da sobria seriedade com que a obra foi concebida e está escripta, *Historia das torturas no seculo XIX.*

É uma critica, detalhada, conscienciosa, erudita e quente, d'esse abominavel systema penitenciario, instituido, de bôa-fé, pela ignara religiosidade dos *quakers* e a que chegou, em nossos dias, a vez de estender os seus estragos a esse Portugal macaqueadôr.

O livro possue 475 paginas e por elle me pediu a aceada velhinha que assim menêa a existencia a exorbitante somma de 20 centimos. De nossa moeda, o troglodyta pataco, designação offerecendo um curioso correlativo com a palavra russa *pitiak*, que exprime proximamente o mesmo valôr. A giria e est'outra mitigada

variante crassa da falla dos scelerados a que os francezes chamam *langue verte*, de que Delveau organisou o lexico, opulentam-se pela apropriação inconsciente dos termos dos idiomas estranhos (*naifa* por *knife*, verbi gratia). Vinte centimos, pois, um pataco. Para um pobre pousar de rico em sabedorias, convenhamos em que é em conta.

Comprei o volume; e, no Luxemburgo, á sombra de arvores, porque Hélios, decidido, emfim, desforrando-se da sua matutina timidez, começava a picar, dei-me a seguir as minhas ideias, essas bebedas. Diderot chamou ás suas essas..... Com todas as lettras. Mas o nosso seculo é mais pudoroso. Bem haja.

Um dos mais agradaveis entretenimentos do bibliomano é recordar os livros que, ás fugidas, o deliciaram, na prohibição pedagogica de que o menino não perca tempo e não esquente a imaginativa a lêr romances. Por ahi comecei a divagar.

Com a logica que os distingue, para nos demover do perigo, os nossos mestres faziam-nos a classe de leitura sobre o traslado, a mau vernaculo, pelo capitão Manoel de Sousa, d'esse encanto narrativo das *Aventuras de Telemaco*, do candido Fenelon.

A vibração estava, assim, imprimida. Votado aos romances. Condemnado o menino. Na ausencia paterna, a espiolhar a livraria; ancioso, a procurar entre as *Algebras* de Bézout, o *Methodo das partidas dobradas*, de Degranges, a encyclopedia de Dupiney de Vorrepierre.

Oh! em rincão esquecido, em desprezada lura, a descoberta maravilhosa, introcavel por todos os achados de todos os Colombo havidos e por haver! Que thesoiro! Os *Peccados mortaes*, fourierismo litterario de Eugenio Sue; o *Mendigo negro*, de Paulo Féval. Aqui, uma d'essas interessantissimas adaptações de novellas americanas, que Eduardo Forgues rubrica com pseudonymos barbaros, Old Nick, Gray Nick: a *Capitola*, sabem?, onde

Black Donald, o hirsuto, o terrivel quadrilheiro, se arrepende como manda a Santa Madre Egreja, e o velho, sensivel major ralha, todo o tempo, qual o furacão de seu appellido. Além, a juvenil intriga, seductora de horrores, dos *Novos mysterios de Paris*, por Aurélien Scholl. Finalmente, brossado por Henri Conscience, o exotico, longinquo, dramatico e verdadeiro painel d'essas grandes epidemias da idade-media e do medonho abandono das victimas. Ao cabo da lenda do pae elephantiasico do nigromante Abulfaragus, podia-se lá um conformar com a regra de tres? Definitivamente, para a geometria, o menino *não tinha vocação*.

Não admira, de resto, o effeito. O conspicuo snr. Saint-Réné Taillandier, da conspicuissima *Revista dos dois mundos*, iniciado, professo e doutoral, elle mesmo, exara que aquelle doloroso esboço attesta, em seu auctor, o mais sympathico estudo da idade-media flamenga. Pois é isso. Ora eis ahi.

Mas, como é que, aos bocados, saltando paginas, é certo, pude então, ainda assim, misturar com estas puerilidades adultas o severo trabalho que agora me era dado apparecer-me, subito e inesperado como a surpreza grata d'um amigo de que não deixamos de nos lembrar e não vêmos ha muito? Oppurtunamente me surgia, em tal occasião, povoada a mente de obsessões sinistras, conforme passa a pessoa de que estamos discorrendo em mal, phenomeno singular de singular fortuitidade que uma experiencia antiga registrou em proverbio.

Recalcitrante, resvalei para a essencia mesma do problema. Recapitulei noções sobre o direito de punir. E, pela noite, depois mais tarde, agora mesmo, fez-se-me romba a lapiseira, a commentar de referencias, a contrafortar de auctoridades a ondulante, fluctuante ideação.

De tam longe a subjectiva chimera me fez partir! Recordei como, quando appareceu, pela primeira vez, em França, n'uma versão incorrectissima, o *Tractado dos*

delictos e das penas, de Beccaria, a opinião culta do seculo XVIII se alarmou perante o quadro, vivamente pintado, das atrocidades que, no mundo judiciario, procuraram uma justificativa sancção na necessidade de garantir a integridade do organismo social, ameaçado pelo crime.

Com os reparos que os pontos de vista philanthropicos do jurista suscitaram ao recto juizo, rico de bomsenso, de Voltaire, o livro tornou-se, ainda assim, como um codigo de principios definitivos, que ulteriormente, mais ou menos, serviram, por completo, de guia de trabalho aos publicistas como aos legisladores.

É, todavia, uma obra mediocre; e ella, se representa, historicamente, um benemerito esforço para suavisar a situação dos delinquentes, não assenta, como comprehensão doutrinal, n'uma ordem systematica de principios claros, d'onde regras praticas decorram, com a irrevogabilidade de corollarios logicamente deduzidos.

Toda a tarefa de punição nos delictos commettidos por o homem em sociedade tem historicamente procedido e se filia no conceito d'essa illusão psychologica do perfeito livre-arbitrio; e o que é notavel é que, na reacção contra as legislações coercitivas ou simplesmente preventivas, os esforços dos philanthropos não só não contradizem mas mesmo, por uma grande parte, se basêam em identica opinião preconcebida.

Comprehende-se, facilmente, como, considerada a acção humana absolutamente livre e independente, as consequencias effectivas d'essa autonomia presupposta se refiram exclusivamente á responsabilidade do agente.

Demais, partindo-se parallelamente da concepção de que no espirito de todos os homens, qualquer que seja a sua educação e o grau de cultura a que tenha chegado a civilisação de que fazem parte, existem innatamente gravados os lemmas moraes, de que, todavia, pelo contrario, a acquisição se fez lenta e laboriosamente,

não é de estranhar o impiedoso horror de que em face do crime se sentem possuidos os que se vêem ao mesmo tempo feridos na sua segurança social e na doutrina ethica estabelecida, de que a derogação no acontecimento condemnado é um desmentido, que se reporta á perversidade inexaminada do delinquente.

Toda a comprehensão da pena de talião se deduz d'este conceito assignalado e se apercebe como ella é a mais logica. Ella não suppõe a possibilidade de regeneração do criminoso e o castigo apparece n'esta especie primitiva, conforme se vê das disposições do *Pentateuco*, como a méra vingança social d'uma actividade livre, que se não julga, mas se combate.

A simples reflexão, mesmo dentro da esphera alludida, levaria, porém, a difficuldades, por certo, insoluveis. Com effeito, ainda que se considere a alma humana inteiramente livre na escolha entre os motivos antagonicos que sollicitam a vontade, o problema da responsabilidade fica pendente. Se se crê a alma humana radicalmente livre, nem por isso se acredita que ella se crie a si propria, antes se refere, no facto da sua existencia, a uma causa suprema e final de todas as substancias.

A psychologia, como a ontologia, não deixa de presuppôr a theodicêa e, na comprehensão dita, não só esta é a conclusão como a explicação d'essas sciencias primarias. Por consequencia, se a alma se evidencia, n'uma das suas manifestações, pela derogação do conceito moral, como referir esse corollario ao seu alvedrio proprio? Ella existe por um motivo que não é uma propria virtualidade mas uma consequencia da sua essencia mesma, que a outra categoria se reporta, n'uma modalidade dada; portanto, não se póde, racionalmente, requerer-lhe responsabilidade, como tal se não póde exigir á fatalidade dos phenomenos naturaes.

Esta investigação, prolongando-se, levar-nos-hia á

questão, em que, entre outras, a metaphysica se esgotou, de conciliar a liberdade humana com a providencia divina, problema insoluvel, como toda a conciliação synthetica de antinomias fundamentaes.

Sem fallar de Malebranche, cuja resposta se refere mais á orthodoxia catholica do que á independente especulação philosophica, a tentativa mais genialmente fundada, que foi a de Leibnitz na sua these da harmonia preestabelecida, desfaz-se deante da brutalidade dos factos concretos, que desmentem a sua concordancia, no seio da natureza pelas monstruosidades que a teratologia registra, no dominio social pelas necessidades justificadas de progresso, que, como correspondem a um plano de successiva correcção, são uma negativa da optimista harmonia imaginada.

Seja como fôr, o certo foi que, naturalmente, a sociedade humana procurou defender-se dos ataques que á sua conservação lhe dirigiam todos os actos capitulados de nocivos á sua integridade, que cumpria permanecesse. Os processos de defeza corresponderam, no seu exaggero, ao modo excessivo dos ataques primitivos, que tomavam em intenção e em vastidão o caracter da maneira de sêr moral do homem na sua desgregação inicial, antes de se congregar no nomadismo ou de sedentariamente se fixar ao solo; e, como para tudo succedeu, taes processos, da espontaneidade primaria suggeridos, crystallisaram em instituições que se perpetuaram para muito além dos momentos historicos que as justificavam.

Foi assim que a tortura, que é, como o percebeu Proudhon, o modo logico de apurar o successo em naturezas que só o terror physico póde trazer á verdade, chegou até quasi aos nossos dias, apesar de já Montaigne ter assignalado não só o que havia de cruelmente deshumano n'esse processo inquisitivo, mas ainda o quanto elle falhava. Para o innocente, coagido a accu-

sar-se, afim de que o tormento cessasse, de delictos não commettidos; para o criminoso, exercitando-se, n'uma abominavel educação especial, a supportar sem grave incommodo os tractos mais lancinantes.

Mas, no desenvolvimento progressivo das sociedades humanas, quando a barbarie guerreira se suavisa por longos interregnos de paz; quando o mundanismo irrompe como uma satisfação nova, imprimindo, na modificação dos costumes, á litteratura um caracter mais idoneo para as suggestões da piedade, como lucidamente o registrou o critico Taine; desde que a uma gente repousada, d'um convivio facil, d'uma sentimentalidade que a cultura esthetica refinou, a revelação das miserias dos criminosos se produz, um clamôr de indignação compadecida retumba e os legisladores teem de, com bôa ou má vontade, se pôrem ao serviço da corrente ultima da opinião.

Os perigos do crime haviam, mais ou menos, desapparecido para a sociedade mesma; pela sua extensão, pela densidade crescente da população, pela intima correlação das suas partes integrantes, pela perfeição do apparelho administrativo e judiciario, pela unidade politica realisada, o crime não se póde apparentemente considerar mais do que como uma ameaça para o individuo e este sente-se, pela disciplina social e pela solidariedade dos sentimentos da grande maioria, relativamente ao abrigo d'aggressões que perderam generalidade no decurso historico levado a termo.

Por consequencia, todas as penas afflictivas, todos os habitos odiosos do tradicional regimen judiciario fôram revisados sob o criterio d'uma paixão vehemente e, logicamente, se começou por pôr em duvida a necessidade da pena de morte, que se considerava como excessiva para os effeitos de reprimir factos que, por mais hediondos, parecia não legitimarem o processo de que se lançava mão.

Todo o escriptor que, no plano das ideias communs, as fortalecesse por motivos de ordem racionalmente independente do sentimento e as referisse a uma comprehensão abstracta vivendo na pura região das generalisações, corresponderia a uma necessidade vivamente radicada e teria, em consequencia, no exito toda a consagração que ao philosopho advem da representação, clara e profunda, d'uma aspiração, indistincta e collectiva.

É assim que se concebe como se não apercebeu o vicio essencial do celebre sophisma de Rousseau contra a pena de morte.

Partindo da sua concepção de referir o direito social á noção do contracto, theoria, que, desde Locke, se não é uma comprovação historica, é uma previsão do futuro da sociedade livre, Rousseau, começando por estabelecer que a collectividade não possue direitos proprios, mas unicamente a somma da quota-parte de que os individuos fazem o fundo commum, conclue que, como o individuo não tem o direito de matar o seu similhante, a sociedade, egualmente, o não usufrue.

Este raciocinio vê-se bem por onde pecca; elle nega ao individuo o direito de morte, e, todavia, esse direito decorre naturalmente do da propria defeza, desde que se demonstre que outro processo não exista para o garantir do que o do exterminio d'aquelle que, por um modo effectivo, põe em perigo a conservação da existencia de outrem.

Ora, se se não póde negar este direito primitivo, que procede do instincto animal, sem que a sociedade não lograria jámais chegar a constituir-se, claro é que na quota-parte do direito individual por aquella recebido se comprehende o de que a pena de morte se deduz como um méro corollario.

Por consequencia, toda a questão fica reduzida, pelo que se refere a esse controvertido ponto do direito pe-

nal, ás proporções de se precisar até que limites deve attingir, nas modernas condições das sociedades, a necessidade da sua defesa.

É claro que pôr a questão é resolvel-a.

Com effeito, as sociedades modernas não justificam o emprego d'uma pena irrevogavel pela sua natureza mesma, o que torna insanavel o erro judiciario, como no caso de Lesurques e d'esses episodios commoventes de Calas e do cavalheiro de La Barre, cuja rehabilitação posthuma é a gloria suprema de Voltaire, no caso de Sirven, salvo, no de Lally-Tollendal, só resgatado em sua honra por seu filho, Trophime Gérard. Ella não póde fundamentar-se nos effeitos do exemplo, como a verificação historica o determinou. Antes instigando, por uma perversa symetria da consciencia, a reproduzir por outros o delicto expiado, conforme se viu dos exemplos apontados ás camaras dos diversos paizes por legisladôres humanitarios.

Recentemente, Haeckel procurou fortalecer a pena de morte por toda uma ordem de considerações oriundas das modernas doutrinas evolutivas.

Registrando a acção da hereditariedade, o illustre professor allemão procura, pela eliminação do criminoso, dissolver a revivescencia da tendencia perniciosa assignalada no ascendente.

Todavia, como aconteceu com as bruxas que hoje não ha, porque a Inquisição as queimou todas, durante o longo percurso das suas violencias historicas, rodando e enforcando, a magistratura teve tempo de sobra para extirpar os antepassados criminaes da humanidade hodierna, que, deveria, pois vêr-se indemne de scelerados.

Tal comprehensão, que, por uma inconsciente intuição, se encontrou, de todas as epochas, espontaneamente, como se vê de certos proloquios populares, tem a contradizel-a os factos mesmos da divergencia do typo

immediatamente proximo: a acção (por limitada) da influencia educativa e a reapparição de caracteristicas, ancestraes ou collateraes, differenciadas, do typo moral cuja perpetuação se quer impedir. A ser-se logico, a ideia de Haeckel reduz-se pelo absurdo; ella tenderia á eliminação de toda a humanidade, herdeira do cannibalismo primario; ella desdiz o facto concreto que, na clausura do criminoso, impede a sua reproducção genesica e reintegraria os costumes de tornar extensivos aos filhos os delictos dos paes, desde que para um condemnado á morte se tivesse de fazer o exterminio dos seus descendentes já existentes, á data do delicto.

Não havendo duvida, como não póde deixar de acontecer, em que o crime não necessita hoje, como defeza social, da eliminação da vida no criminoso, estabelecido fica a proscripção de penas de tal natureza, por isso que o desenvolvimento dos sentimentos affectivos, de que depende a melhoria social, é evidentemente prejudicado por uma acção judiciaria de que o espectaculo é uma eschola de obliteração d'esses sentimentos mesmos.

Tanto isto é assim que modernamente se retirou todo o apparato das execuções capitaes; a sua hora se perdeu nas meias sombras da manhã rompente e o seu publico se fixou dos simples magistrados.

Ora, fazer isto, quando a pena se não comprehende mais como uma méra vingança collectiva, é retirar-lhe a sua acção de ensino e de disciplina, pelo terrôr, das vontades que hesitam na linha do dever. Assim, a pena de morte degenera n'uma atrocidade gratuita, sem a determinar nem uma interpretação moral nem uma necessidade social, como succede n'esses casos regressivos á phase militante, conforme se verifica em tempos de campanha pelas disposições incontradictaveis que nos codigos militares authenticam a disciplina.

N'esta conformidade, a pena de morte vae sendo

successivamente abolida da legislação das sociedades cultas; mas, n'essa benemerita corrente, o motivo que a tem determinado obedeceu até nossos dias aos impulsos mais d'uma sentimentalidade inscientifica do que aos processos rigorosos d'uma analyse philosophica.

Assim, ella desapparece dos factos concretos, principalmente pela ideia crescente de que a regeneração moral do criminoso se não coaduna com a existencia d'uma pena que facilmente procede pela simples eliminação do agente.

Além da comprehensão da responsabilidade d'este, no systema tradicional das legislações penaes tem-se tido, principalmente, em vista não só impedil-o de repetir o maleficio como coagir pelo castigo as naturezas similares a fugir á sua imitação.

N'esta ordem de ideias, a pena de morte, apesar de todos os esforços da philanthropia, conservou-se nos costumes, como o modo mais rapidamente simples de conseguir um dos resultados almejados. Simplesmente, se tractou de minorar o soffrimento do padecente e de o fazer passar ao dominio do inconsciente com a menor prodigalisação de preparativos martyrisantes.

Em similhante comprehensão se integra a invenção da guilhotina, de que Guillotin e principalmente o medico Louis encontram a formula na reproducção aperfeiçoada d'uma machina de supplicio da Italia medievica, essa *manoia* cujo desenho illustra a lauda de Scherr, consagrada á execução, pelo feroz de Anjou, do neto de Frederico II, filho de Conrado IV, chamado Conradino pelos italianos. Em Napoles, a 29 de outubro de 1268, assim terminou n'um cadafalso a estirpe ingenua d'essa progenie illustre dos Hohenstaufen.

Á machina renovada deu-lhe o nôme que hoje usa o sarcasmo dos redactores reaccionarios dos *Actos dos apostolos*, folha cujo espirito não resgata a abjecção, em que peze ás reaccionarias monographias dos Goncourt.

Fôram os *Apostolos*, Peltier, Champcnetz, Rivarol, os que baptisaram o novo apparelho, pronunciando, pela primeira vez, a palavra de guilhotina, em 1792, para uma machina adoptada sómente um anno mais tarde.

Na espectativa da abolição da pena de morte, procurando Guillotin prestar, pelo menos, o serviço de simplificar as execuções e de supprimir a dôr, viu celebrar a sua philanthropica invenção pelo seguinte menueto galante (I, n.º 10):

«Guillotin,
Médecin
Politique,
Imagine un beau matin
Que pendre est inhumain
Et peu patriotique.
Aussitôt
Il lui faut
Un supplice
Qui, sans corde ni poteau,
Supprime du bourreau
L'office.
Le romain
Guillotin,
Qui s'apprête,
Consulte gens du métier:
Barnave et Chapelier,
Même le coupe-tête;
Et sa main
Fait soudain
La machine
Qui simplement nous tuera
Et que l'on nommera
Guillotine».

Os realistas gostavam em extremo de cantar as doçuras da fatal machina. Eis como lhe define o golpe uma outra folha do partido da côrte, o *Journal en vaudevilles*:

«C'est un coup que l'on reçoit
Avant qu'on s'en doute.
Á peine on s'en aperçoit,
Car on n'y voit goutte.

Un certain ressort caché,
Tout-à-coup s'étant lâché,
Fait tomber,
Fait sauter,
Fait voler la tête.
C'est bien plus honnête».

Do *prospectus*, citado por Camillo Desmoulins no n.º 8 das suas *Revoluções da França e do Brabante*, toma a versalhada Marcellin Pellet no interessante estudo que dedicou a Gambetta.

Mas está incompleta. É em fórma de discurso feito á Constituinte pelo inventôr, parodiando a sahida com que, enthusiasmado, gabou, em publico e raso, os meritos do seu plano. Grifado por um côro de gargalhadas irreprimiveis, Guillotin exclamou para os deputados, dos quaes, por si, muitissimos haveriam de ter de verificar-lhe o asserto: «Em cinco minutos, com o meu apparelho, corto-lhes, sem dôr, a cabeça aos senhores todos». É decerto alludindo a esta innocencia que os realistas, precedendo os versos transcriptos por Pellet, fazem que diga aos collegas o candido doutôr:

En revant à la sourdine,
Pour vous tirer d'embarras,
J'ai fait faire une machine,
Qui met les têtes à bas.

N'uma novella de Ponson du Terrail, *Os mascaras vermelhos*, encontra-se toda esta lenga-lenga pifia.

Quem deu, porém, os ultimos toques á ideia não foi Guillotin mas sim Louis. O calão conservou-lhe as hon-

ras, senão da prioridade, ao menos, da completação do invento, denominando a guilhotina: *louisette*.

Como quer que seja, pelo intuito, aquelle horroroso instrumento intercala-se n'uma obra de caridade, consoante o demonstrou em paginas, simultaneamente ironicas e commovidas, Michelet, na sua *Historia da Revolução*.

Todavia, o processo adoptado não serviu de conclusão final; os trabalhos do dr. Sue, sustentando, com ruido, a these romanesca de que a vida consciente persiste por um espaço mais ou menos longo, onde os segundos se contam por seculos, á decapitação levaram á substituição, proposta pelo filho do physiologista, o celebre homem de lettras, que imaginou o inflingimento da cegueira como a solução exacta do problema que vinha preoccupando os entendimentos.

N'um proposito antinomico, o professôr Alexandre Bain, absorvido exclusivamente na sua these favorita, de pedagogo duro, em que o horror occupa a primeira linha, recorda-se de, ao mesmo tempo, aterrar o criminoso e o publico, pelos processos mais extravagantes, em que a suggestão coercitiva da dôr deriva dos recentes recursos das descobertas da physica e da physiologia. Tarefa impia, criminal ella mesma, esta de depravar a sciencia, conforme a americana bestialidade das execuções pelo electricismo.

Quaesquer que, n'um ou n'outro sentido, hajam sido as iniciativas de remodelação dos processos em execução para os criminosos, todos se filiam, em sua diversidade formal, na comprehensão generica da regeneração do delinquente, sollicitado ou pelo terror da vingança social ou pelo, mais puro, activamento dos conceitos moraes obscurecidos em sua consciencia.

Mas, admittindo esse proposito, não se vê nos trabalhos praticos dos publicistas e dos legisladores nem uma coordenação systematica de ideias organicas, ten-

dentes a dar realidade effectiva a essa aspiração theoretica nem se discrimina uma tarefa prévia, imprescindivel, de delimitação nitida da área que tem de comprehender o direito penal nas acções humanas, como prolegomeno indispensavel para se fixar, com uma logica justiça, a proporcionalidade do castigo.

Assim, nos codigos vigentes topa-se amalgamado de tudo, desde os attentados integraes á sociabilidade até á simples infracção regulamentar.

Com effeito, cumpre distinguir entre aquelles delictos que põem em perigo a conservação do aggregado social e aquell'outros que não representam mais do que uma individualista, desordenada opposição a medidas legislativas que menos se referem ás necessidades organicamente fundamentaes do conjuncto collectivo do que ás impertinencias de preoccupações do momento. E, todavia, estas levam tam longe o seu imperio que nos codigos se encontram as disposições que reprimem simples infracções ou assimiladas ás que se referem aos grandes delictos ou mesmo mais gravemente taxadas, como se vê para os casos de contrabando e sophisticação da exactidão dos documentos officiaes.

Instituido entre nós o afflictivo regimen penitenciario, que, de começo, se pensou, attribuir exclusivamente aos grandes criminosos, arrancados d'ess'arte á pena de morte, vêmos, pelo relatorio referente ao anno de 1888, que habitavam a necropole de Lisboa, soffrendo uma uniformidade de atroz correcção, variedades que vão desde os crimes contra as pessoas, pelos contra a propriedade, até os contra a ordem publica. Na primeira categoria, comprehende-se desde o homicidio voluntario até ás offensas corporaes! Na segunda, desde o fogo posto até á burla!! Na terceira, desde o fabrico de moeda falsa até ás incorrecções militares, que são tam latitudinarias que punem o extravio de artigos de fardamento, um kepi, botões, etc.!!!

Mas ha mais. Os mappas annexos ao relatorio do anno anterior de 1887 contam nada menos de tres reclusos, por crimes contra a religião, profanação das sagradas fórmas da Eucharistia e... desacato.

Em geral, outrosim se repara, dentro da catalogação penal dos delictos communs, com uma differenciação na sua apreciação, procedente do accidente das circumstancias exteriores, que não assenta n'uma clara comprehensão do objecto, tal que o roubo, que se extrema pela importancia monetaria extorquida, se allivia na pena, quando lhe não occorrem episodios de violencias, como a escalada e o arrombamento, de modo que a desproporção da condemnação leva os julgadores, n'um intuito de justiça, a violar nas respostas aos quesitos propostos a pura verdade do facto provado.

Esta incomprehensão accentua-se no registro de delictos que mais dizem respeito á inferioridade das noções politicas e religiosas e, assim, se dá como materia punivel o que realmente assevera a liberdade do criterio, como se vê das disposições com relação á blasphemia, ao sacrilegio e a outras que taes visões d'uma educação atrazada.

Mas, onde esta irregularidade mental se observa frisantemente definida é na inclusão nos codigos de derogações moraes que, sendo-o com effeito, não podem, todavia, pela sua especialidade propria, constituir objecto d'uma repressão social. Ellas se referem a todo um capitulo de degradação do sentimento moral, em que o agente não deve, sem excesso, em certos casos, comprehender-se na categoria dos delinquentes, visto como os seus actos não só não tendem a partir a solidariedade social como, na sua repressão, elles originam prejuizos á collectividade muito maiores do que o acto incriminado, em si mesmo.

Esta materia é, de si, por demais melindrosa; todavia, ella recebeu uma solução pratica nas considerações

de Montesquieu, que encontramos desenvolvidas e completadas nas notas postas por o lucido criterio de Condorcet á edição de Kehl da vasta polygraphia de Voltaire.

Os codigos não acompanharam, em geral, as indicações dos publicistas no ponto dito; e, assim, se encontram em trabalhos, sollicitados pelos jurisconsultos, de homens de especialidade, como Casper, investigações inteiramente inuteis, e que, na sua particularidade odiosa, se não justificam por nenhuma generalisação racional.

Atravez estas confusões, o que é certo é que, n'um plano renovante mas, apesar de tudo, inspirando-se na antiga chimera da integral responsabilidade, as reformas penaes se continuaram, como suggestões nas theorias dos escriptores, até receberem a sua realisação pratica na emenda das legislações.

Indo-se n'esta ordem de doutrina, intercurrentemente, appareceu o systema penitenciario, no seu duplo feitio de Auburn e de Philadelphia, em que o isolamento do encarcerado é completo ou se tempera pelos trabalhos communs em officinas idoneas.

Este systema, que viajou atravez de toda a Europa; que, na sua execução, mais ou menos integra, exigiu e exige dos orçamentos dos Estados sommas enormes, na sua consecução, contra todos os esforços da engenheria, nunca pôde adaptar-se perfeitamente ao ideal visado. Como se parte na busca do impossivel, as difficuldades accumulam-se e ou tudo aborta, como occorreu com a prisão de Mazas, em Paris, ou nos estabelecimentos especiaes, como Clairvaux, Fontevrault, quando se acerta de um lado, o systema é desmentido do outro. Para conciliar o inconciliavel, a necessidade da vigilancia, da promptidão dos soccorros, em fortuitidade de ataque, da espionagem sobre os guardas mesmo, com o desejo da sequestração e do silencio, os architectos esgotaram-se nas mais estranhas combinações, cujo quadro, entriste-

cedôr pelo antipathico espectaculo ahi offerecido pela intelligencia humana, póde consultar-se, com fructo, na obra referida de Liancourt.

Finalmente, julgou-se ter achado a incognita com o systema, ideado por Bentham, um dos bons homens mais funestos que tem apparecido á humanidade, systema chamado panoptico irradiante, expressão pela qual se quer dizer que existe um ponto d'onde se póde estender a vista por todos os lados sobre as diversas secções do estabelecimento. Coisa que não é verdade em parte alguma, porque não é possivel.

Assim, em Genebra, o vestibulo panoptico é uma especie de meia-lua que é preciso percorrer para ir, de casinha em casinha, espreitar para cada officina; mas d'ahi não se vê cellula qualquer e absolutamente nada do serviço da casa.

Nos Estados-Unidos, o plano panoptico é ainda mais inefficaz. Em Cherry-Hill, o modelo, os presos conservam-se toda a sua vida encerrados nas suas cellulas, que se acham encostadas umas ás outras, sem que se possa olhar para dentro d'outra fórma que não seja da porta mesmo, vistoque se tem o rigoroso cuidado de não deixar communicação alguma entre ellas.

Na Inglaterra, em Tothisfield, diz-se que por erro de construcção, não é possivel inspecção central de nenhum genero. Em Coldbathsfield, as novas construcções fazem que a vigilancia não tem logar senão pondo os empregados á vista dos detidos. Emfim, em Milbank, a mais vasta e a mais importante das penitenciarias inglezas, construida de novo, depois de um incendio, dispendiosissimamente e sobre planos os mais cuidados possivel, resultou que não existe nenhuma especie de inspecção central; não é ahi possivel e foi-se obrigado a substituil-a, estabelecendo uma vigilancia especial em cada uma das seis azas affastadas entre si.

Em França, a penitenciaria nova dos menores reti-

dos é um cumulo de desconchavos, cujos detalhes levam o grave Liancourt a motejar que elles seriam d'um effeito encantadôr na decoração d'uma paizagem chineza.

Tal como se consegue ultimar, o systema começou, com um atrazo de meio-seculo, a funccionar entre nós; e, todavia, não representa mais do que a desorientação de espiritos que não attingiram senão um aspecto da realidade.

Elle não se justifica por motivos incontradictaveis. Na sua applicação, a sua condemnação está na ideia metaphysica de que o fundo innato de moral absoluta se reaccenderá na consciencia do criminoso, entregue ao seu exame severo, chimera que destroe a simples palavra do duque de la Rochefoucauld Liancourt, pae do nosso auctor, quando disse que se abandona o criminoso á unica companhia perniciosa, que é a de si proprio. Sem recorrer até á observação dos effeitos desastrosos do isolamento que originam essa fórma especial de vesania, que se tem estudado com um cuidado de notas fidedignas e a que um publicista deu o nôme caracteristico de loucura penitenciaria.

Bem sei que hoje se contesta esta variedade; bem sei que se reproduzem, dando-lhe uma nova tintura scientifica, as evasivas dos primeiros defensores do methodo pensylvanio, allegando que a cellula não cria doenças. O que não é exacto: 1.º pela sua insalubridade, gelada no inverno, torrida de verão; 2.º pelos habitos do vicio denominado solitario e que Liancourt propõe se chame penitenciario — e o curioso é que ha publicistas, casados ou vivendo alegremente em solteirões, que se indignam contra as praticas perversas de homens, na força da existencia, segregados por periodos de oito, dez annos, para toda a vida, n'uma palavra —; 3.º pelo sedentarismo prolongado, geradôr de desarranjos profundos no processo gastrico, em todo o

systema da nutrição. Addita-se que os alienados penitenciarios não passavam de predispostos e que o regimen a que fôram sujeitos não foi mais que a causa determinante da explosão da sua loucura latente. E é pouco? Espantosa defeza, realmente.

O dr. Marro, com esta proterva sequidade que é a vergonha da sciencia e da philosophia d'este seculo, tam differente n'isto do seu anterior, diz que o isolamento submette á prova as naturezas que não são de rija tempera. Mas para que similhantes experiencias? Por mais degradado, por mais degenerescente que seja um exemplar humano, quem auctorisa os sãos á perversidade d'estas vivisecções moraes?

Na verdade, o typo commum da loucura penitenciaria é (como era, logicamente, de prevêr) o delirio systematisado das perseguições.

Desde ha quantos annos que os medicos que trataram os alienados da penitenciaria de Genebra constataram que as allucinações que elles experimentavam tinham essa fórma invariavel!

No seu relatorio, aquelles medicos, o dr. Coindet e o dr. Gosse, referem que os doentes eram perseguidos sem descanço e em todos os logares por vozes, principalmente a do director da prisão, que lhes exprobravam as suas faltas, lhes ralhavam, os ameaçavam e que, ordenando a todas as suas acções, lhes tiravam a faculdade de querer ou de fazer uso do seu livre arbitrio; eram assim perseguidos, mesmo depois do seu transporte para fóra da prisão, no hospital. Os medicos, cautelosamente, mas vão dizendo que: «Este facto parece prender-se, pela sua constancia, á acção do regimen fatal a que esses desgraçados haviam sido submettidos».

Emfim, ao menos, longe vae o tempo em que um fanatico apologista do systema, Moreau Christophe, taes virtudes encontrou no methodo cellular que teve o descôco de escrever que um condemnado, que enlou-

quecera no regimen do isolamento relativo, commettendo, á liberação, novo delicto e sendo, em seguida, como reincidente, posto em cellula solitaria, recobrara completamente a razão. De tudo o que se apura é que, como o exclama Liancourt, um tratamento que determina a alienação d'aquelles que, sem elle, teriam probabilidades de nunca vir a ser loucos confirmados é um tratamento barbaro e que nenhuma lei tem o direito de inflingir.

De resto, tanto isto é irrefragavelmente exacto que nas legislações vigentes, por um impulso a que nada se pôde oppôr, se vae reduzindo, como no nosso paiz, a detenção cellular a um tempo successivamente decrescente. No sabio opusculo *Cadeias e manicomios*, do dr. Azevedo Castello Branco, subdirectôr da Penitenciaria Central, funccionario erudito como foi poeta imaginoso, leio, com jubilo, que *o regimen da prisão cellular de Lisboa tem sido suavisado o mais possivel*. Com jubilo, tanto maior que n'esse monstruoso ergastulo péna, na pessôa do cabo Salomé, uma victima politica da ferocidade de instituições infamantes que estertorisam no calote internacional.

No seu magnifico ensaio ácerca da moral das prisões, Herbert Spencer desenvolveu com a maior sagacidade este duplo ponto de vista na condemnação do regimen penitenciario, em que a reclusão, o silencio e o isolamento se suppõe constituirem o processo natural de emenda do delinquente.

O principal objecto a verificar não é, diz o philosopho inglez, o de mostrar se o regimen proclamado impede, na maioria dos casos, a reincidencia, mas sim o de saber se os presos d'este regimen volvem á sociedade em condições de se bastarem.

Ora, isto é o que não succede; os exemplos têm mostrado que basta um anno d'esta reclusão para deteriorar o cerebro. Os delinquentes sahem da prisão bes-

tialisados, incapazes de se dirigirem, quando não doidos varridos. Na inacção, ou no sedentarismo de profissões de aposento (alfaiates, sapateiros) o corpo resente-se, com o espirito, do deploravel regimen. Baillie Cochrane assevera que «os empregados da prisão de Dartmoor referem que os presos, vindos de Pentonville, mesmo depois d'um unico anno de reclusão, se reconhecem, entre todos, pelo seu ar desgraçado e abatido. O mais das vezes, o cerebro soffreu e não são capazes de dar uma resposta satisfatoria ás mais simples perguntas».

Isto para os que escapam. Afóra a raiva vingadôra dos suicidios, dizimam-os as affecções pulmonares. São de tal maneira numerosas que, em 64 mortos, de 1825 a 1832, o dr. Gosse constatou 39 assim victimados; e notou-se que os que chegam á prisão com taes quaes disposições para similhantes doenças succumbem aos seus estragos immediatamente, fulminados. Não se carece de se insistir n'este aspecto mais d'essa grande miseria juridica. A opinião portugueza — poisque até ahi pareça existir uma opinião — deveu talvez attentar nos estragos devastadôres da tisica pulmonar na Penitenciaria de Lisboa, que tomáram taes proporções que o governo ordenou um inquerito, o qual, naturalmente, concluiu que não havia caso.

Aquelles que logram, porém, sahir d'esse inferno vêm estropiados, inuteis.

Perguntado expressamente o dr. Franklin Bache, distincto medico da casa penitenciaria de Cherry Hill, pelo tempo durante o qual se poderia conservar em cellula presos sem os deixar sahir, limitou, termo medio, a vida de cada um a tres annos. A penitenciaria de Sing-sing era, segundo Demetz, o modelo da intimidação brutal. Resulta que o numero dos doentes é ahi muito mais consideravel do que em nenhuma outra prisão. As epidemias do cholera, da grippe, da variola ceifaram-lhe grande porção de victimas; nota-se-lhe, sobretudo, como

endemicas, as diarrheas e dysenterias e a tisica pulmonar; é, segundo Crawford e Russel, a unica prisão onde o typho é frequente.

Na Virginia constatou-se que nem um unico dos detidos sujeitos a um isolamento longo e severo sobrevivesse ao primeiro ataque d'uma enfermidade qualquer. Com liberdade, depereciam e succumbiam, ignorados. Em New-York, em 1821, fez-se um ensaio completo: metteram 80 condemnados em cellulas, isolados de dia e noite, e sem trabalho. Logo do primeiro anno, 5 tinham morrido, 2 endoudeceram e os outros encontravam-se n'um desfallecimento completo. No anno seguinte, morreram mais 5, de tisica; outros succumbiram a diversas doenças e o resto estava em tal estado que o governo apiedou-se. Feita graça inteira a 26, uma porção morreu logo no primeiro anno apoz sua liberação.

Taes os effeitos da cellula, essa succursal do manicomio, essa fabrica de orates, esse *tumulo antecipado,* na forte palavra do dr. Gosse, *onde,* accrescenta com horrôr Liancourt, *o condemnado se debate vivo.*

Emfim, é o castigo ultimo a distancia, sem coragem. Não vem já, cynicamente, n'um tropel de botas e esporas. Avança com um sorriso melloso, peguinhento; arrasta, á laia de lesma hypocrita. N'um luxo de silencio, certas penitenciarias preceituam aos guardas o uso dos calçados de lã ou de couro por curtir, que os francezes chamam *mocassins.* A cellula condiz. N'um seculo burguez, é a pena de morte em sapatos de ourelo.

« Quando se condemna um malfeitôr á prisão, cumpre que tal pena lhe não abrevie a vida, porque então, escreve Léon Faucher, de facto elle foi condemnado á morte. A lei falta, então, á franqueza e a justiça á dignidade ».

Assim é. Mas *de minimis non curat prætor.*

Aquelles effeitos podiam, de resto, prevêr-se; e elles rigorosamente se deduzem do erro fundamental da

mesma doutrina de que sahiram os padrões das penitenciarias.

Partiu-se da concepção metaphysica de que o homem é originariamente bom e de que a sua derogação moral proveio da perversidade social. Desde, porém, que, pelo isolamento, se affaste o delinquente dos ensinamentos das más companhias, os principios moraes assentes na consciencia de cada um readquirirão o seu dominio e o coagirão pelo imperativo categorico do dever.

D'esta noção falsa d'uma philosophia que, emanada do tradicionalismo religioso, fez o seu tempo procedeu o erro do regimen penitenciario.

Herbert Spencer replica muito bem que, pelo contrario, o crime é coisa antisocial; tem por principio os sentimentos egoistas, e por freio os sentimentos sociaes. Ora, desde que um processo de correcção se use em que, exactamente, a influencia dos sentimentos altruistas, nascidos na convivencia, n'ella se fortalecendo, por ella disciplinando-se, se ponha de lado, claro é que se collabora na obra de desintegração do individuo da solidariedade collectiva, de que já emergiu o mesmo facto que se pune.

O fim da pena não deve ser separar da sociedade o criminoso, mas antes (nas modalidades em que isto é possivel) resuscitar-lhe os sentimentos adormecidos ou, se fôra dado, crear-lhe mesmo sentimentos, não existentes, de vinculação aos seus similhantes, os demais homens.

Tam mal o consegue o systema penitenciario que se tem observado, como não podia deixar de ser, a incapacidade do preso sahido da clausura, no plano criticado, em se adaptar seguidamente aos mais rudimentares typos de sociabilidade.

A convicção *à priori* de Herbert Spencer viu-a elle confirmada pelos factos apontados pelo capitão Machono-

chie, que, resumindo as suas observações, declara que uma longa reclusão fortifica de tal modo o egoismo, enfraquece a tal ponto o instincto de sympathia que, sob esse regimen, homens mesmo bem intencionados se tornam incapazes de soffrer as pequenas provas da vida familial, uma vez reentrados em suas casas.

Ha na historia moderna um facto que contraria a phrase de Esquirol, quando disse que o homem tolera-ria, sem perigo para a sua rasão, o ser privado de toda e qualquer communicação com os seus similhantes por muito mais tempo do que se imagina vulgarmente, e que a sua intelligencia *poderia enfraquecer sem que a sua rasão fôsse essencialmente alterada.* Talvez assim tambem o pensasse Caleb Lownes, ao fundar em Philadelphia a primeira prisão penitenciaria.

Mas um crime encarregou-se, pelo exemplo, de redarguir a similhante processo correctivo do crime. Conhece-se o temivel episodio de Gaspar Hauser, vergontea regia que um attentado usurpativo relegou desde o berço a um claustramento cellular. Expulso para a rua pela piedade tardia do seu carcereiro, o mancebo foi retido por populares, surprezos dos seus ademanes incomprehensiveis. Não estava doido e não ficára idiota. Mas era a taboa rasa de Condillac; nem a sombra d'um processo psychologico. Liso como um farrapo de gelo. Innocente como Adão. Insusceptivel de qualquer sociabilidade.

Á palavra *cavallo,* por exemplo, não ligava outra ideia do que a de insensibilidade, como ao de pau que lhe haviam offerecido para entreter seus ocios. Estudado no ponto de vista historico pelo jurista Feuerbach, pae do philosopho, Hauser serve aos materialistas allemães, Buchner e outros, como exemplificação da abusão classica das ideias innatas.

Fazendo regressar os homens differenciados pela sociabilidade ao typo penurioso de Hauser, o regimen pe-

nitenciario só é soffrivel se se teve a dita de inerte, atonica, imbecilmente resistir-lhe certo tempo. Os condemnados a longos prasos, isto é os mais criminosos, se conseguem adaptar-se-lhe, acabam por não sentir o castigo. Quer dizer que para maior culpabilidade não se augmentou o soffrimento, diminuiu-se, annullou-se. Emquanto que dos que succumbem aos primeiros tempos de clausura se contam, naturalmente, os menos culpados, que, todavia, se pretendeu fazer soffrer penas mais leves por essa menor duração. O que representa uma justiça distribuitiva de mouro.

Sem embargo, a ideia, perseguida, por differente modo, da regeneração do criminoso é scopo difficil de obter. Desde que se não tracta de casos em que a derogação criminal ou se refere a disposições regulamentares ou não assignala o desprezo por decisões fundamentaes do direito social, não se deve, com os dados recolhidos até hoje, preconceber que qualquer especie de cultura reorganisante, por os mais variados processos, possa attingir, por completo, os resultados que avidamente se procuram.

A mesma educação dos sêres normaes não consegue, na variedade humana, uma sensivel modificação dos caracteres profundos senão na série das gerações; e, pois, não é racional nem logico esperar que na transicção brusca d'um regimen penal se logre alterar essencialmente typos accentuadamente differenciados.

Toda a ideia em contrario é desmentida pela monotonia da reincidencia, que é o que de ensinamento fornecem os fastos criminaes. N'essa isochrona repetição do delicto está o desespero de todas as humanitarias remodelações penaes.

Não quero fallar já do determinismo, estatistico, por isso pouco crédôr d'uma immediata confiança. Por elle, Quételet applicou á physica social esse calculo das probabilidades, de Laplace, a que Comte se recusou sem-

pre a achar rigôr mathematico. Não me proponho dizer da theoria segundo a qual o crime balança, em todos os tempos, n'um periodismo rythmico, tam fatal como as estações. Isso levaria longe e não está no plano d'esta carta. Dentro d'elle, observarei tam só que o regimen penitenciario, havendo-o moralisado pelo isolamento e pelo silencio, restitue o encarcerado ao conflicto social, desarmando-o, pecuniariamente, para a lucta.

Sahe um preso da penitenciaria com um cabedal insignificante, poisque do trabalho do carcere uma economia mesquinha retirou para o Estado fortes percentagens. No relatorio da Central de Lisboa, referente ao anno de 1887, vê-se que o montante dos salarios das officinas de sapateiro, carpinteiro, alfaiate, esparteiro e escoveiro foi de 5:302$715 reis. A parte do Estado nos salarios dos presos foi de 3:485$963 reis. Restou, pois, 1:816$752 reis. O que, por uma população computada, para menos, em 400 presos (em 1888, segundo o respectivo relatorio, a média da sua existencia no anno foi de 443), reverte, por cabeça, a proximamente uma libra. Sentindo-se ludibriados, muitos presos recusam-se ao trabalho e preferem-lhe o exclusivo do embrutecimento progressivo da cellula.

Liancourt insiste longamente n'este desproposito. Para o corrigir ou o mitigar, pelo menos, tem a caridade instituido, cá fóra, sociedades patronaes de ajuda aos liberados, procurando-lhe collocação e arrumo. Entre nós, cada preso sahido da Central é, na phrase do director, snr. Jeronymo da Cunha Pimentel, *um protesto vivo contra a falta da creação de associações de patrocinio.*

Mas, santo Deus!, então, sem o concurso subsidiario de instituições oriundas d'outro espirito do que aquelle d'onde emana o regimen penitenciario, este não surte effeito? Onde quedou, pois, a sua força regenerativa?

Quanto á questão da reincidencia, por esta mesma,

Liancourt demonstra, pela estatistica, que, assim como a mortalidade é superior da penitenciaria nas melhores condições sanitarias para a prisão tradicional nas peores, assim a reincidencia cresce com o novo regimen. O recente, ultimo criterio penal altera muito estes raciocinios; mas o que permanece sempre é este absurdo de que, forcejando por tornar, na prisão penitenciaria, os reclusos desconhecidos uns dos outros, afim de se não corromperem reciprocamente, afim de não organisarem em commum os terriveis planos sahidos das cadeias, e afim de não projectarem, para a liberação, nova série de maleficios, os publicistas esquecem que, uma vez livre, o delinquente saberá bem procurar no tumulto das grandes cidades os covis conhecidos de toda a gente como valhacoutos de faccinoras, prostibulos, botequins, tabernas, tavolagens. De modo que a tyrannia exercida no interior da prisão gemeu em sêcco; foi pura perda; redundou uma crueldade improductiva.

Depois, o delicto, com o caracter agudo que reclamaria a violencia do processo penitenciario, revela uma tendencia de regressão á selvageria primitiva de tal modo determinada, como uma revivescencia dos mais affastados antecedentes atavicos, que toda a ideia philanthropica de reconstituição moral d'uma alma de estructura tam accentuadamente perversa tem de ser posta de lado como irrefragavelmente inopportuna.

Os estudos recentes das fórmas mais accentuadamente complexas da alienação vieram corroborar as inducções registradas; e, assim, como no caso da epilepsia nos descendentes procreados n'uma hora de embriaguez, se verificou, de circumstancias inteiramente accidentaes, essa imbecilidade moral de que o grande crime é, frequentemente, a consequencia mais ou menos remota.

Na categoria das loucuras impulsivas, o pathologista Maudsley compendiou, com o maximo escrupulo, as va-

riedades criminosas da cleptomania, da dipsomania, da pyromania e do homicidio, com uma tal cópia de exemplares demonstrativos que as decisões dos tribunaes se encontram hoje coactas e dependentes d'um exame previo das condições organicas do individuo a julgar, o que transforma a decisão d'um jury na conclusão logica d'uma particularisação scientifica.

Esta comprehensão espontaneamente se produz na evolução da formula judiciaria, como se vê na intervenção do criterio das circumstancias attenuantes ou aggravantes na apreciação dos delinquentes; mas tal modificação reportou-se, na origem, mais especialmente á interpretação das influencias suggestivas do meio moral e social em que se moveu o agente. Ella completa-se pelo exame, recentemente introduzido, do proprio modo de ser do criminoso, independentemente das acções concominantes dos que com elle se ligaram, em relações mais ou menos proximamente determinantes.

Assim concorda a dupla apreciação referida, que, uma vez considerada exclusivamente e só sobre si, n'um dos seus aspectos que reciprocamente se ultimam, não só desmente a comprehensão geral do individuo em natureza e em sociedade, mas se reduz effectivamente a uma injustiça pratica. Como se viu do julgamento de Papavoine, em que a influencia do meio, como determinativa do crime, é nulla, mas cuja hallucinação, que d'um fundo inconsciente procede, não entrou como elemento, de resto imprescindivel, para a decisão do tribunal.

A comprehensão d'esta variedade morbifica do crime leva hoje os mesmos partidarios do regimen cellular, vergados pela evidencia dos factos, a reclamarem a constituição de asylos-hospicios especiaes para os delinquentes alienados.

Na integralidade da doutrina, sabe-se que a criminologia, considerada não, juridica e metaphysicamente,

como um ramo das sciencias moraes mas sim, positivamente, como um appendice da anthropologia, recebeu nos nossos dias um desenvolvimento, um tanto tumultuoso, mas largo e consideravel, na Italia, terra classica do crime, paiz, pois, idoneamente affeiçoado para tal genero de estudos. O nôme de Lombroso entrou mesmo no dominio do grande publico.

De todas essas averiguações, parece apurar-se, em conclusão, um quadro taxonomico que comprehenda a criminalidade, de caracter permanente, que chamariamos statica e a criminalidade, de feitio accidental, que chamariamos dynamica. Á primeira especie, pertenceria o denominado criminoso-nato, no typo reflectido. No typo impulsivo, teriamos, primeiro, o delinquente alienado; segundo, o delinquente passional.

Manifestamente, o delinquente alienado e o criminoso-nato teem immensos pontos de contacto, e as suas differenciaes a todo o instante se penetram. Um e outro são degradados, degenerescentes, por desvio teratologico de desenvolvimento ou por simples atrazo n'esse desenvolvimento. São ou monstros ou troglodytas. Isto é, representam ou um desarranjo structural ou um atavico permanecimento em modos ultrapassados da evolução da especie. Tanto a ontogenese é o microcosmo da phylogenese.

Apesar de todas as replicas, o typo do criminoso-nato parece indubitavel. Destaca, como o seu triste irmão alienado, por stigmas irreductiveis, não um unico caracteristicamente differencial mas todo um systema conjugado: o sinistrismo ou o ambidextrismo; a asymetria; a pallidez citrica, mongolica; a carencia de barba. Estes dois ultimos traços são tam essenciaes que raro falham, e o povo, de todo o tempo, se fixou no seu sentido, consignando-os em proverbios.

Estes individuos são incorrigiveis; não dão presa ao curativo moral.

As maximas resvalam n'elles como o conselho para que falle no surdo-mudo.

Assim como os alienados criminosos cumpre que sejam sujeitos ao tractamento especial dos manicomios, não tendo integra responsabilidade nos seus maleficios, assim o criminoso-nato deve ser relegado do convivio social, onde constitue um perigo de todos os instantes. Mas com a caridade, que é compativel com a forte segurança adquirida pelo aggregado collectivo e obrigatoria ao desenvolvimento dos sentimentos de piedade, que estendemos já até os mesmos animaes ferozes.

Ficam o criminoso passional e o criminoso occasional. O primeiro não constitue perigo commum e, como é um sêr moralisado, o seu castigo advem-lhe do proprio remorso. Para estes, penso, pois, que a sociedade exorbita inflingindo-lhes mais do que a expulsão temporaria da localidade que habitam ou do paiz a que pertencem, consoante a gravidade do seu acto.

Por eliminação, reduzimos o problema. Restam os criminosos occasionaes. São a grande massa. Se o criminoso alienado é, infelizmente, proporcionalmente numeroso, o criminoso-nato, para nosso bem e honra da humanidade, é raro.

Ora, sobre esta população densa dos criminosos de occasião é que se haveria de exercer cuidadosamente os beneficios da regeneração moral, pelo conselho e pelo trabalho. As colonias penaes, lettra morta no nosso paiz, apesar da lei de Rebello da Silva, estão naturalmente indicadas. É preciso fazer d'esta gentalha gente; não cadaveres a praso, como o tracta de realisar o regimen penitenciario.

A sociedade deve sujeitar-se a esta tarefa, incommoda e dispendiosa, é certo; mas deve-se-lhe sujeitar, com resignação e vergonha, por ella mesma. Com effeito, grande responsabilidade dos delictos d'aquelles tantos cabe-lhe a ella. Uns de similhantes delictos provêm da

insufficiencia da illustração popular, como esse repugnante attentado contra menores, pela hedionda crendice de que é o processo, perfeito, rapido, radical, de curar as molestias secretas. Mas a sua grande quotidade deriva das injustiças da distribuição da riqueza social, cujo rendimento é aggravado hoje pelo contraste entre a instrucção ministrada, nos grandes centros, pelas escholas gratuitas do Estado e as ulteriores condições da existencia, obrigadas a permanecerem inferiores para individuos que, mercê da cultura, aspiram a mais. Assim, as violentas revindicações do *direito á preguiça*, no espirituoso dizer de Paul Lafargue, menos paradoxal do que parece.

Significa que a questão se eleva de categoria. Deixa de pertencer á jurisprudencia ou á anthropologia; invade os dominios da philosophia politica, na sua mais vasta accepção. E o problema da criminalidade descobre-se por que é insoluvel. Porque presuppõe a solução d'outro anterior, mais complexo, de que elle é um dos corollarios.

Resumindo e condensando o ponto de vista em que nos collocamos n'estas rapidas notas, parece-me que, por agora, não se póde, sem discrepancia dos resultados da elaboração scientifica, muito particularmente da psychologia moderna, referir á sociedade o direito de punir, como uma sancção da justiça, mas unicamente estabelecer-lhe seguramente as condições em que a sua defeza demanda a intervenção dos recursos reprimentes de que, na altura a que chegou a civilisação, póde servir-se.

Esta ideia foi esboçada, sob uma fórma que exclusivamente se refere do paradoxo litterario, por Émile de Girardin, n'uma das suas originaes mas prolixas improvisações de jornalismo; o articulista maculou-a, porém, procurando-lhe a determinação pratica n'um plano de cooperação preventiva, como as associações de seguros, que lhe forçaram o criterio em divagações, mais excentricas umas do que as outras.

Não se comprehende realmente como, desde que a ideia do absoluto livre-arbitrio se foi obliterando nas comprehensões, se póde permanecer na ideia de que á sociedade assista o direito de chamar á punição os que delinquiram. Se uma acção perniciosa se produziu, no complexo dos factos sociaes, que vinculo prende a vontade moralisada á que o não é, e qual a auctoridade abstracta que advem á alma pura sobre a que diverge da constituição sua antinomica?

Não póde subsistir, portanto, senão a ideia de que o aggregado social tem de não tolerar, mas com honesta parcimonia, toda e qualquer aggressão á permanencia typica. O direito de punir resolve-se, pois, no direito, mais comprehensivamente humano, de defeza; e a fórma por que os processos segundo os quaes essa defeza haja tornar-se effectiva decorre directamente não só do grau de prejuizo que á collectividade advem do acto criminoso como da exacta consideração da personalidade, nas suas caracteristicas fundamentaes, do delinquente e das acções concorrentes que sobre o seu acto incidiram, como estimulos de conducta.

A este mesmo modo de julgar a questão chegou Herbert Spencer por uma serie de considerações d'outra natureza. Parece-me, porém, que o eminente pensador não conduziu pelo melhor terreno o seu raciocinio, porisso que laborou, um pouco, no erro dos antigos moralistas, procurando deduzir o direito de punir menos das necessidades sociaes do que da utilidade pessoal do individuo, sobre si.

Assim, para fundamento do seu direito de coacção contra o delinquente, elle escreve o seguinte: «O nosso principio é que a vida é impossivel, fóra de certas condições; que não póde ser perfeita, se essas condições não são invioladas; e que, se nós temos o direito de viver, temos o direito de affastar quem viola essas condições á nossa custa ou quem nos reduz a violal-as».

Com certeza que esta é a base de toda a doutrina juridica; foi o que nos serviu de replica ao argumento de Rousseau contra a pena de morte. Mas, se se tem de partir fatalmente d'este ponto, nem por isso elle deve reproduzir-se, por uma especie de tautologia, como o termo de chegada do nosso raciocinio.

Abandonada a questão n'estes termos, não se attingiu a ideia de justiça superior que severamente, com o nome de moral absoluta, Spencer deseja que oriente sempre os expedientes da moral pratica e possivel. O conflicto entre o virtuoso e o criminoso ficou no méro aspecto da lucta pela existencia; e, n'esse modo inicial, nenhum criterio nos resta para que condemnemos aquelle que procura sustentar-se na vida, por todos os recursos de que póde e sabe usar.

Para derimir o pleito, é força que uma entidade mais alta do que o simples agente individual appareça; e, d'esta maneira, só no conceito da sociedade é que a defeza reveste o caracter moral d'um direito, por que a justiça se affirme superiormente no embate dos egoismos antagonicos.

Posto assim o problema, decorrem com naturalidade as questões tam lucidamente examinadas por Spencer: — Até onde se deve estender este direito? Podem-se d'este principio tirar certas applicações necessarias de tal jus? E podem-se limitar da mesma maneira essas applicações?

Estudar estes assumptos levar-nos-hia muito longe, mas um ponto convem fixar-se desde já, como motivo para meditações cuidadas.

Um dos males dos nossos codigos é, além da desproporção entre o crime e a pena, a arbitraria fixação egualitaria do castigo para um delicto, considerado independentemente da apreciação do seu auctor particular. O legislador não poderia fazer a lei d'outro modo, pois que tinha de considerar o crime n'umas certas mo-

dalidades typicas, para as quaes determinaria outras tantas correcções. Mas, nada menos rasoavel do que decidir-se, preconcebidamente, que o réu de roubo, por exemplo, tenha de pena tantos annos de prisão.

Com tres annos de penitenciaria, Bentham assegurava que punha escorreitos os simples maraus; mas que, com menos de cinco, se não podia responsabilisar pela cura dos grandes patifes. Deixando toleimas, o certo está em que, como o castigo já não é a vindicta tradicional, mas um processo de reconstituição moral, na medida do possivel, succede que a pena inflingida póde ser menor do que o necessario ou exceder este, o que é uma injustiça social. O delinquente póde ou, ao termo da sua condemnação, necessitar ainda de que o castigo se prolongue ou, pelo contrario, ter o direito de exigir a soltura antes do acabamento de sua sentença.

Esta contradicção dialectica avoluma-se, na pratica, de difficuldades quasi insuperaveis. Corre o perigo da burla das simulações por parte dos delinquentes ou o antinomico das vinganças dos funccionarios. A anthropologia criminal propõe a substituição da classificação, doutrinal, por delictos pela, humana, da catalogação dos delictuosos. Mas a sciencia progride e modifica-se a todo o instante, de maneira que tal que ha dez annos pertenceria ao typo *a* seria hoje removido para o typo *b* ou vice-versa.

Nas penitenciarias, procurou-se resolver o caso, pelo systema das categorias. Mas reconsiderou-se, pensando que o director da cadeia não passa d'um delegado do executivo, ao qual não assiste jus para differençar entre as homogeneidades, estabelecidas pela pena, que lhe endereçaram os juizes. Corria o tempo em que se julgava, de resto, que a melhor prisão era a peor e em que, logicamente, se esperava tudo da acção, pura e extreme, do systema. Por isso, se proscrevia o trabalho ou só se ordenava improficuo, pela tortura degradante do

treadwheel. Sem embargo, no mesmo capitulo de crimes, os condemnados variam como da noite para o dia, entre o incorrigivel e o quasi inteiramente moralisado.

Spencer taxa de empirico o actual modo de julgar os criminosos; elle parece-me, porém, antes revestir um caracter de absolutismo doutrinal, na categorisação dos delictos, que, exactamente, a faculdade de perdão concedida aos chefes dos Estados procura corrigir por um empirismo benefico.

Como quer que seja, o que agora convém é procurar a maneira pratica de resolver este problema, o que não póde proceder (apesar de todos os defeitos intrinsecos das investigações humanas) senão da creação d'um tribunal supremo, especialmente encarregado da revisão dos processos, sobre a base dos relatorios e pareceres dos directores e inspectores dos estabelecimentos penaes, mas contraprovados por investigações directas, visitas, exames e discussões contradictorias. Assim se tornaria permanente a prerogativa de graça e se procuraria alargar a área das commutações das penas, ao presente circumscripta a periodos prefixos, determinados e menos inspirando-se da ideia da justiça do que do sentimento da caridade.

N'este momento de elaboração mental, cumpria fixar nos codigos, depois de maduro estudo, alguns dos alvitres propostos para julgar bem da moralidade do delinquente, pela responsabilisação das testemunhas, como quer Spencer, ou, para mitigar a sorte dos condemnados, por esse projecto das cauções, que ao illustre philosopho suggeriu Octavius H. Smith. Segundo elle, havendo o criminoso feito reparação, nos casos em que tal possa ser, ao lesado, permitte-se a pessoas idoneas o retiral-o da cadeia, lavrando termo de responsabilidade pela boa conducta ulterior do réu. Aquella ideia começou a receber effectivisação já pelo systema chamado da liberdade provisoria, que corresponde, para as pe-

nas maiores, á recente lei Bérenger para as simples correccionaes.

Todas estas questões são amplas e não é, portanto, nos limites d'uma carta, já longa, que se póde fazer mais do que apontal-as. Por agora, meu intuito foi, principalmente, o de reduzir o direito de punir ao de defeza, como deixei escripto.

Assim se relacionam, n'uma perfeita comprehensão doutrinal, as variadas suggestões que, d'um ou d'outro ponto, teem historicamente convergido n'um sentido de reforma das legislações penaes. Por esta maneira concordam n'um todo de principios systematicos aquellas conclusões que, atravez das intermittencias da opinião dos publicistas, chegaram a receber uma sancção pratica nas disposições das leis. Inspirando-se do criterio dos philanthropos, ou encarreirados ou desatremados, de todos os modos, emfim, estas, mais ou menos morosamente, teem concorrido para progressivamente eliminar dos costumes as tradições barbaras das formulas judiciarias, que, todavia, ainda se esgotam, mesmo no seu méro funccionamento, como se vê dos codigos do processo, n'um esteril automatismo, absorvendo um tempo precioso e expressando-se n'um vocabulario sem significação.

N'esta ordem de ideias ou antes n'esta corrente de divagações, então se me queimou um dia. A fixal-as no papel consumo agora outro.

A detestavel inoccupação do exilio d'algum modo ha-de ser preenchida.

Eu desempenhei-me assim.

A relatar e a descrever, a fazer historia politica e a fazer critica de arte, ultimamente, a empregou um distincto companheiro hespanhol, Ladevese. Poisque ahi, porventura, ainda sua noticia não chegasse, d'elle o vou inteirar.

VIII

Ladevese

Á porta da tenda, a taboleta diz: *Notas do exilio*. Descabido não parece que, no balcão, dentro, livro se cote cujo titulo seja: *Memorias de um emigrado*.

Escreve-o o snr. Ernesto Garcia Ladevese, zorrillista e causidico, conspiradôr e litterato, incerto pela residencia, óra Londres, óra Paris, hoje Genebra, ámanhã a Haya, certo de infortunio, pois que no exilio sempre.

Não das menos instructivas, uma das linhas que perspectivam a amarga physionomia do proscripto é, sem duvida, a activa inquietude que o não deixa socegar em parte alguma. Como o mundo é grande! O que é, de pequeno, o mundo!

Em cada um d'elles trepida a palpitação da sentença que áquelle homem féro o votou aos erramentos sem tregoas. Amigavelmente rindo, um amigo dedicado me increpou de judeu errante. Acertando, frisou, feriu a nota justa. Todos os exilados o são um pouco.

Expiando os delictos collectivos, condemnam-os, porém, faltas de outrem. Pelo proprio sacrificio, purgam as culpas alheias. Todavia, como ao Ahasvero legendario, é-lhes força que marchem.

Quando dias volvidos, e *si parva licet componere*

magna, em almofada estrangeira descansei, eu-mesmo, pela primeira vez com tal qual pousio, a cabeça, atropellada de desgostos, a fatalidade encarregou-se de illuminar-me a senda.

A meio do caminho da vida, reencontrando-se na selva obscura, não por perdida mas por seguida a estrada direita, a perversidade natural dá-se pressa em fazer sentir á victima das illusões moralistas que a sua tôrpe vingança se não satisfaz facilmente.

Por mim, chegava; e, na capital d'essa bôa terra gallega, de que gargalham os irreflexos, déra, desirmanado, na estante d'uma livraria mediocre, com um volume especial, consagrado a discutir os problemas litterarios da ethnologia da região.

Naturalmente, tudo alli se imaginaria encontrar, a historia, os costumes, a lingua. Menos o que se me deparou, quando, folheando no luscofusco hyvernal, a distracção me foi interrompida pelo destaque insolito do italico que avivava, ao de o sobre immediato do espaço desoccupado, um resto de pagina, em claro encerrando capitulo.

Talvez, na rotina mental, já firmada pelo deslise das paginas anteriores, sobresaltasse o automatismo da cerebração a brusca divergencia do desenho orthographico.

O certo é que reparei e que, pela primeira vez, no livro, li.

Era em francez, a proposito não me recorda de que divagação já do auctor. Do padre Lammenais; e, se a memoria me não trahe, citando de memoria, dizia: *L'exilé est partout seul; il s'en va errant sur la terre. Que Dieu aie pitié du pauvre exilé!*

Quedei scismando na mysteriosa advertencia, ciciada ao começo dos trabalhos: — por toda e qualquer parte, o exilado está só; vae vagabundo na terra; Deus se amercêe d'elle!

Não que incommode, com miseraveis soluços, a panria celeste, em geito de infante mimoso, a cuja sêde a fortuna, creadeira descaroavel, negue o copioso chorume de suas têtas. Implacavel, o exilio é silencioso.

O desterrado cala e espera. No fim, a justiça é immanente. Se transcendente, lance tem de surgir em que de Deus se queixará a Deus.

Para o nucleo da caligem é que prefere faiscar a chamma, que, repesa, se esconde, sob a cinza trabalha. Qual o sorriso cruel que se fecha; na confiança, devora.

Funebre áparte rubricando a humana tragedia, bem sabe para quem falla. Para aquella suprema sinceridade incoercivel, a cujo acêno badalará o instante reparadôr.

Assim, cala, de costume, o proscripto; o orgulho, o melindre da dignidade impedem-o de fallar.

Entrementes, foliam os vibriões; redemoinham, hilares, os ephemeros, como se tivessem a eternidade por elles. Da virtude abatida mofam as obscenas petulancias da immodesta infamia victoriosa. Exulta a crapula. Entôa hossanas o esterquilinio. Quando, á hora menos pensada, tudo termina no ajuste que começa.

Comtudo, intrépidos batalhadôres, intemeratos perante o fogo, sossobram na visão do desterro, como Michel (de Bourges). Danton, que escolheu a morte, n'um dos seus gritos, em que rugia uma trivialidade leonina, definiu essas crises interiores. — *Imaginaes,* replicou aos que, no triumpho, considerado inevitavel, de Robespierre, lhe aconselhavam a fuga, *imaginaes que se leva comnosco a patria, pegada ás sollas dos sapatos?*

Da zona dos proscriptos, ainda dos mais eloquentes, dos irreprimivelmente expansivos, d'aquelles que a condição psychica impelle ás confidencias publicas (homens reputados grandes pela miseria de estarem destinados a fallar dos e aos homens) d'essas paragens tragicas raro lhes chega o estertôr.

Dante tatêa, sim, quam dura é a escada do estrangeiro; Hugo geme que, assim como se não póde viver sem pão, assim se não póde viver sem patria.

Mas, logo humilhados do humano desfallecimento, o fado os retoma. A bronzea Nemesis envergonha-os, recordando-lhes o seu papel, que não é de prostar, mas de promover. Seguem, stigmatisando e incitando, aureolando heroismos, chumbando grilhetas.

Só, concluida a peleja, ganho o dia, é que, na legião triste, alguns desprendem, dão folga á pobre alma soffredôra. Só então julgam chegado o momento em que, decorosamente, lhes é licito molhar suas estrophes das gottas acres da vasta magoa, cruzada, como, na noite, sob a batega enregelante, uma avenida de cemiterio.

Os contornos dos sentimentos e dos objectos perfilam, phantasmatosos, nas brancuras baças que as nuvens, em indecisos farrapos, toleram á, mais apagada, lua. Os subitos clarões da esperança decompõem-se, eparpilham-se, flammechas fatuas. Pulverulencia de ouro, extinguem-se no ar fixo. Arde da vermina o fogo luminoso, arranque e protesto do humus, alma da podridão.

Em nossa litteratura moderna, assim occorre com os versos onde Alexandre Herculano, na volta, recapitulou a amargura.

Conceda-se vénia ao desastre do pensamento, incompleto e contradictorio, do tempo. Dispense-se á reduzida plasticidade com que os artistas lusitanos, mal libertos das suffocantes, embaraçadôras tradições, podiam trabalhar a concepção. Porque, pelo sentimento da humanidade, cachôa n'elles, sem embargo, um caudal de poesia. Foi a fonte turva, mas sã, em cujos borbotões haveria de estancar a sêde nostalgica, mais tarde, o glorioso, ai de nós!, mallogrado Soares dos Reis.

Na realisação da sua celebre estatua, executada, aliaz em Roma, pairou, quiçá, fugaz, sobre o espirito do por-

tuense a reminiscencia inconsciente do *Desespero*. No Louvre, apesar de friamente dogmatica, ella testemunha, ainda assim, dos meritos de Perraud bem melhor do que o seu conjuncto symbolico, mais morto, na Opera, ao par da esfusiante vivacidade do de Carpeaux. Mas, pela pureza da melancholia do *Desterrado*, o nosso illustre conterraneo obedece, sabiamente, á logica transcendental do grande ensino classico, que a etiqueta do francez parece ignorar.

Elle prohibe, com effeito, ás artes objectivas, como inesthetico, por exceder o ambito dos seus processos, o paroxismo. Quer na paixão quer na expressão.

É este, como se sabe, o profundo nó de emergencia, a que se ata, na sua obra de alta critica, toda a theorica que Lessing fez brotar do grupo famoso de Lacoonte.

Quanto ao livro do snr. Ladevese, elle é um relato dos successos em que este cavalheiro interferiu, ao que se deprehende, por parte valiosa. É um apanhado subsidiario das impressões dos paizes por que seu auctor ha discorrido.

Mas não é isto o que o torna principalmente interessante. Menos critica, a sympathia é mais sentimental, ahi.

A incomportavel melancholia do exilio evola-se do volume de que tracto. Todo o envolve, myrrha odorante, incensando, no proprio coração, as exequias dos juvenis enganos.

Esta dôr, dissimulada quasi sempre, com frequencia ironica, invade-nos d'um cruciante pungir. Antes do que a erronea promessa de qualquer inconfidente escandalo, foi, decerto, o que attrahiu o publico de Madrid, quando, soltos, alguns dos capitulos do livro alli appareceram, nas folhas do *Liberal*, encimando o pseudonymo de *Ariel*.

Recorrendo esta pequena obra, desponta-nos nos la-

bios o vocabulo empregado pelo glacial ideologo, pelo utopista confuso, visionario de despotismo democratico, o Bonaparte hollandez.

Ao exilio adjectivou-o de impio, e em momento de perfeita lealdade intima. Como um polypo, a noção bracejara para o longe a garra dos seus tentaculos. Estendera-se-lhe por todo o sêr moral. Implantara-se.

Guardou-lhe constancia no poder; toda a vida. Proscriptor, na margem da sua politica torcida, sempre corrigia, diminuia, supprimia a proscripção. Perjuro, foi fiel a este juramento de mocidade. Prodigo do sangue dos outros, era-lhes avaro da patria. Salvar a vida excede o poupar a morte.

N'isto, conciliava até, ardilosamente, o interesse das suas instituições. Uma emigração é uma accusação peregrinante. Descobre a doença; alarma pela estabilidade do interior; e hoje não ha Estados autonomos, no sentido real das coisas, por fóra e ao de sobre formulas. Os interesses são solidarios; o capital, timido, inquieta-se, inquire, duvida se haverá segurança. Conceitúa revindictas, hesita, recusa-se. As proscripções, directas, por listas de banimento, indirectas pelas perseguições no paiz, ademais de barbaras, são ineptas. O odio é mau conselheiro e forja uma espada de dois gumes. Fere, mas mata-se.

Acontece que, pelo numero, as transplantações humanas densifiquem, n'um inextricavel rodizio, de floresta. Então constituem-se verdadeiros resumos nacionaes, com o tempo hostis á nacionalidade de que desaggregaram. É a historia das colonias, por outro aspecto, isto é pelo mesmo.

Tarde ou cedo, rebentam os ataques formaes. Casos apparecem em que são as gerações futuras as que se combatem encarniçadamente, liquidando, assim, aggravos remotos. Nos dias intensos da victoria das armas tudescas, a surpreza pelo excesso do triumpho, previsto

mas não tam completo, desmereceu. A mesma equilibrada cabeça de Minerva estonteou. Viu-se, então, em Genebra, o germanico Vogt reclamar pela gloria dos serviços humanos da França, emquanto, em Berlim, o gaulez Dubois-Reymond coreava ódes contra a patria, que, pela expulsão dos protestantes, o repellira, nos seus avós.

De resto, isto é velho como o mundo.

Na antiga Grecia, a guerra do Peloponeso, a lucta de Sparta e Thebas fôram acompanhadas de revoluções interiores; o partido dominante bania os adversarios, quando os não podia exterminar. D'ahi, a desorganisação completa da sociedade. Uma grande parte dos cidadãos vivia no exilio, conluiando projectos de vingança que o azar dos successos favorecia com frequencia. Chamavam-lhes φευγάδες, φεύγοντες; e, logo que sua importancia avolumou; logo que a ideia da cidade deixou de oppôr-se, muitos buscaram fortuna, assoldadando-se ao estrangeiro. De modo que se veio a produzir a ignominia de que se topava com mercenarios gregos nas hostes do despota asiatico que intentava destruir a independencia hellenica.

D'esta vergonha não estivemos livres nós quando, nas divisões do marechal Massena, invadiu a terra lusitana, guiando o inimigo, com elle combatendo-nos, todo um rancho de officiaes portuguezes, brilhantes alguns. Como essa curiosa figura do amigo e confidente de Dom João VI, Manoel Ignacio Martins Pamplona, conde de Subserra, o talentoso critico, motejadôr e severo, das operações estranhas, em nossa moradia.

Não fallarei das investidas, consummadas pelas emigrações, sobre o territorio nacional. O nosso prosaico tempo nobilita-se com a lenda medievica da empresa das Duas Sicilias. A epopêa alegremente a conduziu o paladino inverosimil, Garibaldi, santo militante, *preux* plebeu, como o cavalleiro, *sans peur et sans reproche*. Femeeiro

e bonacheirão, intrepido e facil, *galantuomo*, qual o rei, elle foi, ao invez d'este, magnificente de perdularismo heroico, um dos raros typos que, n'este seculo fiduciario, valem o cognôme de sublimes.

No seu caso, muitos os aventureiros gratuitos, só empenhados pelo ideal, mas poucos os proscriptos. No nosso de 32, porém, com immensos d'estes, uma massa pesada de arranjistas cosmopolitas. Regimentos belgas, batalhões inglezes. Aos punhados, polacos, allemães.

A Europa central despejou sobre nós o cabaz do seu excedente de população, malefica ou simplesmente desoccupada. Á vez, coube-nos que, á nossa custa, se alliviasse da sobrecarga dos resquicios importunos da desordem napoleonica. Como quando a França se viu livre das companhias, dando-as de presente ao bretão para que derimissem o pleito, tambem fratricida, de Trastamara e tambem Dom Pedro. Luiz Philippe, por seu turno, fechou os olhos; mas o Duguesclin que nos remetteu nem Excelmans o consentiu. Foi o cachetico Solignac, com o cholera.

Em nossos dias, o progresso da cultura determina um phenomeno de aspecto contradictoriamente symetrico. Nos sérios entrechoques nacionaes, póde assegurar-se, pelo espirito que representam, quando não já pelas caracteristicas individuaes (e esse não é o facto, o commum das vezes), que a melhoria moral da nação habita, com os exilados, o estrangeiro. « Se querem vêr Pisa, vão a Genova », disse-se. « Se querem vêr a França, vão a Londres », repetiu-se. Se querem vêr a Hespanha, vão a Paris, poderia reproduzir-se, nas primeiras phases da reconquista de Sagunto. Sobre o boulevard Montmartre, cêrca da quina da rua do *faubourg*, com a peninsular assiduidade de permanencia, que tanto molesta os serventes parisienses, reunia-se, nas mezas do *Café de Madrid*, uma colonia illustre.

*

Alli se via Ramon de Cala, andaluz fourierista, sympathico pelo panegyrico dos cabecilhas dos federados de 18 de março. No vasto, mediocridades, avultou-os a equitativa indignação, em contra da calumnia espessa e da barbara brutalidade com que os trataram os homens da ordem.

Não fallando de Lissagaray e de Arnould, interessados, pelo que diz aos pessoalmente desinteressados, antes de Pelletan (Camillo), pertence á peninsula, annos primeiro que Lavrov, a prioridade da honra da condemnação systematica dos sanguinarios de Versalhes. Mal o *Times*, o *Daily-New*, os grandes jornaes inglezes começam a revelar em Londres os horrores bestiaes da repressão, desde logo em Madrid apparece, com as *laminas* dos fusilamentos dos prisioneiros indefezos do quartel Lobau, a obra em dois tomos *Los comuneros de Paris*, irmãos no desastre dos companheiros de Padilha.

Em Portugal, o conservantismo espanta da audacia do vehemente opusculo, rapto jorrante da nobre alma, intellectual e rigida, alta e pura, de José Falcão.

Uma reminiscencia revolucionaria encaminhava, pois, os hespanhoes, ademais, para o *Café de Madrid*. Elle fôra o ponto de reunião dos da Communa, de que hoje aproveita os restos, poupados pela amnistia, o gracil restaurante do *Coq-d'or*, via da Bolsa.

Em suas lembranças do cruel tempo ido, ao botequim do boulevard não lh'o perdoa Alphonse Daudet, delicado egoista sentimental, que sabe de Dickens mais do que cumprira a quem não faz gala de erudição mas de profissional invenção.

Agora alli estava Nicolas Salmeron, que descera da chefatura do Estado, para se não vêr coagido, no cahos, a applicar a pena ultima, sabedôr e vago. Alli esse guerrilheiro, *condottiere*, no bom sentido do termo, de Estevanez; diffamado pelo catholicismo reaccionario de Teste

e Magnard; federalista; ministro da guerra, na deploravel gerencia dos negocios por Pi, metaphysico *sans en avoir l'air*. Alli Fernando Garrido.

Dir-lhe-hei, amigo, que um dos motivos que me fazem amavel com o volume do snr. Ladevese reside nas boas palavras, consagradas a este nôme, para mim querido? Ninguem se recorda d'elle hoje, nem mesmo em Hespanha, a não ser alguns da boa velha guarda. E, todavia, bem merecia a pêna.

Era um chão, bohemio de barba branca, convicto, disperso em conversações, d'esses que pouco produzem, pela abundancia das ideias, addiando a sua verdadeira manifestação, morrendo. Valia mais do que as suas obras e algumas d'ellas valem muito.

N'este genero, quantos? O maior de todos, só modernamente foi reconhecido, adivinhado; e careceu-se de que um colosso o indigitasse. Chamava-se Diderot e o seu cicerone entre as gentes foi Goethe.

Bom D. Fernando! Honrado velho!

Publicista, dramaturgo, jornalista, satyrisadôr dos costumes, prodigo de folhetos anonymos de vulgarisadôra propaganda, na penuria, millionario de talento. Patriota, no desterro, em volume redigido em francez, revelou da Hespanha civilisante os titulos á Europa civilisada. Incorruptivel, das Philippinas, d'onde volvem ricos os infimos, elle, alto funccionario, voltou mais pobre. Quasi cego, com uma myopia de tres graus, debuxava paisagens, para se distrahir, sorria, para ganhar o pão, sabia-se. A sua vaidade, a ingenua!, estava na consciencia dos seus meritos pelos estranhos, não pequenos. Taes como Proudhon, Naquet, Vacquerie, Michelet, Hugo, Quinet. Era dos que a patria ignora, despreza; dos que os de fóra acolhem, recebem. O estrangeiro é a gloria em vida, já se proclamou.

Para D. Fernando, ácerca dos seus estudos com respeito á arte hespanhola, vêr, entre nós, os sabios traba-

lhos do snr. Joaquim de Vasconcellos. Da sua exposição da Hespanha contemporanea memóra o artigo especial da encyclopedia de Larousse, em Paris, por amostra.

Pendia-se dos seus labios, quando, á mocidade irreflectida, pedagogo da revolução, depois de ensinar, amenisando, contava. E das abstrusas opiniões de Proudhon a proposito da mulher, revelando-nol-as antes do conhecimento, creio mesmo que do apparecimento da *plaquette* da *Pornocracia*. Como, para não têr doutoras em casa, se matrimoniara com uma virtuosa, humilde alsaciana, pouco que analphabeta! Como era contrariadôr, de condição! Para sahirem, as filhas diziam-lhe que queriam ficar, ou vice-versa. Assim a infantil argucia burlava a philosophia romana, ciosa das prerogativas do *pater-familias;* assim o eterno feminino, claro e trocista, tyrannisava a tyrannica supremacia do macho. No fim, miseria das theorias!, sua menina mais velha era o seu secretario, o seu collaboradôr; o utopista não podia passar-se da racionalidade dos seus avisos.

Á noite, *chez* Silva Pinto, reuniamo-nos em tôrno do mestre. Poucos; os republicanos do Porto, de 1874. Vem a ser, Silva Pinto; o cirurgião indio, Collasso; um noticiarista da *Actualidade*, Bettencourt Rodrigues, poeta distincto antes de se fazer medico notavel. O snr. S***. Permitte-me? Eu.

N'uma actividade incessante, Silva Pinto, forte da sua resistente nervosidade, combatia a pugna diaria. Fazia critica de arte; trabalhava para o theatro. Cinzelava os seus contos phantasticos; formava-se uma larga illustração, litteraria e historica. Possuido, de todo começo, cada momento firmava o peculiarismo, tam proprio e seguro, do seu estylo, preciso e mobil, que o recompensou com uma physionomia litteraria inconfundivel.

Bettencourt Rodrigues, cabelludo como um rei merovingio, abysmava-se na *Tentação de Santo Antão;* ou blasphemava, antes de Richepin:

Este mundo está velho e escalavrado,
E Deus nem já sabemos onde existe;
Está vasio o céu, deshabitado;
E noss'alma é, de ha muito, triste, triste.

O hindú, oculos pardos, tranquillo e bondoso, contemplativo, dizia, beatamente, da ineffavel serenidade de Brahma, comsigo confidenciando no calice do lotus. E, minuto a minuto, partia a renovar a corda a sete caixas de musica, que, unisonas e fanhosas, choramingavam, abominaveis, os quatro compassos supremos de Bach, em que está todo o Gounod amoroso, todo o enlêvo do seu arroubo mystico. O snr. S***, esse, reclamava, a guilhotina em permanencia.

Cabeça dura e estreita, a este honesto moço ligava-o a communhão do ideal politico e social. D'onde viera o snr. S***? Quem conhecia o snr. S***? O que era o snr. S***?

Ignorava-se; mas respeitava-se o homem, lealmente votado, de alma e coração, ao desinteresse de uma ideia. Tam obscuro, tam obscuro que, na parentella do Porto, onde todos sômos primos, ainda só encontrei uma pessôa que, afóra do nosso cenaculo, o houvesse conhecido. Um antigo vate, hoje adquirido pela administração. Dedicou-lhe uma peça do seu livro de mocidade.

Fanatico, poderia, quiçá mais util que o matador de Kotzebue, haver sido um novo Sand.

Não é corrente ainda que o traiçoeiro golpe que se vibrou á republica hespanhola foi tramado, a coberto da fronteira portugueza, na indifferença patusca da estação balnear, em Espinho, na Figueira, finalmente na Foz. O general Martinez Campos alojou-se no *Hotel de Francfort*, á rua de D. Pedro. Ahi atou os ultimos cabos, em conferencias com militantes e civis que o vieram encontrar no Porto. O seu incognito transpirou, todavia. Houve jornaes que, informados, déram conta da estada do brigadeiro na nossa cidade. Alarmado, apressou-se o

conspiradôr a, por segundas vias, explicar o facto. Era certo; estivera a banhos; viera visitar parentes, amigos; a encurtar caminho para o Norte: uma série de coisas entre si desconnexas, mas, uma por uma, mais ou menos, criveis, confiantemente acreditadas, só bizarras, depois que os factos se consummaram.

Com a sua suspeição jacobina, com o seu lealismo, com a sua nobre dôr, o snr. S*** foi o primeiro a comprehender.

Mais tarde, com singela, terrivel magoa, declarava que nunca se perdoaria o ter tido na sua mão, e havel-o deixado voar, ao ensejo, unico talvez, de prevenir o attentado. Via, todos os dias, o general á varanda; com as janellas abertas, sob a canicula, andar, ir e vir, na alcova. Elle escripturava os livros da firma commercial quasi fronteira.

Se o imaginara? Se o podesse suppôr?

— Que faria?, perguntou-se-lhe.

Escancarou os olhos, confundido da pergunta. Replicou, sem farfalhice, baixando a voz, descendo as palpebras, tristemente:

— Matava-o.

Não era um palavroso, um romanesco. Era um magro, soturno, livido. N'aquelle pobre amanuense rutilava um lampejo d'essas juvenis almas puritanas, crepitantes sob o gelo. Logicas, no simplismo acerado d'um criterio absorvente, a sua integra reproducção na arte realisou-a Hugo com o typo de Enjolras. A sua mais formidavel expressão no seculo foi Saint-Just. Nunca encontrei até outro portuguez n'esta cristallisação, mórna e soberana.

Todos o sentimos, com um estremecimento profundo. Não; não era uma phrase.

Matava-o, de seguro; matava-o, lealmente, porém em furia e horrôr. Cumprindo um dever tremendo. Com um meigo, sereno, amargo sorriso, de martyr que se sacrifica, appella do juizo dos homens. Elle, piedoso e ca-

ritativo; elle, exemplo de filhos, mourejando, de sol a sol, para sustentar sua mãe e suas irmãs; elle, espelho de cidadãos e trabalhadôres, a quem o sangue era odioso; elle, que não mataria uma mosca. Não tenho n'isto a menor duvida. Matava-o. Não o deixava, sem se certificar do cadaver, sem o crivar de tiros, sem o encher de punhaladas; não o deixava, senão duas vezes morto.

Mas nem sempre o aposento vibrava das palavras severas, das duras sentenças, dos mortiferos apophthegmas.

Era-se joven; na plethora do seu arcabouço de athleta, D. Fernando o mais moço de todos.

Apesar de tudo, desgostos, afflicções, doenças, hyperesthesias, cômas, ria-se; era ainda o tempo de rir. *Vivamus, dum licet esse.*

Ao de sobre a saleta, onde habitava Silva Pinto, largo a largo, corria um sotão. Abandonava-o a dona da pensão, maman Vauquer, *sur la trentaine*, excellente senhora, uma fanchonassa opulenta, em contraste com a adolescencia melindrosa de sua filha, flôr urbana, setinea e morbida, muito ligada a uma moçoila de Avintes, creada rubicunda que se definhava. Como se lia Balzac, aventavam-se horrores. D. Fernando, rabelaisiano, *gouailleur*, reprehendia, porém.

Para a buhardilla, deserta, atiravam-se, d'onde a onde, os despojos da labuta d'uma casa, cadeiras estrompadas, bahus escancellados.

Raro se subia alli, naturalmente; mas sempre de véla na mão, ao pino do meio dia. A unica janella, que dava para os campos, estava pregada. Quando, uma noite, no fôrro se sentiu o esgadanhar dos passos cansados de alguem marchando com precaução. Outros, e outros. Depois, risadinhas finas, diabolicas. Logo, um estrondo cynico, de sucia, que, sem feição, se assenta á roda.

Recomeçava-se a fallar do espiritismo, ao tempo; commentava-se Eliphas Levy; havia quem fizesse adejar

a chamma de cirios bentos no busto de Allan Kardec. Depois do exito do salão Herz, em Paris, os irmãos Davenport, no salão do Baquet, no Porto, toldavam as imaginações enfermas.

Era espantoso! Fechados n'um armario, amarrados de pernas e braços, atavam-se e desatavam-se. Pelo tecto, phosphoreavam na treva; mercê das inexplicaveis artes dos ominosos breliques e breloques, rufavam pandeiretas. Pelos cantos, saburrava o Averno, em olores de enxofre.

Murmurava-se, ainda, que o infeliz, o esqueletico cantôr d'esse inspirado psalmo a *Beatrice*, em que o arrebatamento lyrico vae até á sublimidade ideal, era elle mesmo um *medium*, o poeta illustre. Cochichava-se que assistia, com bruxas e duendes, ás blasphematorias ceremonias da *missa negra*. Adduzia-se que sim, que ia aos nefandos *sabbats*, para onde se sahe pela chaminé, cavalgando cabos de vassoira, desvairados n'um pé de vento.

Tremia-se de saber que, não mais tarde do que na semana finda, lhe surgira, evocado, n'um fragôr, com fistula e tudo, resplandecente e magestoso, Luiz XIV.

Todavia, por um residuo, pardo, de voltairianismo, agitaram-se as fezes scepticas. Duvidou-se. Com o castão de uma bengala, bateu-se para cima: — Senhores defuntos, menos bulha, s. v. p.

Sob o dôce sussurro de vestidas sedas de nymphas em fuga, percebeu-se uma delicada evasão.

Socegou-se; mas, pouco depois, voltavam, rumorando, cascalhando. E uma noite; e outra noite. Finalmente, desciam, quando (visto não haver, ao tempo, revivescido o funesto habito celtico das noitadas), ás dez, merenda feita, companhia desfeita. Merenda de palestra, pois que nem só de pão viva o homem.

Decadencia! Vergonha do mundo dos espiritos! Fracasso! Charrice!

O que havia de sêr?!

Era um bando de *rateros*, pequena gatunaria na aprendizagem lenta do grande crime.

Pelas nevadas das extensas noites, haviam lobrigado aquelle pousio benigno. Saltavam um muro; trepavam pelo tronco descarnado da velha arvore que defrontava o postigo do desvão. Arrombada, eil-os installados no quente, tiritando, fazendo contas, repartindo os lucros. Grossamente tilintava o cobre.

A hospedeira sobresaltou-se; burguezmente, não comprehendia a tolerancia dos *senhôres;* ameaçou prevenir a policia. Mas prohibiu-se-lhe; comminaram-lhe tambem a retirada collectiva. Houve que transigir, quando, ás bôas, na sua caridade primeva, na selvagem bonhommia portugueza, tam accessivel aos pobres de Christo, se lhe argumentou a causa dos desherdados.

Sómente, os desherdados entraram de abusar. E quem, sobretudo, soffria dos desmandos era Silva Pinto, cuja porta não usava chave.

De regresso da sua redacção, pela madrugada, encontrava os só vestigios do tripudio em tôrno da ceia modesta de homem de lettras. Isto é, de proletario da arte, salariado da penna. Membro, já se vê, como sempre, da confraria, illustre entre todas, que, justiceiramente, no gaudio dos nullos, se orgulha das privações e das provações da miseria *en habit noir*, de que rezou, com aspero conhecimento de causa, o benedictino da *Comedia humana*.

Uma vez irritou-se; á tarde seguinte, sahindo, deixou, sobre a mesa, n'uma tira, colericas, umas linhas admoestadôras, nervosamente bebidas no grande tinteiro de cristal que era o luxo da escrivaninha.

Ponderava aos illustrissimos larapios, seus forçosos visinhos, que o seu jus era o de tomadia, condemnado por todos os legistas. Que não era justo nem soffrivel que um rapaz honrado, vindo dignamente do seu traba-

lho, deparasse com o seu bife sumido, o seu queijo babujoso, o seu vinho escorropichado. Sobretudo, o que significava esse pueril escandalo, esse imitativo mimo de não perdoarem sequer ao chá e aos biscoitos? Um litterato, um nevrotico poderia, sem discrepancia, permittir-se um gole verde; mas homens de acção esquecerem-se até ao ponto de tomarem chá, suas senhorias, e a esmo, como qualquer philisteu, a esmo rilharem biscoitos, realmente, era coisa intoleravel. Se, ao menos, tivessem alguma consideração pelos direitos legitimamente adquiridos; se algum respeito mostrassem pelas sisudas prerogativas da propriedade; se se lembrassem de quem á hora em que elles roncavam a bebeda, de papo para o ar, empallidecia ainda sobre a dura tarefa quotidiana; se, n'uma palavra, contassem com o ausente... Mas não. Tudo parecia pouco á voracidade de lôbos similhantes.

Palavra que disseste! Santa palavra!

D'aquelle dia em deante, a garrafa começou a apparecer meia; o bife cuidadosamente espostejado; o queijo dividido com limpeza; no bule uma chavena de chá; um terço dos biscoitos na salva. E fallem, se o ousam, na incorrigibilidade das classes malfazejas!

Lendo, agora, no livro do snr. Ladevese, as benemeritas referencias á personalidade saudosa de Fernando Garrido, quantas suaves, commovidas reminiscencias!

No volume não destoam como descoordenadas divagações. Fundem-se no plano sentimental que integra a modalidade psychica do auctor. Tal qual os curtos reparos que, no seu errabundismo, lhe suggere o conspecto das telas dos mestres da Hollanda.

Ahi, na mesma injustiça critica, entende-se, é sympathico, penalisa o movimento de irritação do exilado. Quando assevera que não foi na *Lição de anatomia*, na *Ronda da noite* que elle achou a passageira quietude, o

salutar, illusorio olvido momentaneo com que a emoção esthetica lubrifica, no animo, o espinho espetado.

« Como lecciones de anatomia no eran malas las que sobre el mismo corazon humano acababamos de aprender; como tinieblas ya eran bastante tristes las que llevábamos en el alma. »

Assim, depois da derrota, o seu impulso fôra sempre o do sabio, de volver á natureza. Da atribulação affectiva consola-se o foragido nas paisagens do portentoso animalista Potter, do realista Hobbema. Especialmente, o prende o tumulto vivo do, como Hobbema, historicamente ignorado Ruysdael. Um erro de typographo fez com que Sandoval, admirativo biographo de Castelar, declamatorio e emphatico como o seu idolo, lhe chamasse Ruiz Dael. Na errata corrige-se o engano. Mas, quem sabe? O descuido dos compositores, como no verso classico de Malherbe, transmuda, por vezes, a banalidade na belleza. Talvez lhe fôsse dado, n'êste lance, alumiando vereda intrilhada, indicar a senda. Seja como seja.

Comprehendendo a acre disposição que dicta a azeda phrase do proscripto, ella, nem por isso, deixou de me chocar. Retinia, ainda e sempre, o abalo com que, de raiz, me convulsionou, deslumbrando-me e confundindo-me, a prodigiosa tela do prodigioso artista.

Frio á paisagem, morto na natureza, viciado, de nascença, por uma incapacidade ingenita para as artes plasticas, nunca esta me concedeu passar, eu proprio, sem alheia ajuda, sem o *pae-velho* do papel azeitado ou do vidro, as minhas classes de figura e ornato.

Não me suppuzera, pois, até então, á face d'um farrapo de lôna, ensopado de tinta, susceptivel de emoções estheticas senão relativas e quasi pudibundamente *pro forma*.

Debalde, explicando-me, corrigindo-me, adaptando-me a vêr, suggestionando-me, procuravam, em vario

ensejo, iniciar-me amigos meus. E, entre elles, um, propositadamente obscuro, além da fronteira de camaradas eminentes, a natureza artistica mais subtil, profunda e delicada que tenho conhecido, Manoel Teixeira Gomes. Escriptôr de raça, as suas cartas são verdadeiras maravilhas que, sahindo da intimidade a que o seu orgulhoso melindre as reserva, honrariam qualquer litteratura. Possuindo o francez como um parisiense, em Paris o sollicitaram á publicação d'uma série que a artistas illustres da capital da França endereçou ácerca das grandes galerias que tem visitado. Mas, onde tanta mediocridade brilha, em Portugal o meu querido amigo isola-se no fundo da sua provincia, com o tedio d'um altivo desdem. Não me relevará, mesmo, esta referencia, que me intima a justiça.

Por mim, as lições não fructificavam. Era rebelde. Não aprendia, de todo. Descoroçoei.

De resto, o homem descobre sempre theorias justificativas para os seus defeitos; e, eruditamente, ama encostar-se ás muletas das auctoridades quando sente coxear-lhe o espirito. Fazia-me forte da sêcca sentença do mysticismo absenteista de Pascal e, com elle, indagava, surprezo, o motivo por que se estima a reproducção, parada, dos quadros naturaes, que, na sua mobilidade viva, nos deixam indifferentes.

Mas, desde que na avenida central de Amsterdam, franzindo o reposteiro, a cem passos de distancia, no fundo remoto, a pompa explosiva do sayão, acingindo de buffalo amarello o thorax do tenente Guilherme van Ruitenberg, me incendiou de oiro fulvo os olhos aturdidos, encontrei-me a perguntar, com sinceridade, como uma creança:

—Quem é aquelle sujeito, que está acolá adeante, vestido de sol?

—Ah! Aquelle sujeito?!, velado, me responderam, sorrindo. É Rembrandt.

Oh maravilha incomparavel! Subjugadôr assombro! Ardôr infinito!

Eis aqui o sentido esoterico do mytho profundo, Prometheu roubando o fôgo celeste. Que tanto possa o genio do homem que plagie a divindade!

Não sejamos ingratos, reconheçamos a graça. Abatamo-nos; humilhemo-nos; rojemos na terra; não nos castigue o orgulho satanico da intelligencia. Façamos acto de contricção.

Mas é difficil, porque como que rebenta, a nossos pés, uma granada astral, estilhaçando-se em cacos de luz.

Marcha-se para a tela como se corre na rajada, impellido por uma suggestão activa. Zinem os ouvidos, do clangôr d'uma mysteriosa, irresistivel fanfarra. Penetra-nos, gira-nos no sangue, aquece-nos o vinho fogoso do renascimento d'uma vida exhuberante, conscia da sua força, irrompendo para o triumpho.

Não é o extasi, recolhido, solemne, religioso, que esboça a mancha do discreto sorriso d'uma tristeza jocunda, como quando um jubilo ineffavel, vagamente melancholico, nos circumrodea na presença do impeccando marmore de Milo.

No improprio corredôr do Louvre, sob a semi-obscuridade do mesquinho canto aonde relegaram a estatua immortal, sentimo-nos a dentro do ossuario d'uma humanidade extincta. A transcendente tranquillidade da deusa, por n'uma crypta que a imaginação, alteradôra, nos cria, resuscita, novamente engrinaldada de folhagens, enfestonada de pampanos, sob o docel d'um azul uniforme, liso e frio, nem assim deixa de permanecer morta. A genialidade grega commanda o silencio; mas, no Museu nacional, a admiração extravasa-se, verbosa, n'uma catadupa de banalidades inflammadas, ciosos de, para a sarapilheira bemdita, attestarmos que, ainda que o não pareça, tambem vivemos, nós.

Diversos teem apercebido este especifico seductor, este fascinante encanto.

A variedade e a magnificencia das côres, a bonhommia e a frescura dos rostos, os adereços sumptuosos, os mil objectos chispeantes, tudo isto dá a este grande quadro um ar de festa e de alegria que faz que se esqueça a vulgaridade do assumpto, que se tome parte n'esse contentamento communicativo e que se experimente um sentimento de benevolente sympathia e de fervida, tranquilla admiração. Serena pela paixão projectada, enthusiasta pela expressão promovida. Esse sentir, para Amicis, marca-se exteriormente, por um sorriso affavel, na physionomia dos visitantes, até os mais casmurros. *Même les plus moroses*, traduz F. Bernard.

Á juventude estudiosa que haja de destrinçar do romantico o classico, o pagão do christão, o civilisado do barbaro, frisantemente e de golpe, melhór que todos os tractados, melhór que Racine e Shakespeare, melhor que a *Henriada* e a gesta de Roldão, Boileau d'aqui e d'alli o *Edda*, é educal-a no contraste fulminante da graça do Olympo apotheosico com o impeto da milicia burgueza.

Dois mundos se lhe pregarão na retentiva, dois soes, dois ceus. Conhecem a pausa da creação, ao termo d'um esforço, preparando a serial gestação de outros modos. Conhecerão o fervôr, structural e compositivo, da nebulosa, rodopiando em formação.

D'onde procede o effeito empolgante?

Do thema? Nada mais prosaico. Quadro de corporação, é, como na *Lição de anatomia*, nos *Syndicos*, um conjuncto de retratos. Os nômes dos arcabuzeiros, que pagaram, parece, a vera effigie a cem florins por cabeça, acham-se mesmo inscriptos, sobre uma columna do plano extremo, n'um quadriculo oval.

Das qualidades technicas do compositôr? Decerto, como em toda a obra de arte. Será tudo?

Não basta, não, considerar as excellencias dos processos do mestre. Tudo não está na disposição da luz, na observancia da grande lei esthetica da synthese, pela simplificação do espectaculo. Tudo não diz a sciencia dos contrastes, applicada, concorrentemente, de tres maneiras diversas: o contraste das claridades e das sombras; o contraste na factura, deixando trechos inacabados e concluindo outros com surprehendente delicadeza; o contraste das attitudes, dos sentimentos e dos caracteres.

Não basta, não, considerar essas perfeições, sommar os inventivos especialismos. O exemplo dos criticos profissionaes deve-nos pôr de sobreaviso. As suas *bévues* alarmam; e n'esta tela dramatica pullulam. Ricochetam, como o erro da mesma denominação da obra. Chamaram (e o nôme ficou) *A ronda da noite* ao que, modestamente, é a simples *Sortida da companhia do capitão Franz Banning Cocq.*

O fabuloso claro-escuro que envolve toda a situação deu origem á crença de que o pintôr se propozera traçar uma scena nocturna. Depois, observou-se que as duas figuras principaes estão em claro sol, de fórma que a sombra da mão do chefe esparrinha sobre a cotta d'armas do seu immediato.

Tal mau sestro persegue, porém, a composição que, emendando, o cicerone Baedecker, aliaz instruido e consciencioso, commette outro engano, logo. Asserta que essa sombra cahe, destaca, contra todas as regras, todas as naturaes possibilidades, no negro gibão mesmo d'aquelle que gesticula.

Na realidade, é certo que a acção se passa em dia franco. Ao lado esquerdo, a luz desce de janellas elevadas e invisiveis ao espectadôr, deixando a sala n'uma semi-obscuridade conforme á natureza.

Fallar-se-ha d'aquelles geitos, mais intellectivos, que se fundamentam na flagrante exactidão das physiono-

mias? Insistir-se-ha em que são idyosincrasicos do rigôr naturalista da observação em Rembrandt? Apontar-se-ha a verdade da acção, menos coercivel ao primeiro relance mas segura sempre? Representando ou um personagem ou um grupo, o mestre, com effeito, pinta-o no estado coadunante com a sua situação e as suas aptidões. Dentro d'este thema, mas generalisado, e dentro d'esta categoria, porém depurada, martellar-se-ha sobre a intimidade da figura, sobre a expressão pessoal, o caracter?

O artista é physiologico e psychologico. Não só dá a vida, o latejar da materia, mas o moral, circulando pelo meandro de seu matiz. No retrato isolado, quando na collecção Six, se contempla o de Anna Wijmer, ahi se descobre a imagem da dôna de casa, consummada. Na figura de Isabel Jacob Bas, viuva de almirante, tem-se a burgueza senhorial. Nas composições de conjuncto, o dr. Tulp, por exemplo, demonstra, invariavelmente, a mesma preoccupação. Sem embargo, não attingimos identico paroxysmo.

É da luz? Amicis, italiano, isto é estrictamente realista, reputando o quadro de Rembrandt, em cotejo com o placido naturalismo do de van der Helst, como uma apparição phantastica, volta a escavar o enigma. «É a luz do sol? é a da lua? serão archotes?»

Tudo virá, em noss'alma, da sobrecarga pestanejante d'uma côr com que a mesquinha realidade não possa? É a inopinada passagem d'uma clareira pallida para a vasta campina, dardejada, atravessada. Consoante, para varrer os pastosos miasmas, se, na solemnencia matinal, rasgam, de par em par, as cortinas d'um enfermiço dormitorio.

Mas não devemos figurar-nos a coisa na ideia de que Rembrandt (ou os restantes pintores da Hollanda) se esforçasse, em seguida á obra feita, quando o quadro estava inteiramente composto, por lhe imprimir um bello

colorido, como se este não fôsse senão superficial e accrescentado. Cumpre não esquecer a judiciosa observação de Springer, fazendo-nos notar que « os tons existiam já na sua concepção e nas suas impressões, não conhecendo elles senão composições de côres accentuadas ».

Não pense que, com isto, perdemos o fio. Estamos na ordem. Seguimos o debate. Não o sendo, por se proceder d'um dado falso, tem sido um problema procurar a rasão e o motivo da pujança colorista d'esses pintôres.

Partia-se do principio de que o clima da Hollanda *devia sêr,* antes de mais nada, triste, obscuro, negro e brumoso. Teimar n'este lance importa fazer sobresahir um d'estes automatismos do espirito collectivo que são as extremas curiosidades criticas. Os viajantes que digressaram pelos Paizes-Baixos fizeram-o com similhante mania preconcebida, e *viram,* todos, sem excepção, um céu opaco, uma atmosphera espessa. Analystas d'arte, illustres; observadores emeritos; á uma, em fila, carneiros de Panurgio.

O dramatisadôr da *Liga,* aquelle Vitet, que Blaze de Bury se não cansa de elogiar pela denunciante educação esthetica propinada á mocidade franceza, óra humanisando o doutrinarismo saintsimoniano do *Globo,* óra sacudindo o sopôr dos fasciculos que enriqueceram Buloz, insiste em contar que viu « todo o paiz sob um céu sombrio e brumoso, sem transparencia nem côr ». Charles Blanc, irmão do historiographo jacobino e uma das maiores competencias da França nos dominios da apreciação plastica, falla do « céu velado » da Neerlandia, Taine do « céu encarvoado de Amsterdam ». O ramo, eil-o: o auctôr, inglez, d'um *Guia,* impresso em Londres, queixa-se dos nevoeiros da Haya!

Ora, o rico está em que, longe de sêr a Hollanda uma terra brumosa, carvoenta, sombria, sem transparencia nem côr, é, ao contrario, precisamente um dos paizes mais luminosos que existem.

*

De modo que se não carece de violar a inventiva a inquirir onde toparam os pintôres hollandezes com o manancial d'uma preoccupação dominante e generica. Equivocou-se aqui, mais uma vez, o genio irrequieto de Edgar Quinet, prompto sempre ás theorias de emergencia psychologica. Como quando, no problema da architectura do nosso monumento dos Jeronymos, a Belem, lhe interpretou a decoração, suppondo-lhe o estylo peculiar, sem transição e sem simile. Viu-o oriundo do mastreame das naus da carreira, das columnatas e pingarelhos dos pagodes indianos, da fauna e da flora asiaticas. No transcurso da peninsula, encontraria, porém, assaz das caracteristicas, que, em desdoiro da extrema originalidade nacional, em bem da verdade critica, se encarregou de recordar, nas suas eruditas monographias, o snr. Joaquim de Vasconcellos.

Para a Hollanda, chegou Quinet, correspondentemente, á conclusão de inferir que a luz, de que rutilam, em excepcional conflagração, as telas dos mestres, havia sido reconduzida d'além dos mares, raio de sol importado de Java, com aves raras e estofos deslumbrantes.

E tudo estava ingenuamente na méra observação do meio!

Pela fresca doçura prateada, essa natureza é panoramica de perspectivados longes; pelos contrastes e pelos valôres, é a mais colorida talvez de toda a Europa central.

Aqui chegados, devemos demorar-nos um pouco sobre o processo analytico segundo cujos tramites Henry Havard, perante a feição d'este ambiente, apura os traços typicos da pintura hollandeza. É agudo de subtil rebuscamento.

O claro-escuro toma-o nas suas sombras, nitidamente marcadas, dos vapôres das nuvens, quasi constantes, mas transparentes, note-se bem, reflectindo a luz com uma intensidade magnifica. Da permanencia d'uma leve

humidade na atmosphera deriva o esbater dos contornos, o perderem as linhas a sua precisão. Deduz que o estudo da natureza géra inevitavelmente desenhadôres nos paizes sêccos, onde os contornos se accentuam; os tons, inteiros e violentos, não teem magia para os olhos; as côres, duras e cruas, ferem, mal demoram a mirada. Ao passo que não só Veneza, a Hollanda, as Flandres, regiões humidas por excellencia, mas ainda a propria Inglaterra fôram sementeira de coloristas e não produziram senão muito poucos desenhadôres.

Esta theoria é engenhosa; attrahe e desgosta, como todas as verdades incompletas. Insatisfactoria mas integranda, ella honra o seu auctôr, em termos e proporções de lhe levantar o livro na craveira, de o resgatar da subalterneidade das obras de vulgarisação.

Fundamenta-a, mesmo, uma occorrencia que o escriptor registra, mas de que se não serviu, clara e fortemente, em seu abôno. Alludo ao facto, significativamente ensinativo, que, na phase dissociativa, se observa com os artistas profugos das Provincias-Unidas, com os *amaveis desertôres*, os Berghem, os Karel du Jardin, os Asselyn. Abandonando o paiz, abdicam das qualidades originaes; modificam o caracter da sua arte; transformam os seus processos; desaprendem a penetrante emoção que lhes ensinara a patria; descahem; confundem-se; despersonalisam-se; n'um termo, anonymam-se.

Todavia, a doutrina continúa especiosa, incompleta. Incompleta, porque o auctor, tocando-o, como não podia deixar de ser, por outros motivos, esquece, sobre o impulso natural do meio cosmico, o impulso artistico do meio social.

Vencidas as terriveis luctas do seculo XVI contra a dupla oppressão hespanhola, religiosa e politica; republicanisada a existencia civil da Hollanda; protestante o seu culto, ao artista faltam-lhe, para reproduzir, as ga-

las exteriores da liturgia catholica, as abastardadas opulencias de rua d'uma aristocracia monarchica, roçagante e esplendida. A arte tem de seguir a vida, reentrar na casa, fazer-se familiar e domestica. Não ha a retratar principes resonantes mas obscuros burgomestres. Ao pintôr não o procurará o autonomo dos solitarios castellos, porém o confederado do polypeiro da *gilde*. Não mais velludos e tapetes de palacios; agora a vida humilde de mesteiraes, que vão a ser os senhôres do mundo, pelo trafico das riquezas, mas que vegetam, no entretanto. Agora, a pobreza aceada, contente e ambiciosa. As escaroladas cosinhas dos maritimos; as secretarias dos hospicios; as salas de tiro (*Doelen*).

O assumpto vulgarisa-se. Preciso é compensal-o. Não existem ainda as facilidades das viagens a curto prazo; de apressada, desejosa ida; de desilludida, anceada volta. Não se sahe; Rembrandt nunca sahiu.

Urge, assim, tornar interessante o interior pacifico. Poetisar o logar-commum, o lar. Idealisar as scenas da vida terra-a-terra. Significar e dignificar o thesouro da existencia serena, succedendo á crise que, empregando as actividades na guerra, não dava margem a estes para compôr, áquelles para examinar. Ora, a exprimir este valor, a arte não tinha outro recurso além do encanto do colorido, que retira aos objectos o seu aspecto trivial. « Accentuando-o, observa finamente Springer, poeticas tornaram coisas, em si mesmas, insignificantes e communs ».

De resto, nenhum esforço para se collocarem n'este terreno de verosimilhança analogica, de verdade exaltada por uma ponta de ideal, como um lenço de assoar perfumado a heliotropo.

Nas artes ethnicas, espontaneas, não de imitação e luxo, das raças historicamente puras, primitivas, barbaras, as praticas preferem o tom idealista.

Aquelles povos que idealisam na politica, na reli-

gião, na conducta pessoal são sêccos, estreitos, utilitarios, moralistas, sentenciosos, praticos e didacticos na arte. Reciprocamente, as raças praticas devaneam, sonham. A cultura fal-as progressivas, a elasticidade do criterio amortece-lhe os choques do exterior. Reservam o ideal para postres e, com os dôces do forno, servem-se da chimera. Fazem então titilar o realismo dos processos pelo estremecimento do mysterio subjectivo.

É da França o cyclo cavalheiresco dos doze pares. Da Inglaterra o da Tavola Redonda.

Onde o ultimar crescente do alambicado mysticismo bretão? Por onde a demanda do santo vaso, destinado ao Perceval sem humana condescendencia? Na gaze puerica das apparições da madrugada o proprio sapateiro, com orelhas de burro, bebe o leite do orvalho. Em que longitude nasceu Tennyson?

Mas, na Hespanha, messianica de catholicismo, pisando os pedregulhos da charneca manchega, solertemente cascalha o opaco bom-senso de Sancho. Os hollandezes, ao contrario, additam á realidade copiada o *frisson* enigmatico, aqui meigo, que Victor Hugo apprehendia, terrivel, á beira de sua sepultura, definindo, completo, em quatro golpes de genio, o genio todo, de Balzac.

Desde o começo, se lhes póde descobrir tal aspecto. A partir do seculo XV, a arte florescia já tambem na Hollanda.

Não é possivel, comtudo, precisar caracteres que a distingam nitidamente da arte flamenga da mesma epocha. Difficilmente, haveria, de resto, uma differença recortada, quando a nacionalidade era a mesma. Na sequencia, pelos começos do seculo XVI, manifestou-se, na pintura do norte, uma tendencia para imitar o genero italiano. Egualmente a seguiram os mestres hollandezes. Porém, logo, n'este mesmo momento celluloso, n'esta convergencia nucleolar, se distingue o coefficiente, pro-

prio, que procuramos fazer explicito. Assim, qual é então a maneira que elles tomaram, sobretudo, promptamente e melhor? Aquella que correspondia, de raiz e principio, ao espirito nacional. Isto é, o rude realismo, creado pelo Caravaggio.

A Karel van Mander, a Haemskerck, a Bloemaert, partidarios d'uma maneira mais preoccupada do ideal, succederam Honthorst (*Gherardo della Notte*) e os seus collegas, cujas concepções são inteiramente realistas, no sentido em questão. Estes pintores reproduzem tudo atrevidamente, sem se importar com a belleza nem com a dignidade. O que é vulgar e repellente parece-lhes mesmo digno de ser representado, se tem força e energia. Nada que convenha mais á violencia das paixões e ao fogoso impeto da expressão, muitas vezes arrastada até o esgar, do que os vigorosos contrastes da luz nas scenas nocturnas, que eram tratadas com predilecção. Outro artista sobre quem o Caravaggio exerce ainda n'essa epocha uma forte influencia é Adão Elshaimer (1578-1620), que era originario de Francfort, não o sobre o Oder, o sobre o Meno, mas que viveu e morreu em Roma. Pintava *a natureza como atravez uma camara escura*. Os seus quadros, de dimensões bastante reduzidas e d'uma finura de execução excessiva, são, a parecer de Springer, cujo arrimo me tem sido precioso n'esta passagem, perfeitamente ordenados e cheios de effeito, graças a um colorido admiravel. Na sua escóla, entre outros, se formaram P. Lastman, Poelenburgh e Goudt.

Revertendo á theoria de Havard, ella volve a affigurar-se-me incompleta. A preferencia, final e constitutiva, do desenho representa o tardio particularismo de raças desbarbarisadas, de povos, tornados, pela cultura, systematicos, claros de entendimento, ponderados, em que o gosto prevalece. Cabe isto a nações desnacionalisadas, abstraccionistas, cosmopolitas, catholicas.

É o parallelismo da França hodierna, symetrica da França passada. Á velha Gallia celtica pertence hoje a funcção symbolista, representativa da humanidade civilisada, cuja capital corresponde á unanimidade critica, como a Roma papal definiu a unanimidade crente. Este o sentido da palavra franceza, do lemma religioso do atheu prussiano Clootz, chamando a Paris o Vaticano da rasão. Outro corollario philosophico não póde extrahir-se do facto do exclusivismo plastico que faz da França um paiz de desenhadores, mau grado a climatologica variabilidade provincial. Isto o que haja de deprehender-se do caracter que determina que, conforme o frisou, com a sua consuetudinaria penetração da psychologia collectiva, Michelet, a França quasi não acceite senão quadros *en grisaille* (genero que se executa com uma ou duas côres, quando muito, uma clara, outra escura).

É aqui que radica o desgostante effeito que, na repercussão das leituras dos romanticos, nos decepciona, quando defrontamos, pela primeira vez, com as telas de Delacroix. Não concordam com o sonhado.

Certo que, n'esta desagradavel impressão, concorre o contraste entre a espiritual amplitude da suggestão litteraria e a materialista inopia dos recursos das artes objectivas. Certo que algo procede do desserviço perpetrado pelos escriptores para com os pintôres.

Rudemente o planteara o rectilineo criterio de Proudhon.

Com effeito, depois de uma pagina, como deslava a tela! As côres matrimoniam bem com o negro de fumo; as incoerciveis delicadezas e a noz de galha dão-se n'uma perenne lua de mel.

Mas o quadro perde sempre. Depois de todo o mundo de irisados vapôres, por Gautier entornado sobre o marulho de sangue, escorrendo, aos filetes, pela escadaria do serralho de Henri Regnault, quanto é insignificativo na moldura esse borrão vermelho!

Todavia, o transtorno não se funda sómente n'este aspecto do problema. Porque a divergencia não se accusa tam extreme, se, com as laudas de Diderot, cotejarmos o ingenuo, composto, candido drama das obras de Greuze.

Parece lhe ficam mui bem correlativas. É que ahi existe uma homologia, uma relatividade concordante entre o escriptor e o pintor. Connexos, os seus poderes de expressão pertencem, limitam-se n'uma identica categoria. Engrenam-se, engatam, soldam sutura. Diderot desenha tambem.

A linguagem não se emancipara ainda. Com a *Nova Heloisa*, começava a embeber-se da vida. Depois os seus avances foram immensos; das outras artes distanceou-se a litteratura n'um angulo de divergencia tal que, apesar de todos os esforços d'estas, chegamos, nos nossos dias, a uma desproporção, impossivel de preencher. Só a outra arte subjectiva, a musica, póde medir a marcha pelas passadas de sete-leguas da poesia.

Mas, no tempo de Diderot, ainda se ajustavam, todas, na conformidade de restricta expressividade, de eurythmia classica.

Na essencia, os recursos da pintura são, porém, infinitamente inferiores aos da poesia; e é ingloria empreza a de procurar fugir a uma contrariedade, que está na natureza das coisas. A tinta de escrever pinta mais e melhor do que a tinta de pintar.

A propria vantagem da intensividade prejudica-se pela falta de extensão. Emquanto ao pintor não é licito mais do que fixar um momento da paixão, o culminante, de preferencia, o poeta póde seguir o seu desenvolvimento successivo.

As series de quadros sobre um thema proposto não dão a filiação sentimental e ideativa. Ás vezes, como no genio abortivo de Wiertz, genio sem embargo, apesar do que diga Wauters, podem exorbitar no paradoxal, no

extravagante, no abstruso e incongruente. Em geral, cahe-se, com vulgaridade, no genero insipido da allegoria moral. Desapparece o espirito, e só nos interessa a factura. Como na fileira hosannica a Maria de Medicis, devida á fabulosa abundancia de Rubens, talento truculento, exterior e hyperbolico, que, na maioria dos casos, salvas as excepções supremas, raras para a quantidade da producção, nos deixa frios.

Mas, nas telas de Delacroix, o mal principia pela desproporção da grandeza do assumpto com o acanhado das dimensões. Se o casaco fôr amplo, um farto gabão de inverno, a *Barca infernal* cabe no bolso.

A contrariedade prosegue na composição. O artista não vinga fixar-nos no conjuncto. É o detalhe que nos attrahe; n'este quadro, a cabeça do condemnado que roe a beira da funebre gondola.

Finalmente, o desenho resulta imperfeito. Ora, um erro de desenho é, no pintor, um solecismo no philosopho. Que vale a inspiração do poeta, se o verso está errado?

Assim, com pasmo, abalando, descontentes, de ao pé de Delacroix, com pasmo maior nos retoma a admiração na presença de Ingrés.

A côr é baça, falsa? Mas não é, como em Delacroix, uma mascarra sobreposta; o prurido, personalista, d'uma innovação; o esforço d'um systema, d'uma moda, d'uma ideia preconcebida, sem emergencia lidima na natureza mesma do artista. Este, agora, é um homem, vivo, autochtono, com as qualidades e as deficiencias da sua raça; não é uma theoria. No desenho maravilhal, incomparavel, flexuoso e dôce, da *Nympha da fonte* vêmos brotar a vida, tal como na fórma natural ultima, quando a evolução attinge, depois dos esboços da linha quebrada, a expressão suprema da curva. Aqui está, outra vez, a França moderna. Eis-nos, novamente, n'um instante sincero da civilisação generica, symbolisada, em synthese, na patria do artista.

A rasão, de resto, por que Ingrés é a França, bem melhor do que Delacroix, pertence á mesma ordem por que a França reside mais fidedignamente nas malignas comedias de Dumas filho do que nos convulsos dramas de Dumas pae. O desenvolvimento explicativo d'esta these (que parece desrespeitosa para a França e é exactamente o contrario) levar-me-hia, porém, muito longe.

Por agora, baste que assignale, pelos concretos factos, que não me entrego a paradoxaes supposições.

No Campo de Março (traduzem sempre, erroneamente, Campo de Marte) citarei o exito recente das vastas scenographias, esfumadas, de Puvis de Chavannes. A côr dilue ahi; vão na corrente; condizem. No salão de ha dois annos, para o premio, o conflicto travou-se entre o fulgôr oriental de Rochegrosse (*O festim de Babylonia*) e a sobriedade monochromica de Laurens (*A abobada de aço*). A opinião dividiu-se, hesitou. Por fim, venceu Laurens, naturalmente. Entre nós, dá uma ideia d'este modo o talento do snr. Bordallo Pinheiro (Columbano).

Quanto ainda á theoria de Havard, havendo dito que é especiosa, careço de justificar-me. É especiosa, porque esconde a mecanica dos processos. Sem materialisarmos a critica, não a desliguemos tam independentemente da technica que sejamos *dupes*.

Rembrandt pintava, o mais das vezes, segundo se julga, sobre preparações claras. Ao mesmo tempo, em muitas escholas, principalmente na Italia e na França, em toda a eschola do Poussin, por exemplo, trabalhava-se sobre preparações fuscas. Todos os quadros d'estas escholas vieram, portanto, a atirar para o negro. Pelo contrario, as obras de Rembrandt conservaram, em geral, o tom primitivo. O pintor exercia-se até muitas vezes sobre madeira em crú. Faziam-o tambem Rubens e van Dyck; fizeram-o Adriaan van Ostade e muitos mestres, hollandezes e flamengos. Contentavam-se por co-

brir os fundos com uma fragil camada, que deixa transparecer o tom e a asperosidade do retabulo. É a causa por que os seus esboços, as suas *grisailles*, sobretudo, têm tanta profundidade e tanto ar.

Do exame minucioso das preparações subjacentes de Rembrandt procuraram os entendidos surprehender, mesmo, o segredo do mestre, explicar o refractario mysterio dos seus effeitos unicos. Suscitou a lembrança o singular caso do primeiro quadro na galeria bruxelleza constituida pelo principe Augusto d'Arenberg, desprestimoso amigo do tribuno da Constituinte. Serviu-lhe de intermediario ou mesmo de suggestor, nas suas criminosas relações com a côrte. Collaciona-se o descôco da sua correspondencia com o orador, publicada em 1851. Ella demonstra, ainda uma vez, a incrivel sagacidade, suspeitosa e receante, de Marat, quando, no revoltado assombro parisiense, proclamava a grande traição do conde Riquetti de Mirabeau.

Quanto ao quadro da galeria de Arenberg, ha quem o attribua, dos dois Koninck, ao velho Salomão. D'este consideravel discipulo, havia em Lisboa uma obra digna de nota. Nos accrescentos feitos ao *Abecedario pittorico*, de Orlandi, assevera Guarienti que viu na galeria *del signore conte di Cocolino* um quadro de sua lavra, *con un filosofo che legge al lume di una finestra cosi naturale che pare vivo, e con si delicata e giusta maniera di chiaro e scuro, che inganna l'occhio*. Emendando o Cocolino italianado, o illustre Raczynski adverte-nos, em data de 29 de junho de 1844, de que colheu informes sobre as collecções enumeradas pelo inspector de Dresde e de que crê, em consequencia, que, sem excepção alguma, se achavam já então, todas, dispersas ou perdidas!

Mas o quadro de Bruxellas parece pertencer indubitavelmente a Rembrandt. Elle offerece uma particularidade muito apreciavel. Dir-se-hia que foi pintado sobre

uma preparação de ouro. Porque, em certos, pequenos sitios, onde o fundo está um pouco esbotenado, se bem que o conjuncto da pintura seja d'uma excellente conservação, descobre-se, á vez do retabulo, uma camada de ouro!

Estará todo o retabulo preparado assim? Seria, por acaso, este o retabulo d'alguma velha pintura que Rembrandt utilisaria, conservando a camada doirada d'um fundo antigo?

Esta curiosa observação deve-se a de Brou, o qual se inclinaria a conjecturar que o emprego de similhantes preparações em madeira ou na tela poderia bem ser um habito em Rembrandt, e que *a isso se deveria talvez a qualidade da sua côr, tam luminosa e tam transparente no claro-escuro.*

Esta habil presumpção, agradavel ás mediocridades, gulosas de abaixarem o merito, de reduzirem o estimulo inconsciente do genio a um *truc* de officio, susceptivel de aprendizagem, não deu resultado.

Não é assim. O eminente critico Burger examinou, pensando n'essa particularidade dos fundos de ouro, basta caterva de pinturas de Rembrandt. Nunca encontrou, n'outra parte, um indicio qualquer de similhantes preparações doiradas, se bem que, assegura, «visse a nú, em muitos quadros, partes do retabulo ou da tela».

De modo que, em conclusão e resumo, fui a casa da visinha, envergonhei-me, voltei á minha, remedeei-me.

Despendidos todos os artificios da analyse, extenuadas as argucias da critica, que não souberam nem poderam explicar-nos o porquê, hemos de volver, comesinhamente, no desapontamento dos doutos, que nada lograram ultimar-nos, á constatação simples d'um desconcertado enthusiasmo.

É o que passa com os criticos francezes. Todos usaram da mesma phrase para exprimir o effeito que similhante obra promove: *C'est écrasant.*

Não é nada, e é tudo.

Sim; é isso: é esmagador. E, se, por fóra de ignoradas technicas, é licito ao não-entendido buscar a origem de sua emoção, vasculhando no proprio espirito, cuido que tres são os factores do sommatorio, tres os termos da equação. O primeiro, de ordem concreta; o segundo, de noção abstracta; o terceiro, de categoria transcendente.

Temos, antes de tudo, a revelação empirica do amarello. O exclusivismo d'uma côr determina do genero d'um caracter, e avalia-se do avance d'um espirito pela qualidade do tom escolhido.

Conhecem o ignorado pamphletario orthodoxo de Nicolardot, fanatico e gelado, preciso e humilde, arguto e erudito? Sabem como este sachristão das bellas-lettras alfinetou de sarcasmos ao helleno catholico de Théo? Calculam se, no opusculo troçador, *O impeccavel Gautier*, sardonisaria pelo abuso descriptivo d'uma côr unica.

Tratava-se do que se chamou a symphonia do azul. Gautier, com effeito, espectaculoso e feliz, fanfarrão e manso, vê tudo em azul. Canta os *céus azues;* imagina *azul* o paraizo; compára a natureza a um *grande livro azul.*

O azul é pagão, antigo. O amarello é romantico, christão. Mais do que moderno, recente. Rotinario, o nosso povo, quando pretende frisar o mau genero, costuma dizer: *se não fôssem os gostos, o que seria do amarello?*

Erro; atrazo de desenvolvimento. Obtidos os densos, graduados escalonamentos, é questão da intensidade do tom. Emquanto se busquem as côres e se goze pela tinta.

Se o amarello livido é atroz, o amarello vivo, então, é a mais bella, a suprema das côres, a côr da chamma, a côr do sol, a côr do metal loiro. A noção, differencia-

da, do amarello não póde, mesmo, senão emergir tarde, no progresso das gentes. O daltonismo é o atavismo individual, por isso pathologico, d'um defeito primario, geral na especie.

Prova-o o minucioso estudo, conduzido por Hugo Magnus para com os poetas primevos. Elle nos mostra como Homero ignora algumas das côres fundamentaes do espectro, *á fortiori*, as fugidias nuanças, só modernamente sensiveis.

Mas, simultaneamente, é coisa educativa e logica, connexa, previsenda que, logo que perceba a gamma inteira, qual no fastio que enoja o saciamento de toda a paixão, a humanidade desdenhe.

Se o selvagem endoidece, idolatra as côres vistosas, o civilisado reputa-as grosseiras. O *calicot* sabe que as fazendas que bérram são para labregos. O gosto entristece. A cultura ama o pardo, o indistincto, o que não provoque attenções. O espirito espiritualisa. Torna-se mathematico; da côr só o *quantum sufficit* para poetisar a linha, para mandar sentir, para fazer communicativo o segredo occulto na ordenança geometrica. Eis por que a França prefere os desenhadores aos coloristas. Porque subiu ao apogeu da cultura mental e esthetica, porque desceu ao ultimo degrau analytico do esmiuçamento selectivo das emotivas impressões.

Por isso, dos exteriorisadores do drama humano, o grande pintor moderno francez, o mestre por excellencia, a maior gloria é, seguramente, Paul Delaroche.

Os extremos, bizarros ultraromanticos, barbarisados pelas reminiscencias da arte exotica, depravados pelo bysantinismo gothico, excitados pela crise de reacção, consideraram-o um neo-classico, um contemporisador. Na pintura o taxaram como Delavigne no theatro.

Todavia, é alli soberbo o estudo em todos os accessorios; o colorido é sobrio mas magistralmente apropriado. Á perfeita verdade historica, junta-se-lhe o ta-

lento, tam admiravel como raro, de surprehender o momento mais importante, capital e commovedor da acção. Coroamento de tam copioso activo, pela harmonia e espirito expressional do conjuncto, o artista, se á frieza critica lh'a estimulasse um pouco mais de vibratil calôr, mereceria, então, por sem duvida, o caloroso brado excessivo do germanico Leixner, inscrevendo que Delaroche «sabia animar a technica pictorica com o sopro do genio».

Não era um doutrinario, um sectario; abastava-lhe vêr. A natureza, a que elle revertia, recompensou-o de tam puro amor. O pintor revelou-nos o mysterio do seu prestigio, quando professou esta bella, definitiva maxima, a unica eterna: «É preciso, escrevia, que um artista obrigue a natureza a passar atravez da sua intelligencia e do seu coração».

Na tela de Rembrandt, o segundo dos admirativos motivos registrou-se já para o complexo de sua obra. Mas não é debalde insistir. Refere-se á intimidade da expressão das figuras.

Repete-se que não são, sómente, vivas; repete-se que são, sobre physiologicas, psychologicas, delatôras do condicionalismo intimo, da maneira moral do personagem. Esta extirpação, cá para fóra, este pôr das raizes da alma ao sol assignala, na estatuaria moderna, o grande nôme de Rodin. Destruindo, pelos productos, o schema de Taine, que reputa a esculptura a arte insusceptivel de espiritualisação, o genio d'este homem afflora na figura da senhora portugueza que está no Luxemburgo, no busto, ultimo, de Puvis de Chavannes. É tam inopinado e profundo, pelo realismo subjectivista, que, para o cotejarem, se lembram, só, de Miguel Angelo. Isto na terra technica e concepcional; isto onde, ao lado do amaneiramento elegante d'um Falguières, explue a pujança d'um Dalou.

Finalmente (e é, bem, o fim) o quadro destaca pelo

que o auctor lhe poz sem dar por isso. Pela representação, não symbolica ou allegorica, mas inconsciente e fatal, d'uma phase nova da existencia da humanidade historica.

Eis como se lhe não repara hoje nos defeitos, que são innumeros. Mas mais soffrem outros da perfeição cabal, que não dá ensanchas á imaginação do publico para que divague. Com os pintores, como com os litteratos. O mau escriptor dizia Voltaire que era o que esgotava o assumpto. Isso importa menospresar o leitor; tyrannisar a attenção; prender e encadear o rapto individual; não permittir largas á supposição, á interpretação, ao enlevo. Equivale a coagir á inercia aquelle que se crê capaz de acompanhar o auctor; de lêr nas entrelinhas; de adivinhar o seu sentido occulto; de alliterar reticencias; de imaginar, generalisar, alargar, profundar, completar, concluir, elle. Villiers de l'Isle Adam, irmão morganatico de Edgar Poë, extravagou que o genio é essencialmente silencioso e que «a sua revelação irradia antes no que subentende do que no que exprime».

As maculas da tela de Rembrandt logicisam-se. «A *Lição de anatomia* de Rembrandt é uma obra prima impeccavel, discretea, com relativa exacção, Racot; não se lhe pôde notar defeito algum. É a razão por que a *Ronda da noite*, onde os defeitos formigam, é superior á *Lição de anatomia*».

D'essas imperfeições, umas são propositadas: o inacabamento dos detalhes, o imperfeito das minucias, o abstruso das proporções. Outras, fataes, provêm das liberdades do systema: o arbitrario da côr, o convencionalismo da luz, falsa e maravilhosa. É a consequencia d'um dos lemmas do mestre, o contraste na factura, pela subordinação do accessorio, esboçado, ao essencial, nitidamente marcado.

Na conclamada *Lição de anatomia*, por exemplo.

Como no *Simeão no Templo*. Identica observação. O cadaver, quer dizer a sciencia, que cumpre celebrar, torna-se, a despeito da natureza do quadro (que não é, no fim de contas, senão uma reunião de retratos), o facto principal. A elle incumbe dizer a profissão e a preoccupação dos que o cercam. É, pois, sobre o cadaver que cahe a luz. Os retratos veem em seguida, sabiamente graduados. As physionomias projectam-se para fóra da sombra, em que banham os corpos. Depois, todo o resto está sómente esboçado. D'architectura, a bem dizer, não ha. Não sabe Havard se se está n'uma sala de dissecção, n'um celleiro ou n'uma adega. O livro, os pés do cadaver, todas estas partes secundarias, que não devem attrahir a vista, estão largamente indicadas. Apenas feitas e mesmo, digamol-o, peróra o atrevimento de Havard, voluntariamente mal feitas.

Verdades cerceadas, rigores incompletos, d'este mixto conjugado é que resalta o estranho merito.

Por isso disse que se lhe não repara hoje nos defeitos. Mas por isso os enfiava, em irrita missanga, a hieratica rigidez, codificadora de regras. A perros se dava de elaborar uma integra, immovel, cristallina hermeneutica. Sempre de textos, nunca de espontaneas impressões, sinceras e simples. Assim se não accommodava com os defeitos alludidos o dogmatismo pseudo-classico do passado proximo. Ainda quando não assanhadamente hostil para o todo, mal o esvahido cyclo, canhestro, mitiga, contrafeito, a sua colera, suppondo esta tela indigna do pintor.

Imitativos de imitações, pensando de memoria, sentindo de cabeça, até n'aquelles que, como Rousseau, reagem, aconselhando o regresso á natureza, os hellenistas apocryphos não comprehendem a effervescencia ingenua e virgem. A burgueza Hollanda, para os cortezãos de Versalhes, liquida-se pela insultante paronymia de Voltaire: *canaux, canards, canaille.*

*

Na indifferença dos educadores, não temos, pois, do nosso canto esquecido, por que nos envergonhar com a candida confusão do nosso, aliaz eruditissimo, bibliographo, quando, em 1751, á magestade reinante, o bom Barbosa Machado recommendava, *como os corypheus da pintura na Allemanha*, Holbein e Rembrandt.

Não admira, portanto, que Rembrandt Harmensz van Rijn, immenso maltractado pelos criticos do seculo XVIII, não fôsse dignamente apreciado senão de ha vinte ou trinta annos a esta parte. Revindicaram-o as piedosas investigações de hollandezes patriotas e sabios, particularmente as de Scheltema, de Vosmaer e de Roever. Tambem a justiceira rehabilitação confere louros aos analystas romanticos da França. Com especialidade a Gustavo Planche, que precedeu, na severidade incomprehendida d'alguns seus juizos, as decisões ulteriores, morosas de meio seculo.

E pensar que similhante manifestação do genio do homem houvesse de soffrer as mutilações soezes da ignorancia!

Um desenho contemporaneo e uma copia antiga pelo pintor Gerardo Lundens, na *National Gallery*, de Londres, testemunham que, outr'ora, á esquerda, havia ainda duas ou tres figuras, que se cortaram, na mudança de 1715, *afim de poder collocar a tela*.

Por um dos mais indefessos pelejadores em contra do preconceito herdado, por Brédius, o sabemos.

Esta felonia reconcilia-nos com a patria. Vê-se que ha lusitanos nados e creados em estranhas latitudes. Nem só Portugal é Portugal.

Havendo relembrado os peninsulares, tarde será (mas mais vale tarde do que nunca) para, ainda que apressadamente, volvermos ao livro do snr. Ladevese.

Entre outros, egualmente nobres, um nobilissimo estimulo dictou ao hespanhol sua escriptura. Sem inconfidencia, de prejuizo individual ou damno partidario, e

na restricta medida do possivel já hoje, tracta-se de justificar as *intentonas* de Zorrilla.

Não fôram tal intentonas, mas deliberadas resoluções de planos organicamente completos. É o que se extrahe da chronica da empreza de Villacampa. D'outro modo não se coadunaria com os factos a honradez de seu *tocayo*.

Todavia, na fatigada physionomia de don Manoel, o mais eminente homem de Estado do republicanismo hespanhol, aquelle que garante o modernismo positivo da democracia peninsular, estampa-se uma lealdade immarcessivel. Como dos seus olhos magoados chispa uma inquebrantavel energia. Essa foi a impressão que este homem de caracter me promoveu, flagrante e subita, desde o momento inicial em que, sobre o boulevard, experimentei a honra de ter nas minhas a sua mão. Comprehendi, de golpe, o seu prestigio; aquelle intuitivo, immediato dominio que exerce sobre os que o approximam; fez-se-me intelligivel o fanatismo pessoal, unico, de que desfructa pela Hespanha afóra. Esta physionomia não engana; estes olhos não mentem. Deve ter sido assim; irrefutavelmente.

Conforme ainda se cuida, Villacampa não sahiu á doida, mas antes auctorisado a contar com elementos compromettidos, d'esses que, á hora decisiva, medrosamente se retrahem. Historia velha e nova, eterna, de que desarrolha mais d'um amargo ensinamento.

Alguns os exara o snr. Ladevese, em aphorismos tocados d'um espirito revolucionario, verdadeiramente politico. Quando, por exemplo, faz sentir que o difficil em insurreições não consiste no pronunciamento dos que encetam mas na subsequente cooperação dos que, continuadamente, os têm de appoiar.

Dá-se até o facto, extravagante na apparencia, de que os que levantam o grito são, por via de regra, os moderados, os prudentes, os timidos. Aos irrequietos, aos

impacientes, aos que empurram, acode-lhes tarde a prudencia, tanto mais paralysante quanto mais morosa foi em chegar. Os demagogos, os radicaes devem suspeitar-se sempre; é a raça de que sabem os tyrannos e os apostatas. Ainda que pareça paradoxo, muitas vezes com honestidade interior, tam singular, ondulante e diversa é a natureza do homem.

Violentos de condição, qualquer sentimento os domina em absoluto: o enthusiasmo, que não prevê obstaculos; o desanimo, que sossobra perante méras velleidades. Depois culpam os cidadãos, increpam o destino. Terminam por vingar-se dos que não quizeram ser livres na sua companhia. Opprimindo-os como escravos, em represalia das illusões perdidas.

Outra observação, exactissima, nos merece a attenção no volume do snr. Ladevese. Mercê d'uma contra-ordem *in extremis*, do desastre de Badajoz afere a inconveniencia de analogos procedimentos.

Mas isto é o *abc* das conjuras. No tractado em que legisla de conspirações e conspiradores, o doutor maximo, o professor, *ex-cathedra*, Machiavelo, reputa tam essencial este erro que, mesmo na hypothese d'um contratempo inopinado, por mais grave que seja, recommenda que se deve preferir o ir para deante, visto como dos males se haja de escolher o menor.

É triste, mas symptomatico d'estes tempos sem fé, que o snr. Ladevese se veja obrigado a discutir, por vezes, com extensão, ainda, recorrendo, até, ao amparo de auctoridades, respeitaveis pela fidelidade, como Hugo, as inconcebiveis opiniões, correntes em certo meio e relativas á conducta das opposições republicanas. É dizer, depois da restauração, a theoria inerte professada por Castelar.

Ella tende a pôr, com suas personalidades dirigentes, os partidos extremos nas circumstancias de estarem á mercê dos antagonistas, que, verificando-os maduros para

o golpe, o podem ferir, sem piedade e sem perigo. Assim a Cairoli occorreu na Italia. O rei Victor Manoel chamou-o aos conselhos da corôa. Foi tam vaidoso ou tam lorpamente sincero que acceitou. Aos poucos mezes, ninguem ouviu mais fallar d'elle. Fôra devorado e, para o monturo, expellido. É o que em Castella dizem pender, por seu turno, sobre o mesmo Castelar. Amemos a duvida, emquanto se não consumme o desastroso episodio.

O snr. Ladevese não pensa homogeneamente; não se subordina a similhante criterio. Como o seu illustre chefe, apella para a revolução, desfazendo instituições oriundas da revolta. A seus riscos e perigos, com denodo e heroismo tranquillo, elle mesmo trabalha pela e para a revolução.

Agora, um mobil de justiça o determina a soerguer a ponta do véu, que socega a solidariedade de camaradas multiplos. Tanto quanto, salvo infamia ou salvo inepcia, se póde realisar a bem da verdade concreta, da justiça historica.

A sanha dos inimigos não escrupulisa na escolha dos meios. Em toda a parte, elles costumam aproveitar-se do silencio intimado aos revolucionarios vencidos, os quaes, sem estupidez, pelas consequencias dos possiveis successos ulteriores, ou sem crime, para com as individualidades embaraçadas nos factos antecedentes, nada podem objectar.

Os reaccionarios são habeis; e os radicaes commettem, commummente, o erro de lhes desdenhar dos processos. Porque sejam, immoralmente, grosseiros. N'essa sua devassa grosseria é que está, porém, o perigo, a promessa do exito. Torpes e alvares, estão á altura da condição espiritual das grandes massas; são intelligiveis.

Portanto, os obscurantistas é que não perdem a situação, falsa para os seus oppostos. — Vejam, clamam, vejam os loucos, os desalmados, que, com a insufficien-

cia dos elementos de que os successos (os traiçoeiros successos!) mostraram de que dispunham, não hesitaram, todavia, em sacrificar, á nossa crueldade, os ignaros, os inconscientes cumplices temerarios! —

Como se os taes desalmados se não sacrificassem tambem a si proprios, o certo é que o geral, espesso, do publico, que não analysa, mas julga em globo, sob o granizo cynico da celeuma dos interessados, acredita, o idiota!

Apesar do tempo decorrido ser, ás vezes, longo, nem por isso se póde ainda dizer tudo. D'ahi succede que o livro do snr. Ladevese, como elemento historico, espalha sombras entre a luz. Mais é um prospecto, um annuncio, um elencho do que inteiramente um relato. Mas, tal como está, está bem. É já um começo da justiça futura.

Escripto, então, com nitidez e sobria elegancia, no seu estylo se nota o salutar influxo do convivio do auctor em França.

Alli desbota, nos meridionaes, a pompa, paspalhosa e barata. Alli se despedaça a tosca renda, hyperbolica de superlativos. Alli se aprende a desprezar os logares-communs ornamentaes, fitarolas de corrida. Deita-se fóra a abundancia barbara. Ganha-se a proporção dos civilisados.

Na Hespanha, como é excellente a limpidez formal de don Juan Valera, escriptor perfeito no comedimento, que pinta o quanto basta, necessario e sufficiente! O que é de mau gosto a trapalhada oratoria de Castelar, redondosa, hirsuta e offegante, leviathan multicor e atordoado no seu periodo interposto! Aos bordos, cabeceando pela oração ciceroniana, de ordem interrupta! Galgando barreiras, emperrando em torpeços! Conforme se se estivera a escrever latim! Emmaranhando-se um, á tôa! Como pneumonico, sem poder respirar á vontade! Falto de apparelho que esponte, para ordem e methodo, em qual seara abandonada ou barba inculta!

A parcas pinceladas, o snr. Ladevese evoca-nos o encanto subjectivo dos escorços paisagistas, das colmêas humanas. Troços de Genebra, perfis do Monte Branco. Pousa-nos bem as physionomias vivas ás quaes despeça o meditativo relance que refracta o globuloso olho da sua lanterna surda. E, por d'entre o miudo reticulo da outunal folhagem do seu parque amarellecido, com elle, espiamos a veneranda cabeça do branco Hugo, pendida para a terra, na espectativa da alma, librada no ether.

Emfim, no livro do zorrillista, o acre sabor da melancholia do expatriamento. Sobre a lição, o coração; é a baunilha que perfuma o acepipe.

Leve, leve. Na obra prima que rompe os *Poemetos em prosa*, o poeta soube collocar, n'um vocabulo exclusivo, toda a intenção, saudosa, do estrangeiro. N'essa intraduzivel locução *là-bas*, das conversações francezas.

Mas triste, triste. No paiz, hoje em dia, com os caminhos de ferro e o theatro lyrico, com a grotesca parodia do mundanismo sceptico, é-se rebelde aos sentimentos autogenesicos, por assim dizer autochtonos. Fóra da natureza, vive-se n'uma falsa sentimentalidade piegas, em certa maneira hypocrita, em certa maneira egoista. Deus louvado!, apparece, pois, quem tenha ciume dos exilados.

Um periodico de Portugal não córou do impudente desaforo de mofar dos proscriptos, cuja dôr se consumia em Paris. *Facil exilio*, publicou (ainda em peór prosa) *facil exilio o do boulevard*. Oh a estupida gente! A gente invejosa e má!

Em Paris, porém, julga-se com differença.

Ainda que Bruxellas seja a miniatura da capital da França, francezes existem que lh'a preferem. E d'um gosto requintado. Baudelaire, por exemplo.

Pois quando alli succumbiu, a proprias mãos, o general Boulanger, uma folha parisiense, das mais implacaveis para com o infeliz ambicioso, consignou que elle

tinha cincoenta e dois annos, pelo nascimento, cincoenta e quatro de edade. Visto como, explicava, os annos de exilio se contem pelo dobro, conforme os de campanha.

Não. Sahir para o desterro resulta um erro. O exilio não passa do degredo sem paludosas. D'um carcere tambem. Desespero maior, inquietação peór.

Na linha da fronteira, a parede do ergastulo.

De modo que escrever para o paiz é, ao publicista proscripto, tam irritantemente desgarrador e indignador como, para o preso, vir fallar ás grades.

N'isto está, comtudo, seu conforto. Distrahida, seguindo no somnambulismo de seus affazeres, a patria pára, ás vezes, para escutar.

Tal esteril curiosidade foi o resquicio que lhe ficou do idealismo aventureiro de priscas epochas. Velhota rabujenta, coçando-se perante o fogão, ama ainda, no regresso ao casal, fungar, para as reparadoras somnecas, os casos estranhos dos longes povos, de estolidos costumes, de insontes maneiras. Gosta de saber o que vae pelo mundo de Christo. Que lhe lêam os mysterios indecifraveis de revoluções suggestivas, de crimes hieroglyphicos, de neves e lepras, historias de lobos e ladrões.

Supponho que é até, n'este sympathico intuito de illustração, que ella, a mãe-madrasta, periodicamente remette, para alguns de seus filhos, muito amados, um elucidativo pontapé áquella secção anatomica que as bem cheirosas conveniencias mandam designadamente não nomear.

— Vae (diz a este, diz áquelle), vae, meu rico menino. Observar terras. Em que aprendas a metter-te a redemptor. Para que não tornes, não voltes a fazer outra. Por tua escarmenta, geral ensino e meu gaudio. Vae, vae, a que apures a que sabe o pão que o diabo amassou. E, d'onde a onde, conta-me um conto bonito. Que eu não se me dá de ouvir *chônas*.

Não me recorda quem foi que disse: — *Se a tua dôr te afflige, faz d'ella um poema.*

Bem concedo que não és para tanto. Sahes á mãe. Mas, a vêr, a vêr. Ou conseguiria, já, eu, acaso, felicidade infinita!, de vez, reduzir-te, equiparar-te, tornar-te como vos desejo, queridos filhos, como vos prezo e aproveito, quando em perfeita concordancia commigo? Estarás, de todo, ardido? Dentro do craneo, não terás mais que uma castanha pillada?

A vêr; a vêr. Se, do que te tem passado, espremes, por junto, uma anedocta. A vêr; a vêr.

IX

Erasmus

ALLEGRO MODERATO. TRES POR OITO.

Sobre o Grande Mercado, que não passa, na sua mór parte, d'uma ponte cobrindo um canal, encontra-se, segundo o modelo de Hendrik de Keyser, a estatua de Erasmo. Eil-o alli, aquelle a cuja pena mordente a rotina do homem, relapso ao perigoso ensino para seu bem, ditou o desespero do *Elogio da loucura*.

Parei contemplando-o, tanto quanto o permittia o gaz hesitante. Procuravamos adivinhal-o, ao cruo humanista, chamado, por isso que escreveu na lingua de Juvenal, o Voltaire latino.

Veste a béca cathedratica; tem a bórla professoral na cabeça; e os olhos refugia-os na leitura do grande livro que sustenta em mãos.

Era noite, humida, nevoosa, nervosa; e o verde-pardo das coisas, n'essa cidade triste, afflorante á tona da agua suja, roia-me tambem d'uma occulta ferrugem a alma.

Logo, castigando o tijolo, me empreguei a passear a acre meditação. Marcava o compasso do syllogismo mudo, com extrahir copiosas fumaradas do comprido cachimbo de barro. Vendera-m'o, *o mais barato do mundo*, em Kalverstraat, de Amsterdam, um judeusito, de

mandibula torcida, carinha sombreada de cereja bichosa, chlorotico e mimoso nos seus grandes olhos meigos de portuguez.

Sem que o communicassemos, percebiamos, um do outro, que nos chovia dentro a inexoravel ausencia do paiz remoto.

Na manhã, quantas vezes, no tôpo dos mastros, procurara a bandeirola da patria. Mas, dos navios em busca de queijos, não havia um confiando ao vento o trapo bemdito.

E, agora, pelo céu sem estrellas, na praça deserta, só, o antigo Erasmo mal fazia companhia, absôrto, como sempre, no seu cartapacio de bronze.

Que leria elle? Que teria elle ainda para lêr, o doutôr?

*

Ora, como se acordasse, interpellou-me, a escuras, ao de dentro, o meu companheiro. E a sua voz quasi a desconheci, tam desfallecida, como o vago sôpro, subsistindo, escasso, ao cabo d'uma trabalhosa viagem.

— Olha lá, me disse. O homem a tudo se resigna, é certo, e a providencia nunca se patentea como quando nos favorece da esmola rara do salutar esquecimento. Mas o primeiro instante convém em que é terrivel. Assim devia passar-te quando pizaste os metros limitrophes da terra estranha. Não é isto verdade?

Então, n'um salto, invadiu-me uma immensa vontade de rir.

Era bem para mim que batia as palpebras, piscando, maligna, a musa perversa?

Mas não me amostrava ella, desenrolado sem acabar, um panorama frenetico, de rubim e oiro, correndo e atropellando-se, vario e confuso?

O facto é que, de chofre, não sabia responder. Tanto a comedia polvilha os incidentes da existencia, dra-

maticos para a psychologia de um! Assim, critica, sabedôra, a natureza sarcastica ridiculisa a candura da angustia ingenua, e ao orphão lhe dispõe um dia de rosas para o enterro de seu pae.

Reduzi-me a um cascalhar sardonico, mas abafado, em vergonha e em afflicção.

Entretanto, romantico, o *outro*, já levado da sua ideia, nem sequer distinguia o meu rictus impio.

Divagava, sonhava. É o seu costume, o pobre! Quantas vezes lhe tenho dito que se corrija, que vae a acabar mal! Mas não ouve, esquecido na onda.

Puz-me de escuta, como um espia vil por detraz d'uma porta, avido de deitar mão ao filete de luz que, atravez dos mal collados intersticios, traz ainda uma restea quente da vibração do verbo divino.

Sonhava, divagava: — Ah! A hora primeira! Quando, com assombro, se descobre que não ha margem de duvidas! Quando se chega a d'onde se não póde voltar! O que se encontra, meu Deus?!

Insistia. Eu creio que não ia bem por então. Repetia-se; e, repetindo-se, voltava a interrogar-me:

— O que se encontra, meu Deus?! O que é que tu encontraste?

Manso, lhe respondi:

« — O que se encontra? O que é que encontrei? Eu, por mim, encontrei Gutiérrez & Gutiérrez, de Cuenca.

*

No seu pasmo — direi na sua indignação? — lhe referi o successo trivial:

« — Sim, Gutiérrez & Gutiérrez, deves ter ouvido, de Cuenca. Que mais tem que não proceda de Oviedo? E que sêr és tu que não reconheces de prompto as mysticas affinidades? Como suppões que poderia Gutiérrez & Gutiérrez deixar de pertencer a Cuenca?

«Não te impacientes. Socega.

«Lembras-te do minuto em que chegamos quasi á beira do rio e como, de repente, te despediste de mim, bruscamente abalaste, dir-se-hia que te dissolveras no vapor matinal?

«Onde fôste? Que fizeste por *lá*? Que viste? Deve ser espantoso, que ainda tremes e callas.

«Mas eu segui, como sabes, e era alegre, no fim. Riam, bebiam, cantavam na villa. Só então recordei de que estava principio ou desfecho, não me occorre, de carnaval e de que não é justo que se não divirta o povo. Para morrer por elle, ficavam os da rua de Santo Antonio. Já bastaria.

*

«A meio da corrente, um dos velhos barqueiros (o que eu queria que tu estivesses, para o ouvir!) pousou o remo e, como um cicerone que aponta vistas, discorreu, philosophou para mim, fallando ao camarada:

—Estas são as aguas de Hespanha! Lá estão os carabineiros. Alli, o casarão grande, é o convento dos jesuitas. Rica obra. E o guardião, don Sebastián, mostra as salas todas. Sacerdote de muito respeito. Don Sebastián, homem listo, se os ha. Mas, bem estudados os autos, isto, de hespanhoes e portuguezes, é tudo a mesma canalha. Tolo, digo eu, tolo é quem se deita a perder por causa d'elles. Com'agora esses do Porto. Que cavillas tu, oh Manuel?

«Abicamos, não sem tempo. Nos intencionados commentarios d'aquelle tosco malicioso, começava a estontear-me o apparente, o amargo cynismo. Flôr maldita, luxuriante e rutila, brota da desillusão radical da miseria. Da leiva negra come a vida, suga as tintas metallicas; mancha, desde a infancia, a lisura da primeira innocencia; occupa e alarga. Qual, na microscopica myriade de suas facetas flammejantes, a nodoa mortal, a

bonita nodoa amarella, grumerulosa e intensa, com que ao espelhado da porcelana o denunciadôr Marsh manda que o turve o crime do arsenico.

*

« Mas não me abandonou. Quiz apresentar-me a don Sebastián.

« Cedi. Por fraqueza? Por alheamento? Possuir-me-hia? Terminei por visitar o collegio jesuitico.

« Arejado, limpo, com as suas espheras armillares reluzentes do desuso, com as suas Madonas santificando todos os cantos, deixa a impressão, inquietadôra, d'uma falsidade escarolada, d'uma hypocrisia amavel. Agrada e repugna, como o lavado da potassa, como o desinfectado pela alfazema.

*

« Finalmente, don Sebastián deixou-me tambem. O que a obsequiosidade atormenta! A horrivel coisa de ser polido quando tudo se nos despedaça! Não achas tragico que, na bôcca que nos sabe a sangue, deitemos, por um conta-gottas, o mel graduado dos hierarchicos cumprimentos?

« Pois vê tu! A essa hora, quantas lagrimas choradas, quantos lares desertos, quanta vingança martellando ferros, os adeus furtivos dos que se vão, perdidos, no mundo! Feliz aquelle que, na terra, para lhe dar nóvas dos de cima, rebusca, commovida, a raiz do cypreste!

*

« Não soluces. Parece mal. Passam. Podem vêr.

« A tua companhia é funesta; e começo a notar que me pégas a tua lepra sentimental e idealista.

«Por piedade!, repara, por um instante, repara como vôa a doida traquitana!

«Na planturosa paisagem, o que distrahe um carro á desfilada!

«Tilintam os chocalhos, entretecidos a toda volta das esparvonadas alimarias, tam magras que se imagina que, sem as enriquecer, vão legar a carcassa ás primeiras das innumeras poças que matizam o chão.

«O automedonte clama, injuria, supplica o cavallo do tronco: — *Conselheiro!* Bribão! Cuidas que me enganas? Eu já te ensino a fingir, condemnado!

«Tilintam os chocalhos; a traquitana range, saltando de lado a lado, a menear a cabeça, a dizer que não quer, que está velhinha, que não serve já para folias, que não vae mais, que tem mêdo. Mas o chicote estala, os cavallos fumegam, as imprecações cedem o lugar ás bôas palavras: — *Conselheiro!* Amigo! Agora bem! *Conselheiro!* Que chegamos! Que estamos chegados!

«Na paisagem planturosa, orlando as estradas, rindo-lhe nos olhos, ao fugitivo embalando-o da musica das côres, beijando-o da cariciosa volupia dos perfumes, oh como é bem ir n'um carro á desfilada!

*

«Abancados na *fonda*, pela tarde, volvi a vêr o unico companheiro de carruagem. Continuamos a estar sós os dois.

«Era elle um homem alto, encorpado, loiro, imberbe quasi, sorridente sempre.

«Fôsse da minha aborrecida preoccupação do momento duro que atravessava, o seu stereotypado sorriso pareceu-me mesmo enigmatico, ironico, irritante.

«Farto, talvez, de esperar por que eu encetasse a conversa, do que, indisposto, me guardei, o meu commensal, ao postres, ergueu-se, abriu a maleta que trou-

xera do quarto e pousara sobre uma cadeira, retirou uma garrafa, ordenou que lhe servissem dois calices:

« — O senhor ha-de-me fazer a fineza de beber commigo um dedal de aniz, disse para mim. O aniz, proseguiu, o aniz é a esoterica ambrosia de que cantam os poetas. Sem um trago de aniz sobre o jantar, a vida é absurda. Quando digo um, poderia dizer, com melhor propriedade, dois. Não lhe parece?

« Reencheu as copitas e tornou:

« — O senhor é portuguez? Manifestamente, redarguiu por mim, o senhor é portuguez. Os portuguezes conhecem-se logo; eu, pelo menos, conheço-os todos. Que é certo que já estive, de passagem, em Portugal. Não é má sociedade, essa de Portugal. Bom vinho tem. Bom vinho! Mas pessimo chocolate! Se bebessemos terceiro calice!

« Encheu e corroborou:

« — Pessimo chocolate! E, sem aniz pela tarde e sem chocolate pela manhã, não será a existencia um atroz supplicio, diga-m'o, senhôr?

« Aqui foi o meu desastre. Porque entendi dever fallar:

« — Pelo aniz (divergi) ignoro-o; mas, pelo chocolate (concordei) estão os senhores, os hespanhoes, excellentemente. O Matias Lopez...

O meu até então placido interlocutor não me permittiu concluir; escavacou, de punhada valente, a dobra da meza; e, medindo-me com uma raiva medonha:

« — Eis ahi, gemeu. Eis ahi o que eu não posso ouvir. Mas é a minha sorte! O meu lugubre fado! Até n'esta terra deixada! Dos labios d'um forasteiro!

« Mirava-o, interdito. Resfolegou, encarniçou-se:

« — Esse eterno thema! Esse thema odioso! O Matias Lopez! Sempre o Matias Lopez! Na verdade, acredita o senhor que a noite pára a lua, só para o Matias

Lopez? Crê acaso tambem que foi o Matias Lopez quem tomou de empreitada os céus e a terra?

« Enfurecia-se; estava violando a escala do conveniente; e tu sabes como é necessaria a pragmatica para a marcha moral.

« Se bem que o conhecesse de momentos, entristecia-me por elle. Que pêna! Uma pessoa que parecia tam bem educada!

« Mas acalmou-se e honrou-me, dignando-se explicar-me a sua ira. Consequentemente, commigo estabeleci que ella não era senão logica e fundada.

« Resumiu, com um desdem supremo, em soberania:

« — O senhor não conhece. Não póde conhecer. De resto, tantos serão os que estejam em condições?! Mas é que esse que o senhor citou (como se chama elle? Ah! Sim. Matias Lopez), esse infeliz, verdadeiro infeliz!, não passa d'um ignaro. D'um absoluto ignaro nos segredos da legitima manipulação do chocolate. Não chegou ao alpha. Como attingirá o omega?

« E, depois de uma pausa inquiridôra, no silencio, triumphou.

« Explodiu, mas com magestade:

« — Emquanto que eu, senhor, (para que aproveite a sua vinda a Hespanha, sabendo com quem está fallando), eu, sim, eu é que sou o alpha e o omega do chocolate. Tudo lhe direi, dizendo-lhe que tem na sua presença Gutiérrez & Gutiérrez, de Cuenca, o primeiro, o unico, o verdadeiro, o real e genuino chocolate de toda Hespanha e toda Cuba!

*

RALLENTANDO.

A nevoa sommava-se; e era curioso, por entre a sua capa, mais e mais densa, o tremeluzir dos pharolins

*

vermelhos, ardendo no alto e no fim das ruas distantes, que ali arborescem de mastreações.

O meu cachimbo apagou-se; não o podia ir accender ao cordeame dos navios; e — pense-o! — isto, n'aquelle momento, um tanto febril, era-me d'uma grave contrariedade.

Entrementes, reouvi a voz do meu companheiro. Com assobiante desprezo, grifava-me a narrativa:

— Que banalidade! Que deploravel banalidade! E, ao menos, não tornaste a vêr Gutiérrez & Gutiérrez?

« — Escuta, querido, redargui-lhe, com subito azedume. Não te interessará jámais a banalidade, que é a vida?

« Desequilibrado, regala-te com as mésinhas d'uma therapeutica caseira. Volve a orbitar n'uma parranice sadia. Accommoda a tua imaginação (pretenciosa!) a que monte, sequer uma vez, sobre o tolerante espinhaço d'um jumentinho pacifico que retouce, modesto, as hervagens, ainda frescas do orvalho e já ensolelhadas que é maravilha.

« Calcúlo; e, previdentemente, saho-te, antecipado, á colera da replica. Preferirias que ou, na catadupa furiosa, rolasse a imprecação dos ululantes remorsos ou, na olympica apotheose, rebentasse, estridente, festivo, retinisse o clarim. Não amas mais que a pompa das odes symphonicas, bem sei.

« Mas se esvoaças! Se tu não pairas ao de sobre o turbilhão pardo e anonymo; e se só aos grandes, aos ultimos, aos excepcionaes é licito exhibir, poderosos e castos, a alma a nú! Tens a epilepsia fruste, meu pobre amigo; gosas ainda de uma burgueza saude. Ora, se a aguia é simples, os melros são trocistas; e, perante os possiveis estranhos, o commum está obrigado ás discretas, ás pudibundas reservas.

« Pois considera que, quanto a Gutiérrez & Gutiér-

rez, de Cuenca, se o não tornei a vêr, soube d'elle, ao deante. É mesmo o fim do episodio.

*

VIVACE.

« No seguinte dia ao da revelação do seu nôme prestigioso, parti, pela madrugada. Na primeira estação colhi o trem para a cidade.

« Advertira-me o *Alpha e o omega do chocolate* de que, se um dia fôsse á capital, não tocasse a outro ferrolho do que o de *la Sylva*, pouzo modico e honesto.

« Escusado será dizer-te que me dei préssa em orientar-me para a estalagem indicada.

« Aconselho-t'a. Fica n'um bêcco, cujo distico se me esquivou, mas que dá para aquella conhecida travessa, notavel por este nome, commum em Castella, mixto e extranho: *Calle de la Rua*.

« Nas escadas surprehendeu-me o tumulto de uma festa. Batiam as pandeiretas; estridulavam as castanholas; o soalho, todo, tremia do sapateado enthusiasta das dansas.

« Penetrando na sala de jantar, sahiu a receber-me o hospedeiro, vestido de monarcha sarraceno. Logo, Sua Magestade musulmana me pediu desculpa de não tirar a corôa, porque estava pouco segura, e, mal lhe bulisse, dizia poder estragar-se. Um tanto suado tambem, accrescentou o imperante que receiava constipar-se.

« Apresentou-me, seguidamente, sua esposa, que, arrastando o manto classico de arminhos, me perguntou se queria cear: — Certamente.

« Fervia, á roda, uma multidão fusilante de negrinhos, toureiros e gitanas.

« Eu justifiquei:

« — Este *paradero* foi-me recommendado por um ca-

valheiro que é hospede aqui habitual, ao que me disse, e muito conhecido da casa.

«Calou-se um longo espaço de palpitante curiosidade. E, no solemne da espectativa, o rei mouro atreveu-se:

«—Talvez, talvez don Nicomedes, um senhor que anda pelas camisolas, de Barcelona, barba toda, negra...

«Respeitoso, rectifiquei:

«—Peza-me dizer que se engana Vossa Magestade. O cavalheiro de que fallo é quasi imberbe e tem o cabello loiro. Viaja pelos chocolates.

«Não te calculas, ao reconhecimento, o grande grito de jubilo.

«O rei mouro revirou, em extasis, os olhinhos; ganiu, baboso, para sua madama:

«—É Abelardo!

«—É Abelardo!, assentiu, em côro, a variegada assistencia, emquanto a rainha, sahindo precipitadamente, precipitadamente voltava, com o braço estendido para mim; agitando na mão um trambolho immenso; convicta, bradando-me:

«—Para elle, senhôr! Veja, senhôr! Quando o mar dá, onde quer que esteja, lhe mando uma. Esta segue ámanhã.

«Era uma lagosta cozida, rubra, enorme.

*

«N'essa noite reconciliei-me com certo theatro francez. Percebi que tambem elle fixara as situações verdadeiras, o comico flagrante da vida.

«Desde o bérro do patrão até ao crustaceo da patrôa, achas tu, com effeito, nada mais Scribe?»

*

Mas, molhado, o meu cachimbo não se deliberava a consentir que o espertassem. Os phosphoros, regeitando-se, protestavam, de sua banda, contra a teima impiedosa em os não reintegrar, commigo, no tepido da casa. E a nevoa era já agora insupportavel.

N'isto, do concavo do sino grande da torre de S. Lourenço começaram de pingar, reboantes, pacatas e profundas, as doze pancadas mysteriosas.

— É a hora de Erasmo voltar a pagina, disse-me o companheiro, reportando-se á superstição popular.

E, de escape, ciciou-me, subtil, a lenda da *bôa gente de Rotterdam.*

« — Bôa gente, resinguei eu, bôa gente, quanto queiras. Mas nada bonita. Estes hollandezes, feios bichos!

Já me não mais attendia, porém. Evidentemente, recahira. Em que estaria scismando? Na dupla consciencia? Na identidade da substancia?

Como o mais, a philosophia hoje democratisou. Tudo, portanto, podia ser.

Mas, fôsse no que fôsse, temi perturbal-o. A contar de certa data, está morbidamente susceptivel.

A humana maldade é corrosiva; dilacera como o vitriolo; queima como o ferro em braza. Com o tempo, no coração ferido, esbranquiçada, livida, fetida, subjacentemente purulenta, repulsiva, rechina uma empôla, da escaldadura. Quando uma alma chega a tanta desgraça, nem com uma pluma se lhe ha-de roçar, que tem o brio em carne viva.

Consolei-me, pois, com chocarrear, contrafeito e canhestro, como um prisioneiro jocoso:

« — O doutor vira a folha. Vamos nós virar a coberta? »

Senti que accedia. Eu, mesmo, começava a achar-me domado do somno.

Recolhi o queima-guellas. *Eximus.*

*

Quer crêl-o?

Á porta do hotel, como, um apice, me distrahisse a attender não sei para quê, encontrei-me só.

Seria o envenenamento do somno? Sonharia já, acordado ainda?

Mas afigurou-se-me — coisa irrisoria, quadro grotesco — afigurou-se-me que o meu incrivel socio marinhara, n'um impeto impulsivo, pela trama do vasto viaducto do caminho de ferro e que, d'um relance, logo encarrapitado no cucuruto do capitel d'um dos seus nove pilares, cabriolava, com a simiesca felicidade d'um satyro, sobranceiro ao rumôr de Noorder Eiland, indifferente ao risco de fazer-se pedaços.

Illusão malevola seria, irritado da abrupta ausencia.

De sua conta, não me sobresaltei, de resto, grandemente, habituado ás suas bizarras extravagancias, cujo exito acabou por me dotar, a tal respeito, de uma estragada confiança.

Contentei-me, assim, em, para o longe, para o longe, admoestal-o de cá: — *Cuidado, maluco!*

Entrei. O mordomo entregou-me, com mesuras hieraticas, a chave. Dormi, com santa, condigna beatitude.

*

E, agora, que tambem me reputo desacompanhado (n'este indivisivel, o chimerico!, por onde se perderá *elle?*), aproveito a curta liberdade.

Constatei-me a coberto das suas importunas reprehensões. Baixei logo um quebra-luz na emoção; e, á sua

claridade lactea, riscada a pauta, deu-me rebate de conrapontar-lhe o ephemero relampago d'um sorriso melancholico.

Interessada, esfarellou-se-lhe, ao de cima e á roda, a bruma dôce da região. Satisfez-me o desconnexo fastidio, nos tempos que correm, de symbolismo e de nuvem.

Prompto, escrevi, portanto, com um bemol na clave. Lêa trilhando o pedal da esquerda. Mas não o induza em erro a inveja dos que murmurem que não vale gastar tempo com as frivolidades incaracteristicas d'uma pagina sem invenção.

Offerece o typo exharmonico, porque um semi-tom seria já atardar-se, não seria? É um scherzo em menor; e exacto?

Attenda onde a melodia interrompe. Penetre, decifre-lhe o sentido. Ou, antes, rompendo, avalie, mesmo, se o suspeita, a composição toda como um ardiloso pretexto.

Eis ahi. Confesso-o. Motivo mais sério a determinou, na verdade.

Foi o de inquirir, de si, collega, se não será ensejo de apurar um ponto melindroso.

Á despedida, a mim, ingrato esquecido!, que lhe sorvi o aniz e até hoje lhe não tractei da questão, pediu-me, com extremo empenho, que lh'o soubesse Gutiérrez & Gutiérrez, de Cuenca.

É o caso: — Não se poderia combater, emfim, a influencia nefasta do Matias em Portugal?

Averigue-o e diga-m'o, para que o transmitta onde de justiça.

X

Azevedo

Não só do chocolate tiram vaidade os nossos visinhos. Com o café de suas colonias se ensoberbecem igualmente. A zarzuella cantorêa que

No hay mejor café
Que el de Puerto-Rico.

Não o pensa assim Paris. E se, para o chocolate, se abasta com a caseira fabricação, em contraste da, espessa, teimosia, que equivale á inexperiencia, para o café, ao ter, naturalmente, de o buscar fóra, prefere dirigir-se ao Brazil.

Desde o seculo XVII até hoje a genealogia famosa dos Ménier reputou-se sem concorrente a recear. A não ser para a chrematistica, no seu inutil theoretismo, mau grado o plano do imposto sobre o capital, mau grado a propaganda juvenil de Yves Guyot, rotinario inauguradôr. Para o café, os stocks do Havre surtem a França.

Se a influencia da republica da America actúa sobre a republica da Europa nos dominios méramente economicos, a supremacia da nação genial exerce-se na mentalidade brazileira por os modos mais varios, de toda a

maneira. Segura e permanente, fixa e irreductivel, qualitativa e quantitativa, com intensividade proporcional á extensividade.

Systematisou em doutrinarismo philosophico, subordinando a especulação individualista a um criterio synthetico homologo. Como a Allemanha, por Krause, embaciou d'um nimbo de metaphysica idealidade a mente hespanhola, assim a França, por Comte, disciplinou, esclareceu, tornou elastico, maleavel e impulsivo o espirito da juventude brazileira.

No amarello vivo do novo estandarte inscreveu-se o lemma da escóla: *Ordem e progresso*. E foi das bancadas academicas que a remodelação integral das instituições politicas e dos typos sociaes seus connexos procedeu, orientada na dialectica, guiada no combate pela probidade mental e moral, immarcessivel, de Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

Mal a construcção emergia sequer da terra feraz a cuja sollicitude foram confiados os alicerces; ainda montados, desfeiando, os andaimes resguardadôres, sossobrava nas anciedades da empreza longa o mais emerito dos seus trabalhadôres. Morria Benjamin Constant.

Este acontecimento teve a distinguil-o no momento da historia da democracia brazileira em que se produziu uma significação culminante. Parecia constituir, em agoureiro annuncio, um grande desastre e provocou em todos os espiritos reflectidos considerações que não parece ocioso registrar no papel.

Sem duvida o que retirou ao facto do trespasso do eminente cathedratico e grande iniciador a possibilidade deploravel de possiveis deploraveis consequencias foi, de seguro, o modo de ser politico-social da nação que o perdeu.

Sempre que uma sociedade dada se encontra, no seu arranjo politico, constituida de fórma que as energias se condensam na séde do seu governo, do qual procedem, por

uma larga parte, a iniciativa e a regularisação das actividades comprehendidas pelo perimetro social, a existencia do grande homem impõe-se como uma necessidade commum. O paiz trabalha, todo, em produzir essas capacidades dirigentes cujo desapparecimento inopinado se transforma n'uma verdadeira catastrophe collectiva.

A França é então um exemplo regularissimamente homogeneo da estructura politica dita. Desde Luiz XI até Colbert, a velha monarchia, quanto á unificação nacional, realisou o plano mais sabiamente conduzido do mundo. E a tradição não se quebrou pelo advento da democracia; antes ella conservou o terreno legado, para o transmittir, sem alterações, á acção regressiva do primeiro imperio, que, em balde, forcejou por levar a absorpção até aos paizes limitrophes.

Na democracia franceza a tradição robespierrista da republica una e indivisivel conserva-se integralmente quasi; e as tentativas da reconquista da personalidade local e provincial são cuidadosamente reprimidas e abafadas. Desde a inopportuna scisão girondina, inopportuna e já mesmo criminosa, attentas as circumstancias do momento. Até o movimento contemporaneo do 18 de março.

E, n'este, é preciso não esquecer que difficilmente poderão os federalistas modernos revindicar para o seu criterio os homens do Hotel-de-Ville. Não insistirei com a existencia, na Communa, d'uma delegação dos negocios estrangeiros. Confiada a Paschal Grousset, mancebo ardente bem difficil de vislumbrar no actual collaborador do conselheiraceo *Temps*, esse ministerio permitte que se explique pela permanencia dos prussianos á roda de Paris, pela necessidade de negociar com elles. Mas, sem embargo, fallemos com a independente sinceridade critica, já compativel com o transcurso historico. O facto é que nos combatentes, que haveria de perder a inepcia de seus dirigentes, quando não mesmo a franca traição,

como o azedo Vésinier, malevolo gibboso, parece, infelizmente, demonstrar com respeito a Dombrowski; o facto é que por toda a massa pelejante, na convergencia d'uma aspiração geral e de conjuncto, transparece mais a ideia de dotar, de vez, a cidade de Paris com a preeminencia, politica e social, da capital da França sobre as restantes localidades, desdenhosamente taxadas de *ruraes*, conforme o congresso dos hediondos reaccionarios, seus representantes, todavia, em Versalhes.

A não ser as, por senilidade, balbuciantes fracções socialistas que ainda se atardam nas pégadas de Proudhon ou os grupos, densos, que, mais ou menos integralmente, se reportam de Karl Marx e, recentemente, os discipulos, apoucados em numero, da philosophia positiva, ninguem em França parece lembrar-se de reagir contra a absorpção de todo o paiz pela capital. E n'esta, como corollario inevitavel d'esse funesto erro, contra a integração das individualidades, subordinando a sua autonomia a uma personalidade culminante e directora. O espirito publico vem, de longa data, educado n'esse sentido e nem se comprehende, visto que não ha creações do nada, o apparecimento d'estas individualidades typicas, um Bonaparte, um Gambetta, senão como o producto consciente das necessidades inconscientes da multidão, orientada por um poder politico, alto e forte.

Vou adeante d'um reparo, que aqui se me poderia offerecer. Bem sei que as circumstancias actuaes da França exigem uma severa concentração das energias collectivas. Aquelle paiz tem ás portas um inimigo poderoso, e o seu animo cavalheiresco, cuja critica tambem conviria fazer, não lhe permitte o obliterar da ideia de lavar, em trecho, mais ou menos, breve, a sua memoria historica da humilhação da derrota que, favorecido por circumstancias especiaes, o adversario tradicional logrou emfim, ao cabo de excepcionaes esforços, inflingir-lhe.

Tem, pois, de sustentar em pé de guerra um exer-

cito formidavel e de condensar, portanto, nas mãos dirigentes do Estado toda a iniciativa e toda a direcção, para que a acção, prestes a realisar-se, seja una e regular, condição primordial do exito.

Esta situação é lamentavel; mas, se se não póde prescindir da sua consideração, é tempo perdido o declamar a seu respeito.

Por outro lado, além d'esta consideração, de si particular á França, ha outra, que se applica a todos os povos hoje e que cumpre não largar de vista.

Como se sabe, ao inverso do que, no seu estylo prophetico, dizia Rousseau, o homem por toda a parte se encontra em ferros, mas a liberdade não nasceu com elle. Antes, aos poucos, é que a vae adquirindo desde que se agrupou em fórma social. O modo por que essa acquisição se ha indo fazendo tem sido até agora o mais tumultuario no facto e, o que é peor, o mais theoricamente irregular possivel. Um povo opprimido insurge-se afinal contra os seus oppressores, arrasta os tyrannos em ondas de generoso sangue vertido e, uma vez repercutido o colerico estampido, esse povo encontra-se perplexo, de si mesmo desconfiado, sem saber o que tenha de substituir á ordem de coisas que não teve mais do que a força de derrubar, por não possuir uma ordem de ideias positivas a offerecer-lhe.

É d'esta anarchia mental das revoluções que emergem as odiosas restaurações, que o povo soffre impaciente, como uma audaciosa negativa ao que frustradamente intentara.

A causa d'esta anomalia é a mais simples; ella consiste e procede, funda-se e consubstancia-se com a ignorancia do povo.

A multidão é, com effeito, mantida pelos governos tradicionaes na mais crassa das ignorancias. Ella não tem, a vigiar-lhe o criterio, o esboço sequer d'um systema de pensamentos concretos; ella não vê, ácerca do

mundo e do homem, mais do que os erros, as rotinices do chamado bom-senso, que é, em grande parte, a accumulação das banalidades consuetudinarias d'uma observação imperfeita e d'uma experimentação revisenda. Depois, desvairam-a as crendices d'uma superstição religiosa que bebeu com o leite. Está por isso incapaz não só de chegar á construcção theorica de quaesquer concepções organicas mas nem mesmo sabe como ha de emancipar-se das trevas que a circumdam e lhe escondem um futuro, para o qual, todavia, experimenta as mais nobres e as mais justas aspirações.

D'este estado, a necessidade, lastimosa, de tutores, os quaes, afim de conservarem em tutella o menor que exploram, se absteem cuidadosamente de lhe ensinar mais do que o indispensavel para lhe multiplicarem a expansividade de trabalho a taxar. Tudo, assim, mira ao alvo da especialisação crescente da cultura, da technica; mas nada de lhe fazer abrir os olhos á detestada luz das bôas verdades geraes, consoladoras e fortificantes.

Conclue-se que, n'estas condições, a solução não póde residir senão na acquisição do governo social por uma ordem de ideias que, correspondendo ao sentir da multidão, ponham ao serviço da mesma as energias accumuladas pela tradição no Estado. O Estado, volvido então de explorador da massa no seu fiel serviçal, fará a educação popular e creará, d'est'arte, gerações amadurecidas pela sciencia e pela sciencia adquirindo o grau de robustez cerebral que habilita o homem a prescindir de mestres que o levem pela mão, pois se acha desde logo no caso de marchar sósinho.

Então não se percebe mais a necessidade do grande homem; a sua existencia não será uma fatalidade social e o povo não continuará á mercê das catastrophes individuaes, o que é a negação mesma da democracia.

O presente governo em França comprehendeu, com o mais judicioso criterio, esta questão. Póde-se dizer,

sem erro, o que já se tem feito aliaz, que a primeira republica deu ao povo francez a terra, a segunda o suffragio, a terceira o ensino. Se bem que, logicamente, o que faz a republica actual devel-o-hia ter feito o movimento de 1848. Em vez de se perder em chimeras e sentimentalidades, dotando o povo immediatamente d'uma arma, que, por d'ella se não saber servir, só foi util aos tyrannos que, assim, conseguiram, como no caso dos plebiscitos imperiaes, dar uma apparencia de vontade nacional aos seus caprichos mais insensatos e aos seus crimes mais hediondos.

E eis-nos chegados ao corollario pratico de tudo o que precede.

A instrucção popular é o grande objectivo para que tem de convergir o esforço da democracia, feita governo por circumstancias historicas, estas ou aquellas.

No Brazil, encontrou o terreno a monte. Urgia tudo desbravar, arrotear.

Entre nós, na phase da candura, nos seus bons tempos, os redactores das *Farpas* definiram d'uma vez a instrucção official, dando-lhe o nôme que lhe compete: uma *canalhice* publica.

Relacione-se, com effeito, o numero das creanças a educar com o numero de escólas que funccionam, pobremente, por esse paiz fóra. Constate-se a miseria indecorosa em que se deixa vegetar o desgraçado professor primario, obrigado a fornecer papel, pennas e livros aos alumnos em extremo necessitados. Verifique-se a não existencia de sérias escólas-modelos em que lá fóra (no aonde estas coisas gravissimas, de que depende o futuro mesmo das nacionalidades, se attendam como merecem) se criam os preceptores idoneos e á altura da missão que se propõem. Veja-se, por outro lado, como os dinheiros publicos se malbaratam em conservar, fomentando-lhes o desenvolvimento, todas as instituições sociaes de caracter retrogrado e anticivilisante. E diga-se

se as palavras duras não sobem aos labios e se as violencias de phrase não lembram naturalissimamente.

Quando se sobe do exame da instrucção primaria para o da secundaria e mesmo, em certa medida, para o da superior, analogo espectaculo desolante se offerece á nossa consideração. Os planos de estudo são redigidos n'um espirito atrazadissimo, humanista e rhetorico, que deixa, ao cabo da disciplina de annos pela frequencia dos estabelecimentos chamados de ensino, o individuo que a elles concorre inteiramente desarmado para o aspero conflicto da vida moderna. De nenhuma das theorias circulantes no mundo contemporaneo do entendimento se dá integra, proba conta ao que procura que o eduquem. Immobilisam-o na repetição automatica de velhas doutrinas cacheticas, hoje sem significação e sem prestimo.

Sahe-se d'essas aulas estereis sem uma noção clara, sem a acquisição d'um principio justo, mas cheio d'um palavreado ôcco, irritantemente pretencioso, com que se dissimula a carencia absoluta de criterio, a falha inteira de generosos principios prolificos.

O menino premiado, abandonando os bancos dos nossos lyceus, offerece este lastimoso espectaculo: — se o mandarem trabalhar, arrancar da concorrencia dos interesses o *quantum* necessario á sua persistencia no aggregado social, elle, incapaz para o labôr mercantil, sem o conhecimento d'um officio, sem a longa aprendizagem prévia d'uma profissão, achar-se-ha duramente embaraçado. Ou mendigará pelas secretarias ou será vergonhosamente batido pelo primeiro chegado, desde que portadôr d'uma divergente scentelha natural. Até que, reorganisando o seu criterio na inclemente experiencia, unica escóla de que se recebem as lições reproductivas, elle tenha enviado ao mais profundo e ao mais justo esquecimento vingador toda a farrapada rhetorica que foi buscar aos lyceus.

Se se quizer entregar ás meditações independentes, ás abstractas emprezas da sciencia, da philosophia, da arte, elle, no tôpo de dois minutos de reflexão e exame de consciencia, verificará, com amargura, que tem de recomeçar integralmente a sua educação mental, não se achando, ao partir das escólas, de posse nem d'um principio exacto nem, miserrimamente, d'um methodo de trabalho.

Senão, veja-se: entra-se para os lyceus nas melhores disposições, n'esse periodo confiante em que a curiosidade intellectiva começa a despertar-se, com toda a vivacidade das primeiras suggestões. Deseja-se saber, investigar tudo, encontrar explicação aos variados phenomenos que solicitam a intelligencia das creanças.

Mas logo este primeiro movimento d'uma aspiração tam a aproveitar é destruido pela tortura do estudo doutrinario das linguas a que se adstringe o neophyto. A primeira coisa de que alli se tracta é de corromper a curiosidade mental com os artificios por que se geram os pedantes.

A lingua portugueza é geralmente ensinada sob todas as preoccupações humanistas das escólas jesuiticas. Segue-se-lhe o arido, o inutil, o absurdo, o criminoso ensino do latim, que gasta annos e onde se acaba quasi sempre, por perder o gosto para novos trabalhos intellectuaes.

Não ha muito que a geographia e a historia eram fornecidas por antigos ripansos idiotas, o miguelista Sacra-familia, o Doria conspicuo. Gastava-se no estudo da esphera de Ptolomeu o melhor do anno lectivo e era-se reprovado irremediavelmente, se se não soubesse ao que é que chamaram os antigos o Ponto-Euxino ou quantos filhos teve Noé, aquelle que recolheu n'um batel exemplares de todas as especies vivas.

Nos elementos de physica, chimica, zoologia, botanica e geologia, que se atrapalha tudo n'uma cadeira,

vae-se, ainda hoje, o tempo a descrever apparelhos, nas suas mais accessorias minudencias. A machina d'este, o barometro d'aquelle, o areometro d'aquell'outro. N'essa encelleiração fastidiosa de factos desconnexos, só por acaso se ministra ao alumno a claridade d'uma doutrina geral que coordene esses factos e os torne intelligiveis.

A historia das litteraturas é alguma coisa alli de phantastico; o que se deseja apurar é quantos sermões prégou, afinal, o padre Vieira e se João de Barros é Tacito, Livio, Suetonio ou que diabo é elle.

Fallar do que se intitula philosophia racional e moral é tarefa que não tentarei, tanto me fallece a coragem. Basta que se saiba que o Estado usa mandar, nos seus programmas, as opiniões já feitas. Decreta-se a demonstração; commina-se multa á duvida e *raposa* ao espirito de analyse. Lembro-me d'um d'esses programmas periodicos que preceituava: — Demonstrará o alumno que a religião catholica é a unica verdadeira (textual). De resto, o leitor esclarecido comprehende que seria barbaridade empregar a faina do typographo a definir o que seja essa mystificação chamada pelo legislador philosophia.

Ora, este estado miseravel da instrucção secundaria têm-se proposto os parlamentos successivos minoral-o, se não podessem de todo reformal-o n'um sentido alevantado e scientifico.

Reunem-se commissões; fazem-se discursos; apregoa-se, por fim, a victoria.

Agora é certo. Sobre a douta assembléa, quiçá devido á presença de varios legisladores tonsurados, esvoaçara d'esta feita o santo espirito das inspirações superiores. Concorda-se em que se conseguira emfim confeccionar uma sabia organisação do ensino, que não deixa nada a desejar. Antes mette n'um chinelo, confundindo-os de vez, a todos os descontentes que costu-

mam andar por ahi a murmurar que da deliberação collectiva de assembléas tam sabedoras como as que, desde que o constitucionalismo funcciona entre nós, se têm precipitado umas atraz das outras, raramente surdiu a bem da instrucção nacional projecto proveitoso e valorisavel.

Afinal, vae-se a vêr o que esses senhores elaboraram, depois de tantas meditações e no fim de tantos discursos.

Então, apercebe-se, com pasmo, que suas excellencias, com uma nobre iniciativa e um largo criterio, não fizeram coisa nenhuma. Decididamente, não se póde ser mais fecundo.

Quero dizer, quando affirmo que os legisladores postos isochronamente no andar da rua não fizeram nunca coisa alguma a bem da instrucção, varios lances ficam a rectificar.

Apontarei um, transcendente.

Comprehendendo que, n'um paiz livre, a instrucção não deve ser patrimonio de classes, elles, por uma mesquinharia fiscal, divertem-se, de quando a quando, a levantar o preço dos exames. Pelas propinas, tornando-os só accessiveis ás classes ricas. Fechando, com impiedade implacavel, as portas dos estabelecimentos publicos de ensino aos filhos da vil canalha que tivesse velleidades criminosas de fazer ascender na escala social os seus representantes moços.

Como esta engenhosa medida de repressão critica podia ser prejudicada, sophismada nos seus intuitos, annullada nos seus effeitos pela coexistencia de aulas particulares aonde se refugiassem os que a instrucção official repellia de si, empenharam-se em submetter essas aulas á auctoridade do Estado. De tal fórma que se não podesse abrir uma nem funccionar a aberta já sem que o Estado, por intermedio dos seus delegados, encarregados de velar pela felicidade publica a tantos mil

reis por cada anno, outorgasse a sua permissão, omnipotente.

Aqui se sommem as carradas de rasão dos que, n'uma falsa recriminação, mysteriosamente apologetica, concedem já que em Portugal, até á dictadura Lopo Vaz, nada havia a invejar a quem quer que fôsse, pelo que se refere a liberdade civil.

Sem a auctorisação do senhor inspector do lyceu, eu não podia communicar o B A-BA. Sem o beneplacito do senhor inspector do lyceu, eu não podia desfazer a ignorancia alheia. O senhor inspector do lyceu tinha, pela lei, o direito de entrar em minha casa, a vêr o modo como eu ensinava. Se entendesse que eu propagava doutrinas funestas, elle cerrava-me o escriptorio, trancava-me a janella, cortava-me os viveres. Punha-me os alumnos em debandada e mandava-me philosophar solitario. Tu tens a liberdade de expôr as doutrinas que professas, garante-t'o a lei fundamental. Mas com a restricção de que essas doutrinas sejam as que o Estado julgue convenientes.

Assim o explicava um artigo especial d'uma lei de instrucção, famosa. Mais do que celebre, illustre. Progressista. Pois que o lexico ahi o torça a politica e chame tambem regenerador a um partido conservador.

Quer vêr, meu caro, se o duvida, essa pouca-vergonha, esse descaro legislativo?

Aqui o tem:

«Art. 57, § 8.º Aos inspectores incumbe mandar lavrar autos de noticia contra os directores e professores dos institutos e escólas particulares que se tornarem indignos da educação da mocidade, ensinando doutrinas offensivas da moral, da religião e da constituição do Estado».

Tal qual.

E do modo como essa domesticação do professor rebelde houvesse de ser feita, e das *calupnias* que paga-

ria, quando reagisse, os senhores legisladores, excellentes creaturas que um dia terão o seu pago, encarregaram-se de o estabelecer em disposições diversas, que, por decencia, lhe não transcreverei.

Este continúa, infelizmente, a ser o tom dominante dos espiritos nas espheras officiaes.

Em face das resistencias e dos protestos suscitados pela lei mais tola, mais odiosa e mais indigna das fabricadas, nos ultimos annos, pelas hordas que, da copa do chapeu alto dos ministros do reino, invadem o pardieiro de S. Bento, já então era caso de, previsôramente, nos congratularmos. Na época, relativamente proxima, o espirito publico começava a manifestar claramente que se dispõe a estar acima das instituições e dos homens que as representam.

Quando, em qualquer paiz tal succede, á medida que essa elevação, mental e moral, dos governados se opéra, parallelamente se opéra tambem a descida dos governantes, que acabarão por desapparecer sob os escombros do edificio que se desmantela, felizmente.

Successivamente mais vasto, ha já hoje, fóra da orientação official, todo um mundo (cuja influencia é decisiva) de nobres espiritos que reagem contra esta parvoice organisada que, no nosso paiz, pompêa de Estado. Em sua tarefa generosa, pelo medo não seriam os arremedos da então comica tyrannia, que, á primeira hora, começavam a exhibir as matilhas dissolutas que cabriolam ao torno da realeza, não seriam esses repugnantes arremedos capazes e bastantes a demover as actividades sinceras, votadas a um glorioso proposito.

Assim, então appareceu n'essa cidade, sobre a referida reforma da instrucção secundaria, um magistral trabalho do nosso correligionario, o meu querido, dedicado, leal amigo, Julio de Mattos. N'ella eram expostos e castigados como mereciam os despauterios inacreditaveis da lei votada na sessão anterior.

O dr. Julio de Mattos, uma das mais sérias intelligencias da geração nova, habituada á reflexão e, na exposição dos principios attingidos, dispondo d'uma lucidez que se revela na limpida perfeição do estylo, incomparavelmente sobrio e elegante, condensava, n'aquelle seu livro, os artigos marchetando a dispersão do periodismo politico. Refundira-os e accrescentara-os, de modo a dar á estampa um estudo completo, rigoroso, logico, inspirado n'um criterio eminentemente philosophico. Sobre a reforma alludida e sobre as suas consequencias no futuro.

Demonstrava, como, segundo a sua feliz expressão, a referida lei de instrucção secundaria, tentando ferir de morte a doutrinação particular, estava, no seu estreito egoismo, abaixo d'este tempo. Por indicações precisas, deixava amostrado qual o methodo que deveria presidir á reorganisação integral do nosso ensino dos lyceus n'um sentido scientifico e democratico, quando do assumpto se viesse a cuidar com tino e competencia.

Esse trabalho, que fazia honra ao propagandista critico, modernamente orientado, do positivismo entre nós, corroborava mais uma vez a alta opinião, já de ha muito formada, ácerca da solidez das suas aptidões, hoje assente definitivamente no primado dos estudos portuguezes nos labyrinthicos envencilhamentos da medicina psychologica.

Naturalmente, passou despercebido. Devia, porém, ser lido e meditado por todos os que se interessam pelos destinos da sua patria.

Cumpria que o fôsse, afim de que as illusões, por tantos ainda mantidas, começassem a ser abandonadas, comprehendendo-se que não é do *statu-quo*, interessado em conservar, intacta, a ignorancia publica, que se deve esperar remedio a esta.

Urgia então; urge hoje e sempre disporem-se, pois, todos os homens de bôa-vontade a eliminar todo o exis-

tente agenceamento, artificial, de instituições anachronicas. De tal maneira que, em liberdade e sem resistencias estorvantes, possam ser aproveitados para o trabalho, para a educação e para a moralidade os elementos de vida da nacionalidade, hoje explorados a beneficio dos parasitismos variadissimos que tem levado o paiz ao estado de prostração em que elle se encontra.

Uma vez ultimado esse indeclinavel prolegomeno de varrimento, diffundir a instrucção popular, em todos os graus, emancipada, nas aulas do Estado, logo que possivel, de toda a communicação religiosa que a vicie e deturpe; tornal-a no grau secundario gratuita, no primario gratuita e obrigatoria; dar-lhe um aspecto concreto e pratico, de acquisição facil, de inicio curto, de applicação constante; a ella subordinar todo o trabalho: aqui é que reside o segredo de fundar alguma coisa de duradouro, aqui é que está o processo, penoso mas unico, de virilisar o homem, imprimindo-lhe um cunho persistente.

Dizer isto não é ainda annunciar tudo. Porque a doutrina exposta pareça implicar, o que não está, de modo algum, em minha mente, um criterio barbudo, um exclusivo, invejoso separatismo sexual.

Com effeito, um dos assumptos para que tem de applicar-se a attenção reflectida da democracia portugueza, que, desinteressadamente, se propõe levar a cabo, quando governo, uma serie de reformas tendentes a reorganisar em bases duraveis o edificio vacillante da nossa nacionalidade, é, com certeza, o da educação da mulher lusitana. No sentido de, por um desenvolvimento integral de suas faculdades atrophiadas, robustecer-lhe o criterio, hoje maculado das mais grosseiras superstições e das crendices mais obsoletas.

A França, pela relativamente recente organisação dos seus lyceus femininos, acabou de dar um exemplo nobilissimo, que não póde deixar de ser suggestivo.

Attenta a extraordinaria influencia que aquelle paiz exerce em todas as civilisações mundiaes, e muito especialmente na raça latina. Esta alli encontra, senão generalisado, mas só individuado, o poder das grandes construcções syntheticas, philosophicas e sociaes, pelo menos a faculdade, importantissima, de tornar claras na theoria e praticas na execução as ideias que, em outras partes, primeiro chegam á sua conclusão abstracta, abstracta e desproporcionada.

Entre nós nada de util se tem nem levado a effeito nem mesmo sequer pensado a sério em tal respeito.

Ahi as gerações recebiam sem as discutir as ideias tradicionaes; e tudo o que, de leve até, sahia fóra da rotina trivial é ainda por muitos tomado á conta de devaneios sonhadores de cabeças utopicas. Ha depois, apesar das incontestaveis melhorias mentaes, um preconceito idiota de que as novas ideias, emittidas pelos dissidentes da orthodoxia do uso, o são unicamente com o intuito pessoal e mesquinho de pôr em evidencia os nômes dos que as propagam. No fundo, esta explicação, que dispensa o exame das novas doutrinas, é um pretexto sob que se abriga a preguiça cerebral das classes dirigentes.

Felizmente, porém, os esforços tentados de ha relativamente tanto tempo vão, pouco a pouco, produzindo os seus effeitos naturaes. Outra coisa não quer dizer a adhesão (todos os dias crescendo em numero) de convertidos, das classes que trabalham, no paiz, a principios que, rompendo com todos os erros que as gerações nos legaram, serena, violentamente se encontram de posse d'um enorme tracto de terreno, laboriosamente conquistado.

Ora, um dos pontos sobre que mais se entrincheira a rotina é aquelle que relega a mulher nas rudimentares attribuições sociaes que, ao presente, lhe incumbem.

Negando-lhe fundamentalmente o direito de se approximar do nivel intellectual e moral que dá a supremacia social ao homem, hoje que, normalmente, a força bruta não ousa fazer-se valer na sua simplicidade selvagem.

As consequencias d'este modo de vêr são deploraveis; elle leva a considerar a mulher como um méro objecto de prazer, desmoralisando o criterio e fundando conscientemente a degradação mental de successivas gerações femininas.

Inventa-se assim a palavra de emancipação das mulheres. Dá-se a entender que os grandes pensadores que, como o, ahi, aliaz excessivo esperançoso de Stuart Mill, se têm insurgido contra a perpetuação da inferioridade do caracter feminino (o qual, na medida do possivel, se não procura corrigir pelos processos educativos) iriam ámanhã, se os deixassem, já já, organisar restrictos parlamentos de mulheres, exclusivamente confiar ás mulheres os destinos civicos, pondo-se elles tristemente a fiar na roca.

Mas, por mais absurdo que isto pareça, este é o criterio das classes dirigentes; tal o ensino é que os nossos litteratos amam ministrar á população.

Todavia, é da comprehensão do destino social da mulher que, em grande parte, depende o desenvolvimento da civilisação. De modo que Fourier pôde traçar um quadro harmonico da evolução humana, tomando por caracteristica dos successivos estadios sociaes o papel arbitrado á mulher, a sua progressiva independencia, o grau de respeito a ella consagrado.

É uma das glorias do christianismo o haver contribuido a tornar solidaria a humanidade, pela suggerida intuição de que as eminentes qualidades affectivas, se bem que parcellaristas, da mulher tenderiam, convenientemente regularisadas, a exercer a disciplina moral do homem. A edade-média, no periodo heroico das castas

vencedoras, assignala-se pelo respeito da mulher, elevado á categoria de um culto, que a renovação religiosa de Augusto Comte se propunha restabelecer.

Ora, observando, por este aspecto, o desenvolvimento humano, nós, como em tudo, sômos feridos pelo facto d'uma progressão, ininterrupta na relação da sua linha geral, nos grandes troncos differenciaveis. Desde o primitivo modo de ser, em que a mulher não passa d'um instrumento de trabalho até hoje, que ella chegou a um ponto relativamente culminante, pela sua crescente dignidade dentro do grupo familial.

É tam absurdo, pois, acreditar que este desenvolvimento se não desdobrará mais, como seria o suppôr analogo estacionamento no periodo grego ou na fórma germanica da familia, já agora persistente, comtudo não conservando, por inteiro, os traços originarios.

Negar á mulher, em absoluto, a aptidão para os trabalhos do espirito, ou mesmo proceder da sua relativa improductividade intellectual, nos periodos anteriores da humanidade, para lhe fixar o seu desenvolvimento ulterior é não entrar em linha de conta com a subalternisação que uma educação insufficiente (cujos desastrosos effeitos se accumularam, aggravando-se, hereditariamente) havia de trazer por força, como corollario inevitavel e logico.

Ainda assim, os casos esporadicos d'uma expansão do cerebro feminino são já tantos e tam brilhantes que elles abastam de criterio. A todo aquelle que se dá ao incommodo de reflectir um pouco.

Não me deterei mais do que no nôme de mademoiselle Clémence Royer, a auctora da *Theoria do imposto*, premiada, pelo cantão do Vaud, de parceria com o trabalho similar de Proudhon. Sabia prefactora e miuda annotadora da *Origem das especies*, de Darwin, nos congressos especiaes, o snr. Virchow ou o snr. de Quatrefages não discutiam facilmente com m.elle Royer as mais

aridas, as mais delicadas questões da paleontologia ou da anthropologia prehistorica.

Nos dominios da arte, por onde principia sempre a elaboração pensante, o Brazil possue, na pessoa de dona Julia Lopes, um romancista, opulento de merecimentos e de merecimentos da elevada especie dos que incrustam as paginas da chronica da *Familia Medeiros*.

Entre nós, porém, não se passa, por emquanto, da comprehensão de que a mulher é um bello animal, inconsequente e caprichoso, que convém fique definitivamente preoccupado de figurinos e rendas. Não indo além do mundo pequenino que lhe talham e tendo por toda educação do gosto o martellamento de operetas estapafurdias no manicordio de familia. Como por toda comprehensão da sociedade e da natureza as quatro ideias confusas que o seu cerebro extrahe d'uma litteratura futil, de novellas sem critica e de versalhadas sem sentimento humano e verdadeiro.

De tal fórma se viciou o criterio que, considerada a mulher como um objecto de luxo e prazer, o que realmente é uma insolencia se transforma n'um preito e homenagem.

Não foi assim, e é uma das suas grandes forças, que o genio catholico comprehendeu a mulher. Elle tem sabido, com o profundo conhecimento da alma peculiar á egreja, interessar a mulher nos mais altos destinos humanos, inoculando-lhe, acrysolando-lhe essa fé que ainda hoje lhe dá dominio no mundo.

O resto d'uma burguezia degenerada, sceptica e hypocrita, debalde procura seduzir pelo apparato do luxo, pelas mil frivolidades petulantes das modernas existencias ricas, o reducto temeroso da alma feminina, a unica que mantem, firme e intemerata, o seu ideal antigo.

E d'uma tal maneira a constancia e a dedicação feminina a disciplinam e fortificam que é a mulher quem revindique a iniciativa das regressões ao passado, que,

felizmente em vão, se tem querido tentar depois da grande explosão de 89.

Já ahi, o papel social da mulher é enorme, quer d'uma quer d'outra fila. Alentando os constituintes. Propellindo Condorcet, Roland e os girondinos. Incitando a Montanha e Robespierre. Ou, desgraçadamente, armando os vedeanos para a lucta sinistra, para a rebeldia negra. Uma das qualidades notaveis de Michelet consiste precisamente em ter reconhecido e assignalado este facto.

A nós, revolucionarios, cumpre não perder de vista este ponto de orientação. Assim, longe de procurar manter o espirito da mulher nas trevas interiores em que o catholicismo o submergiu, haveremos, pelo contrario, de ministrar-lhe, sob uma adequada educação integral, a elasticidade, compativel, de comprehensão e exame, a que o homem tem attingido.

Nenhum modo de ser social novo póde ser durativo e benefico sem a collaboração, sem a cumplicidade feminina.

Se, para ultimar o seu processo de cristallisação, a burguezia conservadora necessita da espantosa inferioridade da mulher de hoje, a Revolução, que nada mais é do que o livre desenvolvimento das aptidões humanas, não póde, sem se desmentir vergonhosamente, ter exclusivismos egoistas e interesseiros.

No grupo familial, a mulher carece d'uma independencia, progressivamente ascendente. Essa expansão acarretará, necessariamente, mais tarde, uma energia correlativa nas vastas zonas politicas e sociaes. Esta é a tendencia moderna, para que, mais ou menos conscientemente, convergem as disposições, mais amplas, dos codigos, a lei do divorcio, a entrada das mulheres no processo criminal, nas profissões liberaes, etc.

A este respeito, um episodio só bastará para nos elucidar, d'uma maneira restricta, é certo.

Pela transformação do modo de producção, sob a influencia transitoria do capitalismo, em regimen de fabrica, a vida de domicilio das classes pobres soffreu uma modificação prodigiosa.

A' mulher já se não póde confinar nas quatro paredes de sua casa. Sae, como o homem, para o trabalho. Ganha habitos de independencia e direcção propria, que, fatalmente, se repercutem no seu modo de ser familial.

Hoje, essa repercussão manifesta-se por uma fórma lastimosa, fomentada, logicamente, pela burgueza mystificação caritativa dos asylos-créches. Mas ella contém em si os germens d'uma transformação familial, tam indeclinavel como a da familia romana; e, segundo, justamente, o observa o grande espirito de Karl Marx, ahi se condensa todo um desenvolvimento ulterior.

Na classe burgueza, o typo feminino, dentro d'uma familia cujas condições de existencia não variaram fundamentalmente (na fidelidade intrinseca, porventura diversas; na apparencia estructural, as mesmas) conserva, com maior ou menor pureza, a sua expressão primitiva. Sómente, a grande producção, embaratecendo o preço dos artigos de luxo, tende a desenvolver-lhe os habitos de fausto, que pretendem reproduzir a grandeza das aristocracias extinctas. N'esta obra de dissolução da tradicional physionomia burgueza, estreita e dura, mas austera e simples, concorre uma litteratura amaneirada, que procura, em pura perda, resuscitar a vida fatua dos salões e recrear uma aristocracia, das vaidades da burguezia enriquecida.

Todavia, a mulher burgueza, tal como a quer produzir essa litteratura artificial (que não busca inspirar-se das grandes necessidades do seu tempo) amiga das banalidades ruinosas, insensivel a tudo o que não sejam os trapos que a modista arranca a um trabalho extenuante d'outras pobres mulheres proletarias, para as

quaes o sol não tem alegria nem a noite repouso, é uma monstruosidade social que só encontra uma attenuante na inconsciencia.

Resumindo, é obra democratica tudo o que se resolver no sentido de ampliar integralmente o espirito feminino, como é obra de retrogradação tudo o que se esforce por perpetuar a condição mental da mulher dos nossos tempos.

D'essa educação prévia dependem, indissoluvelmente, todos os corollarios, de ordem familial, civil, politica e social, concernentes á situação da mulher nas successivas phases da civilisação. Seria, pois, tam absurdo induzir, das considerações antecedentes, que nós desejamos vêr a nossa sala de S. Bento, campo das glorias constitucionaes, povoada ámanhã de saias como é supinamente inepto tentar ridicularisar hoje as ideias a que o futuro reserva o seu dia.

De fórma que, ainda, a conclusão, pratica tambem, do que deixo dito é que a todo o Estado sabiamente organisado, com um plano de trabalhos visando menos ao momento transitorio da sua applicação do que ás suas consequencias remotas, a todo o Estado em taes condições cumpre estabelecer a educação da mulher em bases positivas, de geito a que, depurando-se, se lhe fortaleça o criterio.

Eis o que começou a fazer a França, como indicado ficou já, inaugurando os lyceus para o sexo feminino. Comprehendeu, portanto, que não ha democracia estavel onde o espirito publico labora nos prejuizos tradicionaes. Sentiu que o unico meio de prevenir, de supprimir a eventualidade das sublevações armadas é o de preparar os homens e mulheres do paiz. A, conscientemente, orientarem a acção do Estado no sentido do bem-commum. Pelo suffragio, uns. Pela acção (indirecta mas tam efficaz) do convencimento do espirito de seus maridos e de seus filhos, as outras.

Este deve ser, quanto a mim, o angulo dentro do qual a questão tem de cahir.

Tudo o que não seja isto, ou não passa de rotina inconsciente ou é retrogradação manifesta.

Insistindo, só com a instrucção, intensiva para os que a actual normalidade social predispõe, extensiva para os restantes, integral para os dois sexos; só assim é que se habilita o povo a prescindir de tutelas. É só assim que o Estado póde ser util e beneficente, na medida em que, affirmando-se, elle se nega. Quer dizer, em que, preparando os homens a deliberar e a resolver os seus interesses, como membros d'uma sociedade, ou pelas forças proprias de cada um ou pela synergia da cooperação em associação, consoante os casos respectivos, o Estado, gradualmente, desapparece diante de emprehendimentos livres, successivamente ascendentes.

Até este *desideratum*, a necessidade transitoria do Estado impõe-se a todos os espiritos desprevenidos e meditando um rato.

O que é, portanto, d'uma urgencia social evidente (posto isto) é que o governo das sociedades reverta a mãos puras, que, na fiscalisação das camadas mais cultas, aproveitem, em beneficio commum, as forças collectivas, hoje exploradas por uma oligarchia de impudentes, para sua vantagem pessoal, méramente.

Importa isto dizer que o estabelecimento da Republica é a condição inadiavel de qualquer trabalho, sincero, a bem das multidões operosas. No nosso paiz, como em todas as nações, similarmente collocadas á nossa.

E, então, uma vez esse grande passo dado, o que está fazendo a terceira republica em França é o que teremos de levar a effeito. N'um plano nitido e sem demoras em sua execução. Affeiçoando, pela instrucção popular, a nação a governar-se por si-mesma.

Sem que o grande homem lhe seja preciso mais, do que nos puros dominios do espirito, na arte, na philoso-

phia, na sciencia. Sem que ao genio, irremediavel, o exija para o meneio quotidiano. Visto que as applicações, concretas, ao governo social, dos principios, elaborados pelas sciencias, serão os primeiros chegados a fazel-as. Nem com titubiamentos nem com hesitações de qualquer especie.

Esta libertação do espirito publico trará comsigo a independencia progressiva das localidades absorvidas. Cumprindo notar que, desde os primeiros passos da nova ordem de coisas, para se enraizar, ella carece de dar uma justa satisfação ás tendencias de autonomia especifica, conforme lentamente se vae operando em França, onde não vive como entre nós tam accentuada, apesar de tudo, a tradição da regalia municipal.

Realmente, é absurdo que a sorte d'um povo esteja dependente da vida d'uma personalidade, por mais eminente. Cumpre, verdade verdade, amanhar o lavradio para que estas incongruencias vão desapparecendo, até final extincção.

Se isto parece absurdo, mais insupportavel se torna que no espirito publico radiquem abusões, convergentes no sentido de representar o desapparecimento de elementos anarchicos como uma verdadeira calamidade collectiva. Eis a face opposta da mesma questão em que resvalamos. Olhemol-a.

É, franqueza franca, notavelmente digna de reparo a contradicção que se observa na nossa imprensa (tam fluctuante, de resto) sobre as opiniões ácerca d'um homem publico emquanto vivo e depois de morto.

O que hontem foi taxado das culpas mais negras, aquelle que se demonstrou, com todo um rigor cruel, que era um inutil, um impudente, um renegado e um bandido passa a ser, no dia seguinte ao do seu trespasso, o mais inclito dos varões illustres.

Fazem-se desfilar procissionalmente as suas qualidades domesticas; avoluma-se-lhe um ou outro serviço ci-

vico; e acaba-se com reclamar o Pantheon para o fallecido.

No fim de tudo, sabeis, os que lêdes, o que esta contradicção demonstra uma vez mais? É que o nivel moral do nosso paiz continúa, nos de cima, descendo d'uma fórma assustadora. Com elles, estamos em pleno regimen da mentira.

Feuerbach disse, d'uma feita, que a formula que explicava o mundo moderno era a hypocrisia. E, com effeito, sem sahir do microscopico mundo portuguez para fóra, nós observamos que, de alto a baixo, na peripheria typica, sobresaliente, a hypocrisia domina, soberana.

Uma burguezia sceptica affecta uma fé viva; a familia, desorganisada e hostil, apparenta de harmonica. Nos costumes, uma ostentação fatua encobre a miseria do interior; na educação, uma polidez refinada é o verniz sob cujo folhelho se abriga um egoismo selvagem; na instrucção, é o palavriado rhetorico que finge de sciencia.

Hypocrisia o parlamentarismo; hypocrisia a liberdade, com ou sem decretos Lopo Vaz; impostura o exercito, com ou sem fiscaes estrangeiros; impostura suprema a riqueza publica, fundada em papelinhos inconvertiveis.

Uma corrupção profunda invade tudo, e, quando, dos aspectos verdadeiros da vida, a arte, na sua irreverente feição realista, começa a levantar as mascaras, toda uma multidão de sobresaltados (no Brazil, para o Azevedo do titulo, o jesuita Senna Freitas dos opusculos), toda essa nauseabunda cafila apressa-se a protestar, a titulo d'uma ultima hypocrisia, o decôro.

É assim que, entre nós, desde que um homem publico morre, ninguem se atreve a dizer, bem alto, o que elle realmente foi durante a sua vida.

Acostumou-se esta gente a acreditar que ha alguma coisa superior á verdade. Acostumou-se a acreditar que

seria uma infamia sem nôme apontar um cadaver á indignação, á reparadôra execração das consciencias rectas.

Todos nós comprehendemos que, quando uma carruagem funeraria roda para o cemiterio, quando uma familia se desola, o silencio é um dever humano. Mas nada mais. Porque sahir d'esse silencio para se dizer do morto exactamente o contrario do que se dissera na vespera, de duas uma, ou é confessar calumnias ou é escrever protervias. Se repugna o espectaculo de Paul de Cassagnac vomitando injurias sobre o caixão de Thiers, não repugna menos esta falsificação do juizo publico ácerca dos que desapparecem. Cynicamente, por intermedio de panegyricos pondo um bizarro ponto final nas diatribes.

Mas, logo fechado esse parenthesis luctuoso, a critica retoma os seus direitos e formúla, a respeito do que finou, a apreciação exacta.

D'esta comprehensão da justiça é que resultam os corollarios proveitosos. Ella é a punição dos vis; é ella que tem de suster, pelo receio dos severos julgamentos na solemnidade dos tumulos, aquelles que as tentações fazem vacillar; ella é a grande escóla em que se ha de formar a mocidade e a agua lustral de que á consciencia da nação cumpre sahir retemperada e pura.

Agora, se nada d'isto se dá; se um falso pudor nos prohibe a justiça; se nada importa tecer uma existencia d'embustes, de vilanias e de traições, que, sejais o que sejais, a apotheose se vos decretará por egual, que consagração vos merece a honra e que premio offereceis á virtude?

Bem sei que ao justo nada o afflige o desconhecimento de suas qualidades nem a alma recta segue a aspera linha que se traçou, para ter direito ás vossas ovações. Mas vós é que não cumpris um dever; mas vós é que á juventude que entra na vida a encaminhais

pelas veredas tortuosas e pelos invios desvios de que se sae coberto de opprobrio.

Guardai, pois, guardai as vossas lagrimas para os que morrem na brecha, tendo votado a sua alma á defeza da verdade, tendo, no absoluto desinteresse, feito sua a causa dos opprimidos, dos desherdados e dos infelizes. Para esses é que, cobertos de injurias, de sarcasmos e de maldições, as nossas saudações se reservam. Para os martyres obscuros, para os vencedores impollutos; para os heroes altruistas, para os despremiados apostolos.

É deante da memoria d'esses ignorados, da fama d'esses precedentes anonymos que nos sentimos commovidos; é no desfilar recolhido dos que acompanham os seus feretros, modestos ou altiloquos, que nos queremos incorporar.

Aos triumphantes do egoismo não se erguerá, em torpes acclamações, a nossa voz humilde; mas aos vencidos da virtude ella renderá orgulhosa vassallagem.

Ah! Realmente, nós vivemos todos n'um tempo singular. Todos, fômos chamados a assistir á agonia d'um velho mundo, de injustiça e oppressão, que resiste e, desesperado, procura prolongar uma existencia que, a todos, nos affronta.

D'esta differença, entre o que a nossa consciencia nos indica como a verdade justa e o que encontramos realisado na sociedade de que fazemos parte, produz-se, espontaneamente, uma prostração moral, que corrompe, até o mais intimo, a maioria das vontades e das intelligencias.

Não se tem fé no que existe e não se confia nos homens que sustentam este *statu quo*. Mas diz-se que não virá talvez melhor; o receio do desconhecido immobilisa-nos no erro e no mal.

E aqui se vê o quanto a morte exerce um papel benefico na marcha geral da humanidade.

Chega um momento em que os mais audazes e os mais perspicazes, vendo a obra do seu sedentario ideal constituida, adormecem no facto consummado. Se sahem d'essa modorra de consolação beatifica em que os deixou o ultimarem a sua tarefa, é para reagir contra os que, recemchegados e abrangendo um mais largo horisonte, pedem para se marchar para deante.

Ora, similhantes homens, tornados rotineiros, dispõem da grande força de orientar a opinião, no pezo bruto. Pelo seu prestigio, pelo renome de seus passados serviços e, principalmente, por darem a expressão, politica, litteraria e scientifica, ás ideias, atrazadas e confusas, da maioria da gente educada por elles. Succede que a minoria culta, que, aspiracionalmente, representa o porvir, não os combate com armas eguaes.

Que importa que essa minoria lhes sobreleve nos merecimentos proprios e no ideal antagonico?

A rotina é surda; e todo um mundo de mediocres obscuros applaude o mediocre triumphante.

Mas é aqui que a grande lei do progresso se affirma, pela selecção dos organismos melhores e pela extincção irrevogavel dos menos perfeitos.

A morte encarrega-se de eliminar da concorrencia das ideias os estorvos funestos.

Aos poucos, os homens que representam o passado desapparecem; e as instituições que elles amparavam de suas energias, inatacaveis, mercê do fetichismo incontradictavel, encontram-se a descoberto. Isoladas e fracas deante de adversarios que proseguem a caminhar, resolutos.

A morte d'esses personagens não é, portanto, por maiores que fôssem seus talentos individuaes, caso para lastimas e chóros. Longe d'isso; ella deve rejubilar todos os que collocam acima dos homens as ideias, servindo, em consequencia, a causa do futuro.

Assim como no organismo animal não ha senão mo-

tivo para contentamento com a atrophia de orgãos definhados e doentes, substituidos, logo, por outros na integridade physiologica, assim no organismo social nos não deve penalisar a eliminação d'aquelles apparelhos, isto é d'aquelles cavalheiros, que não representam senão caracteres inferiores.

Não é por outra fórma que se opéra o progresso das civilisações. Nem, desde a cellula até á sociedade, a vida, com o seu caracter perfectivel, se perpetúa senão pela morte.

Revertendo, no caso particular, de que parti, para todas estas modestas considerações, a questão é symetricamente opposta. Não se tratava do prejudicial cuja eliminação seria util, mas do util cuja eliminação seria prejudicial.

Felizmente que a falta enorme que a democracia brazileira então soffreu não foi irremediavel. De maneira que só uma paixão inintelligente ou uma má fé revoltante poderiam, como na Europa, aliaz, se fez, deduzir, da morte do homem, a morte da ideia que elle representava.

Com certeza que tal deducção se não podia fazer.

Porque a democracia brazileira, amadurecida pelo saber e pela experiencia, descortinada do longe mas ao longe estudada, contava e conta, no seu gremio, intelligencias verdadeiramente magnificas, que d'ella fazem a *élite* pensante do seu paiz. Não só por isto. Mas tambem, o que é essencial, porque, apesar do seu curto transcurso concreto, a republica, ainda assim, havia no Brazil affirmado já bastante a sua existencia para que o espirito publico podesse comprehender, como o fez, que uma das grandes superioridades do systema republicano consiste em mandar prevalecer nas consciencias e nos factos politicos as ideias sobre os individuos. De fórma que, sendo a democracia uma série de verdades de observação, que a logica entrelaça n'uma ordem theorica, as

individualidades só se contam, menos pelo que, por si, valem do que pela fidelidade a principios, communs a toda a gente.

Esta salvadora comprehensão tornou-se no Brazil tanto mais accessivel quanto a facilitava o independentismo pessoal, roburado na autonomia geographica, coisas connexas, mais do que connexas, tradicionaes. Visto como o provincialismo imperialista fôra o protoplasma do federalismo republicano.

Quanto ao grande homem, viu-se, mais uma vez, que elle não procede já por intuições pessoaes, que não revele aos profanos, mas pela sua submissão á sciencia, que é patrimonio commum de todos.

Essa era a força do positivista Benjamin Constant, pae espiritual da juventude intellectiva brazileira, particularmente da militar. Isso o que fez com que o espirito publico, como não visse morrer os principios que o norteavam, não considerasse findo nem ameaçando extinguir-se o que esse nobre caracter, servido por uma poderosa intelligencia, tanto contribuiu, senão para consolidar, pelo menos, para firmemente estabelecer. Discipulo seguro de Comte, em faina de conciliar para o seu paiz a ordem com o progresso.

Se, por Comte, a França penetrou a moderna ideação philosophica e social do Brazil, por Zola domina a espiritualidade esthetica das novas camadas de além-atlantico.

Como succede com Portugal, a Inglaterra ahi só influe intercurrente, intermittentemente. Ao ensino da França amorosamente se volta logo, porém. Na politica como na arte; na humanidade, fervente, da conspiração como na extrahumanidade, placida, das abstracções.

A aspiração republicana inicia-se com a convergencia para a gente saxonica, pelas candidas, commoventes gestões do pobre e nobre estudante da Maia, nas cartas e entrevistas por elle suscitadas com Thomaz Jefferson.

Mas na victoria, felizmente, desfecha pela subordinação, orientadôra, ao latinismo, na sua suprema synthese construida pelo genio encyclopedico de Comte. Todavia, nos mesmos momentos episodicos da influencia ingleza, se observa como ella não quadra sequer aos ouvidos brazileiros. Resumindo-se no illustre nôme de Franklin toda a gloria de um povo, toda a historia de uma nação e tambem o porvir de toda a America, dizia-se, comtudo, então *Monsieur Franklin.*

Embora os labios, como que, na expressão imaginosa do snr. Norberto de Sousa, em sua esplendida monographia, como que saboreando as doçuras de uma nova patria, de uma patria dilecta, gostassem de repetir os appellidos dos esforçados e illustres collaboradores da independencia da colonia ingleza, faziam-os irreverentemente estropiados, por estranhos aos tympanos latinos.

Nas espheras tranquillas da arte, este mesmo antagonismo, na mente brazileira, das duas grandes civilisações europêas continúa, pelo tempo em fóra, a manter-se.

Assim, para o romance é Caetano Lopes de Moura quem abre o caminho, traduzindo pela primeira vez, sendo o primeiro a espalhar no publico dos seus naturaes as novellas estranhas. Elle foi para o Brazil o que Ramalho e Sousa foi para Portugal. Nacionalisou, no conhecimento e no gosto, a Walter Scott. Mas se a Scott, se ao reverso americano, isto é a Cooper, tambem, desde 1837, se fartou de verter os romances francezes e até allemães. Não esqueceu a mesma M.me de Genlis. Vulgarisou Marmontel e Chateaubriand. Chegou mesmo até Kotzebue.

Creado o genero para a actividade independente dos brazileiros, o primado francez prosegue.

O eminente expositor critico do Brazil litterario, o sabio e percuciente tudesco Fernando Wolf não póde desconhecer que, emquanto se lograria, muitas vezes, comparar, por exemplo, as obras de Teixeira e Sousa ás

dos romancistas inglezes, sobretudo de James, no mais importante Joaquim Manoel de Macedo é força distinguir a influencia de modelos francezes, mesmo a imitação d'um auctor especial, como Pigault-Lebrun. Para com a poesia, a mesma coisa. No Garrett brazileiro, isto é no dr. Gonçalves de Magalhães — o que implica uma comprovação fundamental, pelo logar culminante occupado pelo poeta — observa-se a substituição do effeito inglez e francez antes ou depois da elaboração esthetica remodeladora.

Assim, antes da conquista do romantismo em seu cerebro, ao poeta obumbrava-o a influencia das *Noites* de Young. Depois da sua transferencia romantica, o livro cuja direcção se lhe apercebe mais insistente, larga e profunda é, de certo, o livro, entristecido, sim, mas clareado de esperança, das *Meditações* de Lamartine.

O ultraromantismo, o desespero byronico penetra, menos tempestuoso, pela mão enluvada de Alfred de Musset. E Shakespeare só tarde se generalisa nas leituras.

De começo, encontro-o, com Byron, com Shelley, em Alvares de Azevedo. A seus conceitos se engrenam, d'elles derivam magnificas composições: *A cantiga do sertanejo; Vagabundo; Lembrança de morrer.*

Mas n'esta fabulosa precocidade, n'esta inverosimil actividade, n'este monstro de genio o que não encontrar?

O seu caso é pessoal, todo. Não desmente a observação generica. Para Shakespeare estende-se, mesmo, a toda a America.

Só ultimamente se deram a reconhecel-o e, como quem chega tarde pretende indemnisar-se, sahiram-se com conjecturas imprevisendas, desnorteantes.

Com effeito, não feriu, ahi, as vossas attenções e não alarmou as vossas curiosidades a singular noticia que, ha pouco tempo, appareceu nas columnas dos periodicos politicos?

Espalhavam, a centenas de exemplares de estampagem typographica, que um excentrico, estranho reeditor americano se propunha demonstrar, a breve trecho, por uma fórma terminante e orgulhosa, que Shakespeare não existira nunca. A obra, em cujo portico rutila este nôme, pertenceria, impensadamente, aos ocios de Bacon, geradores de assombros.

Indiscretos prenunciaram desde logo maravilhas de artimanha interpretativa em tortuosas cryptographias, pelo *yankee* desenvencilhadas e alumiadas.

Como quer que fôsse, assegurou-se, assegura-se ainda, poisque a hypothese correu mundo, assegura-se que, tarde ou cedo, se irão rasgar, com indignada colera por uma tam longa abusão, as paginas biographicas do psychologo incomparavel.

Não se trata já do pobre comediante, malquisto da fortuna e dos homens, chorando, a sós, um destino proscripto (soneto XLIII).

Engenhosa hermeneutica substituiu-lhe mais conspicuo personagem.

Conforme o declara no soneto XLVIII, outro meio para a sua existencia não possuia o poeta mais do que o do recurso publico que alimenta uma vida publica. Era isso que fazia que o seu nôme trouxesse um estygma e que a sua natureza estivesse, por assim dizer, *marcada do mister que exerce, como a mão do tintureiro*. Agora, as doridas queixas, os raptos orgulhosos, as vehementes apostrophes á piedade amorosa da unica opinião, para que o cantôr se não fazia adrede surdo, indifferente, togado em desprezo, todas as anciadas exclamações, todas as altivas mostras da consciencia profunda de si mesmo não virão, assim, a offerecer, aos olhos dos leitores futuros, mais do que fingimentos rhetoricos ou abstrusas allegorias. Iniciativo, tal o golpe do americano exquisito.

Mas, se á physionomia tradicional do poeta vier

quiçá a acontecer legitimamente o que era privilegio dos deuses, esbatendo-se n'uma bruma symbolista, o que se não alterará é o tom da sua obra. Seu caracter indelevel menos se vincula ás minucias dos accidentes pessoaes de quem quer que azo teve de a emprehender e concluir.

Em toda a maneira, não vos causa reparo esta subtil coincidencia de que pouse a duvida de lunaticos sobre a realidade, precisamente, d'um tam excepcional, poderoso evocadôr de realidades?

Este caso deve produzir, de fóra a fóra da Inglaterra, uma commoção sincera nas mentes cultas.

Entre nós, affigura-se-me que não tirará a ninguem o somno, essa divina consolação que, no mysterioso encanto da immanente idealidade da sua linguagem sem preço, o vate qualificou de immaculado,

> ... the innocent sleep;
> Sleep, that knits up the ravell'd sleave of care,
> The death of each day's life, sore labour's bath!
> Balm of hurt minds, chief nourisher in life's feast.

Abafada a asthmatica espontaneidade imaginativa do nosso povo nas proscripções fanaticas d'um poder intolerante, e, pelos processos d'uma educação propositadamente esterilisadôra, desorientadas as aptidões instruidas, ainda hoje soffremos da nefasta influencia do cultismo jesuitico, que circulou, a seu contento, nos regos cerebraes das gerações de nossos maiores.

Assim, as preferencias do nosso gosto, estimuladas pelo quasi exclusivismo (funesto, salutar) do conhecimento da litteratura franceza, talvez não encaminhassem, mesmo, na comprehensão de Shakespeare. Sua barbaridade, feita do aspero puritanismo saxonio e, dominante, da bondosa, ironica, melancholia celtica, inquietaria os nossos habitos modestos. Da França, por via de regra, não os prende a grande França; contentam-se com as

tisanas, doiradas e leves, que, no boulevard, fabricam, para exportação, varios vaudevillistas sem emprego.

Todavia, não é isto condição ingenita do particularismo sentimental da variedade, pela gente portugueza representada na amphyctionia européa.

É baralha a mescla de typos, tam radicalmente differenciados, quaes os que, por escalões, o episodio historico foi soldando entre si, de geito a firmar a cohesão nacional no pensamento unitarista d'um destino collectivo. Um elemento, porém, ahi existe que não tolera que sejamos, por completo, refractarios ao sentido da inspiração shakespeareana.

É manifesto que me refiro a esse factor ethnico, revelado no tom, pela insistencia monochromica quasi especificamente, dolente, vago, entristecido e devaneador, em que vibram certas oitavas do teclado poetico portuguez.

A leitura attenta das producções da musa popular entre nós acaba por intimar a correlação com os elementos similares, em que definidamente se exprimiu o genio de raças, cujo espirito na obra do bardo inglez se espelhou, indemne do menor embaciamento.

Certo que longe vai d'essa clara, recortada, demonstração de todo um mundo, perpetuando-se no acanhado melindre do seu isolamento, refugiando-se do hostil exterior na escavação da propria cruciada alma. No seu adorno, ainda assim, o volume de *Barzaz Breiz* encarregou-se de exhibir tal demonstração, colligidos os eloquentes testemunhos da sua existencia imaginativa e affectuosa. Longe vai, á face do sceptico paganismo, analytico e objectivista, dos que vieram a reproduzir a latina indifferença, mais susceptivel ao positivismo do governo do que ás incoherencias cantantes dos possessos de religiosidade.

Não nos empenhemos a esmiuçar as causas, de resto evidentes, da multiplicidade de seus aspectos. Mas é

egualmente certo que a tinta, naturalistamente mystica, da nossa poesia popular não foi capciosamente entornada sobre a composição dos artistas verdadeiros. E é irrefragavel a sinceridade d'estes, desde que technicamente se não reduziram ao esforço de dotar os seus cerebros da méra plasticidade imitativa.

Ainda o critico narrador das aventuras dos seus principes amados se nos depara com a vehemencia espontanea d'uma expressão colorista. Na ingenuidade do seu relato, a alma dos seus personagens, rythmica, concorda com a caracteristica modalidade da dos heroes cyclicos. Mas mesmo no idioma do chronista, typicamente, a imagem consubstancia-se com o pensamento, de molde a que os termos conjugados se não destaquem nem de leve e, desde inicio, a lingua se resolva na ideia. Tal o caso do venerando Fernão Lopes.

Então a suspeita de que se não formularam approximações artificiaes ensoberbece-se com ganhar pé no terreno das conjecturas.

Ha, porém, por ultimo, um facto eminentemente significativo.

A favor das esperanças messianistas d'uma nacionalidade abatida e oppressa, a apropriação emprehendida para com estranha lenda incumbe-se de fixar a solidez da hypothese.

Sei da pluralidade dos fócos de genese de similhante mytho. Mas nós estavamos em pleno seculo XVII e, afóra o que de espontaneo é proprio desponta, em toda a parte, nas concepções de similhante genero, aquelle era o élo não só affim mas quasi directo, pelo menos proximo.

Com effeito, do nevoeiro sagrado, que habita o novo Arthur, na encoberta ilha, onde foi esquivar-se da vergonha da batalha perdida, se não irrompe o cavalleiro andante, lavado da culpa, já fulgurando na armadura de oiro, com que tem de conquistar para o Quinto Imperio

a rebelde impiedade, desprende-se, para os espiritos reflexivos, mais subtil e incoercivel, o senso da affinidade electiva entre almas que o tempo projectou na distancia.

Entre outras, na sua cruel, estupida inconsciencia, as causas acima ditas apagaram, com ventura provisoriamente, estes traços da nossa physionomia esthetica. Por isso, alludi á provavel incomprehensão do poeta por parte da nossa sociedade.

As tentativas para fazer aperceber, na sua luz propria, a obra colossal de Shakespeare seriam, pois, no estado presente das relações da nossa mocidade letrada para com o poeta inglez, um verdadeiro serviço á publica cultura.

N'este intuito, collaborariam aquelles que, modestamente, mesmo, lhe vulgarisassem, narrativos, contractos, á Lamb, os themas, prolixos e embaraçados. N'este intuito, se integraria quem se propozesse relacionar o plano perfeito com as suas fontes originarias, amostrando a filiação da obra do artista, desde que do rude cahos, palingenesicamente, vem evolutindo em busca do avatar final.

Por onde começariam?

Porque não por *Cymbelino?* Porque não por essa asserenada excepção, pacificante e aquietadôra, onde Francisco Hugo, com um ineffavel fremito intimo, viu desapertar, cahir a bronzea mascara da fatalidade eschyleana?

Em sua marcha, esses trabalhadores viriam a topar com gente portugueza, se bem que no estranho idioma da *Diana* se houvessem de com ella entender.

E esta investigação, proseguida com um espirito modernamente critico, não seria o mexerico da morbida curiosidade com que se procuram no sol as manchas, no talento as deslealdades.

Aproveitaria na lição fecunda da morosa concorren-

cia em que a humanidade toda vai depositando no cadinho o melhor das suas ideias, o mais arachnideo das suas visões. Á espera da idonea hora em que o entendimento representativo, como ao genio capitula Emerson, tome á sua conta a gestação collectiva, a assimile, a desenvolva, a organise em systema, a mova na vida e a dignifique pela alma.

Este é o modo por que, nas zonas puras da arte, condensam as dispersas concepções destinadas ao futuro. Este é o conjuncto de condições proprias ao regime em que concretisa a chimera, em que crystallisa o sonho. Por via de processo analogo ao que no transcurso historico espiou Carlyle, quando poz penna a dizer-nos do que, na sua lingua pittoresca, expressiva, elle chamou a idealidade realisada.

Do proposito recommendado, outro ensinamento adviria aos jovens que se abalançam na carreira, improductiva e reproductiva, das letras.

Constaria da lição de que o assumpto, desejado, com tanta exaltação de transportes, com tanta exuberancia de ambição, está mais perto do que parece.

Basta, com effeito, olhar cada um em volta de si, pois menos estimavel é o tempo gasto no esteril pasmo deante dos modelos perfeitos do que a escrupulosa attenção prestada á vida das massas, aos esboços informes do povo.

Se entre nós constituem, ahi, uma irritante costumeira da pseudo-illustração as desenxabidas graçolas perante as manifestações ingenuas da musa plebeia, não é força, para corrigir o preconceito, o relembrar os estranhos exemplos com que a um Goethe advertem os bonecos de miseros saltimbancos.

Não é força, visto que, d'um logarejo á beira d'agua, Garrett recolha com a dadiva, pela pobre gente feita, da ideia-mãe da sua obra, para a grande arte contavel, para elle fundamental.

No Brazil, a necessidade moral do independentismo politico aos artistas approxima-os melhor da natureza ambiente sua peculiar. Volve-lhes a cabeça para as tradições permanentes dos autochtonos que despojamos. Assim nos ganham, dispensando os reparos criticos que esbocei supra.

Alexandre Herculano notara já este particularismo typico quando o frisou, elogiativamente sobre as poesias americanas de Gonçalves Dias.

Mas a convergencia procedia de mais longe. A dentro da renovação romantica, caracterisam-a as *Brazilianas*, de Araujo Porto Alegre. N'uma expressão de potente pujança, enroscada e forte, como as monstruosas serpes que a queimada acossa, mesmo

Na escura lapa d'emprenhadas furnas.

É o que os criticos allemães denominam pelo *nativismo* brazileiro na arte. No romance, Alencar, com o *Guarany*, integralmente, com as novellas, deseguaes, de Senio, ergue-se ás autonomas, continentaes alturas de Cooper. Elle é um poeta de genuina inspiração e de folego amplo. O poema de *Iracema*, lenda do Ceará, confirma-nos. Segundo o portuguez Pinheiro Chagas, a este livro «pertence a honra de ter dado o primeiro passo affoito na selva intrincada e magnificente das velhas tradições». Segundo o brazileiro Araripe Junior, elle é «como expressão do tropicalismo em litteratura, superior a tudo quanto escreveu Chateaubriand e o proprio Cooper».

Mas, mau grado as restricções imitativas da esthetica caduca das litteraturas européas cristallisadas, o exemplo é generico e a lição connexa.

Não tocarei por aqui o aspecto embryologico da questão. Ninguem o abordou com mais rasgadas intui-

ções do que a audaciosa, a espantosa erudição de Theophilo Braga.

Conservar-me-hei limitadamente no conceito mesologico.

O imperativo ethnico dota, com effeito a obra poetica dos brazileiros d'uma excepcional vehemencia. Ella eleva-se e exalta-se, mercê d'essa larga sympathia para com a objectividade, peculiar aos povos achegados á natureza. Pela banda americana, estando os de Santa Cruz proximos da infancia. Typicos, pois, pela exuberancia da gratidão, que se desentranha em hymnos, fulgurantissimos de pompa.

É alli como nos primévos monumentos aryas; a seiva espiritual d'uma bondade pantheista tudo enriquece. Ainda quando o poeta se deixou invadir das nossas exhaustas litteraturas, caducas de experiencia, a breve trecho, a incorrigivel vitalidade das suas immanentes energias especificas, quasi sempre, o retempera nas caracteristicas que lhe são innatamente proprias.

Meticulosamente, registra este facto capital uma hermeneutica judiciosa, quando se estuda o cyclo que abriu Alvares de Azevedo, dos seus pares o mais envenenado dos nossos livros.

Em Fagundes Varella, cuja desegualdade manda avultar a original compleição, se demonstra o asserto. E, quando observamos o caso de Castro Alves, a conclusão determina-se da propria disposição épica d'este exemplar symptomatico das vastas tentativas da elaboração mental. Temeraria nos primeiros momentos da sua curva evolutiva.

A certos de taes artistas, falta-lhes, diz-se (com, episodicamente, contestavel justeza) falta-lhes a proporção, o sabio equilibrio, as susceptibilidades do melindroso gosto.

Increpal-os por isso, a esses tantos, equivale a censurarmo-nos, a nós, porque não possuimos nem a opulencia dos seus similes, nem a rutilancia das suas tin-

tas, nem a intensidade dos seus effeitos. Rasoavelmente, não é para lastimar que, em vez do sôma divino, o patriarcha Valmîki não exorasse a celeste Ganga a que lhe fizesse beber o nevrotico absintho dos parnasianos do snr. Catulle Mendès.

O que não implica que o Rio-de-Janeiro não saiba fazer a hora verde. Como registrei, o nativismo é, intercurrentemente, da philosophia á politica, das artes subjectivas ás objectivas, serpeado pela vital, aquecida corrente franceza.

Se, em Madrid, Zola pôde, de Portugal, reclamar para a sua ferula o snr. Eça de Queiroz, do Brazil faria sentar no banco dos premiados o snr. Aluizio de Azevedo.

Li ahi, reli aqui o seu volume recente: *O cortiço*. É, a todos os titulos, uma composição notavel, de primeira categoria no genero, honra em qualquer litteratura. Mas d'ella como cumpriria me não posso occupar agora. Reservo-a, de parceria com os demais livros das ultimas camadas litterarias brazileiras, para um volume especial.

Por este quando, fixarei tam só o caracter, subjacente, de progresso critico, de rectidão de criterio a que obedece similhante quadro de costumes fluminenses.

Assim, ri democraticamente com a cruel satyra da falsa aristocracia burgueza, creação immoral das fatuidades plutocraticas. Os desastres domesticos do visinho do tendeiro grifam d'uma ironia implicita a ironia explicita da festarola de sua senhorisação.

Parecerá isto futil? Porventura mesquinho?

Todavia, o phenomeno tem relativa amplitude desastrosa, em nossas sociedades; é sério; merece ser attendido.

No Brazil era d'antes. Ahi sempre. Ahi, periodicamente, são feitos mais uns tantos titulares.

Este facto, de nenhuma importancia apparente em

si mesmo, é, todavia, typico como symptoma do grau de desenvolvimento intellectual da população. Elle deve servir-nos para constatar, mais uma vez, como o constitucionalismo se encarrega hoje de fazer a educação do povo.

Longe de mim o proposito de encher estas laudas de papel branco com azedas declamações contra a aristocracia.

Como todas as instituições sociaes, ella teve o seu logico momento de existencia; e não são poucos, com os desserviços, os serviços que a civilisação humana lhe deve.

Ella foi, pelas divergencias ethnicas, a grande força coordenadôra do primitivo aggregado social. Só a disciplina, por ella introduzida, conforme o viu Proudhon e como a sciencia historica o demonstra, poderia oppôr-se ás tendencias dispersôras, de grupos humanos procedentes de agglomerações forçadas.

Mas, como a todas as instituições, cujo caracter é o de, cristallisadas, se perpetuarem fóra já do opportuno momento de sua existencia, á aristocracia chegou a phase de não representar senão uma acção regressiva, funesta ao desenvolvimento humano, que, até ahi, mais ou menos conscientemente, servira.

Foi essa quando, pela acção concorrente do commercio, da industria, da sciencia, as classes não-aristocraticas, penetradas de ideias e sentindo-se solidarias, attingiram um grau de cultura, moral e mental, em que a aristocracia não lhes era superior, vendo-se, ao mesmo tempo, esbulhadas dos direitos e franquias que aquella usufruia, em apanagio.

Por esta fórma collocado o problema, um conflicto inevitavel tinha de dar-se entre esses dois grupos. E deu-se, sendo desde logo de prevêr que a victoria caberia, as demais condições similhantes, ao dos contendôres que de maior força numerica dispozesse. Esse conflicto toca

o seu momento de maxima intensidade com a abertura dos Estados-geraes e a scisão entre os deputados da nobreza e do clero, d'um lado, e os do terceiro estado, do outro.

N'um trabalho celebre, o sacerdote Sieyès formulara a questão nas perguntas e respostas conhecidas:

— O que é a nobreza?

— Tudo.

— O que deve ser?

— Nada.

— O que é o terceiro estado?

— Nada.

— O que deve ser?

— Tudo.

Foi, com effeito, tudo.

Elle unificou na categoria homogenea de cidadãos francezes os representantes das diversas castas do antigo regimen.

Pela egualdade civil decretada, aboliu as classes e aboliu-as de vez; pela egualdade politica, estabeleceu a solidariedade do Estado. Comprehendeu que, qualquer que seja o processo, amplo como o expõem os economistas, restricto como o pretendem os collectivistas, em toda a maneira, a grande força de cohesão nas sociedades é a individuação da propriedade.

Com um tino, verdadeiramente genial, os revolucionarios francezes, então, aproveitando-se da emigração da nobreza e do indignante crime por ella praticado, com militar nos exercitos estrangeiros contra a mãe-patria, dividiram em lotes a propriedade d'essa aristocracia rebelde. Venderam-os a baixo preço em hasta publica e d'est'arte transformaram servos de gleba em cidadãos interessados. O que foi, como o notou Michelet, uma das grandes causas da victoria da França isolada contra a Europa coalisada.

Ora, o feitio proprio da revolução franceza e o que

lhe dá a sua importancia culminante na historia da humanidade foi o seu caracter de cosmopolitismo.

Não se contentando com resolver as questões internas, pela analogia da situação de todas as nações continentaes, similares na sua civilisação, ella veio a exercer um papel eminentemente messianico em todo o mundo. Não succedera ainda o mesmo, nem com o movimento dos Paizes-Baixos nem com a revolução de Inglaterra, localisada não só pela situação insular do paiz que a produzira como, especialmente, pela complicação da pugna religiosa entre seitas protestantes, que a vicia e torna inintelligivel para paizes catholicos.

Foi assim que o mundo todo se sentiu abalado nos seus fundamentos com aquelle rebate solemne, procedente da França. E então para o nosso (?) velho Portugal não houve privilegio que o excluisse d'esse forçoso remodelamento geral.

A crise ondulou até esse estuario. Atravez das fluctuações, das indecisões e das reacções, ella resolveu-se, finalmente, com a victoria do principio egualisôr, que tornou os mesmos perante a lei civil e politica os portuguezes. N'um dos artigos da Carta de 1826, concedida, por um principe aventureiro e romanesco, a uma população que, na sua differenciação selectiva, anciava por melhorar as condições de sua existencia.

A partir d'esse momento, a aristocracia desapparece; a sua funcção oblitera-se. Apesar de uma ultima concessão, á sua prosapia outorgada, na organisação d'uma camara de pares á maneira ingleza, póde assegurar-se que agonisa.

Agonisa, porque, pela ultima, mas longa (já novamente tradicional) ignorancia dos seus membros, entre nós; pela vaidade de classe que os leva a isolar-se das fontes da hegemonia publica nas sociedades modernas, o trabalho intellectual, a faina industrial, ella não póde mais, desamparada das prerogativas que lhe davam a

força, sustentar-se no conflicto da concorrencia dos adversarios que lhe destaca o terceiro estado.

E extingue-se e morre definitivamente quando o corollario natural da egualdade civil iniciada se vota nas camaras. Isto é, quando a lei que elimina os morgadios e estabelece a uniformidade de processo na distribuição da herança lhe retira a energia que dá a posse da grande propriedade territorial.

D'então por deante, não ha ahi mais aristocracia.

Sem privilegios e sem grande propriedade, os seus titulos são méramente nominaes. Outra vez se vê comprovada a asserção luminosa de Tocqueville, de que, sem a grande propriedade territorial, a nobreza é uma palavra que não corresponde a realidade alguma.

Das considerações feitas, dois corollarios procedem:

É o primeiro que a camara nobre não poderia subsistir mesmo n'um constitucionalismo monarchico, quando honesto e progressivo.

Não representa, com effeito, a preponderancia da opinião d'um factor do equilibrio social. Assim, não passa frequentemente, com especialidade nos ultimos, tristes instantes, d'uma automatica chancella da vontade dos governos, que a povoam de plebeus avidos, sem sciencia nem sériedade.

É o segundo que o constitucionalismo monarchico, creando, pela energia das coisas, uma nova unidade nacional, terminou o seu papel, transitorio, de predispôr á democracia. Sem plano agora e sem intuito, até não considerando o estonteamento da pavorosa derrocada que veio, inconscia, malevolamente, preparando, elle não póde dar mais do que miseria e corrupção.

N'esta marcha de dissolução aristocratica, uma ultima coisa restaria, aos liberaes legaes, a fazer. Era a suppressão integral de todos os titulos e distincções nobiliarchicas.

Taxar-se-ha de futil esse proposito? Allegar-se-ha,

um dia, quando se julguem os presentes, depois d'ámanhã prostrados, que a liberalisação dos titulos constituia, para o thesouro, um manancial de receita, que assim se iria estancar, sem necessidade nem vantagem manifesta?

Mas, mesmo a um constitucionalismo monarchico, quando honesto e progressivo, cumpriria vêr as coisas de mais d'alto.

A existencia de titulos cuja missão é de representar distincções (quando não, mais abjectamente, de fazer a *chantage* das toleimas) apartando os cidadãos entre si é, por isso mesmo, uma immoralidade que se tornava de urgencia eliminar.

São elles que, á hora da transição tremenda que impende, mantêm ainda nos costumes um destaque odioso que desappareceu das leis. Elles acostumam o povo a não romper definitivamente com a tradição torpe, na integração da raça, de differenças de nascimento.

São elles que criam ou nutrem, esperançadas, as existencias de apparato, insolentes no seu fausto. Affastam do trabalho util uma porção importante de cidadãos que julga improprios de suas philaucias os misteres mercantis. Pela dissipação em duas ou tres gerações, gente que acaba por constituir a plebe dos que mendigam empregos e sanccionam o existente, para garantir-se sinecuras.

São elles que corrompem o criterio da mocidade, fazendo prevalecer preconceitos idiotas. Como se vê, em toda a parte, nas litteraturas effeminadas, que timbram pela denuncia da anarchia das ideias e sentimentos. Com os seus elogios ao *alto mundo;* com os seus panegyricos ao *viver dos salões;* com os seus dithyrambos á *fina sociedade,* á *elegancia requintada d'um «high-life».* Mercê de que se borra as columnas dos jornaes de deploraveis documentos de inferioridade de pensar e de mediocridade de comprehensão da dignidade humana.

Conforme se o *high-life*, a alta vida, fôsse a da ostentação fatua e não a do trabalho productivo. E se o typo a definir como o exemplar e normal estivesse no do ocioso que exhibe a sua vaidade inutil, da bolea de carrimonias armoriadas, e não no do luctador obscuro, no aspero combate quotidiano para ganhar o seu pão.

O argumento prehistoricamente tirado dos reditos ao Estado advindos da liberalisação dos titulos não tem, por essa parte, o menor valôr.

Nenhum tributo sobre os vicios, os preconceitos, a grosseria humana póde ser admittido. O Estado não é uma simples machina economica, um apparelho fiscal tam sómente. Na sua referencia ao individuo, tem de pôr toda a probidade que o seu papel de moralisadôr das relações collectivas lhe exige. Desde que elle se comprehende como o processo transitorio indeclinavel de regularisar essas relações, de as submetter, na liberdade, a um criterio de justiça, sob que, espontaneamente, os homens hão de acabar por se disciplinar conscientemente.

N'esta ordem de ideias, o que seria, n'esses esfumados longes da tranquillidade normal do constitucionalismo entre nós, o que seria para almejar era que os factos se fôssem encaminhando de maneira a que, mesmo então, progressivamente os cidadãos se emancipassem de prejuizos que a tradição nos legara.

Nem na lei já nem nos costumes ainda, urge que se não habituem a considerar-se differentemente do que o que, na diversidade natural, elles, na homologia social, são:

Uns para com os outros nem mais nem menos, mas inteira e absolutamente eguaes.

O tropel dos successos haveria de prejudicar as modestas ambições, analyticas. Hoje syntheticamente tudo se haverá a fazer. Pela proclamação da Republica.

Complexos, concordantes, convergentes, todos os pro-

blemas vão em demanda d'uma solução de conjuncto, integral. E á democracia corre o assistir a doutrinação juridica, a abstracção philosophica com o concurso do criterio historico, das opportunidades praticas.

Não creiam as gentes que me contradigo, hesito já.

Não pensem, das linhas postas, casuismos entre a aspiração e a realisação.

Como o sabe melhor do que eu, caro amigo, só a ignorancia é que póde estabelecer um supposto antagonismo entre as theorias e o que chama a pratica.

Com effeito, a pratica do que quer que seja não é mais do que a realisação d'uma theoria antecedente.

Essa theoria extrahiu-se, é claro, de factos observados; mas, formulada no seu rigôr abstracto, ella comprehende já os processos praticos de se objectivar.

Quando o operario faz mover a machina, elle não executa alguma coisa chamada *pratica*, independente da theoria; mas, pelo contrario, é a theoria que elle está fazendo funccionar. Concretisa-a, fixando um pensamento, pois todo o acto humano não é senão a realisação de uma ideia.

De maneira que sempre, se a pratica falha, como, por si mesma, nada é, o defeito está na theoria. Que qualquer se formulou, abusiva ou incompletamente. De fórma que corrigir a theoria será, para esse, encontrar a pratica.

Por isso, não ha nada tam tolo como dizer de qualquer coisa que a theoria é boa e a pratica má. Se a pratica é má, a theoria é falsa; e, se é verdadeira, a sua objectivação ha de ser exacta.

Ora, se a republica é melhor em theoria do que a monarchia e se republicas têm abortado, é porque o não eram. Não tendo da coisa senão o nôme, que, quando corresponder ao que abstractamente se designa por elle, ha de significar só liberdade e ordem, riqueza e trabalho, dignidade e paz.

Assim o entendeu já o Brazil. Parece que, emfim, o quer entender tambem Portugal.

E eis o poder da verdade, as nobres vinganças da justiça!

Orientado por um novo criterio politico, a influencia, moral e mental, do Brazil extravasou já, tam breve, das fronteiras. Galgou as aguas, venceu o ignaro orgulho dos desdenhosos colonisantes. Alargará; irá mais além, decerto.

Começou por nós. Porque, se, na ideia, tivemos o iniciado, repercussivamente, no facto, a impulsão pertence aos nossos queridos irmãos d'além-mar.

Na minha escancellada maleta de proscripto, deparo, n'este momento, com o quarto tomo da *Bibliotheca util*, de S. Paulo, 1880. Intitula-se *Soluções positivas da politica brazileira*. Escreve-o, com rigor e com nervo, o dr. Luiz Pereira Barreto, que, ao tomar da propaganda lusitana um titulo caracteristico, não teve outro fito senão, carinhosa, agradecidamente solidario comnosco, abrir o exemplo (com leal exacção o diz) «para a unidade de pensamento».

Coincidencia melancolisante! Este precioso livrinho tinha-o envolvido n'um numero da *Republica portugueza*. Precisamente no de 15 de novembro de 1890, commemorativamente consagrado em homenagem ao Brazil republicano.

E n'esse numero vi, hoje, que eu alli publicara, então, as afflictas, angustiadas (por duvidosas, perplexas) linhas seguintes:

LIBERTAS QUÆ SERA TAMEN

«Quando chegou a Portugal a noticia telegraphica dos acontecimentos de 15 de novembro do anno passado no Brazil, no mundo conservador, entre os dislates e as protervias com que se acolheu o movimento do Rio, duas affirmações avultaram pela rara extravagancia.

Uma deduzia a instabilidade da Republica da tradição americana (americana!) do imperio, representado n'um personagem longo tempo sympathico, se menos do que o queria fazer acreditar uma lisonja falsificadora. O passado, relembrando o martyrio do *Tira-dentes* e a desordenada revolução de Pernambuco, encarrega-se de refutar o absurdo.

A outra certificava de que a implantação da Republica no Brazil nenhum effeito produziria, nenhumas consequencias determinaria nos destinos politicos de Portugal.

É ao futuro que, por sua vez, cumpre agora a esta replicar tambem. Que responderá elle?»

Com os contidos corollarios, ainda não explicitos, não tardou a contestação da indiscreta curiosidade.

Em 31 de janeiro de 1891, de noite, pelas tres horas da madrugada, sob chuva, ao rebate lutuoso; de dia, pelas nove da manhã, sob sol, ás sanguinolencias fratricidas.

Ai de nós! Detestaveis escolares que, á primeira, nem sequer para repetir o compendio dado, sabemos ou podemos já.

Como as outras, occasional emergencia do successo, esta carta, correligionario, diz á Revolução republicana do Porto, com humildade, com orgulho, a palavra filial do revolucionarismo, symbolicamente divinisado pelos fremitos inconscientes da consciente gratidão da humanidade, reconhecendo-se.

Quem de nós a não recorda? No Santo Evangelho de Jesu-Christo segundo S. João (XIX, 26), poderiam ser nossos os olhos que a bebessem sem lagrimas?

Em mysterio, em confidencia, com doçura, com inquietação, baixo, baixo, meigo, meigo, todos lhe surprehendemos, estremecidamente, o murmurio: — *Mulier, ecce filius tuus.*

Mulher, bemdito seja ô teu ventre. Mãe, ahi tens o teu filho.

INDICE

	Pag.
ADVERTENCIA PREAMBULAR	V
I — Renan	1
II — Zola	14
III — Galdós	27
IV — Dostoiewsky	45
V — Bebel	114
VI — Deibler	165
VII — Liancourt	198
VIII — Ladevese	236
IX — Erasmus	284
X — Azevedo	298

PORTO — TYP. DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA

Rua da Cancella Velha, 70

Gomes Leal

Fim do mundo (sátiras modernas).
Mulher de luto.

Guerra Junqueiro

A Velhice do Padre Eterno, edição ilustrada.
Pátria.
Finis Patriae.
Vitória de França.
Baptismo de Amor.
O Crime.
Lágrima.
Oração ao pão.
Oração à luz.
Poesias dispersas.
Clarões espirituais, nó prélo.
Horas de luta, no prélo.

Guilherme Gama

Prosas simples.
Amar é sofrer.

Gustavo Flaubert

Traduções do Dr. João Barreira

Salammbô.
Tentação de Santo Antão.
Educação Sentimental, romance.
Madame Bovary, 2 vol.

João Chagas

História da revolta do Pôrto (obra ilustrada)
As minhas razões.

Preços, vêr a tabela em vigor.
Todos estes volumes vendem-se egualmente encadernados.

THE BORROWER WILL BE CHARGED AN OVERDUE FEE IF THIS BOOK IS NOT RETURNED TO THE LIBRARY ON OR BEFORE THE LAST DATE STAMPED BELOW. NON-RECEIPT OF OVERDUE NOTICES DOES NOT EXEMPT THE BORROWER FROM OVERDUE FEES.

WIDENER
BOOK DUE
FEB 23 1983
CANCELLED
726193

WIDENER
BOOK DUE
MAR 1 1983
CANCELLED

Port 6507.24.1100
Notas do exilio, 1891-1893 /
Widener Library 003461946
3 2044 080 831 829